



a sephallus

Volume VI - Número 12
maio a outubro de 2011

 **FAPERJ**
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Revista do Núcleo Sephora
de Pesquisa sobre o Moderno
e o Contemporâneo / UFRJ

ISSN 1809 - 709 X



aSEPHallus

Revista eletrônica do ISEPOL - INSTITUTO SEPHORA DE ENSINO E PESQUISA DE
ORIENTAÇÃO LACANIANA

ISSN 1809-709X

Volume VI, N. 12 –mai. a out./2011

EDITORA:

Tania Coelho dos Santos

Presidente do ISEPOL

EDITORES ASSOCIADOS:

Serge Maurice Cottet

Prof. Dr. Titular do Département de Psychanalyse da Universidade de Paris VIII
(Paris, França)

Ana Lydia Bezerra Santiago

Profa. Dra. Adjunta do Mestrado em Educação, da Faculdade de Educação, da
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

Adriana Rubistein

Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires (Buenos
Aires, Argentina)

CONSELHO EDITORIAL:

Dr. Alberto Murta

Professor Adjunto da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Espírito
Santo/UFES (Vitória, Espírito Santo, Brasil)

Dra. Ana Beatriz Freire

Professora do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de
Psicologia, Departamento de Psicologia Geral e Experimental da Universidade
Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Dra. Analicea Calmon

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de
Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro,
Brasil)

Dra. Andrea Martello

Doutora em Teoria Psicanalítica - Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de
Janeiro, Brasil)

Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica (FAPERJ)
da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Dr. Antonio Márcio Ribeiro Teixeira

Professor Associado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento
de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Minas Gerais,
Brasil).

Dra. Angélica Rachid Bastos Grinberg

Professora do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Geral e Experimental da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Claudia Maria de Sousa Palma

Doutora em Saúde Mental pela F.M.U.S.P (Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil)
Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina (Londrina, Paraná, Brasil)

Dra. Daniela Sheinckman Chatelard

Professora adjunta da Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Psicologia, da Universidade de Brasília/UNB (Brasília, Distrito Federal, Brasil)

Dra. Fernanda Costa Moura

Professora do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Geral e Experimental da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Dra. Fernanda Otoni de Barros-Brisset

professor adjunto III da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC-MG (Minas Gerais, Brasil)

Dra. Hebe Tizio

Professora da Faculdade de Educação, da Universidade de Barcelona (Barcelona, Espanha)

Dra. Heloísa Caldas

Professora do Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Dra. Ilka Franco Ferrari

Professora do Mestrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC-MG (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

Dr. Jésus Santiago

Professor adjunto do Mestrado em Filosofia e Psicanálise, da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

Dr. José Luis Gaglianone

Doutor pelo Département de Psychanalyse, da Universidade de Paris VIII (Paris, França)

Dra. Laéria Bezerra Fontenele

Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará / UFCE (Fortaleza, Ceará, Brasil)
Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará / UFCE (Fortaleza, Ceará, Brasil)

Dra. Leny Magalhães Mrech

Livre-docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo/USP (São Paulo, Brasil)

Dra. Marcela Cruz de Castro Decourt

Profissional autônomo
Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Dra. Márcia Maria Rosa Vieira

Coordenadora da Especialização em Psicologia da Faculdade de Psicologia, do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais/UNILESTE (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

Dra. Márcia Mello de Lima

Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise, do Instituto de Psicologia, do Departamento de Psicologia Clínica, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Dr. Marcus André Vieira

Professora adjunto do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, da Faculdade de Psicologia, do Departamento de Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Dra. Margarida Maria Elia Assad

Professora aposentada como adjunto da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, participando como professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba/UFPB (Paraíba, Brasil)

Dra. Maria Angélica Teixeira

Professora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal da Bahia/UFBA (Salvador, Bahia, Brasil)

Dra. Maria Cristina da Cunha Antunes

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Dra. Maria José Gontijo Salum

Professora do Instituto de Psicologia/PUC-MG (Minas Gerais, Brasil)

Dra. Marie-Hélène Brousse

Professora Maître de conférence, do Département de Psychanalyse da Universidade de Paris VIII (Paris, França)

Dra. Marta Regina de Leão D'Agord

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRS (Rio Grande do Sul, Brasil)

Dr. Maurício José d'Escragnolle Cardoso

Doutor em Ciências da Linguagem da Universidade Paris X (Nanterre, França)
Professor Adjunto 1 do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná/UFPR (Curitiba, Paraná, Brasil)

Dr. Ram Avraham Mandil

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

Dra. Rosa Guedes Lopes

Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá/UNESA (Rio de Janeiro, Brasil)

Dr. Sérgio Chagas de Laia

Professor Titular da Faculdade de Ciências Humanas, da Fundação Mineira de Educação e Cultura/FUMEC (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

Dra. Sílvia Elena Tendlarz

Doutora pelo Département de Psychanalyse, da Universidade de Paris VIII (Paris, França)

COMISSÃO DE REDAÇÃO
Ana Lygia Bezerra Santiago
Andréa Martello

COMISSÃO EXECUTIVA
Fabiana Mendes
Marcela Cruz de Castro Decourt
Rosa Guedes Lopes

TRADUÇÃO
Flávia Lana Garcia de Oliveira (inglês e francês)
Tania Coelho dos Santos (revisor técnico)

REVISÃO DE PORTUGUÊS
Flávia Lana Garcia de Oliveira
Rosa Guedes Lopes

REVISÃO GERAL
Andréa Martello
Fabiana Mendes
Flávia Lana Garcia de Oliveira
Rosa Guedes Lopes

REVISÃO FINAL
Rosa Guedes Lopes

PROJETO GRÁFICO
Vianapole Design e Comunicação Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA:

aSEPHallus / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. - VOLUME VI, n. 12, (mai. a out./2011). – Rio de Janeiro : Ed. Sephora, 2005- .

Semestral.

Modo de acesso: http://www.isepol.com/asephallus/numero_12

ISSN 1809-709X

1. Psicanálise – Periódicos I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo.

CDD 150.195

A Revista eletrônica **aSEPHallus** é uma publicação semestral do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana, cuja missão de contribuir para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa em psicanálise de orientação lacaniana. Devota-se, por conseguinte à divulgação artigos originais, nacionais ou estrangeiros, tais como: relatos de pesquisa em psicanálise pura e aplicada, ensaios sobre a formação do psicanalista e do pesquisador em nossa área de atuação, relatos de casos clínicos aprovados pelo comitê de ética da instituição de origem do pesquisador, resenhas e textos relativos à atualidade da teoria, clínica e política de orientação lacaniana.

PERIÓDICO INDEXADO NA BASE DE DADOS:

- QUALIS (Nacional B2) – www.periodicos.capes.gov.br
- INDEX-PSI - www.bvs-psi.org.br
- LILACS/BIREME – Literatura Latino-Americana e do Caribe das Ciências da Saúde, da Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) e da Organização Mundial da Saúde - www.bvs.br

Esta revista é divulgada por meio eletrônico para todas as bibliotecas da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP: <http://www.bvs-psi.org.br/rebap/telas/bibliotecas.htm>

Publicação financiada com recursos da FAPERJ.

HOMEPAGE: <http://www.isepol.com/asephallus>

NOMINATA:

O Conselho Editorial da REVISTA aSEPHallus agradece a contribuição dos seguintes professores doutores na qualidade de pareceristas:

- Alberto Murta – UFES (Espírito Santo, Brasil)
- Anderson de Souza Sant’ Anna - FUNDAÇÃO JOÃO CABRAL (Minas Gerais, Brasil)
- Antônio Márcio Ribeiro Teixeira – UFMG (Minas Gerais, Brasil)
- Fernanda Costa Moura – UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
- Fernanda Otoni de Barros – UFMG (Minas Gerais, Brasil)
- Glacy Gorski – UFPB (Paraíba, Brasil)
- Heloísa Caldas – UERJ (Rio de Janeiro, Brasil)
- Ilka Franco Ferrari – PUC-MG (Minas Gerais, Brasil)
- José Luís Gaglianone - Paris VIII (Paris, França)
- Leny Magalhães Mrech – USP (São Paulo, Brasil)
- Lúcia Grossi dos Santos – FUMEC-MG (Minas Gerais, Brasil)
- Márcia Maria Vieira Rosa – CEFEM-MG (Minas Gerais, Brasil)
- Marcus André Vieira – PUC-Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)
- Maria Cecília Galletti Ferretti – USP (São Paulo, Brasil)
- Ram Avhram Mandil - Letras/UFMG (Minas Gerais, Brasil)
- Serge Maurice Cottet - Paris VIII (Paris, França)
- Sérgio Chagas de Laia – FUMEC-UFMG (Minas Gerais, Brasil)



aSEPHallus

**Revista eletrônica do Núcleo SEPHORA
de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
Volume VI, N. 12 –mai. a out./2011**

Sumário

Editorial.....página 13

Traumatismo, repetição, identificação e laço social

Tania Coelho dos Santos

Artigo 1.....página 16

A identificação na contemporaneidade: os adolescentes e as redes sociais

Nádia Laguárdia de Lima

Carla de Figueiredo e Silva Castro

Carolina Marra Melo

Artigo 2.....página 47

Psicanálise, adolescência e singularidade: algumas ponderações éticas

Aline Guimarães Bemfica

Artigo 3 / Seção clínica.....página 61

Psicanálise e ordem jurídica em uma Vara de Infância e Juventude

Rachel Gomes Amin Feres de Freitas

Artigo 4 / Seção clínica.....página 78

Os atos do sujeito e a certeza: algumas considerações sobre a clínica psicanalítica na urgência.

Roberto Calazans

Juliana Marçal

Artigo 5.....página 99

A droga a serviço da pulsão de morte.

Alexandra de Gouvêa Vianna

Artigo 6 / Seção clínica.....página 117

O uso do crack e as toxicomanias como um anti-amor

Patrícia Matos Rodrigues

Artigo 7 / Seção clínica.....página 127

“Está no sangue”: transmissão e psicanálise.

Fernanda Furieri Paes
Ana Maria Rudge

Artigo 8.....página 157

**Do inconsciente freudiano à hegemonia do significante em Lacan:
uma articulação entre sintoma, desejo e estrutura**

Flávia Lana Garcia de Oliveira

Artigo 9.....página 184

Homens e mulheres falam a mesma língua?

Kátia Kac Nigri

Artigo 10.....página 199

Sujeito e laço social na contemporaneidade: Um em rede

Aline Accioly Siero
João Luiz Leitão Paravidini
Anamaria Silva Neves

Atualidades.....página 219

**De perto ninguém é normal? O real e a realidade na clínica e na
experiência analítica**

Tania Coelho dos Santos

Resenha.....página 221

Gente pobre

Valeria Wanda da Silva Fonseca



aSEPHallus

**Revista eletrônica do Núcleo SEPHORA
de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
Volume VI, N. 12 –mai. a out./2011**

Contents

Editorial.....page 13

Traumatism, repetition, identification and social bond

Tania Coelho dos Santos

Article 1.....page 16

The identification of the contemporaneity: adolescents and social networks

Nádia Laguárdia de Lima

Carla de Figueiredo e Silva Castro

Carolina Marra Melo

Article 2.....page 47

Psychoanalysis, Adolescence and singularity: some ethical considerations

Aline Guimarães Bemfica

Article 3 / Clinical section.....page 61

The psychoanalysis and the legal order in a Court of Childhood and Youth

Rachel Gomes Amin Feres de Freitas

Article 4/ Clinical section.....page 78

The acts of subject and certainty: some considerations on the psychoanalytic clinic in the urgency

Roberto Calazans

Juliana Marçal

Article 5.....page 99

The drug at the service of the death drive

Alexandra de Gouvêa Vianna

Article 6 / Clinical section.....page 117

Use off crack and the addictions as an anti-love.

Patrícia Matos Rodrigues

Article 7 / Clinical section.....page 127

"It's in the blood": transmission and psychoanalysis.

Fernanda Furieri Paes

Ana Maria Rudge

Article 8.....page 157

From the freudian unconscious to the hegemony of the significant in Lacan: an articulation between symptom, desire and structure

Flávia Lana Garcia de Oliveira

Article 9.....page 184

Men and women speak the same language?

Kátia Kac Nigri

Article 10.....page 199

Subject and social bond within the contemporary world: One in web

Aline Accioly Siero

João Luiz Leitão Paravidini

Anamaria Silva Neves

News.....page 219

Is anyone normal from up close? The real and the reality in the clinic and in the analytic

Tania Coelho dos Santos

Review.....page 221

Poor people

Valeria Wanda da Silva Fonseca



aSEPHallus

Revista eletrônica do Núcleo SEPHORA
de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
Volume VI, N. 12 –mai. a out./2011

Table des matières

Éditorial.....page 13

Traumatisme, répétition, identification et lien social

Tania Coelho dos Santos

Article 1.....page 16

L'identification dans la société contemporaine: les jeunes et les réseaux sociaux

Nádia Laguárdia de Lima

Carla de Figueiredo e Silva Castro

Carolina Marra Melo

Article 2.....page 47

La psychanalyse, l'adolescence et de la singularité: quelques considérations éthiques.

Aline Guimarães Bemfica

Article 3 / Section clinique.....page 61

La Psychanalyse et l'ordre juridique dans un Tribunal de l'Enfance et de la Jeunesse

Rachel Gomes Amin Feres de Freitas

Article 4 / Section clinique.....page 78

Les actes du sujet et la certitude: quelques réflexions sur la clinique psychanalytique dans l'urgence

Roberto Calazans

Juliana Marçal

Article 5.....page 99

La drogue au service de la pulsion de mort

Alexandra de Gouvêa Vianna

Article 6 / Section clinique.....page 117

Le "crack" et les toxicomanies comme un "anti-amour".

Patrícia Matos Rodrigues

Article 7 / Section clinique.....page 127

"C´est dans le sang": transmission et psychanalyse.

Fernanda Furieri Paes

Ana Maria Rudge

Article 8.....page 157

**De l'inconscient freudien à l'hégémonie du signifiant chez Lacan:
une articulation entre symptôme, désir et structure**

Flávia Lana Garcia de Oliveira

Article 9.....page 184

Les hommes et les femmes parlent-ils la même langue?

Kátia Kac Nigri

Article 10.....page 199

Sujet et lien social dans la contemporanéité: Un en réseau

Aline Accioly Siero

João Luiz Leitão Paravidini

Anamaria Silva Neves

Actualités.....page 219

**Y a-t-il quel'un de normal à proximité? Le reel et la réalité dans la
clinique et dans l'expérience analytique**

Tania Coelho dos Santos

Compte-rendu.....page 221

Gens pauvres

Valeria Wanda da Silva Fonseca

Sintoma, traumatismo, repetição, identificação e laço social

Symptom, traumatism, repetition, identification and social bond

Symptôme, traumatisme, répétition, identification et lien social

Tania Coelho dos Santos

No momento de escrever o editorial de um novo número *aSEPHallus*, sou sempre confrontada à questão de explicitar os aspectos que aproximam o conjunto de textos oferecido aos leitores. Algumas vezes essa tarefa é mais fácil. É o caso dos números especiais que agregam contribuições oriundas de um simpósio do ISEPOL na ANPEPP ou dos eventos do Campo Freudiano. Outras vezes, como é o caso deste número, o acaso determinou que fossem reunidos artigos de procedência a mais variada, enviados à nossa edição. O que foi que resultou desta aposta no acaso? Surpreendentemente, uma leitura do sumário e dos resumos sugere uma linha de discussão que perpassa as mais diferentes contribuições. Os temas clássicos da teoria da clínica psicanalítica - do sintoma, do traumatismo e da repetição pulsional - articulam-se ao tema da identificação e do laço social. Surgem na investigação da clínica psicanalítica *strictu sensu*, tanto quanto no campo da psicanálise aplicada nos projetos de pesquisa-intervenção junto a adolescentes. Comparece igualmente a pesquisa sobre os efeitos das redes sociais na internet. Ressurge em conexão com a clínica das toxicomanias. E finalmente, é o pano de fundo dos artigos que se dedicam a pensar os efeitos do trabalho analítico sob transferência, sobre o excesso pulsional: do supereu, do ato, da repetição e do traumatismo.

Flávia Lana Garcia de Oliveira refaz todo o longo caminho freudiano de elucidação da estrutura do sintoma, onde a identificação e o laço social

consolidam-se para cada sujeito. Percorre a refundação por Lacan da estrutura do sintoma por meio da lógica do significante. E ilustra a prática interpretativa com o estudo das estruturas clínicas clássicas da psicanálise, revisitando os casos paradigmáticos da literatura freudiana. Destaco o artigo de Ana Maria Rudge e Fernanda Paes Furieri que aborda o tema da emergência da singularidade do sujeito por meio do trabalho analítico, pois ele se opõe à repetição alienante do traumatismo. Também Roberto Calazans e Juliana Marçal contrapõem o trabalho analítico de extração do objeto a, à falsa certeza alienante em jogo no ato, na clínica da urgência.

Segue-se a interrogação sobre a natureza do excesso pulsional em jogo no ato infracional. Aline Guimarães Bemfica aborda esta clínica do ponto de vista da orientação para a singularidade, destacando os princípios éticos da psicanálise aplicada ao tratamento de adolescentes em cumprimento de medida judicial. Rachel Amin Feres apresenta os resultados de sua pesquisa-intervenção com adolescentes, na Vara da Infância e Juventude de Teresópolis, no Rio de Janeiro com crianças e jovens que perderam precocemente um dos pais, por morte ou abandono, revelando que o traumatismo determina comportamentos de risco como atos infracionais e exposição a maus tratos.

O enigma da satisfação pulsional nas toxicomanias é um problema vivo e atual. Alexandra Gouvêa Vianna, trata do tema da toxicomania, destacando o valor operatório dos conceitos de supereu e pulsão de morte. Patrícia Mattos Rodrigues, por sua vez, incide sobre o tema da modalidade de satisfação pulsional em jogo nas toxicomanias, destacando que se trata de um anti-amor ao Outro.

Os efeitos das redes sociais, Facebook, Orkut e Twiter, instigam os psicanalistas. Nádia Laguárdia, Carla de Figueiredo e Silva Castro e Carolina Marra Mello, abordam o processo de identificação e a formação de grupos na adolescência e na contemporaneidade estudando as redes sociais. João Luiz Leitão Paravidini, Anamaria Silva Neves, Aline Accioly Sieiro, também se dedicam a pensar a constituição do sujeito, as identificações e as modalidades de laço social em nosso tempo, quando todo mundo parece estar on-line.

Kátia Kac Nigri se dedica a pensar a identificação e o laço social dos homens e das mulheres entre si. Ressalta que as faces de luxo e lixo do

objeto causa de desejo são universais, mas as piadas servem para fazer laço entre os homens e não entre as mulheres. Também Valéria Wanda da Fonseca traz à discussão as relações entre homens e mulheres, resenhando os primeiro romance de Dostoiévski, intitulado *Gente pobre*.

Estas palavras-chave - traumatismo, repetição, identificação e laço social - surgiram por acaso e por encanto, no momento mesmo de concluir esta edição de nossa revista. Agradeço a todos os autores, mas, muito especialmente, àqueles que não fazem parte do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana nem do Campo Freudiano e que vieram somar esforços conosco para sustentar a presença da psicanálise na universidade e na civilização.

A identificação na contemporaneidade: os adolescentes e as redes sociais¹

Nádia Laguárdia de Lima

Doutora em Educação / Universidade Federal de Minas Gerais (MG, Brasil)

Psicóloga

Psicanalista

Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (MG, Brasil)

e-mail: nadia.laguardia@gmail.com

Carla de Figueiredo e Silva Castro

Psicóloga / UFMG (MG, Brasil)

Colaboradora da pesquisa sobre "Adolescência, identificação e laço social nas redes sociais virtuais"

e-mail: carlits@ig.com.br

Carolina Marra Melo

Graduanda em Psicologia / UFMG (MG, Brasil)

Aluna pesquisadora do Programa de Iniciação Científica Voluntária da UFMG (MG, Brasil)

e-mail: karool_melo@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo apresenta o resultado parcial de uma pesquisa iniciada em 2011 que tem como objetivo conhecer a natureza das identificações e dos laços sociais formados pelos adolescentes através das comunidades sociais virtuais. A metodologia de pesquisa incluiu uma investigação em duas redes sociais virtuais - *Orkut e Facebook* - além de entrevistas com adolescentes. A discussão teórica teve como base a análise das relações existentes entre o processo de identificação e a formação de grupos em Freud e Lacan, articulando-os com a fase da adolescência e a contemporaneidade. Defendemos a hipótese de que existem basicamente duas formas de identificação dos adolescentes nas comunidades virtuais, uma móvel e outra fixa. A primeira corresponde a uma multiplicidade e fluidez identificatórias, características da contemporaneidade. Na segunda, há uma tentativa de se construir um grupo homogêneo como suporte identificatório, com a forclusão da diferença, que leva a um fechamento sobre si mesma, à segregação.

Palavras-chave: psicanálise, identificação, adolescentes, contemporaneidade.

1- Introdução

Os jovens hoje estão na rede, conectados, "inter-ligados", interagindo virtualmente com pessoas de todo o mundo. As redes sociais virtuais são espaços na Internet que permitem partilhar dados e informações, sendo estas de carácter geral ou específico, das mais diversas formas (textos, arquivos, imagens fotos, videos, etc.). Elas também permitem a formação de grupos de pessoas por afinidade, as comunidades ou grupos virtuais, que podem ser fechados ou abertos, e funcionam como espaços de discussão e de apresentação de temas variados.

Redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Orkut* e *Blog* têm ocupado um lugar de destaque na vida dos jovens. Dados estatísticos revelam que o Brasil é o país que tem o maior número de usuários de sites de relacionamento: 80% do total de internautas².

O *Orkut* é uma rede de relacionamentos filiada ao Google, criada em 2004. Para participar dessa rede, o/a usuário/a precisa cadastrar-se, preenchendo um perfil que contém informações básicas de acesso, informações pessoais, profissionais e sociais. O *Orkut* é um dos canais privilegiados de interação social dos adolescentes no Brasil. As comunidades do *Orkut* funcionam como fóruns organizados em torno de temas específicos. A maior parte dos usuários da rede *Orkut* é formada por jovens entre 18 e 25 anos.

O *Facebook* é uma rede social, criada em 2004. Inicialmente, a adesão ao *Facebook* era restrita aos estudantes da Universidade Harvard. Rapidamente ela se expandiu para outras universidades e alcançou o mundo todo. Usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocam mensagens privadas e públicas entre si e participam de grupos de amigos. A visualização de dados detalhados dos membros é restrita para membros de uma mesma rede ou para amigos confirmados.

O *Facebook* tem 800 milhões de usuários ativos no mundo, sendo que a média de amigos por usuário é de 130 pessoas³. Através do *Facebook* as pessoas trocam informações sobre suas atividades, eventos, compartilham fotos e vídeos, fazem novos amigos e se reaproximam de amigos distantes.

Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre a natureza das identificações e dos grupos formados pelos adolescentes através das

comunidades sociais virtuais. Utilizamos o resultado parcial de uma investigação realizada em duas redes sociais virtuais muito frequentadas pelos adolescentes, o *Orkut* e o *Facebook*, e de entrevistas feitas com adolescentes, pessoalmente e no ambiente virtual. A discussão teórica teve como base a relação existente entre a identificação e o laço social em Freud e Lacan, articulando-os com a fase da adolescência e a contemporaneidade.

2- Apresentação da metodologia e dos resultados da pesquisa

Realizamos uma leitura das narrativas de adolescentes em 50 fóruns de comunidades do *Orkut*, entrevistamos 60 adolescentes usuários das redes sociais, *Orkut* e *Facebook*, pessoal e virtualmente. Além disso, fizemos uma leitura de *Facebooks* de adolescentes e tivemos acesso a alguns grupos do *Facebook* formados por adolescentes. Para realizar as entrevistas com os adolescentes menores de 18 anos, obtivemos a autorização dos pais e dos próprios adolescentes, através da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição que a financiou.

As comunidades do Orkut

O *Orkut* ocupa hoje um lugar central na fase da adolescência. Os adolescentes ingressam nas redes sociais a partir dos 12 anos de idade, aproximadamente, ou seja, na entrada da adolescência. O *Orkut*, assim como o *Facebook*, pode ser considerado como um rito de passagem da atualidade, que marca a transição da infância para a adolescência. Os adolescentes hoje, ao se conhecerem pessoalmente, trocam entre si os números de seus telefones e os seus *Orkuts* e *Facebooks*.

Cada participante do *Orkut* possui um perfil e se relaciona com outros participantes. O perfil é uma forma de apresentação pessoal, uma forma de identidade no universo virtual. Uma comunidade do *Orkut* é organizada a partir de uma frase ou uma palavra: "Às vezes é preciso existir", "Odeio acordar cedo", "Fui enganada pelo meu namorado", "Namorar ou ficar", "Eu já fui um espermatozóide", "Autossuficiência em amizades", "Sou bulímica", "Comunidade dos hiperativos", "Românticos", etc. Apesar do rápido crescimento do *Facebook*, que fez com que muitas pessoas abandonassem o *Orkut*, constatamos que os jovens ainda acessam o

Orkut, principalmente os adolescentes mais novos, porque, segundo eles, o *Orkut* é mais simples e comum entre os brasileiros, inclui depoimentos dos amigos a respeito do usuário, além de possuir as comunidades virtuais.

Nas comunidades do *Orkut* existem fóruns de discussão temáticos. As comunidades estão inseridas em categorias, como música, pessoas, jogos, computadores e internet, romances e relacionamentos, política, dentre outros. A aproximação entre as pessoas se dá, portanto, em função de um interesse comum. As fotos ocupam um lugar de destaque nas comunidades.

Entrevistas com adolescentes

Elaboramos um questionário com 24 perguntas, abertas e fechadas, sobre o *Orkut*. As perguntas foram organizadas com o objetivo de conhecer os usuários do *Orkut* e as formas de relacionamento social estabelecidas através dele. Investigamos os seguintes dados (perguntas fechadas): se o adolescente estuda, possui *Orkut*, acessa de casa, utiliza mais de duas horas por dia, tem perfil aberto, fez amizades através do *Orkut*, encontra pessoalmente com esses amigos, pertence a mais de 50 comunidades, percebe diferenças nos grupos formados dentro e fora do *Orkut*, já criou comunidades, posta comentários, participa dos tópicos, possui *fake*, o *Orkut* já lhe trouxe problemas, já quis excluir o seu perfil e se tem *Facebook*. As perguntas abertas foram: a idade do adolescente, o que mais gosta no *Orkut*, há quanto tempo tem *Orkut*, como fez amizades pelo *Orkut*, o número de comunidades a que pertence, as diferenças entre participar de comunidades dentro e fora do *Orkut*, os temas preferidos das comunidades, como participam das comunidades e qual a importância do *Orkut* em suas vidas.

A maioria dos adolescentes entrevistados tem *Orkut*, o acessa de casa e o utiliza para manter contatos com os amigos. Muitos fazem amigos no *Orkut*. A grande maioria dos entrevistados considera que existem diferenças entre as amizades feitas dentro e fora da internet. As principais diferenças apontadas por eles foram: as amizades formadas através do *Orkut* são mais fáceis de fazer, mais amplas, menos intensas, menos verdadeiras, sem compromisso e menos duradouras. Contraditoriamente, muitos afirmam que "se abrem mais na internet", ficam mais à vontade,

sentem maior facilidade em falar de coisas que não fariam pessoalmente, são mais “verdadeiros”:

- “Na internet, a forma de falar é diferente, mais à vontade, e muitas vezes, temos mais facilidade de falar certas coisas que não falaríamos normalmente” (M. C. 20/06/2011).
- “A comunidade do *Orkut* não possibilita a mesma interação, a mesma intimidade... as comunidades são zero laços... O pior da comunidade é você não saber direito com quem está conversando, não tem confiança, é uma coisa alheia total...” (N.O.G. 25/07/2011).
- “Em uma comunidade do *Orkut* as pessoas podem fingir ser algo que não são, forjar ideologias e aparências. Fora da internet isso não acontece tão facilmente.” (B.F. 13/07/2011).
- “No *Orkut* você não tem tanto compromisso quanto fora da internet. Fora da internet você tem que ter estímulo para ir, tem que ter ligação maior...” (C.N. A. 02/06/2011).
- “No *Orkut* é maior, tem mais visibilidade... no grupo de fora você tem mais contato... real...” (G.F.F. 12/06/2011).
- “Pelo *Orkut* você pode expressar o que quiser e em outro grupo talvez não” (A.C.C.L. 26/05/2011).
- “No *Orkut* ninguém conhece ninguém e você pode falar besteira sem te zoarem se você errar as palavras” (P.L.L. 26/05/2011).

Apesar de afirmarem que existem diferenças entre as duas formas de interação e considerarem que a presencial é melhor ou mais intensa, os adolescentes passam um tempo maior nas redes sociais virtuais do que em contato presencial com os amigos. A maioria dos entrevistados não busca criar as próprias comunidades e não possui *fake*. O *Orkut* é a primeira rede social dos adolescentes e, gradativamente, é substituído ou mantido junto com o *Facebook*. Os adolescentes entrevistados têm *Orkut* e *Facebook*. A maioria dos adolescentes usa o *Orkut* mais de duas horas por dia e considera que essa rede social não lhe traz problemas. A grande maioria dos adolescentes afirma que o que mais gosta no *Orkut* é poder participar das comunidades e conversar com os amigos.

Uma investigação nos fóruns das comunidades de Orkut

A partir da leitura dos fóruns de discussão de 50 comunidades formadas por adolescentes, estabelecemos uma classificação das comunidades, tendo como critério a forma como se organizam os seus fóruns de discussão. Dividimos as comunidades em: temáticas, fotos, informativas, sem fóruns, mercadológicas, grupos fechados e de líderes.

- As temáticas são as comunidades cujos fóruns de discussão se organizam em torno de um tema, que pode ser amor, amizade, sexo, esporte, religião, escola, comida ou outro.
- As de fotos são aquelas cujos fóruns se organizam em torno das fotos das pessoas que participam do jogo, a foto do seu perfil.
- As informativas são aquelas cujos fóruns se organizam para compartilhar informações específicas (sobre filmes, bandas, novelas, dentre outros).
- As sem fóruns são aquelas que, como o nome indica, não tem fóruns de discussão.
- As mercadológicas são aquelas cujos fóruns se organizam em torno de um produto ou marca, para a sua divulgação ou não.
- As de grupo fechado são aquelas cujo grupo de pessoas se formou fora do espaço virtual e que utiliza a comunidade apenas para manter contato entre elas.
- As comunidades de líderes são aquelas cujos fóruns se organizam em torno de um criador de comunidade (*fake*).

A maioria dos fóruns das comunidades de adolescentes pesquisados se insere na categoria de fotos, ou seja, os fóruns de discussão se organizam em torno das fotos de um de seus membros. Esta foto orienta os jogos ou tópicos, como: "beija ou passa?".

Em segundo lugar encontram-se as comunidades temáticas. As comunidades do *Orkut* se formam pelo princípio da identificação e os laços se organizam entre semelhantes, que compartilham os mesmos significantes. A leitura dos fóruns de discussão das comunidades nos permitiram algumas observações:

- A quantidade se sobrepõe à qualidade - os adolescentes pertencem a muitas comunidades, mas nem sempre as frequenta e quase não posta comentários em seus fóruns de discussão.

- As fotos dos adolescentes são semelhantes, as imagens de corpos encenam uma sensualidade estandardizada, artificial, seguindo certa padronização estética.
- São comuns as exposições de objetos de consumo. Os óculos escuros, telefones celulares, bonés e roupas de marca se misturam aos corpos, quase como extensões corporais.
- A maioria dos laços que se constituem através das comunidades do *Orkut* não se estende para fora do espaço virtual.
- Os fóruns não se constituem propriamente como espaços de debates.
- As frases soltas, lançadas nos fóruns de discussão, não se encadeiam entre si, são inconclusivas.
- Os próprios criadores de comunidades não se interessam pelos debates, querem apenas lançar suas ideias e “ver se pega”, se fazem sucesso.
- As nomeações das comunidades ilustram os significantes ideais hoje, tais como: “quero ser magra”, “como ser autossuficiente”, “comunidade dos anoréxicos”, etc.
- Nessas comunidades, há uma crença na igualdade entre os membros do grupo e uma rejeição das diferenças.

Os grupos no Facebook

Os criadores do *Facebook* afirmaram que o rápido crescimento dessa rede de relacionamentos foi resultado do grande interesse dos jovens em saber mais sobre os amigos em um ambiente *on-line* mais informal. Ainda segundo eles, a novidade introduzida pelo *Facebook* foi a possibilidade de se criar um site em que os próprios jovens colocam fotos e informações pessoais que querem compartilhar com as outras pessoas, tais como idade, interesses, o que procuram na rede, e de poder convidar amigos para participar, formando um círculo social *on-line*, transferindo o seu círculo social da vida real para a internet. Uma rede social interativa (Mezrich, 2010).

Os termos de uso do *Facebook* declaram que os membros devem ter pelo menos 13 anos de idade, e qualquer membro entre 13 e 18 anos deve estar na escola. Uma vez que a pessoa tenha criado uma conta e respondido a perguntas sobre onde trabalha, estuda e mora, o *Facebook* irá gerar um perfil para ela. O objetivo desse site de relacionamentos é,

como o próprio nome indica, formar uma rede de amigos. Existem várias maneiras de localizar os amigos. As redes são organizadas em quatro categorias: regiões, universidades, locais de trabalho e colégios. Ao se filiar a uma rede, é possível procurar, através da lista de membros, as pessoas que conhece. O *Facebook* pode extrair os contatos de uma conta de correio eletrônico na web e, através de combinações, oferecer ao usuário a opção de adicionar aquela pessoa como amigo. É também possível procurar alguém no site de busca.

O *Facebook* é um programa autoexplicativo e objetivo. Em sua página principal, à esquerda, estão localizados links com os seguintes tópicos: foto (de apresentação), mural (atividades recentes), informações (trabalho e educação, artes e entretenimento, informações básicas), fotos (para compartilhar com os amigos), notas, amigos e assinaturas (para selecionar os amigos de quem deseja receber atualizações). Abaixo, consta o número total de amigos virtuais do usuário e os links dos amigos. À direita da página principal são expostos os seguintes links: "editar perfil", "solicitações de amizade", "pessoas que talvez você conheça" e "patrocinado" (lista de anúncios e atividades patrocinadas). Bem no alto da página principal, à direita, existem três links: o nome da pessoa (página principal), "localizar amigos" e "página inicial". Ao abrir a página inicial, estão localizados links à direita e à esquerda da página. À direita constam: "favoritos", "grupos" e "aplicativos". À esquerda, "criar evento". A pessoa pode criar um evento, como por exemplo, uma festa de aniversário, e divulgar para uma lista de amigos. Ao abrir a página "grupos", a pessoa preenche alguns dados: "criar grupo" (nome do grupo), "membros" (quem você deseja adicionar ao grupo) e "privacidade" (escolhe uma das três opções: aberto, fechado e secreto).

O *Facebook* é um espaço "limpo", organizado e bonito. Neste espaço virtual, todos são "felizes, belos e têm muitos amigos". As fotos são cuidadosamente selecionadas e as mensagens, em sua maioria, giram em torno delas. As informações e fotos compartilhadas são construídas para se passar para os amigos uma certa imagem "ideal". No entanto, ao pesquisar os grupos de adolescentes, um espaço não muito utilizado por usuários do *Facebook*, foi possível penetrar em um universo não tão harmonioso. Os grupos se organizam em torno dos mais diferentes significantes, que incluem as nomeações sintomáticas atuais, como depressão, anorexia e bulimia.

Fizemos uma leitura de narrativas de adolescentes em alguns grupos do *Facebook*. Existem vários grupos de anorexia e bulimia no *Facebook*. Para ler os depoimentos dos adolescentes, pedimos para ser “adicionados” aos grupos. Para esta pesquisa, não buscamos analisar as especificidades dos grupos de anoréxicas nem discutir a presença dos “sintomas contemporâneos” nas redes de relacionamento virtuais. O que despertou o nosso interesse por esses grupos foi a faixa etária de seus membros, a maioria dos grupos é formada por adolescentes. Realizamos a leitura das narrativas dos adolescentes que pertencem a alguns grupos de anoréxicas do *Facebook*, buscando conhecer as modalidades de identificação e dos grupos formados nesse ambiente virtual.

O movimento pró-Ana, em favor da anorexia, defende a ideia de que a anorexia não é uma doença, mas um estilo de vida. Nos grupos pró-Ana do *Facebook*, as adolescentes (todas meninas) trocam sugestões para emagrecer rápido e sair do controle dos pais, compartilham receitas e fotos de anoréxicas e de artistas magras famosas. Nesses grupos, a magreza é exaltada e a gordura é o grande receio de todas. A comida é o grande vilão, um inimigo a ser combatido. Comer significa “perder o controle”, engordar até alcançar a obesidade. O temor pela obesidade as acompanha como um “fantasma”. Nas narrativas das adolescentes, exalta-se o controle alimentar a qualquer preço. Recusar a comida representa o alcance do autocontrole, da autonomia e do corpo perfeito. As percepções sobre magreza e gordura são extremas e inflexíveis.

O sentimento de não ser “igual”, mas diferente da maioria, de ser especial ou incomum, é frequente nos grupos de anoréxicas pesquisados. As adolescentes que participam do movimento “Pró-Ana” se definem como “princesas” ou “princesas de cristal”. Elas buscam um corpo perfeito, angelical e infantil, quase místico. O tema da sexualidade não apareceu nas discussões desses grupos.

3- Discussão teórica: adolescência, identificação e formação de grupos na contemporaneidade

A discussão teórica tem como eixo fundamental o conceito de identificação em Freud e Lacan, referido à adolescência e à contemporaneidade. Buscamos inicialmente apresentar os principais conceitos que sustentam a nossa discussão, para, finalmente, articulá-los à leitura das narrativas dos adolescentes.

O conceito de identificação em Freud a partir da leitura de Lacan

Existe uma importante relação entre a identificação e o laço social na teoria psicanalítica. Freud, no capítulo VII do texto "Psicologia de grupo e análise do eu", descreve a identificação como "a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa" (Freud, 1921, p. 133). A identificação permite ao sujeito a construção de uma representação de si mesmo. Essa representação de si é oriunda do campo do Outro, ou seja, é fruto de um laço inaugural com o Outro. Freud postula que o laço existente entre os membros de um grupo é da ordem de uma identificação. A identificação é, pois, um processo estruturante da subjetividade e está na base do laço social.

Freud (1921), nesse mesmo texto, estabelece três fontes de identificação, que foram trabalhadas por Lacan em seu seminário sobre a identificação (Lacan, 1961-62). Resumidamente, podemos dizer que a primeira fonte de identificação, ao pai, é uma identificação direta e imediata, que coloca o pai na posição de ideal, um pai mítico, que implica em um real impossível de escrever, ponto em que está fixado o ideal.

A segunda fonte de identificação é ao traço. O sujeito se constitui via identificação ao traço unário do objeto perdido, quando então o objeto é erigido e restabelecido no sujeito. As propriedades do objeto assumidas pelo eu são reduzidas a um traço. Para Lacan, é o traço unário que permite a formação dos grupos, na medida em que sustenta o ideal do eu. O ideal do eu é a identificação inaugural do sujeito com o significante radical, o traço unário (Lacan, 1961-62, p. 35).

A identificação com o desejo é a identificação ao desejo do Outro. O desejo é estruturado pelo Édipo, que permite ao sujeito sair da posição de objeto do desejo do Outro e assumir a posição de sujeito desejante. Freud ilustra essa modalidade de identificação através do sintoma histérico. Na identificação por meio do sintoma, que ocorre na histeria, há um ponto de coincidência, um desejo comum entre dois eus, mantido recalçado. A identificação com o desejo ocorre porque as duas pessoas têm um elemento em comum, que Freud localiza na natureza do laço com o líder.

Lacan ressalta a identificação ao traço tomado do Outro, o traço significante. A identificação marca a relação desse traço com o ideal do eu. O S1 é o significante tomado do Outro como ideal. O ideal conjuga o sujeito e o Outro no significante radical da identificação inaugural (Lacan, 1961-62).

A incidência de uma marca é o que promove a emergência de um sujeito. Essa marca permanece indestrutível, mesmo revestida ou apagada. Ela reaparece como insígnia, que lembra a ausência. Se a primeira fonte de identificação é um furo real, como resultado do encontro com o Outro, a segunda reporta ao ideal, como traço que constrói e reveste essa marca invisível. O ideal representa, pois, o Outro, através de um traço único. Esse traço intervém na relação narcísica, constituindo a orientação dos investimentos libidinais e mantendo a função do eu ideal.

A identificação na adolescência

A fase da adolescência impõe ao sujeito a busca de novas identificações. Em "Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar", Freud (1914) comenta a importância do desligamento que o jovem deve fazer do pai e sua substituição pela figura do mestre no tempo da adolescência. Ele acrescenta que tudo o que distingue a nova geração, tanto o que é portador de esperança quanto o que choca, tem como condição esse desligamento do pai. O desligamento da autoridade dos pais cria a oposição entre a nova e a velha geração, necessária à inserção social.

Na adolescência o sujeito experimenta uma dificuldade em situar-se no discurso que até então dava a ele uma ideia de si mesmo (Lacadée, 2011, p. 33), ou seja, há uma quebra das identificações que até então o sustentavam. Como atesta Lacadée, a linguagem confere a legitimidade de ser porque é o veículo das duas identificações do *falasser*: a

constituente e a constituída, descritas por Miller em *Los Signos del goce* (Miller, 2006).

Miller aponta para o caráter duplo da identificação ao desmembrá-la em identificação constituinte e identificação constituída (Miller, 2006, p. 107). Utilizando a metáfora do grito-chamado e situando-a no grafo do desejo de Lacan, ele ressalta que o grito se torna chamado pela suposição do Outro. Situando o grito na posição inicial do grafo, ele o define como uma emissão significante em estado bruto que só pode ser concebida como uma ficção teórica. O chamado é um grito dirigido ao Outro e que recebeu deste uma resposta. A resposta reconhece no grito um chamado, conferindo-lhe uma significação. Assim, o S1 só existe a partir do S2, da resposta, quando o sujeito surge como significação. Miller define a identificação constituinte como o S2 e a constituída como o S1. A identificação constituída é, pois, efeito da presença do Outro. Do lado do Outro se situa o operador da identificação e do lado do sujeito estão os efeitos da identificação. No entanto, é o grito que produz o Outro, no qual se aloja. A relação entre as duas formas de identificação não é, pois, temporal, mas lógica. De uma se deduz a outra. Miller destaca ainda a constelação de insígnias que caracterizam o conjunto das marcas que permitem a representação significante do sujeito (Miller, 2006, p. 113).

A identificação constituída é a do ideal do eu, que faz traço e é a referência com a qual o sujeito se vê digno de ser amado, e até amável (Lacadée, 2011, p. 22). O ideal do eu equivale ao ponto de basta que estabiliza o sentimento da vida, que dá ao sujeito seu lugar no Outro e sua *fórmula* (Lacadée, 2011, p. 46). Ele está ligado à função do Nome-do-Pai, que introduz a constituição de ideais com base no processo de identificação e leva à construção de uma resposta singular pelo sujeito. Ela permite ao sujeito ter uma ideia de si e orientar sua existência. É o vetor sobre o qual a identificação constituinte se apoia.

Lacan (1964), no seu Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, ao comentar sobre a pulsão escópica, destaca que é no espaço do Outro que o sujeito se vê, e o "ponto de onde" ele se olha também está nesse espaço (1964, p. 137). Para Lacan, o ponto do ideal é o "ponto de onde" o sujeito se verá como visto pelo outro, o que lhe permitirá suportar-se numa situação dual, satisfatória do ponto de vista do amor (Lacan, 1964, p. 263).

Lacadée ressalta a importância deste “ponto de onde” no momento do declínio do Édipo. O adolescente se apoia na função do pai, no ideal do eu, neste ponto de onde ele se vê amável e digno de ser amado, para se sustentar na existência de outra maneira. Este ponto, utilizado a partir da função do ideal do eu, faz referência ao terceiro tempo do Édipo, onde o mais importante não é necessariamente o pai que diz não, mas o pai que diz sim ao novo que surge na criança (Miller, 2000). Assim, a identificação constituinte se situa no “ponto de onde”, que é tarefa de cada um construir para inventar sua solução, um “saber fazer” com seu gozo. Esse “*ponto de onde*” se apoia na identificação constituída, na função significante. É o lugar que permite ao sujeito autenticar a construção de uma resposta singular, a sua fórmula. O “ponto de onde” permite ao adolescente dizer sim ao novo, ao real da libido que nele surge (Lacadée, 2011, p. 46). O encontro com o Outro na adolescência pode abrir esse “ponto de onde”, “o tempo de um espaço a ser compreendido de outra forma, à luz de um ‘sim’ referido à sua tomada da palavra, à sua parte de exceção, à sua enunciação sempre incomparável” (Lacadée, 2011, p. 23).

A adolescência é, portanto, um momento decisivo em que o sujeito se separa do significante mestre ideal (S1) que até então o sustentava. Há uma tensão própria da adolescência, entre o ideal e o objeto (Lacadée, 2011). Esta tensão pode ser compreendida à luz da definição de sujeito na teoria lacaniana. Segundo Miller (2006), o sujeito se define como significante e como gozo (S1 e *a*). O processo de constituição do sujeito envolve duas operações subjetivas: a alienação e a separação, descritas por Lacan (1964) no *Seminário 11*.

A alienação está na identificação primeira, formadora do ideal do eu, aquela em que o sujeito se vê como gostaria de ser visto pelo Outro. O sujeito, \$, como vazio de significação, busca um complemento significante que supõe estar no Outro, (S1). Mas, Miller (2006) destaca que o sujeito, \$, é também esvaziado de gozo, um esvaziamento provocado pelo significante. Assim, deve-se tomar os dois valores para o sujeito: S1 e *a*. O processo de alienação-separação estabelece que o S1 é tomado como interseção na alienação e o *a* é tomado como interseção na separação. Na alienação, o sujeito, como vazio de significação, busca um significante que possa representá-lo (S1) no Outro, um significante com o qual se identifica e se aliena.

Mesmo considerando o sujeito como efeito do significante do Outro (primeiras elaborações de Lacan), nessa relação há um resto que situa o sujeito como objeto. Para descrever a separação, Miller (2006) ressalta que, ao buscar no Outro um significante que o represente, o que ele encontra é a falta desse significante no Outro, e nesse lugar da falta no Outro o sujeito irá se alojar como *a*. Aqui estão colocadas as duas formas de complementariedade: uma com o significante e outra com o objeto. Miller esclarece que, na alienação, o sujeito está representado no Outro por S1. Na separação, o sujeito não está representado pelo Outro do significante, mas está localizado a partir da sua falta. O sujeito não pode fazer-se representar por *a*. A subjetivação de S1 se produz pela representação significante. S1 anula o sujeito e ao mesmo tempo o cria. Para subjetivar o *a*, o sujeito opera por meio do fantasma. O fantasma, sob o modo imaginário, é uma relação com o gozo. A pulsão é a relação com o gozo na dimensão real.

A função da insígnia é circunscrita por Miller (2006) nos termos S1 e *a*, que inclui o significante e o objeto. O S1, como traço unário, está em relação com o objeto *a*. Sujeito do significante e sujeito do gozo são as duas vertentes da insígnia. O Outro passa a apresentar a mesma duplicidade. O Outro é tanto o lugar do significante quanto um corpo que goza. O sujeito, $\$$, esvaziado de significação e de gozo, busca um complemento significante que supõe estar no Outro, assim como supõe um Outro que goza.

A identificação, tomada como resposta à precariedade constitutiva do sujeito, pode ser referida tanto ao campo significante (como complemento significante), quanto a uma materialidade (como complemento de gozo). Para Miller (2006), no final de seu ensino, Lacan reúne o significante e o gozo para grafar o *sinthoma*. Miller propõe que, para acompanhar as teorizações de Lacan sobre o *sinthoma*, faz-se necessário pensar numa nova formulação de traço unário, não só da ordem significante, mas da ordem do gozo. O traço unário deixa de ter um caráter estritamente simbólico e passa a ser "fixação" de gozo. Ele passa a designar o sujeito não mais como efeito de significação, mas como resposta do real (Miller, 2006, p. 290). O traço unário testemunha o Um como marca de gozo, marca do Pai, possibilitando o início da ordem. Nessa perspectiva, acompanhamos um deslocamento operado na teoria lacaniana, da ênfase no simbólico para o real.

A partir das considerações de Miller (2006), podemos articular as duas formas de identificação, constituída e constituinte, tendo como referências o significante e o gozo. A identificação constituída é a identificação ao ideal (marca do Pai), vetor que dá ao sujeito seu lugar no Outro e sua *fórmula*, enquanto a constituinte se apoia na constituída, ou seja no ideal do eu, abrindo espaço para o novo que irrompe a partir do confronto com o real do sexo, na adolescência, para construir um saber-fazer com seu gozo, alojando o seu ponto de exceção, numa articulação entre o significante e o gozo.

Assim, na adolescência, ao se separar do significante mestre que até então o sustentava, há uma reatualização da perda de gozo, efeito da linguagem, que funda o sujeito, além do confronto com a impossibilidade da relação entre os sexos. O gozo, experimentado no corpo ou no pensamento, aberto a todos os sentidos, dá ao sujeito o sentimento de estar à parte, em "exílio" (Lacadée, 2011).

A adolescência na teoria psicanalítica corresponde a um tempo lógico, em que o sujeito se depara com um vazio, com algo que não pode nomear, resultado do confronto com o que "faz furo no real" (Lacan, 1974): "a gestão impossível do sexo" (Lacadée, 2011). O adolescente, ao se confrontar com essa parte indizível que se impõe sobre ele, é remetido ao seu ser de objeto *a*, mas para não ser reduzido a ele, se apoia no ideal, cuja função é oferecer ao sujeito a possibilidade de se ver de um modo diferente do que é.

O sujeito pode responder de diferentes formas ao encontro com o real do sexo. Ele pode buscar preenchê-lo com os ideais sociais, que pode ser ilustrado nas várias comunidades virtuais marcadas pela forte presença de objetos de consumo; ou pode também tentar subverter os significantes ideais do Outro parental, que o levam a buscar se aproximar, por exemplo, de um grupo religioso ou político contrário ao dos pais. O sujeito adolescente pode ainda responder com o silêncio, o ato ou a língua transgressora, rejeitando o apoio de um discurso estabelecido, como destaca Lacadée. Ele pode inventar outros parceiros, outras cenas e outras comunidades de vida, ou seja, outros lugares de tradução. É nesse momento que o ciberespaço surge como um espaço atraente para os jovens, pela sua pluralidade de opções.

Os grupos na adolescência

A cultura oferece os significantes sociais e os adolescentes identificam-se com esses significantes para se inscreverem nas redes sociais. Assim, a formação de grupos é fundamental na adolescência, pois os grupos de pares oferecem novos significantes com os quais os adolescentes se identificam, favorecendo a inscrição social.

Kehl (2008) ressalta a importância do reconhecimento dos semelhantes na fase da adolescência, marcando a sua função na travessia do Édipo e na formação do laço social. Segundo Kehl (2008), o apelo ao reconhecimento é geralmente endereçado ao pai, pois este reconhecimento estrutura o sujeito. No entanto, na travessia da puberdade, o sujeito busca o reconhecimento dos semelhantes, que lhe devolvem, de um lugar fora do triângulo edípico, a confirmação de quem ele é: “[...] desde o traço unário fundado pelo nome do pai, até os traços secundários adquiridos a partir da série de empreendimentos em que ele se engaja, pela vida afora, na tentativa de realizar os ideais do eu” (Kehl, 2008, p. 88).

Desta forma, os semelhantes são aqueles que legitimam, no campo social, tanto aquilo que foi inaugurado para o sujeito pelo pai como aquilo que o sujeito faz para se diferenciar do pai. Kehl defende a ideia de que as identificações horizontais permitem ao sujeito passar da “prisão imaginária de uma identidade” (Kehl, 2008, p. 88) às possibilidades mais móveis de circulação por um campo identificatório. Para a autora, os campos identificatórios com os semelhantes podem produzir laços sociais, afinidades eletivas que incluam o semelhante na diferença, ou, ao contrário, podem produzir isolamento entre os grupos, que pode chegar à intolerância e ao fanatismo.

Os adolescentes, não mais identificados com a posição de criança, nem bem situados na condição de adultos, vivem uma incerteza identificatória. O risco que eles correm nesse momento é o de serem capturados por uma nomeação estigmatizadora oriunda do discurso do mestre que os aprisiona e os congela numa exclusão segregadora, mantidos na ilusão da identidade. Como adverte Lacadée (2011), todo confinamento conserva uma ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que aprisiona, reconhece e deixa ser/estar. Para Soler (1998), o grupo identifica, coletiviza e contém o gozo destrutivo. Nesse sentido, o grupo exerce uma função humanitária, mas, segundo a autora, esse efeito é interno e parcial, já que toda

renúncia se paga com um retorno do gozo. O gozo contido no interior retorna ao exterior.

Buscamos, apoiados nestas considerações, ler as narrativas dos adolescentes nos fóruns das comunidades do *Orkut* e nos grupos do *Facebook* para conhecer a natureza desses campos identificatórios do universo virtual. E, ainda, investigar se os grupos formados a partir dessas identificações produzem laços sociais que incluem o semelhante na diferença, permitindo ao adolescente inventar sua própria abertura significativa em direção à sociedade, ou, se, ao contrário, esses campos identificatórios produzem isolamento entre os grupos, tendo como efeito a segregação. Mas, antes de realizar essa reflexão, faremos uma discussão sobre as identificações na contemporaneidade.

As identificações na contemporaneidade

Partimos do pressuposto de que a contemporaneidade, com suas características de fragmentação, pluralização dos significantes, declínio do ideal e inconsistência do Outro, incide sobre os modos de identificação e de laço social na atualidade. Para fazer essa discussão, nos apoiamos nos textos de alguns autores que analisam a contemporaneidade, em especial, Laurent e Miller (1998), Miller (2006b), Bauman (2004) e Lacadée (2011).

Na modernidade, o laço social era orientado por um eixo vertical. As famílias se organizavam em torno do pai, que detinha “o saber” que orientava os seus membros. A família e as demais instituições sociais eram estruturas triangulares ou piramidais, com um ápice ideal, ocupado pelo mestre. Com a globalização, o conhecimento adquirido através da história da civilização virou apenas uma das modalidades de conhecimento, no meio de uma multiplicidade de saberes, com valores equivalentes. Houve um declínio da imago paterna e das referências universais de identificação. A queda do ideal clássico e a pluralização de novos ideais levaram a uma fragmentação, que determina a época contemporânea.

Para Miller (2006b), estamos na época do Outro que não existe, ou seja, no zênite social o predomínio é do objeto *a* e não mais do ideal. Miller (1998) destaca que, se a verdade sempre tem estrutura de ficção, na atualidade a estrutura de ficção fez submergir a verdade, a engoliu. Não se está na época do mal-estar da civilização, segundo o autor, mas na

época do impasse, que é patente no nível da ética. A ética capitalista das virtudes, solução vitoriana que ainda existia na época de Freud, foi transportada e seu retorno hoje é sob formas inconsistentes e derrisórias. Quando não se encontra mais uma nova ética, ela passa a ser procurada pela via dos comitês de ética, que é uma prática de falação, ensurdecadora, que não tem chance de liberar uma relação ao real que não seja vaga. Há uma falência do humanitarismo, que não consegue resistir ao cálculo universal da mais-valia e do mais-de-gozar.

É nesse sentido que Miller (1998) afirma a promoção social do sintoma. A inexistência do Outro deixa um vazio que leva à promoção do laço social. Retomando o conceito de identificação, ele ressalta seu caráter de laço social. Miller observa que, enquanto na Europa se pratica a identificação vertical ao líder, que aciona a sublimação de uma forma poderosa, os Estados Unidos a sacrificam em benefício do que se pode chamar identificação horizontal dos membros da sociedade entre eles. Não há identificação ao mais-um, mas aos membros da sociedade entre eles. Freud já antecipava aí a inexistência do Outro e sua substituição pelos comitês de ética.

Não existem mais "grandes líderes". A identificação vertical, ao líder, foi substituída pela horizontal, aos pares, claramente ampliada pela informática. Atualmente, vivemos "em rede", com acesso a qualquer tipo de informação, sem barreiras temporais ou geográficas e sem a mediação de um mestre (Lima, 2009). O declínio da autoridade permite que qualquer um se autorize pela informação que oferece. São milhares de informações na rede, que se multiplicam a cada instante. Para Bauman (2004), uma das características da hipermodernidade é a fluidez, que se reflete nas novas formas de laços sociais. Nessa modernidade líquida, os laços se tornam mais fluidos, frequentes, breves e banais.

A civilização, segundo Miller (1998), é um sistema de distribuição de gozos a partir de semblantes. Relacionando com o conceito de supereu, Miller formula que uma civilização é um modo de gozo, um modo comum de gozo, uma repartição sistematizada dos meios e das maneiras de gozar. Se é possível falar de uma grande neurose contemporânea, seu determinante principal, segundo Miller, é a inexistência do Outro, o que leva o sujeito sair em busca do mais-de-gozar. Miller diferencia o supereu freudiano do supereu laciano. O supereu freudiano produziu o interdito

e a culpabilidade. O supereu lacaniano produz o imperativo: goze! Esse é o supereu da nossa civilização.

O discurso capitalista oferece um gozo generalizado através dos objetos que provêm do discurso científico. O discurso capitalista abole as relações inconscientes, impede qualquer pergunta sobre a causa do desejo e instiga a busca frenética de satisfação através do consumo.

Como ressalta Santos (2006), comunidades inteiras são criadas com base num certo mais-de-gozar, que se caracteriza pela não particularidade. O objeto mais-de-gozar apaga a distinção, reduzindo os grupos à comunidade de adictos. Colocar o objeto *a* no lugar do Nome-do-Pai e fazer um grupo tem o efeito de abolir as diferenças, porque a relação do sujeito com o ideal do eu requer dele uma operação de recalque. Só assim surge a interpretação, a subjetivação. Se um objeto é promovido no lugar de agente, o resultado é o surgimento de um laço que dispensa a singularidade do sujeito, apaga-a, prescindindo da interpretação, da subjetivação.

Na contemporaneidade, portanto, é o campo do gozo que orienta o sujeito, e não o ideal. Há um desmembramento do laço social fundado no ideal. A proliferação de comunidades fundadas no princípio democrático da igualdade, do "todos iguais" e "todos com o mesmo direito", frequentemente se assenta no direito a gozar como se quer e repousa na recusa em dar um lugar à exceção (Lacadée, 2011). Para Laurent e Miller (1998), na atualidade, somos confrontados a uma perda de confiança nos significantes mestres e a uma nostalgia dos grandes ideais. Para ele, os comitês de ética generalizados são as figuras onde a subjetividade de nosso tempo tenta restaurar o sentido moral do Outro nos tempos de fuga do sentido, do paradoxo da fusão dos gozos e de sua segregação. De diferentes maneiras, tenta-se constituir comunidades suficientemente estáveis para fazer face ao gozo do sujeito.

O sujeito apresenta maiores dificuldades em fazer a sua travessia pela adolescência na cultura atual. Pois, por um lado, ele está situado em um tempo lógico em que se separa do significante mestre ideal (S1) que o sustentava até então, momento de tensão entre o ideal (S1) e o objeto (*a*). Por outro, o Outro hoje se apresenta de forma inconsistente e não é possível extrair dele um significante que ofereça um sentido estável e seguro, sobre o qual o adolescente possa apoiar a sua identificação. Se o sujeito encontra dificuldades em buscar no Outro um complemento

simbólico, essa mesma dificuldade se apresenta no campo do gozo. A vertente identificatória se apresenta cada vez mais referida aos objetos da civilização, de forma "generalista". Ou seja, os adolescentes se apoiam nos objetos de consumo como forma de alcançar uma suposta "identidade", como um apoio à identificação. No entanto, os objetos são oferecidos "para todos", de forma generalista, o que leva a um apagamento das diferenças subjetivas. Dessa forma, como o adolescente pode encontrar hoje "o lugar e a fórmula onde possa ser autenticado o seu nome de gozo"? (Lacadée, 2011).

4- Considerações finais: uma reflexão sobre as formas de identificação nas redes sociais virtuais na adolescência

Nesse momento de ruptura com os significantes mestres, a internet oferece ao adolescente um universo aberto, aparentemente ilimitado, dotado de uma pluralidade de significantes, que propicia uma multiplicidade identificatória. No entanto, qual a natureza das identificações e dos grupos formados no mundo virtual? Acreditamos que essas identificações não se restringem ao universo virtual, mas ilustram as modalidades de identificação contemporâneas. A internet é um dispositivo da contemporaneidade que permite ao adolescente exercer novas modalidades identificatórias e criar novos laços sociais.

Mesmo afirmando existir diferenças entre o mundo *on-line* e o mundo *off-line*, os adolescentes encontraram dificuldades em estabelecer critérios bem definidos de diferenciação entre eles. Os jovens descrevem a internet como um espaço onde sentem mais facilidade para falar, onde são mais sinceros, verdadeiros, e, contraditoriamente, não têm confiança no outro, não fazem laços ("zero laços"), não tem intimidade, podem forjar aparências, fingir e não ter compromissos. Assim, eles são "mais verdadeiros" e, ao mesmo tempo, "mais falsos" nas interações virtuais. A divisão do sujeito explica as contradições e equívocos nas falas dos adolescentes. Ao forjar um personagem virtual, assumindo uma "falsa identidade", o sujeito pode exercitar a sua fantasia e realizar os seus desejos mais secretos. Nessa perspectiva, torna-se problemático tentar localizar onde se encontra a verdade do sujeito, fora ou nos domínios do universo virtual. A psicanálise nos ajuda a entender o quanto é tênue a

barreira que separa a ficção da realidade, o universo virtual do universo não virtual, na medida em que toda realidade tem a estrutura de ficção.

Distinguimos duas formas de participação dos adolescentes nas comunidades do *Orkut* e nos grupos do *Facebook*: uma fixa e outra móvel, que podem ilustrar duas modalidades identificatórias da atualidade.

Na modalidade que designamos como móvel, forma mais comum de participação, os adolescentes frequentam muitas comunidades, às vezes, centenas delas, mas não se fixam em nenhuma. Acreditamos que essa mobilidade pode caminhar para uma forma errática, quando o adolescente permanece à deriva, vagando infinitamente pelas diferentes ofertas identificatórias, sem conseguir eleger nenhum ponto de apoio significativa para alojar o seu gozo.

A participação móvel ilustra também a mobilidade que é própria da contemporaneidade, descrita por Bauman (2004), Laurent e Miller (1998). A multiplicidade de ofertas significantes corresponde a uma pluralidade identificatória, que pode ser pensada na lógica da pluralidade de significantes (S1). Como adverte Miller (2006), a decadência da função do ideal e a promoção da função do mais-de-gozar levam à desconfiança contemporânea, à pluralização do significante amo, à sua pulverização. Na época do Outro que não existe, somos remetidos a uma nova lógica, não mais orientada pelo campo da linearidade e da representação promovida pelo significante mestre ideal (S1), mas da pluralização dos significantes, como um enxame S1, S1s: S1(S1[S1{S1→S2}]). A pluralização dos S1 poderia ilustrar uma nova forma de articulação entre os significantes? Apesar da sua fluidez e multiplicidade, os significantes poderiam operar, para alguns sujeitos, como semblantes, numa articulação entre o imaginário e o simbólico, dando um tratamento ao real? Esta é uma aposta.

Como nos lembra Lacadée (2011), o adolescente é o infinito, o indefinido, ele experimenta a equivalência de todos os pensamentos, vivenciando uma instabilidade de opções, desejos e doutrinas, sem que nada o retenha. O excesso de gozo não pacificado pelas palavras o leva a vagar. Mas, em algum momento o adolescente busca um ponto de basta, uma saída significativa para nomear sua parte de indizível, para suportar o vazio de significação que lhe descortina nesse tempo da adolescência.

Designamos como fixa a forma de participação em que os adolescentes escolhem poucas comunidades (ou grupos) para participar e se fixam neles. O significante utilizado para nomear a comunidade ou grupo serve à identificação entre os seus membros, como as comunidades do *Orkut* de anoréxicos, deprimidos, cansados de viver e hiperativos. Os grupos de anoréxicas no *Facebook* são formados a partir de um significante comum, a anorexia, que lhes confere um sentimento de identidade nesse universo virtual. Podemos considerar que a forma de participação nesses grupos é fixa, pois as adolescentes se “aprisionam” nesses significantes vindos do campo do Outro. Nesse caso, a formação do grupo fortalece a identificação “imaginária” com a anorexia. Uma adolescente mexicana escreve no seu *Facebook*:

“Siempre tengo el presentimiento que no soy de este planeta, que soy de esos "especímenes raros" que habitan la tierra con algún propósito (aún no logro identificar cual es). A veces me pierdo en la inmensidad de mis pensamientos, por horas... quizá días, como en un océano profundo. Y en lo más profundo de mis pensamientos llego a conclusiones a veces un poco absurdas a los oídos de los demás”. (C.L., consultado em 12/09/2011).

O sentimento de ser diferente da maioria, de “não ser desse planeta”, e, paradoxalmente, a necessidade de se agrupar com os semelhantes, com aqueles com quem pode compartilhar a “mesma diferença”, é frequente nos grupos virtuais. Soler (1998) destaca que o grupo é um campo de fenômenos narcisistas maciços e a pertinência ao grupo leva aos ganhos narcisistas. Ela chama a atenção para o fato de que, neste laço do sujeito com o Outro do significante, há uma dupla necessidade: incluir-se e subtrair-se. Nas admissões formais ou instituídas, o sujeito, ao pedir para ser admitido, busca ser representado pelo significante do grupo, incluir-se. Mas, ao ser incluído, admitido como um entre outros, o sujeito sente sua diferença aplainada e então aspira a distinguir-se. A autora aponta o paradoxo envolvido na identificação: o sujeito buscar incluir-se através da identificação com o grupo e distinguir-se para deixar aí o seu vazio.

Para Lacadée (2011), o gozo na atualidade deixa de passar pelo Outro, ou seja, não se articula mais ao grupo, não é mais garantido pela coletivização do modo de gozar, não é mais incrustado, organizado e solidificado pelo ideal. Assim, para o autor, nossa época é a dos

adolescentes do real que preferem não só curto-circuitar o Outro, cuja fala não dão mais créditos, como também tratar o gozo pela relação direta com os objetos de consumo.

O discurso capitalista promete completar o sujeito através dos objetos de consumo. Há uma crise de valores associada à lógica capitalista e os objetos funcionam no lugar do ideal. Os discursos nos fóruns das comunidades do *Orkut* se constituem, em sua maioria, como monólogos coletivos, que não se encadeiam entre si e são inconclusivos. Como resultado da ascensão do individualismo na contemporaneidade, o importante hoje é “a minha felicidade”, “o meu sucesso” ou “a minha angústia” e raros são os temas que envolvem causas sociais ou questões políticas. A crise de sentidos associada à lógica capitalista faz com que os adolescentes associem a felicidade à imagem corporal e à aquisição de bens de consumo.

Se o objeto de gozo é o objeto perdido para sempre, essa falta constitutiva e inerente ao sujeito assume certa consistência lógica com o uso de objetos que têm o valor de um mais-de-gozar que lhe toma o lugar, assentando-se como objetos substitutivos, como lembra Lacadée (2011). Ao mesmo tempo, a cultura tecnocientífica se conjuga com a instância superegoica que exige sempre mais, oferecendo objetos para satisfazer a pulsão que privilegiam as sensações corporais. Assim, o objeto mais consome o sujeito do que é consumido por ele (Lacadée, 2011).

Os próprios adolescentes se colocam como objetos de consumo. Os jogos centrados em torno da foto de um membro fazem bastante sucesso entre os adolescentes. Podemos pensar que esta é uma forma encontrada pelo adolescente hoje de questionar qual o seu lugar no desejo do Outro. Nesses jogos, no entanto, o adolescente não se coloca como objeto “causa de desejo”, mas como objeto “mais-de-gozar”, oferecendo-se ao outro para que ele “beije ou passe”, ou seja, o use ou o descarte.

As inúmeras comunidades do *Orkut* seguem um padrão pouco variável, regido pelo mercado. Enquanto alguns adolescentes seguem os criadores de comunidades, outros tentam copiar os próprios adolescentes na internet, repetindo os seus discursos, fotos e poses. O *Facebook*, com o seu programa organizado e objetivo, não tem muito espaço para a diferença, para a exceção. É um programa feito segundo um modelo ideal de felicidade e socialização, cujas falas estão centradas em torno das

fotos, “e todos curtem!”. Mas, mesmo com pouca margem para a diferença, as narrativas dos jovens podem deixar escapar a angústia, a desordem e a insatisfação, como os grupos que operam como “comunidades de gozo” no *Facebook*, dos anoréxicos, depressivos ou bulímicos.

As tecnologias virtuais encurtaram as distâncias, promovendo uma proximidade maior entre as pessoas. Essa proximidade, no entanto, é virtual, excluindo o corpo na sua dimensão real. Sabemos que o sujeito que interage com o outro virtual apresenta um corpo real que não pode ser totalmente abstraído pelo ciberespaço, já que ele pode sentir fome, frio, sono ou dor, fazendo o sujeito retornar ao mundo *off-line* (Zizek, 2006).

Mas, nas interações virtuais, é a dimensão imaginária do corpo que se apresenta ao outro. O corpo ocupa um lugar de destaque na adolescência. Como ressalta Lacadée (2011), o corpo, nessa fase da vida, inquieta por suas mudanças e é o lugar onde se atualizam o problema da identidade e do gozo indizível, que confere certa ideia de si. Daí o tratamento que o jovem dá ao corpo, que pode ser visto tanto no excesso de cuidados quanto nos maltratos, e até no gozo de marcas corporais, tatuagens e *piercings* ou nos ferimentos corporais deliberados.

Apesar da tentativa de se abolir o corpo físico nas interações virtuais, o adolescente investe muito na sua imagem corporal através das fotos expostas nas redes sociais. A imagem do corpo do púbere, em desarmonia, pode ser reparada, reconstituída, aproximando-se de um certo ideal de completude, sem falhas, graças às tecnologias da imagem. Essa imagem corporal é cuidadosamente construída a partir dos recursos tecnológicos que buscam aproximar a imagem do corpo de certo ideal de perfeição veiculado pela mídia. Assim, o corpo desconcertante, agitado pela pulsão, é um obstáculo à sua virtualização e, como tal, deve ser excluído das relações sociais virtuais.

O antropólogo Le Breton (2003) trabalha com a hipótese de que o ciberespaço é o lugar do desaparecimento do corpo. Nesse espaço imaterial, indivíduos espacialmente distanciados entram em contato. No entanto, o corpo fica pendente no espaço virtual, provisoriamente esquecido enquanto matéria. O ciberespaço é um território de imagens e signos, onde coexistem em virtualidade inúmeros corpos em potencial, mas não há um encontro entre corpos. Há uma interação entre imagens,

criando personagens, situações e ações a partir de palavras. Nesse contexto, o corpo físico é desnecessário, e até indesejável, funcionando como um obstáculo à sua virtualização. Virtualmente pode-se vestir qualquer máscara, tornar-se qualquer personagem, ter qualquer forma, cor, toque e cheiro imaginável.

Como vimos, para Freud (1921), os grupos se constituem em torno do ideal do eu, que está na base do processo de identificação e do laço social. O ideal do eu permite ao sujeito ter uma ideia de si e orientar sua existência. O ponto do ideal é o "ponto de onde" o sujeito se verá visto pelo outro e que lhe permitirá suportar-se numa situação dual. A identificação ao ideal é a que suporta a identificação especular, imediata (Lacan, 1964). "Ela suporta a perspectiva escolhida pelo sujeito no campo do Outro, de onde a identificação especular pode ser vista de forma satisfatória" (Lacan, 1964, p. 253).

A predominância da dimensão imaginária corporal nas interações virtuais implica em certa perda da dimensão simbólica e real do corpo e pode capturar os sujeitos num curto-circuito especular, com todas as suas consequências. Poderíamos dizer que a identificação nos grupos virtuais é ordenada pelo "eu ideal" e não pelo "ideal do eu"?

As comunidades nas redes sociais se formam a partir de um significante ou uma imagem que opera como um veículo de identificação, que propicia a identificação imaginária. Nesses grupos, há uma tentativa de se construir um grupo homogêneo como suporte identificatório em que a diferença é foracluída. Há uma indiferenciação entre o eu e o outro. Essa identificação entre os seus membros, com a reivindicação da identidade, leva a um fechamento sobre si mesma, à segregação.

Sabemos que as três dimensões da subjetividade - imaginária, simbólica e real - estão presentes nas interações do sujeito com o ciberespaço. No entanto, essa proximidade virtual com o outro visa excluir o estranho, o diferente, considerado insuportável. Nesses agrupamentos, há uma tentativa de exclusão do objeto que remete ao gozo opaco, estranho e desconcertante, que aponta para a diferença, para o singular que escapa à norma. Como salienta Brodsky (2010), é o gozo que faz com que o Outro seja Outro, radicalmente diferente de mim. Retomando a operação de constituição do sujeito, a autora comenta que a alienação ao campo do Outro é seguida da separação, mas não se trata de separar-se do Outro,

mas do gozo. Essa perda do objeto, essa extração de gozo que se opera no corpo, é o que orientará o sujeito e o distinguirá do Outro.

As relações sociais podem ser localizadas nos discursos estabelecidos por Lacan. No entanto, o próprio discurso tem lugar de semblante; ele faz semblante de laço. O laço entre duas pessoas sustenta-se na fantasia. O referente fantasmático do laço entre o sujeito e o objeto é uma escritura derivada da ausência da relação sexual. É uma tela que protege o sujeito contra o real da impossibilidade da relação. Tanto nas relações virtuais quanto nas presenciais, há uma tentativa de não se haver com a diferença, que remeteria o sujeito à impossibilidade da relação. Se a fantasia, assim como a tela do computador, media as relações entre o sujeito e o Outro, o virtual pode ser pensado como campo propício à expansão da fantasia, considerada aqui tanto como “uma tela que fecha ao sujeito o acesso ao real, quanto como uma janela que abre, para o sujeito, um ponto de vista sobre o real” (Naveau, 2011, p. 156). Como uma tela protetora, o ciberespaço pode fechar ao sujeito o acesso ao real, dado que o corpo que está presente nestas interações é o corpo na sua dimensão imaginária, sustentado numa falsa autonomia da imagem e do eu.

Os membros das comunidades acreditam que naquele grupo todos são iguais, sentem as mesmas coisas, compartilham os mesmos sofrimentos ou sonhos, e, portanto, se compreendem, podendo ajudar-se mutuamente. A comunidade do *Orkut* “Depressão e bipolaridade”, com 5.656 membros, tem o seguinte fórum: “Eu só queria que alguém....”. O fórum apresenta a seguinte discussão:

- “Eu só queria que alguém, qualquer um, nem que fosse só uma só pessoa, entendesse que não sou exagerada, não sou dramática, não sou louca, eu só tenho depressão!” (C. P).
- “O pior é que quem ñ tem ñ pode entender” (V.L.M.).
- “Eu também preciso de alguém, que me ame apesar do meu humor inconstante, em quem pudesse realmente confiar meus conflitos, que não canse de mim, como eu mesmo já estou, que não fizesse críticas tão duras e infundadas” (B.G.).
- “Eu entendo seu sofrimento acho que só tem mesmo pra entender o quanto a gente sofre... o pior que as pessoas acham que e frescura nossa mas na verdade estamos sofrendo bastante com essa doença silenciosa” (L.L.N.).

Barros (2009) apresenta uma diferenciação entre o semblante e o falso semblante, que se faz útil para as nossas reflexões. Enquanto o semblante apresenta uma função separadora, o falso semblante tem uma função alienante, que pode ser referida às identificações virtuais. Por excluir o estranho, o diferente, que remete ao objeto, no que ele acena de singular, esse agrupamento virtual tende à homogeneização, a partir da imposição de uma forma comum de gozo, apresentando uma função alienante, “escravizando os indivíduos a um Outro anônimo e plural, que dita o que é preciso para integrar-se ao mercado do consumo”, como um “falso semblante” (Barros, 2009). Já o semblante, ao contrário do falso semblante, pode ser considerado como um modo de tratamento do real (Salman, 2011), uma articulação entre o simbólico e o imaginário que toca o gozo. Por circunscrever o gozo, ele permite abordá-lo, apresentando uma função separadora.

Assim, as comunidades do *Orkut* ou os grupos do *Facebook*, na medida em que operam na tentativa de forcluir a diferença, na ilusão de igualar a si mesmo rejeitando o que parece estranho, funcionam como uma “camisa de força subjetiva” (Kehl, 2008), impedindo as manifestações singulares. Eles operam como comunidades de gozo, impondo um modo de gozo comum a todos. Nesses espaços de segregação, não há lugar para a exceção.

A constituição de comunidades baseadas em um mais-de-gozar comum não favorece o laço social, pois leva ao seu fechamento. Não são os sujeitos que se agregam nessas comunidades, mas os mais-de-gozar. Se o mais-de-gozar é da ordem da produção industrial, o objeto *a* é o produto singular de uma análise. Quando fracassa o gozo “que seria necessário”, se materializa o mais-de-gozar. Como diz La Sagna, vale melhor “saber usar o objeto *a* para a-rejar esse mundo poluído pelo mais-de-gozar” (2011, p. 242).

O adolescente, diante do confronto com o real do sexo, precisa de um tempo para compreender o que lhe acontece. Esse tempo para compreender é um tempo de exílio, fundamental para que ele possa, diante de um vazio de significação, produzir um novo sentido. Ao procurar uma comunidade no espaço virtual, o adolescente busca um grupo que possa ampará-lo nesse momento de desamparo. Diante de um gozo que transborda, o adolescente busca nos grupos (virtuais ou não) pontos de ancoragem significativa para fixar seu gozo, além de novas formas de

operar com ele. Nos grupos de “semelhantes”, ele compartilha o que lhe acontece de inédito, e que supõe só poder ser compreendido por um semelhante. Mesmo buscando um outro especular, nessas conversas muitas vezes “infindáveis” trocadas com os pares, o adolescente tenta dar um tratamento simbólico para a pulsão, como uma solução significativa para o real, para aquilo que não se pode dizer.

Mas, para que o adolescente encontre “o seu lugar e a sua fórmula”, o grupo que o acolhe precisa suportar a falta de sentido, não recusando o estrangeiro e, assim, favorecendo a construção do novo. Como vimos, se a identificação com o significante aliena o sujeito ao Outro, o objeto *a* é o que o singulariza. O adolescente tanto quer ser incluído no grupo, para ocupar um lugar no campo do Outro, como quer dele se diferenciar para colocar a salvo a sua subjetividade. O grupo, ao abolir qualquer diferença, não deixa brecha para o surgimento de uma distância suficiente entre o eu e o Outro, condição para o desejo. Assim, a imposição de um modo de gozo comum a todos não abre espaço para que o sujeito crie uma solução singular. O encontro com o Outro na adolescência tanto pode obstacularizar quanto abrir esse “ponto de onde”, que, apoiado no ideal do eu, permite ao sujeito alojar o seu ponto de exceção na criação de numa solução inédita, de um saber-fazer com seu gozo.

Notas

1. Essa pesquisa foi financiada pelo Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Doutores Recém-contratados da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (2010).
2. Fonte: <http://www.dnt.adv.br/noticias/cibercultura/brasil/> - consultado em 27/10/2010.
3. Fonte: <http://www.socialmediabr.com/comportamento/the-world-of-social-media-2011-traduzido/#.TxWKdqU7VqY/> - consultado em 26/08/2011.

Referências Bibliográficas

BARROS, M.R.C.R. (2009). Falso semblante, in: **Scilicet. Semblantes e Sinthoma**. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise. Textos preparatórios para o VII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Paris. p. 120-123.

BAUMAN, Z. (2004). **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LE BRETON, D. (2003). **Adeus ao corpo. Antropologia e Sociedade**. São Paulo: Papirus.

BRODSKY, G. (2010). Dizer não, in: **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, nº 56/57, julho de 2009, Eólia. São Paulo. Disponível também em Opção Lacaniana online. Nova série. Ano I, março de 2010, n. 1. Download em: www.opcaolacanianana.com.br

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do eu, in: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, Vol. 18, 1974, p.89-179.

FREUD, S. (1914). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar, in: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Totem e tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, vol. 13, 1974, p.281-288.

KEHL, M.R. (2008). **A fratria órfã: conversas sobre a juventude**. São Paulo: Olho d'Água.

KEHL, M. R. (2009). **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo, SP: Boi tempo Editorial, 2009.

LACADÉE, P. (2011). **O despertar e o exílio**. Ensinaamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

LACAN, J. (1974). Prefácio a 'O despertar da primavera', in: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Campo Freudiano do Brasil), 2003, p.557-559.

LACAN, J. (1964). **O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. (1961-62). **Le séminaire, Livre IX: L'identification**. Inédito.

LA SAGNA, P. (2011). Mais-de-gozar, in: **Scilicet**. A ordem simbólica no século XXI: não é mais o que era. Quais as consequências para o tratamento? Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte: Scriptum, 2011, p. 240-242.

LAURENT, E. e MILLER, J. A. (1998) O Outro que não existe e seus comitês de ética, in: **Revista Curinga**. Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte, n. 12, set., 1998, p.4-18.

LIMA, N.L. (2009). **A escrita virtual na adolescência: os Blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance.** Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação/Linha de pesquisa: Psicologia, Psicanálise e Educação. Universidade Federal de Minas Gerais.

MEZRICH, B. (2010). **Bilionários por acaso: a criação do Facebook.** Uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição. Rio de Janeiro: Intrínseca.

MILLER, J.-A. (2000). **Du nouveau! Introduction à la lecture du Séminaire V de Jacques Lacan.** Collection rue Huysmans. Paris: Navarin diffusion Seuil, 2000.

MILLER, J. A. (2006a) **Los signos del goze.** Buenos Aires: Paidós, 2006.

MILLER, J. A. (2006b) **El Otro que no existe y sus comités de ética.** (com colaboração de Éric Laurent). Buenos Aires: Paidós, 2006.

NAVEAU, P. (2011). Fantasia, in: **Scilicet. A ordem simbólica no século XXI: não é mais o que era.** Quais as consequências para o tratamento? Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte: Scriptum, 2011, p.155-157.

SALMAN, S. (2011). Semblante, in: **Scilicet. A ordem simbólica no século XXI: não é mais o que era.** Quais as consequências para o tratamento? Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte: Scriptum, 2011, p.346-348.

SANTOS, T.C. (2006). **Sintoma, corpo e laço social.** Ed. Sephora/UFRJ: Rio de Janeiro.

SOLER, C. (1998). Grupo e narcisismo, in: SOLER, C. **A psicanálise na civilização.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2008, p.296-300.

ZIZEK, S. (2006). **Arriscar o impossível.** Conversas com Zizek, trad.Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.

Resumos

The identification of the contemporaneity: adolescents and social networks

This article presents the partial results of a research started in 2011 that aimed to understand the nature of the identification and the social bonds created by adolescents through online social networks. The methodology of this research included an investigation on two social networks – *Orkut* and *Facebook* – and also personal an online interviews with these adolescents. The basis of the theoretical discussion was an analysis of the connection between the identification process and the group formation on Freud and Lacan considering the adolescence period and the contemporaneity. We defend the hypothesis that the adolescents have mainly two forms of identification on the social networks: one variable that is

characterized by multiple and fluid identifications, typical of the contemporaneity and the other one fixed in which there is an attempt to construct a homogeneous group identification console, with the forclusion of the difference, which leads to a closure over itself, to the segregation.

Keywords: psychoanalysis, identification, adolescents, contemporaneity.

L'identification dans la société contemporaine: les jeunes et les réseaux sociaux

Cet article présente le résultat partiel d'une recherche commencée en 2011 qui a pour but connaître la nature des identifications et des liens sociaux formés par les adolescents par le biais des communautés virtuelles sociales. La méthodologie de recherche a compris une enquête en deux réseaux sociaux virtuels - *Orkut* et *Facebook* - ainsi que des entrevues avec des adolescents. La discussion théorique a été basée sur l'analyse des relations entre le processus d'identification et la formation de groupes à Freud et à Lacan, en les articulant avec l'étape de l'adolescence, et la contemporanéité. Nous soutenons l'hypothèse selon laquelle il existe fondamentalement deux formes d'identification des adolescents dans les communautés virtuelles, une mobile et une fixe. La première correspond à une multiplicité et une fluidité identificatoires, caractéristiques de la contemporanéité. Dans la deuxième, il y a une tentative de se construire un groupe homogène comme support identificatoire, avec la forclusion de la différence, ce qui conduit à une fermeture sur lui-même, à la ségrégation.

Mots-clés: psychanalyse, identification, adolescents, contemporanéité.

Citação/Citation: LAGUARDIA, N. A identificação na contemporaneidade: os adolescentes e as redes sociais. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.isepol.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 21/02/2011 / 02/21/2011.

Aceito/Accepted: 04/04/2011 / 04/04/2010.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

Psicanálise, adolescência e singularidade: algumas ponderações éticas

Aline Guimarães Bemfica

Psicóloga

Psicanalista

Professora e supervisora da Universidade Presidente Antônio Carlos / Barbacena
(MG, Brasil)

Mestre em Letras/Teoria da literatura / UFMG (MG, Brasil)

e-mail: alinegbem@yahoo.com.br

Resumo

A psicanálise está às voltas com o processo civilizatório e com as modalidades de enlaçamento do sujeito ao universal social e jurídico. Entretanto, esse compromisso com o sujeito em suas modalidades de enlaçamento ao Outro remetem também a algumas considerações acerca do incurável e do impossível. Nesse texto pretendemos, a partir da experiência com adolescentes em cumprimento de medida judicial, traçar uma discussão acerca da psicanálise e seus princípios éticos visando localizar, em Freud e Lacan, algumas referências fundamentais face ao que seria uma prática orientada pela singularidade.

Palavras-chave: psicanálise, adolescência, singularidade, enlaçamento.

É possível verificar, na atualidade, uma convocação crescente da prática e do saber psicanalíticos no trabalho com os adolescentes e as políticas nas instituições e nas cidades. Entendo que essa convocação à psicanálise faz uma exigência aos analistas, a saber: a sustentação de sua práxis, a partir do ponto singular de cada sujeito nos enlaçamentos¹ possíveis com o corpo sócio-político. A partir dessa orientação e, especialmente, tendo como referência a experiência no atendimento e acompanhamento de adolescentes em cumprimento de medida judicial, o objetivo deste texto é contribuir com algumas ponderações acerca da psicanálise nas instituições de forma a localizar algumas referências éticas da sua *práxis*.

O lugar ofertado à singularidade e à particularidade dos usos que o sujeito pode fazer do meio em que vive conduz a uma ponderação inicial: a

orientação pelo sujeito/adolescente e seus modos de solução não prescindem de uma prática pautada pelas normas jurídicas e constitucionais de nosso país e pelo acesso aos direitos e recursos oferecidos por uma dada sociedade. Nesse sentido, a psicanálise está às voltas com o processo civilizatório, com as formas de enlaçamento do sujeito ao social, com as modalidades de inclusão das particularidades de cada um no universal social e jurídico.

Em meu trabalho, desenvolvido com adolescentes autores de atos infracionais, acompanhei alguns casos que me interpelaram exatamente no ponto onde nenhum enlaçamento parecia possível. Essa constatação permitiu conjugar a orientação freudiana que localiza no campo do pulsional a necessidade de um princípio de regulação pelo desejo e pela lei. Essa orientação deve estar referenciada à dimensão do intratável, do incurável, do que é fundamentalmente singular ao sujeito. Temos aqui um tensionamento: há algo do sujeito que não é regulável e que, entretanto, faz exigências de se apresentar: o caráter associal da pulsão. Nesse sentido, como conjugar a singularidade e o universal da lei?

No trabalho no campo das políticas públicas destinadas aos jovens localizo a seguinte orientação: se a satisfação pulsional não obedece completamente à lei, na medida em que aponta para um mais-além do princípio regulador², as políticas destinadas aos jovens operam, paralelamente, com as modalidades de enlaçamento e desenlaçamento face a essa errância (errância do pulsional que habita o sujeito): caótica, mortífera, embora vital, pulsante. Mas, esse enlaçamento possível, está também referenciado ao campo social e jurídico.

A relação com a lei jurídica, simbólica, sofreu alterações. E os excessos manifestados nas respostas dos adolescentes (também nos atos infracionais) parecem não ter onde se alojar. Um adolescente afirma: "a lei é branda e a medida é treta!". Assim, ele expressa a não incidência da letra da lei sobre seu percurso infracional e denuncia um tipo de relação - pautada num discurso cínico do "como se"³ - estabelecida entre os adolescentes e as práticas jurídicas e das práticas jurídicas em relação a toda uma sociedade.

Outro impasse apresentado pelos adolescentes diz respeito ao limite da inscrição do sujeito no corpo sócio-político, na via de um lugar simbólico (possibilitador de reconhecimento), no qual haveria uma palavra de ordem que fizesse barra ao que na adolescência se apresenta

excessivamente. No trabalho desenvolvido com os adolescentes em questão e na interface com o discurso jurídico, constatamos que não há palavra de ordem que sustente, suficientemente, uma economia do gozo.

Esses dois impasses apresentados pelos adolescentes em face ao cumprimento de uma medida judicial evidenciam a necessidade de repensar como a psicanálise pode contribuir com as políticas públicas ao ofertar a particularidade de seu trabalho a um jovem. A partir do trabalho com os adolescentes (em sua vertente clínica e política) recortei três vias de trabalho referenciadas a partir das seguintes perguntas:

1. A psicanálise na instituição: algum lugar para o sujeito?
2. A realidade psíquica requer algum respaldo na realidade social?
3. A psicanálise, ao trabalhar apenas na legitimidade da singularidade, incorre no risco de se alienar em um discurso pretensamente ético e eficazmente alienante e ortopédico?

Entendo que essas perguntas apresentam a atualidade das práticas psicanalíticas quando perpassadas pelas questões sociais e políticas de nosso tempo. Ao mesmo tempo, essas questões apontam uma delicada diferença entre uma prática ética e uma prática pautada no romantismo do “fazer o bem”, na qual se apresenta o compromisso alienante de uma pretensa singularidade que prescinde de uma articulação ao Outro. Nesse sentido, em que medida a aplicabilidade da lei pode ter como efeito a construção de um espaço no qual a lei do desejo possa fazer valer a sua letra?

Marcações éticas e políticas da psicanálise x ortopedias de modo de viver e fazer

Pensar acerca da contribuição da psicanálise nas instituições públicas exige que possamos situar nosso compromisso ético como analistas e como cidadãos. Nesse sentido, não há como desconsiderar, no campo da política da psicanálise, as orientações tecidas por Sigmund Freud e Jacques Lacan ante os imperativos terapêuticos (aqueles que apontam a cura e o bem-estar como única resposta para o sofrimento psíquico).

Podemos localizar em Freud uma referência, dentre outras, à ética da psicanálise, na medida em que oferta ao mal-estar e à economia pulsional

um lugar privilegiado na organização psíquica. A aposta freudiana no inconsciente, em sua posição ética que oferta um lugar para o incurável do sujeito, inclui: a demarcação do fazer analítico pautado por uma subversão do saber, a radicalidade do desejo inconsciente (que fala para além do corpo do sujeito); a impossibilidade de tudo dizer e a economia pulsional. Essas referências constituem o próprio limite da psicanálise e sua condição de possibilidade.

Sustentar a radicalidade do desejo inconsciente exigiu, inicialmente, uma torção referente ao saber e à verdade, demarcadas anteriormente pelo discurso médico instituído. Foi a partir da discussão entre a terapêutica (extinção do sintoma) e a psicanálise que Freud pôde assinalar um dos primeiros pontos fundamentais de sustentação de uma política propriamente psicanalítica, a saber: a diferenciação entre a ambição terapêutica e a prática analítica, demarcadas a partir de uma mudança fundamental no campo da técnica – da sugestão à técnica analítica.

Em sua conferência “Sobre a psicoterapia” (Freud, 1905), ao discorrer acerca das causas orgânicas das doenças e do poder terapêutico das palavras, Freud faz uma preciosa distinção entre o método da sugestão e o método analítico. Recorrendo às artes da pintura e da escultura, ele delimita duas técnicas distintas em sua natureza e objetivos: a pintura como uma técnica do enxerto, do depósito, do novo a ser trazido de fora, que permite alguma forma na tela em branco; e a escultura, que remete ao trabalho de extração, lapidação, corte.

A prática da sugestão impõe uma forma prescrita face ao mal que assola o sujeito: o terapeuta teria a chave que conduz ao bom caminho. Trata-se aí de um método pré-psicanalítico, cuja visada é ortopédica. No campo dos discursos, que visam ofertar ao sujeito uma saída, localizamos o discurso pedagógico e o discurso jurídico. Ao imporem um saber que não inclui o sujeito – o saber que lhe é próprio – e o impossível, esses discursos operam na vertente da ortopedia.

No “Prefácio à Juventude desorientada, de Aichhorn” (Freud, 1925), Freud aponta justamente as três tarefas impossíveis – educar, curar e governar – ao comentar a incidência da psicanálise e sua “aplicação”:

“Não é de admirar [...] que tenha surgido a expectativa de que o interesse psicanalítico nas crianças beneficiaria o trabalho da educação, cujo objetivo é orientar e assistir as crianças em seu caminho para diante e protegê-las de se extraviarem.

Minha cota pessoal nessa aplicação da psicanálise foi muito leve. Em um primeiro estágio, aceitei o *bon mot* que estabelece existirem três profissões impossíveis – educar, curar e governar.” (Freud, 1925, p. 341)

A questão que já podemos salientar em relação à política da psicanálise é: como cada uma dessas profissões se situa diante do impossível? Podemos dizer que Freud avançou ao levar em conta o impossível, o intratável, o incurável, ofertando uma prática e uma teoria que não só responde a isso (ao *Isso*), mas que o inclui como fundamento. Ou seja, no trabalho analítico, há um dizer, uma apropriação e uma elaboração do que se emite, mas há um ponto obscuro, relativo a isso que não se revela todo, que é inconfessável.

Portanto, a psicanálise pressupõe o insignificantizável, o que resta: o pulsional. No que diz respeito à construção de um saber acerca do sofrimento e do sintoma, Freud constatou que não se trata, na prática analítica, de um juízo emitido por outrem ditador da justa medida do sofrimento; não se trata da imposição de verdades ou de saídas. Assim, ele chega a afirmar, em seu texto “O mal-estar na civilização”, que cada um deve saber de que forma pode ser salvo: “Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem que descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (Freud, 1929, p. 103).

Continuando seu trabalho de tessitura da/na prática e teoria psicanalítica, em “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (Freud, 1912), Freud afirma que o grande perigo da psicanálise seria a perspectiva da ambição terapêutica da cura, a qual compara à ambição educativa, cujo objetivo seria o enquadramento, a imposição da forma a ser prescrita, a via do bem-fazer e do como fazer. Pois, no campo das prescrições, não há lugar para a singularidade. Ao discorrer sobre a política lacaniana na atualidade, em “Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI” (Miller, 2009a), Jacques-Alain Miller propõe uma discussão acerca desta política, assinalando uma diferença radical entre o ser e o devir.

Em relação à função e à posição do analista, a vertente do ser localiza a perspectiva identificatória, enquanto que a vertente do devir aponta para um “mais-além” de qualquer elucubração de saber, que estaria pautado em um modelo prescrito acerca da operatividade desta função. Na esteira da orientação tecida por Lacan, Miller assinala que uma política lacaniana engloba alguns aspectos, a saber: a implicação da psicanálise com as questões contemporâneas, o primado da singularidade e o engodo do “ser analista” (termo ao qual contrapõe o desejo do analista). Fundamental também assinalar a marcação política em relação à herança freudiana, no que configura um campo da política da psicanálise: “Uma política da psicanálise que, nessas circunstâncias inéditas, preserve para o futuro a herança que recebemos de Freud por meio de Lacan” (Miller, 2009 a, p. 15).

Ainda no campo do tratamento analítico, em “Mais além do princípio do prazer” (Freud, 1920), a perspectiva da cura é balizada por uma crítica ao trabalho analítico na vertente da decifração e da recordação: “o paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha recalçado, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial” (Freud, 1920, p. 29).

Nesse sentido, isso que escapa, o que não é possível dizer todo e que causa efeitos faz referência ao mais além (mais, ainda), acentuando aí o conceito de “compulsão à repetição”, isso que deriva da “natureza mais íntima das pulsões”, que extrapola o princípio do prazer. No campo da economia psíquica e da regulação suposta pelo princípio do prazer há o que não se regula, estranho ao sujeito, fora da lei, fora da rota. Algo que não pode ser dominado, que remete ao “mal”: a transgressão, exigindo alguma satisfação. Entretanto, a dinâmica libidinal segue seu curso conectando-se, desconectando-se. Mas, sem nenhum enlaçamento no qual esse estranho (o pulsional) possa se alojar, prevalece o reino solitário e silencioso da pulsão de morte.

Na mesma época, Freud escrevia também seu texto “O estranho”, para se referir ao que é estranho e, paradoxalmente, mais familiar ao sujeito, o que o termo em alemão – *Unheimlich* – traduz por trazer no bojo da palavra o radical casa, familiar (heim) e sua negação (un)⁴.

A partir da localização do estranho (do pulsional), entra em cena a presença de algo não significantizável e a perspectiva de uma economia que inclui os modos de satisfação, a imparidade de cada um. Nessa via,

opera-se uma modificação face aos objetivos da psicanálise. Como arte interpretativa, inicialmente, ela teria como função (também como pretensão) tornar consciente todo o material inconsciente. Essa seria a vertente da cura. Entretanto, o pulsional introduz a vertente do incurável: um ponto de subversão da psicanálise. Temos aí, apresentada por Freud, a perspectiva localizada por Lacan, na qual a cura vem como acréscimo e não como objetivo da psicanálise.

Em 1932, na "Conferência XXIV, Explicações, aplicações e orientações", uma das vias apontadas por Freud em relação à responsabilidade e à política da psicanálise fundamenta-se, rigorosamente, na perspectiva que instaura a neurose e o sintoma como algo necessário, que tem sua razão de existir, e não como algo que deva ser extinto ou expurgado.

Em Freud, podemos ler, na construção de suas orientações, o esforço constante (e isso diz de seu desejo) de marcar a autoridade da experiência do analista com seu inconsciente. Portanto, se há algum saber no qual se funda a psicanálise, este diz respeito à experiência do inconsciente.

Em relação a Freud, podemos dizer que o trato com seus pacientes e com as questões clínicas próprias trouxeram outro ponto de construção concernente à política da psicanálise: ela se funda, rigorosamente, em princípios, mas não se atém a padrões. Assim, podemos ler quando ele afirma que, diante da "diversidade das constelações psíquicas envolvidas", temos que levar em consideração "a plasticidade dos processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes que não suportam em sua inventividade qualquer mecanização da técnica" (Freud, 1913, p. 135).

Em "Variantes do Tratamento Padrão" (Lacan, 1955), Jacques Lacan, ironicamente, brinca com os significantes variantes e padrão, a fim de situar o compromisso da psicanálise com o sujeito, com o desejo. Trata-se de desmistificar uma prática que proponha a solução em outro lugar que não a do próprio sujeito, constatação que acompanha a tão conhecida frase "pela nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis" (Lacan, 1955, p. 873). Orientar-se pelo sujeito assinala uma política que engloba alguns aspectos:

- a singularidade;
- o questionamento da pressa em concluir, pautada no bem-fazer e no desejo de curar ou de salvar;
- a não existência de padrões e a eminência de uma ética do desejo;
- a diferenciação entre a experiência analítica *versus* a pretensão intelectualista psicanalítica, a partir da qual a psicanálise incorreria no risco de degradar-se “numa imensa barafunda psicológica”. (Lacan, 1955, p. 339).

Se a psicanálise se depara com fatores como a “brevidade do tratamento”, demandas institucionais corretivas, práticas normalizadoras, discursos normatizadores, sentimo-nos convocados a nos perguntar acerca da posição da psicanálise face aos discursos tomando como referência inicial o “discurso do mestre” (do inconsciente), pois, conforme afirma Lacan, é a partir do discurso do mestre que se demonstra a torção própria do discurso da psicanálise (Lacan, 1970).

No discurso do mestre ou do inconsciente, encontra-se no lugar do agente, de um agenciamento, especificado por Lacan, o significante mestre, S1. Este significante apresenta-se marcado por uma ambiguidade ao representar o sujeito e marcar sua divisão. Essa perspectiva de incidência e novos encadeamentos, essa torção que acompanha o giro do discurso do mestre para o discurso do analista pode ser assinalada como demarcação do plano da política da psicanálise. Lacan, inclusive, afirma ser “em torno disso que se dá o jogo da descoberta psicanalítica” (Lacan, 1969-1970, p. 83). Nesse sentido, ele introduz também, em sua orientação, a “recusa” do predicado, da lógica do ser, instaurando a seguinte demarcação: nenhum predicado basta (Lacan, 1972-73, p. 17). Espaço aberto, desde Freud, para a verdade do inconsciente.

Por sua vez, no discurso analítico, um agenciamento realizado a partir do objeto *a*, sustentado pelo saber (S2), interpela o sujeito em sua divisão, produzindo o significante mestre (S1). Significante com o qual a relação do sujeito com a verdade pode ser balizada, na medida em que um saber sobre a verdade do sujeito pode se dar, em seu meio-dizer, localizando a verdade como não-toda.

Nas instituições jurídicas e nas mais diversas abordagens acerca do adolescente, do infrator, entre outros, proliferam saberes que formam discursos instituídos sobre o sujeito⁵, ao modo mesmo de um tribunal, e,

contrariamente, o discurso analítico se especifica e se distingue “por formular a pergunta de para que serve essa forma de saber, que rejeita e exclui a dinâmica da verdade” (Lacan, 1969-70, p. 85), da verdade do sujeito. Poderíamos, então, afirmar que a prática analítica, articulada ao campo social, político e jurídico (tomados aí como discurso), deve sustentar a seguinte orientação-questão: o sujeito nunca é tutelado?

Trabalhar no campo social e político exige uma preocupação com a garantia dos direitos e deveres do cidadão, desde que estejamos avisados que o sujeito de direito, quando é tutelado, inclusive, perde seus direitos. Daí, talvez, algo como um “sujeito-cidadão” (Garcia, 2000, p. 23) possa se constituir, não sem o quantum de subversão que uma política do desejo e do sujeito nas instituições requer.

Consentir com o que não se regula, com o que é intratável, oferta à psicanálise um campo de trabalho muito particular. No texto “O mal-estar na civilização” (Freud, 1927), Freud discorre acerca da regulação da vida pelas instâncias da família e do Estado, apontando, exatamente, o que escapa a qualquer regulação. No entanto, ele aponta também para a possibilidade de satisfação pulsional em suas vicissitudes e nos enlaçamentos. Esta pode ser tomada como fundamental na (des)construção do processo civilizatório.

Em “Por que a guerra?” (Freud, 1932) e em “Franco intercâmbio de ideias” com Albert Einstein, Freud vê-se embaraçado diante da pergunta formulada pelo físico a respeito da instauração da paz mundial. O psicanalista contrapõe a essa pergunta à discussão acerca do direito, conjugando-o à violência e ao poder e assinalando – face ao que é instituído por essa instância reguladora –, mais além da punição, as possibilidades e modalidades de satisfação pulsional através da arte, da ciência, da educação.

A referência ao conceito de pulsão de morte é fundamental nesse texto por contrabalancear a incidência do discurso jurídico sobre o campo pulsional, na medida em que o direito tem como objetivo regular os excessos do mundo humano. Ao incluir a satisfação como orientação face ao que não se regula, o que não tem governo, o que não se educa, Freud introduz uma importante demarcação da singularidade que pode ter incidência no campo das políticas destinadas à juventude.

Ou seja, Freud insere a legitimação dos modos de satisfação pulsional (singular a cada um) ampliando as investigações acerca das modalidades de enlaçamento do sujeito ao social, ao Outro. Essa vertente do pensamento freudiano pode ser verificada em Jacques Lacan, no *Seminário 20*, a partir da referência ao conceito de usufruto:

“Esclarecerei com uma palavra a relação do direito com o gozo. O usufruto – é uma noção de direito, não é? – reúne numa palavra o que já evoquei em meu seminário sobre a ética, isto é, a diferença que há entre o útil e o gozo. O útil serve para quê? É o que não foi jamais bem definido, por razão do respeito prodigioso que, pelo fato da linguagem, o ser falante tem pelo que é um meio. O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não devemos enxovalhá-los [...] É nisso mesmo que está a essência do direito – repartir, distribuir, retribuir, o que diz respeito ao gozo” (Lacan, 1972-73, p. 11).

No trabalho com adolescentes, o uso que cada um pode fazer da instituição e da cidade (em sua reinvenção cotidiana) acompanha a legitimação de um certo modo de satisfação, ou seja, de um assentimento, no que ele inclui o “direito-ao-gozo” (Lacan, 1972-73, p. 11). Entretanto, essa perspectiva de trabalho acompanha a aposta de cingir, a cada vez e a partir de cada caso, os limites de uma psicanálise. Para os analistas persiste a seguinte orientação: que se possa verificar os princípios da psicanálise face às modalidades discursivas e produtoras de práticas segregatórias que se apresentam pautadas numa certa primazia da singularidade.

Notas

1. A esse respeito ver Coelho dos Santos (2002). No campo dos enlaçamentos possíveis e da irreduzibilidade fundante do real, assinalamos, conforme a citada autora, a seguinte perspectiva: “O último ensino de Lacan é o resultado ao qual ele chega e o comunica através das figuras dos nós, do enlace, do desenlaçamento irreduzível que seria de estrutura. Mas esse enlaçamento é um desenlaçamento” (Coelho dos Santos, 2002, p. 14).
2. Faço alusão aqui ao texto freudiano “Mais-além do princípio do prazer” (Freud, 1920), considerado como um texto fulcral na teoria psicanalítica,

na medida em que introduz o conceito revolucionário de pulsão de morte, dando lugar ao excesso pulsional, àquilo que não tem "cabimento".

3. Acerca dessa temática remeto o leitor ao livro *Clínica do Social*, de Célio Garcia, reeditado em 2011.
4. A esse respeito, conferir Portugal (2006).
5. A esse respeito conferir, em "A ciência e a verdade", o seguinte trecho: "Seja como for, afirmo que toda tentativa, ou mesmo tentação – nas quais a teoria em curso não deixa de ser recorrente – de encarnar ainda mais o sujeito é errância: sempre fecunda em erros e, como tal, incorreta" (Lacan, 1965-66, p. 873). No original, observamos melhor que a errância aí diz respeito a toda tentativa de encarnar o sujeito: "Quoi qu'il en soit, je pose que toute tentative, voire tentation où la théorie courante ne cesse d'être relapse, d'incarner plus avant le sujet, est errance, - toujours féconde en erreur, et comme telle fautive. " (Lacan, 1965-66/1966, p. 859)

Bibliografia

COELHO DOS SANTOS, Tania. **Paradigmas do último ensino de Lacan**. Instituto de psicologia. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2002. Disponível para download em: http://www.isepol.com/down_pos/livro_paradigmas_lacan.pdf.

FREUD, S. (1901) Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. VI, p. 11-237.

FREUD, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XII, p. 121-135.

FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XII, p. 159-173.

FREUD, S. (1916). Alguns tipos de caráter encontrados no tratamento analítico, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV, p. 321-351.

FREUD, S. (1919). O estranho, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVII, p. 227-270.

FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII, p. 11-77.

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII, p. 77-55.

FREUD, S. (1923) O ego e o id, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX, p. 13-77.

FREUD, S. (1924). O problema econômico do masoquismo, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX, p. 173-189.

FREUD, S. (1925). Prefácio à Juventude Desorientada de Aichhorn, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX, p. 305-308.

FREUD, S. (1926). A questão da análise leiga, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XX, p. 175-247.

FREUD, S. (1929). O mal-estar na civilização, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXI, p. 65-148.

FREUD, S. (1933) Por que a guerra? , in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXII, p. 189-207.

GARCIA, C. (2000). **Clínica do social**. Belo Horizonte: Editora Projeto, 2000. p. 7-77.

LACAN, J. (1962-63). **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. (1969-70). O mestre castrado. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. P. 81 a 94.

LACAN, J. (1970-71). **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LACAN, J. (1972-73) **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. (1950). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 127-151.

LACAN, J. (1950). **Premissas a todo desenvolvimento possível** da **criminologia, in Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 127-131.

LACAN, J. (1953a). Variantes do tratamento padrão, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 325-364.

LACAN, J. (1953b). Discurso de Roma, in **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 139-172.

LACAN, J. (1955). Variantes do tratamento padrão, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 325-364.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 591-652.

LACAN, J. (1965-66). A ciência e a verdade, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 869-892.

LACAN, J. (1965-66). La science et la verité, in **Écrits**. Paris: Seuil, 1966, p. 859-878.

LACAN, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola, in **Outro escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248-264.

MILLER, J.-A. (2009a). O inconsciente e o sinthoma, in **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eolia, n. 55, nov. 2009, p. 35-44.

MILLER, J.-A. (2009b). São os casos que nos fazem ir a torto e a direito, in **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eolia, n. 55, nov. 2009, p. 23-33.

MILLER, J.-A. (2002). **Percorso de Lacan. Uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PORTUGAL, A.M. (2006). **O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RUDGE, A.M. (1998). **Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Resumos:

Psychoanalysis, Adolescence and singularity: some ethical considerations

Psychoanalysis is related to the civilizing process and procedures for intertwining the subject to social and legal universe. However, this commitment to the subject in its mode of lacings, with the other, also remits to some considerations about the incurable and impossible. In this text we want, from experience with adolescents in compliance with judicial measures, to trace a debate of

psychoanalysis and its ethical principles aiming to screen in Freud and Lacan, some fundamental references in relation to a practice that would be guided by uniqueness.

Keywords: psychoanalysis, adolescence, singularity, lacings.

La psychanalyse, l'adolescence et de la singularité: quelques considérations éthiques.

La psychanalyse n'ignore pas le processus civilisateur ni les modalités d'enlacement du sujet à l'universel social et juridique. Toutefois, cet engagement avec le sujet dans ses modalités d'enlacement à l'Autre nous conduit aussi à des considérations à propos de l'incurable et l'impossible. Dans ce texte nous voulons, à partir d'une expérience avec des adolescents soumis à un contrôle judiciaire, soulever une discussion portant sur la psychanalyse et ses principes éthiques dans le but de cerner, chez Freud et Lacan, quelques références fondamentales face à ce qui pourrait être une pratique orientée par la singularité.

Mots-clés: psychanalyse, adolescence, singularité, enlacement.

Citacão/Citation: BEMFICA, A.G. Psicanálise, adolescência e singularidade: algumas ponderações éticas. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.nucleosephora.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 22/02/2011 / 02/22/2011.

Aceito/Accepted: 24/05/2011 / 05/24/2011.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

Psicanálise e ordem jurídica em uma Vara de Infância e Juventude¹

Rachel Gomes Amin Feres de Freitas

Psicanalista

Maîtrise em Psicopatologia em Paris V (Sorbonne, Paris, França)
Coordenadora do Projeto de Psicanálise Aplicada da Associação Núcleo Sephora de Pesquisa na Vara da Infância, da Juventude e do Idoso / Teresópolis (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Associação Mundial de Psicanálise

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

e-mail: rachelamin@uol.com.br

Resumo

Este texto resulta do projeto de pesquisa coordenado pela autora na Vara da Infância e Juventude de Teresópolis, no Rio de Janeiro. Este projeto dedica-se ao atendimento de crianças e jovens que sofreram perda precoce dos pais, por morte ou abandono. Como resultado desta pesquisa, temos verificado que este é o principal fator etiológico em jogo nos estados depressivos que determinam comportamentos de risco como atos infracionais e exposição a maus tratos. Neste artigo a autora examina as consequências psíquicas da perda precoce de pai ou de mãe à luz da clínica da sexualização e do imperativo superegóico que articula a posição sexualizada de um sujeito. Ali onde o Nome-do-Pai não é mais o ordenador *princeps* do funcionamento psíquico, funciona aquilo que Lacan chama do “nomear para” materno.

Palavras-chave: psicanálise, luto, ato infracional, sexualização, Nome-do-Pai, supereu.

Introdução

“Todos os homens merecem ser felizes” – é o que ditam as utopias contemporâneas: a felicidade a qualquer preço. A sociedade contemporânea prega uma liberdade e uma felicidade “para todos” no ritmo da universalização dos direitos do homem. De acordo com Coelho dos Santos (2008), a disseminação da ideia de liberdade e igualdade entre os homens tende a apagar, de forma acentuada, as diferenças sexuais e geracionais, essenciais para os sujeitos.

Traremos aqui o recorte clínico de um caso atendido na Vara da Infância e Juventude - Teresópolis (RJ). Nossos objetivos são mostrar de que modo a perda precoce das duas mães e a ausência do pai, em sua função de proteger a criança da invasão de gozo, determinaram, para um menino, seu destino e como questões que tiveram seu início neste trabalho e foram solidamente observadas em outras pesquisas (Coelho dos Santos e Zeitoune, 2012) trouxeram consequências sobre sua sexuação. Nosso campo de reflexão está delimitado pela relação do sujeito com seu Outro. Mesmo quando um analista é chamado a intervir em serviços públicos, ou na sociedade, ele se dirige ao Outro.

Um analista que atua em uma Vara da Infância e da Adolescência recebe os sujeitos a partir de uma sentença jurídica. Portanto, ele estará sempre diante da alternativa entre acolher uma sentença judicial dada a um jovem pela justiça e a tarefa de buscar uma hiância no Outro para que um sujeito possa recuperar sua enunciação singular, haja vista que na definição de um ideal de felicidade “para todos”, que é exigência da coletividade, não cabe a desmesura pulsional que a psicanálise revela como falta de medida das paixões de um sujeito (Brodsky, 2009).

A psicanálise não está desvinculada da civilização, pois, não existe teoria do sujeito que não se relacione a uma teoria sobre a cultura (Miller, 2006). Jacques-Allain Miller nos ensina que sintomas, discursos e laços sociais são equivalentes. Por isso, precisamos pensar nas mudanças da civilização para afinar seus instrumentos de trabalho.

A pesquisa

Nossa pesquisa na Vara da Infância, que teve seu início no ano de 2003, se dedicou a receber crianças vítimas de perdas precoces de pai e/ou mãe, por morte e/ou abandono². Nestes anos de trabalho junto àquelas crianças e adolescentes, verificamos uma estreita relação entre a dissolução dos laços familiares na tenra idade e o comportamento infracional. Estas perdas e suas consequências não são sem relação com o sexo do genitor perdido, com o da criança, assim como com a idade desta. Todos estes fatores trarão consequências sobre a sexuação das crianças.

Observamos ainda que, em sua grande maioria, as famílias atendidas pela Vara são desagregadas e deixam estas crianças mais expostas a uma invasão de gozo deslocalizado. Uma angústia intensa aparece frente à perda precoce em sua vertente real favorecendo a produção de uma ruptura de laços e/ou a eclosão de uma violência, não só dirigidas ao sujeito, mas também direcionadas à ordem social.

A perda precoce de um ou de ambos os pais faz com que as crianças muitas vezes fiquem entregues à própria sorte e a Vara da Infância e da Adolescência é frequentemente chamada a suprir a falta destes recursos. Nossa inserção como psicanalistas nessa tarefa nos desafia frente a inúmeras dificuldades. Nós nos deparamos com precariedades concretas tanto as materiais como as subjetivas causadas pelos danos sofridos. Nós, analistas, somos desafiados em nosso trabalho a não ceder à tentação de tratar estas precariedades com o assistencialismo.

Particularidades da Vara da Infância e Adolescência

A Vara da Infância e Juventude se particulariza por ter um caráter socioeducativo. Sua população alvo são crianças de 8 a 18 anos com distúrbios de comportamento e/ou infratoras que se encontram em estado de risco moral e social, sentenciados pelo ECA com medidas preventivas ou socioeducativas de liberdade assistida ou semiliberdade.

A população atendida caracteriza-se, em sua maioria, por serem famílias com muitas dificuldades seja em sua condição financeira, na forma como seus membros se organizam, seja quanto ao nível de escolaridade. Esta precariedade de funcionamento recai sobre o cuidado com as crianças e

se estende à capacidade de reflexão e ao uso das palavras, o que tem efeitos diretos sobre a condição de elaboração de seus conflitos.

Uma leitura da sociedade brasileira

Segundo Almeida (2007), a população brasileira se divide em dois estratos: um escolarizado e outro pouco ou não escolarizado. Isto faz aparecer modos de inserção e funcionamentos diversos para estas duas camadas de nossa sociedade. Na Vara da Infância e Juventude atendemos, principalmente, a um estrato de população que possui uma baixa escolaridade. São famílias em que é contundente a fluidez dos laços afetivos e/ou sexuais, em que as crianças ficam entregues ao sabor da emergência ou do rompimento destes laços. Assim, recebemos famílias desagregadas, crianças muitas vezes abandonadas à própria sorte, inseridas em uma sociedade que, segundo Bauman (1998), é regida pelas leis de consumo, em que não existem modelos, a não ser o de usufruir mais e mais dos objetos.

Trata-se de uma sociedade que, segundo Lipovetsky (2005), é regida pela lei igualitária que contamina os papéis familiares, ficando apagadas as diferenças geracionais e sexuais, apagamento que provoca um desordenamento importante na vida daqueles sujeitos.

Uma das características da sociedade contemporânea é o declínio dos lugares de autoridade cujos efeitos recaem sobre a função paterna, enfraquecendo sua efetividade, o que deixa os sujeitos mais entregues às exigências da sociedade de consumo, para as quais não existem normas muito firmes, exceto o imperativo de se poder aproveitar ao máximo as cartas de que se dispõe.

Lacan (1972), ao se referir aos discursos como diferentes modalidades de laço social, nos fala que o que caracteriza o discurso capitalista é a *Verwerfung*, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico da castração. Ele acrescenta que todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chama de coisas do amor (Lacan, 1972), deixando o sujeito mais entregue ao seu movimento pulsional sem a regulação promovida pelo pai, pelo universal da castração.

Na contemporaneidade, muitas vezes, a lei que incide sobre o gozo do sujeito já não provê mais do Nome-do-Pai. Seguidamente faz-se, então, necessário substituí-lo por um ordenamento jurídico (Brodsky, 2009). No

caso que apresentaremos, esta máxima se particulariza para um sujeito e sua família e, com isso, a prometida felicidade tornou-se uma questão judiciária. Se a lei deve ser para todos, o modo de subjetivá-la é particular a cada sujeito. Ela está situada na relação de cada sujeito com o seu Outro.

A constituição da realidade psíquica

A constituição do aparelho psíquico para Freud (1895) tem seu início na primeira experiência de satisfação. Freud fala que as excitações endógenas, das quais um bebê não tem condições de se livrar sozinho, promovem uma sobrecarga no aparelho psíquico que buscará uma descarga. Esta urgência na busca de uma descarga por parte da criança estará entrelaçada e depende da resposta de um semelhante para que esta possa sobreviver.

A realidade psíquica se forma a partir das respostas dadas para o alívio da tensão, dos cuidados que vão promovendo os caminhos e suas facilitações. Estas facilitações cavam trilhamentos através dos quais um bebê vai conhecendo modos de se desvencilhar de seus incômodos que irão tecer sua maneira de interpretar e, conseqüentemente, responder ao mundo. A partir da leitura lacaniana do texto freudiano, podemos afirmar que um sujeito é banhado pelos significantes que vêm do campo do Outro e com eles vai criando ferramentas através das quais fará uma representação parcial de seu desamparo original. Estes primeiros cuidados dispensados ao bebê também o imergem num mar de palavras e sons para os quais ele não possui meios de interpretar. Os significantes vão assim preenchendo as lacunas deixadas pelo encontro com o impossível de representar.

A soma das representações e do irrepresentável irá compor a realidade psíquica, a fantasia. As representações terão a função de interpretar as experiências traumáticas da primeira infância, ou seja, do encontro de um sujeito com a castração. Tudo o que se articula de significante cairá sob o golpe da função da castração, ficará algo irrepresentável que será da ordem de um vazio estrutural. Este resto ininterpretável será para Freud o motor da pulsão de morte e, para Lacan, terá equivalência à definição de real.

Este encontro com a diferença sexual provocará um recolhimento de significantes na tentativa de recobrir o real da estrutura. Estes significantes orientarão um sujeito em direção ao Outro e engendrarão seu próprio gozo. O real manda toda a significação e o paradigma do um laço social a ser instaurado (Lacan, 1972).

A entrada no campo da linguagem deixará marcas, como a incorporação da palavra do Outro num tempo de uma impossibilidade de decifração e que acabará por construir uma lei insensata, o supereu.

Supereu como imperativo de gozo:

Em "Projeto para uma psicologia científica", Freud (1895) escreve que o desamparo original de um sujeito é a fonte primordial de seus motivos morais. Assim, a prematuridade orgânica de uma criança a leva a depender e ter que buscar palavras e meios para interpretar sua inserção no campo do Outro. No entanto, como neste primeiro momento não consegue decifrar o que lhe vem do Outro, ela incorporará palavras as quais lhe faltam o sentido. Aqui se dará a construção do supereu feito de uma lei insensata e longe das significações.

Para Freud, o supereu nasce da tentativa de representar o desamparo original. Lacan dirá que o supereu atesta a divisão do sujeito causada pela sua inscrição na linguagem, que terá como consequência o atravessamento do corpo vivo pelo significante e sua consequente desnaturalização.

Lacan (1953) dirá que esta lei dada pelo significante puro - S1 - regerá o imperativo superegoico. Desta forma, o supereu se constituirá como um imperativo. Figura feroz imaginária que aparece sob a forma de um S1, um capricho sem lei do desejo materno, uma voz insensata não regulada pelo gozo fálico, que ordena ao sujeito: *goza!*

Lacan diz que o supereu é um imperativo coerente com a noção da lei. Lei em suas duas vertentes, tanto de interdição quanto de exortação ao gozo. Assim, ele traz consigo uma lei da interdição do incesto, mas que também porta a sua própria destruição ou desconhecimento (Lacan, 1953-54). Trata-se de uma lei que não se pode nem mesmo exprimir, que se reduz ao "Tu *deves*" e se liga ao que há de mais devastador nas experiências primitivas do sujeito, ligadas aos traumatismos primitivos, sejam eles quais forem (Lacan, 1953-54, p.123).

Esta lei superegoica não estará regida pelo princípio do prazer. É assim que Freud partirá dos conceitos de pulsão de morte e do masoquismo para deixar claro que um sujeito não quer, obrigatoriamente, seu bem, porque está tomado por suas exigências pulsionais. Lacan mostra como a pulsão agita um sujeito e o força a encontrar um modo de funcionamento para seu corpo desnaturalizado de suas necessidades e tomado pela linguagem. Lacan nos fala que o supereu possui uma gulodice que irá testemunhar a ferocidade do sujeito consigo mesmo manifestada seja pela inibição, seja pela compulsão.

Serão as exigências pulsionais, promovidas entre o corpo e o psíquico, que farão o sujeito tentar se desvencilhar de seus desconfortos através de renúncias - ledo engano neurótico este, pois que quanto mais renuncia, mais é exortado a renunciar.

O supereu é regido por uma lei de ferro atrelada a um outro ao qual o sujeito é mais apegado que a si mesmo e que está situado na posição de mediação entre o sujeito e si mesmo, assim como entre o sujeito e seu semelhante (Lacan, 1953-54). Ou seja, a tese de Lacan é a de que para além de ser um dos nomes do inconsciente freudiano, o supereu atesta a divisão do sujeito entre desejo e gozo.

A sexuação

Lacan escreve a respeito do supereu como uma função: “[...] deve ser tomado como uma manifestação individual, ligada às condições sociais do edipianismo [...]” (Lacan, 1950, p. 136). Como pensar então a função do supereu na estrutura psíquica de um sujeito inserida na sua relação com o par parental?

O complexo edipiano, ou seja, o mito das relações do sujeito com seus semelhantes, se enlaça ao complexo de castração e é para Freud o responsável pelo laço entre a esfera social e a vida psíquica. As relações e a inserção do sujeito no laço social se pautam pela maior ou menor eficácia de suas identificações. A identificação primária trata do laço de incorporação com o pai. Ela é resultado do amor ao pai e anterior a qualquer escolha de objeto. A identificação sexual será fruto do entrelaçamento entre o complexo de Édipo e o complexo de castração. A diferença sexual será, portanto, o ponto de real no corpo sobre o qual um sujeito terá que encaminhar sua resposta sintomática a seu destino.

O encontro com a diferença sexual no corpo aparece muito cedo na vida de uma criança. Deparar-se com esta diferença engendra uma série de perguntas sobre a sua origem que inclui questões sobre a sexualidade de seus pais, sobre sua concepção e sua chegada ao mundo. Desta maneira ele se localizará na história deste casal. O lugar que uma criança ocupa para seus pais será o índice do desejo que a engendrou. Seu valor fálico estará assim entrelaçado à sua identificação sexual mais adiante. Será com estas respostas encontradas e tecidas pelo sujeito que este poderá fazer uma ideia a respeito de sua posição de objeto e de sua posição de gozo que o levarão a nomear este real enigmático, ponto impossível de sua origem (Lacan, 1973).

Quanto ao pai, Lacan (1956-57) escreve que uma de suas funções é a de interditar, seja privando a mãe do gozo do filho, seja separando o filho de sua mãe. Por outro lado, sua função é a de amor. É a transmissão do falo feito pelo pai que permite ao menino se separar do lugar fálico ocupado por ele na relação com sua mãe. É função do pai dar potência à metáfora paterna e auxiliar um filho a se desidentificar do falo para que possa subjetivar a castração. Será o pai portador do significante da exceção que poderá substituir o enigma do desejo do Outro, nomeando o gozo.

Ao falar sobre a clínica da sexuação em seu último ensino, Lacan (1974-75) apontará o pai como desejante e uma criança como fruto de uma causa. Uma criança nascerá do desejo de um homem por uma mulher, do desejo desta mulher tanto pelo falo de seu parceiro quanto pelo seu desejo de filho (falo). Uma criança será produto do mal entendido entre os sexos e um representante representativo de um fora do sentido que o sexual traz em seu bojo.

O Nome do pai ou o “nomear para” materno

O Nome-do-Pai em Lacan aparece conceituado a partir da interdição do incesto, pivô da lei primordial que barra o gozo do pai da horda e institui a ordem entre as gerações. Lacan fala de uma relação entre o amor e a castração, lugar este, muitas vezes, sustentado pela figura do pai. O Nome-do-Pai será destacado por Lacan como o significante que ordena a cadeia, opera a possibilidade do laço social entre os seres humanos, seus engajamentos e diferenças e insere o sujeito na cultura, no campo do

Outro da linguagem. Portanto, o Nome-do-Pai ordena o campo do Outro fornecendo-lhe um sentido.

Lacan (1974-75), ao partir da potência do pai vivo e encarnado, do pai desejante, dirá que é preciso que uma mãe empreste conseqüências à palavra do pai para que ele possa vir a funcionar para um sujeito. Esta mulher, ao consentir o valor fálico que este homem possui para ela, potencializa este homem como pai de seu filho. A função do pai não só separará este filho de sua mãe, como o conduzirá ao laço social.

Lacan (1969) nos mostra como uma criança vem responder ao que há de sintomático na estrutura da família, à verdade do casal parental. A verdade do casal aparece ali onde o sujeito coloca em causa a metáfora paterna, ou seja, a substituição do desejo enigmático da mãe por um significante que é o Nome-do-Pai. Não haverá substituição metafórica possível se a mediação da função do pai não operar junto ao desejo da mãe.

Lacan deixa ao encargo do Nome-do-Pai a lei simbólica, fazendo deste a condição de emergência do gozo fálico e do desejo. A metáfora paterna coloca em questão o valor fálico de uma criança para o Outro - momento em que se articula, para um sujeito, a confrontação enigmática e angustiante com o desejo do Outro, que a mãe encarna. No entanto, a significação fálica não é suficiente para legalizar todo o gozo no corpo de uma criança. Temos aqui um limite da resposta fálica em tomar para si todo real emergente da confrontação com o desejo do Outro. É preciso que outros mecanismos de regulação possam aparecer para darem conta deste gozo que escapa à regulação fálica que possibilitem uma resposta determinante para o funcionamento psíquico.

Lacan (1974-75) estabelece o pai no final de seu ensino pela via do amor e do laço social. O pai precisa saber que será digno do respeito e do amor quando se responsabilizar pela tarefa de afrontar a questão do gozo de uma mulher e de seu próprio gozo. A relação entre o amor e a castração é então uma conseqüência do amor que sustenta o Nome-do-Pai. Para dar peso a esta função, Lacan nos diz que será preciso que uma mulher, aquela que encarna o Outro, a voz para um sujeito, transmita, traduza e confira potência a esta função para o sujeito. Desta maneira ela possibilitará que o Nome-do-Pai ganhe uma função através dos desfiladeiros do significante.

Quando o Nome-do-Pai falta para metaforizar o desejo da mãe é preciso que algum outro nome venha enodar a estrutura. Todavia, nem toda nomenclatura abre a dimensão do amor. A perda do que suportaria a dimensão do amor, o Nome-do-Pai, se substitui por uma função que é a do "nomear para". Ser "nomeado para algo" traduz uma ordem que substitui o Nome-do-Pai. Nesta perda do que sustentaria o Nome-do-Pai, a mãe bastará então por si só, escreve Lacan, para designar seu projeto para seu filho. Não seria este "nomear para" um signo de uma degeneração catastrófica para um sujeito? (Lacan, 1973-74).

A perda precoce

As crianças afetadas pela perda precoce dos laços parentais enfrentam a dificuldade de efetuar um trabalho de luto. Esta falta de elaboração deste trauma faz com que o real em jogo promova diversas respostas nocivas a elas mesmas pela via da destrutividade de suas exigências pulsionais.

Em suas observações de crianças pequenas que haviam sido separadas de seus pais, Hélène Deutsch (1936) constatou que na primeira infância as crianças teriam uma enorme dificuldade de traduzir em palavras a dor da perda de uma pessoa amada.

Para Lacan (1938), a estrutura narcísica que forma o eu não se encontra constituída antes da idade de três anos. Esta constituição é essencial para formatar a reação frente ao traumatismo, que não está, na primeira infância, suficientemente aparelhado para esta tarefa. A dificuldade de suportar a pressão do luto faz com que apareçam sintomas específicos, segundo Deutsch, como a apatia (psicose) e as anomalias de caráter. Frente a este excesso que ultrapassa o suportável para o aparelho psíquico, algum tipo de mecanismo de autopreservação narcísica é usado pela criança como defesa contra a dor.

Freud (1893) define o trauma como um excesso de tensão junto ao aparelho psíquico. O trauma da perda precoce seria então uma vivência que provoca uma intensidade de estímulo no aparelho psíquico e se transforma em transtornos para a economia energética do aparelho psíquico, independente da lógica de funcionamento do princípio do prazer. Este acontecimento da perda precoce faz com que os sujeitos se fixem nas defesas narcísicas o que vem perturbar, de maneira grave, os mecanismos de identificação sexuada de um sujeito, sua escolha de um

tipo sexual e de um parceiro. O encontro com a sexualidade na adolescência será margeado por estes acontecimentos. Não há como abordar a perda e a sexualidade senão pelos laços encarnados para cada sujeito.

Vinheta Clínica

Pedro é encaminhado à Vara aos 8 anos de idade pela escola, por ter agredido gravemente as professoras. Ele acaba internado em uma instituição para menores, mas é retirado dali por ter vida sexual com os outros meninos desta casa. O pai adotivo, por sua vez, diz não ter mais autoridade sobre ele e o “entrega” aos cuidados da Justiça.

Pedro é filho de Maria e de pai desconhecido. Ele é adotado por João quando tinha dias de vida. Eles estavam todos em uma festa, quando Maria, que acabara de ter o bebê, deseja sair para outros festejos e diz em uma roda que daria uma mamadeira de bebida a Pedro para que ele dormisse. João diz à Maria que não lhe permitiria fazer isto com Pedro, ao que ela responde: “então fica com Pedro para você”.

Nesta nova família, Pedro tem João como pai, Lúcia como mãe e uma irmã. Lúcia tem muitos amantes. Pedro assiste a tudo isto muito incomodado. Essas traições redundam na separação do casal. Ao separar-se, Lúcia leva os filhos consigo, mas ao se envolver com um traficante é ameaçada de morte e os devolve ao pai quando Pedro tinha 8 anos. Este é o momento de desencadeamento dos desmandos de Pedro.

Aos 13 anos, Pedro começa a frequentar boates gay, a se drogar e se alcoolizar. Apesar de ter uma noção do que acontece com Pedro, o problema, para seu pai, é que ele não quer trabalhar.

“Vagabundo”, seja por não querer trabalhar ou por ser promíscuo em sua vida sexual, será o significante mestre que tem a força de uma lei superegoica para Pedro. Assim, ele e as duas mães serão “vagabundas”.

O pai, que, em um primeiro momento, comparece retirando Pedro da devastação da primeira mãe, no momento de sua separação de Lucia, fica devastado junto com Pedro, ou seja, eles “não valem nada” para a “vagabunda”. É assim que Pedro interpreta seu abandono e o do pai. O pai então devastado pela separação desta mulher deixa de comparecer

em sua função de fazer barreira ao imperativo superegoico que rege a vida de Pedro: “vagabunda”.

Conclusão

No discurso pós-moderno, o que comanda o sujeito é o objeto de consumo que vem no lugar do ideal do eu, levando-o ao comando do imperativo de obter o gozo máximo. Pedro tenta gozar da vida sem limites, o que o leva a caminhos destrutivos.

Se no primeiro abandono de Pedro, o pai comparece barrando a “vagabundagem” desta mulher e retirando Pedro do lugar de nenhum valor para esta mãe, no segundo abandono, o pai e Pedro ficam devastados pela “vagabundagem” de Lúcia. É neste momento que ele começa a agredir mulheres na escola. É quando entra no campo da sexualidade que ele toma para si o significante que entrelaça suas duas mães.

Segundo seu relato, Pedro se torna a própria “vagabunda” para os homens nos bailes que frequenta. É o significante que o sexua. Esta alienação significativa ao Outro materno que acolheu sua demanda, que subjetivou seu ser, aparelhou seu gozo frente ao real em seu corpo no encontro com a sexualidade na adolescência e também com o que ele encontrou de real na sua relação com este Outro.

Frente à devastação amorosa, o declínio da função do pai de interdição e de acolhimento, deixou um espaço aberto à descrença e o sujeito ficou então vulnerável aos seus imperativos de gozo. Esta descrença torna o sujeito pouco flexível para admitir uma função reguladora que venha lhe proteger da lei de ferro do supereu (Laurent, 2010).

Já que o pai é devastado pelo amor, a mãe, neste caso, basta por si só para designar para Pedro seu projeto “vagabunda”. Pedro se identifica ao objeto perdido que traz consigo o imperativo superegoico “vagabunda”, o que restitui uma ordem.

Alguns adolescentes, como é o caso de Pedro, se confrontam com uma tensão que surge pela falta de palavras que possam vir a traduzir o que lhes acomete no corpo e nos pensamentos (Lacadée, 2007). Frente à precariedade da função paterna, Pedro acabou por adotar alguns comportamentos de risco frente aos excessos pulsionais.

A gravidade da fragmentação familiar, das perdas e o declínio dos lugares de autoridade provocam em Pedro uma descrença nos semblantes do Nome-do-Pai, acabando por estar entregue aos imperativos de gozo do comando materno, que o leva a um empuxo à morte que coloca em risco sua própria vida em forma de infrações. Pedro denomina a primeira mãe como louca, sofre pela segunda, que o deixou por ter se colocado em risco de morte, e não consegue entender porque João não reage à separação de sua mãe Lúcia. Pedro relata que o que mais lhe afeta é o abandono de Lúcia. Ele não aceita, desde muito pequeno, sua “vagabundagem” amorosa que a leva a abandonar os filhos. Pedro narra que também para Lúcia ele e seu pai “não valiam nada”.

É preciso que Pedro possa encontrar, com o trabalho analítico, novas palavras que lhe permitam separar-se dos significantes “vagabunda” e “não valer nada” que constituíram sua identidade até então, para ter de fato condições de localizar-se na partilha sexual do mundo adulto, em uma nova posição subjetiva diante do Outro, fazendo um bom uso das cartas que dispõe.

Nota

1. Texto advindo do Projeto de Extensão na Vara da Infância e Juventude de Teresópolis (RJ) em acordo com a Associação Núcleo Sephora de Pesquisa\UFRJ. Apresentado no ENAPOL (V Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana), junho/2011, Rio de Janeiro.
2. Os principais resultados desta pesquisa foram publicados em Coelho dos Santos e Freitas, 2007.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, A.C. (2007) **A cabeça do brasileiro**, Rio de Janeiro: Ed. Record.
- BAUMAN, Z. (1998) **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BRODSKY, G (2009). Utopias Contemporâneas, in **Carta de São Paulo**, São Paulo: Edição especial do Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 2009, p. 7-31.
- COELHO DOS SANTOS, T. e ZUCCHI, M. (2006). O fantasma e o real: sobre a desigualdade entre os sexos, in Revista **Psicologia clinica**. Rio de Janeiro: PUC-

Rio. Seção Temática, vol. 18, n. 2, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652006000200009> Acessado em 02/10/2010.

COELHO DOS SANTOS, T.; FREITAS, R.G.A.F. (2007) Famílias dissolvidas: lutos, atos infracionais e exposição a maus tratos na infância e adolescência, in Revista **Cartas de psicanálise**. Ipatinga: Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise de Vale do Aço, n. 2, 2007, p. 72-79.

COELHO DOS SANTOS, T. (2008) 1968: a vacilação generalizada dos papéis sexuais, in SOUBBOUTNIK, O.M.; SOUBBOUTNIK, M.A. (org.), **Enlaces: psicanálise e conexões**. Vitória: PPGL/MEL PPGHIS Editores, 2008, p. 313-326.

COELHO DOS SANTOS, T.; ZEITOUNE, C. (2012) Amor, impasses da sexuação e atos infracionais na adolescência, in **Revista Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro: SPID, 2012, vol. 3, p. 85-108.

DEUTSCH, H. (1936) Omission du travail de deuil, in **Les "comme si" et autres textes (1933-1970)**, Paris: Ed. Seuil, 2007, p. 91-102.

FREUD, S. (1893) Esboços para a Comunicação preliminar, in **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 1, p. 207-216.

FREUD, S. (1895) Projeto para uma psicologia científica, in **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 1, p. 381-533.

FREUD, S. (1912-13) Totem e tabu, in **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 13, p. 13-191.

FREUD, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução, in **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 14, p.85-119.

FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer, in **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 18, p. 13-85.

FREUD, S. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego, in **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 18, p. 89-179.

GREISER, I. (2009). **Delito y trasgresión- Un abordaje psicoanalítico de la relación del sujeto con La ley**. Buenos Aires: Ed. Grama, 2009.

LOPES, R.G. (2009). A psicanálise é o que reintroduz o Nome-do-Pai na consideração científica. O que isto significa no 1º e 2º ensinamentos de Lacan, in **Psicologia em revista on line**: PUC-MG, n. 2, vol. 15, 2009, p. 17-35. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/884>
Acessado em 25/08/2011.

LA SAGNA, P. L'enfance du surmoi, in **XVIII Journée d'étude du CEREDA – La Goumandise du surmoi figures impératif dans la clinique avec les enfants**

-Serie de la decouverte Freudienne. Toulouse: Presse Universitaire du Mirail, vol. 18, p. 47-54.

LACADÉE, P. (1996) La goumandise du sumoi, in **XVIII Journée d'étude du CEREDA – La Goumandise du surmoi figures impératif dans la clinique avec les enfants – Serie de la decouverte Freudienne.** Toulouse: Presse Universitaire du Mirail, vol. 18 , p. 9-16.

LACADÉE, P. (2007) A passagem ao ato nos adolescentes, in **αSEPHallus**, Rio de Janeiro: Núcleo Sephora, n. 4, 2007. Disponível em: http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_04/traducao_02.htm. Acessado em 30/04/2009.

LACADÉE, P. (2010) **Le malentendu de l'enfant – que nous disent les enfants et les adolescentes d'aujourd'hui? Nouvelle Édition Revue et augmentée.** Paris: Ed Michéle, 2010.

LACAN, J. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo, in **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 29-90.

LACAN, J. (1950). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia, in **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 127-153.

LACAN, J. (1953-54). **O seminário I: Os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

LACAN, J. (1956-57). **O Seminário, livro 4: as relações de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

LACAN, J. (1969). Nota sobre a criança, In **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 369-370.

LACAN, J. (1972). **Estou falando com as paredes,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

LACAN, J. (1972-73). **O Seminário, livro 20: mais, ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.

LACAN, J. (1973). **Televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

LACAN, J. (1973-74). **El seminario, libro 21: los incautos yerran.** Inédito.

LACAN, J. (1974-75). **O seminário, livro 22: RSI.** Inédito.

LIPOVETSKY, G. (2005) **A era do vazio - ensaios sobre o individualismo contemporâneo.** Barueri: Ed. Manole.

LAURENT, E. (2009). Protéger l'enfant du delire familial, In **La petite giraffe – L'inéducable** – Institute du Champ freudien. Paris: Àgalma.

LAURENT, E. (2010). **El superyó.** Córdoba: 2010. Disponível em: <http://seminariointernacionalciec.blogspot.com>; <http://www.cieccordoba.com.ar> Acessado em 24/05/2011.

MILLER, J.-A.; MILNER, J.-C. (2006). **Você quer mesmo ser avaliado?** Barueri: Ed. Manole.

SORIA, N.D. (2011) **Nudos del amor- para una clinica de la pareja – sintoma.** Buenos Aires: Del Bucle.

Resumos:

The psychoanalysis and the legal order in a Court of Childhood and Youth

This text is the result of the research project coordinated by the author in the Court of Childhood and Youth from Teresópolis, in Rio de Janeiro. This project is dedicated to the care children and young people who have suffered early loss of the parents by death or abandonment. As a result of this research, we have found that this is the main etiological factor in play in depressive states that determine risk behaviors such as infracional acts and exposure to maltreatment. In this article, the author examines the psychological effects of premature loss of father or of mother in the light of the sexuation clinic and the superegoic imperative that articulates the sexuated position of a subject. Wherever the name of the father is not the main guidance of the psychic functioning, works what Lacan calls the maternal "name for".

Keywords: psychoanalysis, grief, infracional act, sexuation, Name-of-the-Father, superego.

La Psychanalyse et l'ordre juridique dans un Tribunal de l'Enfance et de la Jeunesse

Ce texte est le résultat du projet de recherche coordonné par l'auteur dans le **Tribunal** de l'Enfance et de la Jeunesse de Teresopolis, à Rio de Janeiro. Ce projet est dédié au traitement des enfants et des jeunes qui ont souffert la perte précoce de ses parents par la mort ou l'abandon. En tant que résultat de cette recherche, nous avons constaté que celui est le principal facteur étiologique en jeu dans les états dépressifs qui déterminent les comportements de risque comme des actes d'infraction et l'exposition à des maltraitances. Dans cet article, l'auteur examine les effets psychologiques de la perte précoce de père ou de

mère à la lumière de la clinique de la sexuation et de l'impératif superégoïque qui articule la position sexuée d'un sujet. Là où le Nom-du-Père n'est plus l'ordonateur princeps du fonctionnement psychique, fonctionne ce que Lacan appelle comme le "nomer pour" maternel.

Mots-clés: psychanalyse, deuil, acte d'infraction, sexuation, Nom-du-Père, surmoi.

Citação/Citation: FREITAS, R.G.A.F. Psicanálise e ordem jurídica em uma Vara de Infância e Juventude. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.isepol.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 19/05/2011 / 05/19/2011.

Aceito/Accepted: 14/08/2011 / 08/14/2011.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

Os atos do sujeito e a certeza: algumas considerações sobre a clínica psicanalítica na urgência.

Roberto Calazans

Doutor em Teoria Psicanalítica / UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei (MG, Brasil)
Bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível 2 do CNPq.
e-mail: roberto.calazans@gmail.com

Juliana Marçal

Psicóloga / UEMG (Campus da FUNEDI)
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei (MG, Brasil)
Professora do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Pitágoras / Divinópolis (MG, Brasil)
e-mail: julianajmarcal@gmail.com

Resumo

O artigo pretende correlacionar a questão da certeza com a clínica da urgência subjetiva. Valemo-nos dos esquemas sobre alienação e separação elaborados por Lacan em seu seminário sobre o Ato Analítico. Este percurso nos orienta quanto à importância do objeto *a* como organizador da clínica, uma vez que é diante da presença deste objeto que o sujeito responde através dos atos, resposta que revela a obtenção de uma falsa certeza por meio da alienação. Através do ato analítico o que se tem é a possibilidade da extração de uma certeza por meio do trabalho de transferência, a ser manejada de acordo com a temporalidade inerente a cada ato. A consideração de tais aspectos favorecerá a elaboração de estratégias de abordagem que levem em conta tanto a estrutura subjetiva quanto a apresentação do sujeito a partir dos atos, como poderá ser verificado na exposição de um fragmento de caso clínico.

Palavras-chave: psicanálise, certeza, clínica da urgência, ato psicanalítico.

Introdução

Como podemos pensar, a partir da teoria psicanalítica, a maneira pela qual um sujeito pode extrair uma certeza? E como podemos pensar a extração dessa certeza em casos como os de urgência subjetiva? Acreditamos que podemos delimitar essas questões tomando como parâmetro as elaborações de Jacques Lacan sobre a angústia, a passagem ao ato e o *acting-out* em torno dos esquemas desenvolvidos por ele em seus seminários sobre a *Lógica do fantasma* (1966-67) e o *Ato analítico* (1967-68) e a extensão de suas conclusões para a clínica da urgência subjetiva através da exposição de um fragmento de um caso clínico.

Os esquemas de Lacan

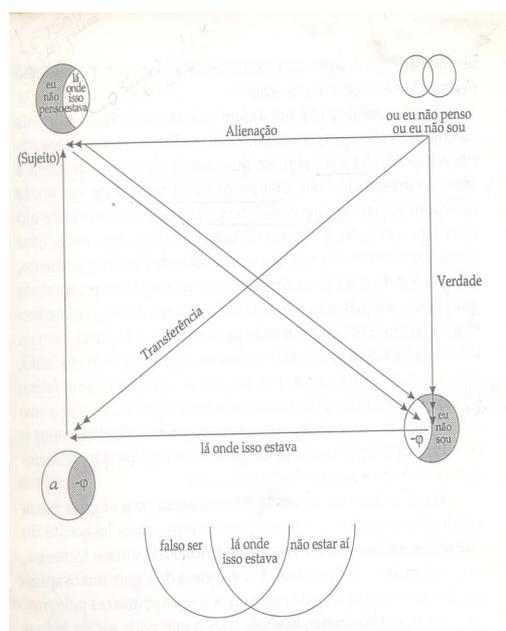
Para Lacan (1962-63), a angústia é um afeto que tem objeto. É a presença deste objeto sem mediação simbólica ou imaginária que faz com que emerja a angústia. O fantasma, por sua vez, seria o modo privilegiado de fazer esta mediação entre o sujeito e este objeto. No fantasma temos uma mediação pelo imaginário (\diamond) entre o sujeito ($\$$), efeito simbólico do significante, e o objeto (a) que aponta para aquilo que não é da ordem do assimilável do significante e chamado de objeto a por Lacan: $\$ \diamond a$. O fantasma é um modo de contornar, por esta razão, uma falta constitutiva. Como diz Marie-Hélène Briole: "uma falta constitutiva do sujeito que mostra os limites da imagem especular e abre para a dimensão do fantasma como *janela aberta sobre o mundo*" (Briole, 1993, p. 62).

O fantasma é precisamente um modo de articular os três registros – simbólico, imaginário e real – no tratamento do objeto da angústia. É justamente quando o fantasma é abalado que temos as respostas nos modos de tratamento do objeto que são descritas no esquema da angústia. Se considerarmos que o sintoma é a resposta do sujeito frente ao vacilo do fantasma, podemos estender este entendimento para as outras modalidades de resposta, como os *acting-outs* e passagens ao ato. Como diz Álvarez:

“No *acting-out* prevalece a sensação de estar ameaçado por objeto incontrolável, contra o qual o sujeito, literalmente, clama ajuda. Por sua vez na passagem ao ato, a divisão do sujeito está consumada e este intenta encontrar uma solução mediante uma identificação total com o objeto” (Álvarez, 2004, p. 275).

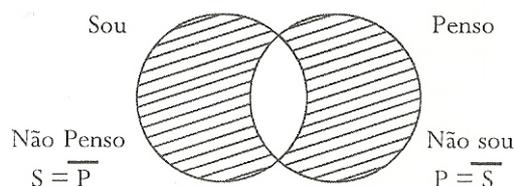
Levando isto em consideração, podemos trazer alguns desenvolvimentos em torno dos esquemas elaborados por Lacan no seminário sobre o *Ato analítico*. Este esquema nos interessa por demonstrar a distinção entre o *acting-out* e a passagem ao ato como respostas distintas que demandam uma temporalidade distinta. Isto não é sem importância para o tratamento dos atos do sujeito na clínica da urgência, uma vez que nos possibilitará traçar estratégias de abordagens levando-se em consideração a estrutura subjetiva e a apresentação do sujeito com relação ao ato.

O esquema proposto por Lacan é:



(Lacan, 1968, aula de 28/01/68)

A partir desse esquema e da leitura dos seminários 1,2,3, 4 - de 1985 - e *Donc*, de 1994, ambos de Jacques-Alain Miller, Graciela Brodsky propõe uma série de esquemas para pensar a relação entre o ser e o pensamento e a distinção entre alienação e separação. O primeiro esquema apresentado por Brodsky é:



(Brodsky, 2004, p. 64)

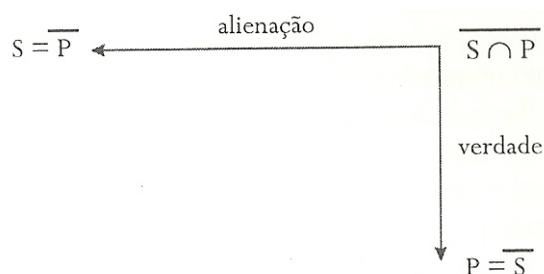
Este esquema se apoia nas lições de Lacan sobre o cogito cartesiano. Estas elaborações sobre o cogito estão na ordem sobre como o sujeito pode obter uma certeza, uma vez que, como efeito significativo, ele permanece na dúvida. Em psicanálise, o sujeito não obtém uma certeza ao estilo cartesiano no limite de sua dúvida metódica: duvidar de tudo, menos de que pensa; e como para pensar é preciso ser, o sujeito cartesiano pode concluir: penso, logo sou. O sujeito, em psicanálise, por sua vez, é um vazio entre dois significantes. Este modo de encarar o sujeito – como o que é representado por um significante para outro significante – pode levar a uma dúvida infinita e não a uma conclusão sobre o ser, como bem vemos nos casos de procrastinação obsessiva. A infinitização da dúvida só é estancada pela presença do objeto que detém o desenrolar metonímico do significante. Como diz Lacan, a angústia, devido a seu objeto, é o que está fora da dúvida. Deste modo, para Lacan, um conclusão só extraída pela via do objeto, e não pela via de uma conclusão lógica do pensamento do sujeito. É por esta via que, como diz Lacan, a certeza é extraída por um ato. "Agir é arrancar da angústia a própria certeza" (Lacan, 1962-63, p. 88).

Vemos então neste esquema de Lacan que a questão da certeza passa necessariamente pela via do objeto e dos atos, e que ele a trata com os mesmos conjuntos utilizados para tratar da questão da alienação no *Seminário 11* (Lacan, 1964): o ser e o sentido (ou pensamento). No entanto, nas elaborações dos *Seminários 14* (1966-67) e *15* (1967-68), a alienação não pode ser tomada como uma escolha forçada do sentido e sim como, diz Brodsky, como uma escolha preferencial pelo Ser. Por que esta mudança em relação ao *Seminário 11*? No *Seminário 11*, Lacan estava às voltas com a questão da constituição do sujeito como vazio. Aí, temos uma escolha forçada, uma vez que se o sujeito escolhe o Ser, ele perde os dois. É o que ilustra a escolha entre a bolsa e a vida. Se o sujeito escolhe a vida - o sentido - perde a bolsa e vai tentar recuperá-la a

fora no campo do sentido; se escolhe a bolsa, perde a vida - e, conseqüentemente, a bolsa.

Esta passagem é esclarecedora uma vez que permite ver a importância do objeto *a* para a organização da clínica. Afinal, a constituição do sujeito se dá a partir não somente da operação da alienação, mas correlacionada à outra: a separação. Nestas duas operações está em jogo a possibilidade de o sujeito estabelecer um laço com o Outro. Lacan chama esta relação com o Outro de discurso. Para Lacan, na separação temos a separação entre sujeito e objeto, sendo que o sujeito sai da posição de objeto de desejo do Outro e o objeto é situado como perdido no campo do Outro. Somente assim o sujeito pode marcar este vazio com significantes e endereçar-se ao Outro, fazendo o desejo passar pela demanda.

No entanto, no caso dos *Seminários 14 e 15*, não é a constituição do sujeito como vazio que está em jogo, mas a elaboração da certeza. Neste caso, vemos que a dimensão do objeto e dos atos passa para o primeiro plano, deixando a constituição do sujeito em um plano secundário. Deste modo, passemos à análise do desdobramento do esquema de Lacan por Brodsky¹:



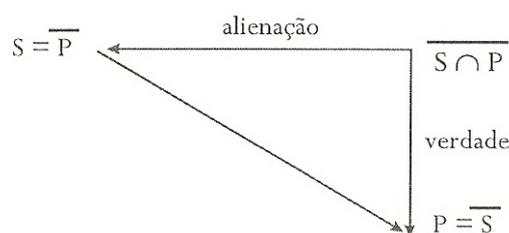
(Brodsky, 2004, p. 69)

Lacan diz que a posição inicial do sujeito é de não-ser e de não pensar. Posição mítica que já encontramos no grafo do desejo (Lacan, 1958), mas que podemos ler também de outro modo: a posição inicial do sujeito é a de objeto do desejo do Outro, submetido inteiramente a uma posição em que não temos nem uma resposta do sujeito, nem uma separação do objeto. Não-ser significa sem extração do objeto; não-pensar significa sem sujeito subordinado ao significante. Chamamos esta posição de mítica uma vez que alguém que não esteja no campo do significante só pode ser pensado miticamente. Deste modo, Lacan irá dizer que a posição fundamental de um sujeito seja a de coincidência entre o ser e o pensar

tal como em Descartes, mas a posição de que não há interseção entre os dois.

Desta posição inicial, Brodsky lembra que Lacan diz que há uma escolha preferencial. No resumo que faz do seminário sobre a lógica do fantasma Lacan fala de escolha forçada. No entanto, ficamos com a interpretação de Brodsky por nos parecer mais acertada, uma vez que nada impediria o sujeito escolher o sentido, tal como ele o articula no *Seminário 11*. Esta escolha preferencial Lacan chama de alienação, na qual o sujeito ao escolher o Ser, opta por não pensar. Ora, não pensar é uma maneira de não estar na dúvida. Mas, será que aí podemos dizer que temos uma certeza? Cremos que não. Afinal, a certeza a qual Lacan busca é a certeza do momento de concluir uma análise em que estamos às voltas com o ato analítico. Não cremos que seja esta certeza que estamos às voltas na alienação. É uma falsa certeza, como diz Brodsky, pois aliena o sujeito por não implicar aí o pensar (Brodsky, 2004).

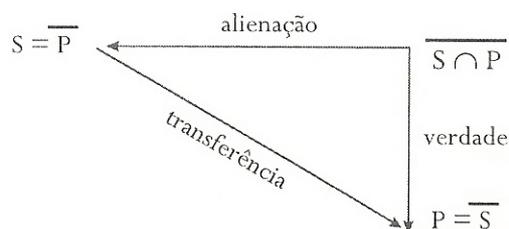
Na sequência deste esquema encontramos no outro vetor não a alienação, mas a verdade:



(Brodsky, 2004, p. 71)

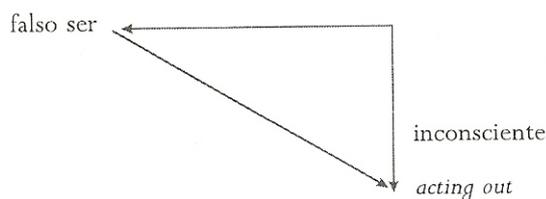
Ora, ao final deste eixo, o que encontramos? Não mais a posição do ser que não pensa, do pensamento que impede que o sujeito diga o que é. Se no primeiro eixo chegamos a um sou onde não penso, no segundo eixo, o da verdade, chegamos a um penso onde não sou. Que podemos chamar também pelo nome freudiano de inconsciente! Ora, o inconsciente, já desde a "Interpretação dos sonhos", é situado como um pensamento. Um pensamento que se abre a partir do convite da associação livre e que ocorre no dispositivo analítico. Vemos então porque a escolha pela alienação é preferencial: pensar leva a um vazio de sujeito e a se haver com o que chamamos mais acima de vazio constitutivo. Chegar a esta posição demanda um trabalho. Trabalho de transferência que faz com que o sujeito note que aquilo do qual se queixa quando busca uma análise lhe diz respeito, em que suas certezas são abaladas. É por esta razão que

Lacan situa a transferência como o vetor que vai do ser que não pensa ao pensar que não é:



(Brodsky, 2004, p. 71)

Ora, o que tudo isto tem a ver com o tema dos atos do sujeito? Brodsky (2004) situa, a partir de Lacan, a passagem ao ato como conclusão da alienação – que resultaria em um falso ser – e o *acting-out* como a conclusão da verdade.



(Brodsky, 2004, p. 74)

E Brodsky comenta isso em uma longa nota:

“Situair aí o *acting-out* torna possível um enorme ganho em comparação ao lugar que tem em *O Seminário, livro 10*, porque está essencialmente ligado ao inconsciente, como algo que diz de uma verdade, que pode ser interpretado e que não tem nada a ver com um ‘não penso’. Trata-se, ao contrário, de um fenômeno cem por cento significativo, situado em relação à transferência selvagem, ou seja, transferência sem análise. Ao situar assim o *acting-out*, a clínica do ato abre como perspectiva o *acting-out* interpretável. A passagem ao ato, por sua vez, é situada na opção ‘sou e não penso’, isto é, no rechaço absoluto do inconsciente, no não querer saber dele. Vê-se assim a tensão em que Lacan insere a dialética entre *acting-out* e passagem ao ato: o *acting-out* como fenômeno vinculado à dialética do inconsciente, dirigido ao Outro, decifrável e interpretável, vinculado à verdade, e a passagem ao ato como rechaço do inconsciente” (Brodsky, 2004, p. 74).

Desta passagem podemos extrair algumas consequências. A primeira é que situa a distinção entre passagem ao ato e *acting-out* tendo como pano de fundo a direção do tratamento: endereçamento ou não ao Outro? O que abre para a segunda questão: o que fazer? Para poder considerar estas questões, acreditamos que a referência à questão do tempo é essencial.

O tempo lógico

Extrair a certeza não é uma consequência dos atos do sujeito – *acting-out* e passagem ao ato – e sim uma função do ato analítico.

O ato analítico, por sua vez, pode ser pensado em função da certeza levando em conta a dimensão temporal da análise. Tomaremos em consideração aqui a dimensão da estrutura temporal do inconsciente e não a experiência temporal do sujeito. A razão disso é que não iremos, aqui, entrar no detalhe da questão psicopatológica da temporalidade em cada estrutura clínica – a procrastinação obsessiva; a recusa da temporalidade da melancolia, etc. – mas nos reportaremos às possibilidades de ordenar o tempo em relação aos atos em sua relação com o tratamento destes casos.

Podemos extrair da leitura do texto de Lacan sobre o tempo lógico que a certeza antecipada é uma certeza que não se assegura de uma marca significativa ou imaginária (Lacan, 1946). É o ato analítico, extraído da angústia, que funda a certeza. Por esta razão, o ato analítico pode ser considerado uma ruptura com os equívocos significantes do simbólico e com as miragens do imaginário. No entanto, como o próprio Lacan diz, esse movimento de uma análise é precedido por duas outras dimensões temporais: a do instante de ver e a do tempo para compreender.

O instante de ver, de acordo com Lacan, é um tempo de fulguração igual a zero. Zero, uma vez que é nele que algo se funda como marcas para o sujeito. “Essa modulação introduz a forma que no segundo momento, cristaliza-se a hipótese autêntica por visar à incógnita do problema: o atributo ignorado pelo próprio sujeito” (Lacan, 1946, p. 204). Aqui começamos com a questão das leituras retroativas: que atributo seria esse, ignorado pelo próprio sujeito e que se torna uma incógnita? Segundo Lacan (1967-68), todo ato se dá a partir de uma inscrição em algum lugar, o que ele denomina como correlato significativo do ato. É o

traço unário, marca da alienação do sujeito ao significante do Outro, um significante que nada significa que abre o caminho de possibilidade para o advento do tempo seguinte, o tempo de compreender.

O tempo de compreender, por sua vez, como diz Lacan em "Variantes da cura-tipo" (Lacan, 1955, p. 330), é o tempo que o sujeito imiscui na transferência. Em seu endereçamento ao Outro como ato simbólico por excelência, a transferência demanda um tempo em que o sujeito busca tratar do enigma do sintoma sustentado pelo desejo. É o tempo da articulação da cadeia de significante. É a partir disso que podemos, retroativamente, entender por que Lacan em 1946 define o sujeito do tempo de compreender como indefinido: ao se abrir a série decorrente da associação livre, o sujeito não está nem no significante mestre (S1), nem no significante do saber (S2); o sujeito aí é um vazio entre dois significantes.

Esta função simbólica da estrutura da transferência coloca a questão do ato do analista: será ele uma função simbólica como a interpretação, ou uma função de corte, de ruptura com certos determinantes simbólicos? Para começar, é preciso dizer que um ato analítico só se realiza sob um fundo de repetições simbólicas. Há uma função do tempo inerente ao ato, que nos cabe precisar qual é, pois partindo do ato analítico, podemos pensar a dimensão do tempo nos atos do sujeito.

Os atos do sujeito e o momento de concluir

A contraposição temporal entre transferência e ato analítico é da mesma ordem da distinção estrutural entre o simbólico e o real. Deste modo, o tempo próprio do ato analítico é o que Lacan, em 1946, chamou de momento de concluir. Sua espessura temporal não é a mesma do tempo de compreender que se alonga, e sim o da precipitação numa certeza antecipada extraída do real. Relendo retroativamente vemos porque Lacan diz que aqui o sujeito sai do indefinido e, pelo ato, assume uma posição pessoal: algo de singular se afirma para além dos significantes que vem do Outro, algo que faz com que surja um sujeito novo. Curiosamente o próprio texto de 1946 confirma nossa interpretação uma vez que, nele, Lacan reserva os termos atos e certeza para o momento de concluir. Se associarmos a esta questão da conclusão a questão da separação, podemos lembrar como Colette Soler as associa: Soler lembra que se

podemos falar de alienação e separação como operações na constituição do sujeito, podemos também falar de separação no momento de concluir uma frase: uma separação em que não podemos mais falar de sujeito endereçando-se ao Outro justamente pela destituição deste lugar (Soler, 1997).

Ora, um ato do sujeito contém uma ponta de certeza. No entanto, não pode ser confundida com um momento de concluir uma análise. Longe disso. E ao lembrarmos dos esquemas trabalhados na seção anterior, a alienação leva a um falso ser. A conclusão da passagem ao ato é desta ordem. Deste modo, podemos dizer que nas patologias dos atos nós estamos às voltas com um curto-circuito temporal: é um momento de concluir que não gera uma certeza antecipada. A precipitação do ato do sujeito leva a hesitação que encontramos na primeira parte do sofisma: é uma decisão tomada, mas que imediatamente é suspensa por uma hesitação. No entanto, neste caso do sofisma dos três prisioneiros temos uma hesitação que abre a possibilidade do tempo da transferência no simbólico. É uma hesitação que permite à elaboração do tempo de compreender.

No caso das patologias do ato, nós temos aí uma situação estranha: ora é uma resposta real no registro do simbólico – como no caso da passagem ao ato – ora é uma resposta simbólica no registro do real – como no caso do *acting-out*. Assim sendo, é em outro nível que deveremos pensar esta temporalidade do sujeito.

Em primeiro lugar, podemos situar o *acting-out* como uma pergunta no real endereçada ao sujeito, enquanto a passagem ao ato é uma resolução, um fim de linha. Nos análises do texto de Álvarez, Sauvagnat e Estéban (2004), encontramos alguns elementos que permitem uma resposta à questão do tempo dos atos. Neste caso, podemos dizer que o *acting-out* é um curto-circuito no instante de ver, enquanto a passagem ao ato um curto-circuito no tempo de compreender. Vejamos pelos exemplos da Jovem Homossexual.

A Jovem Homossexual comete um *acting-out* quando se deixa olhar por todos em companhia da Dama de má reputação. Temos aí todas as referências lacanianas de um *acting-out*: o subir à cena, um endereçamento ao Outro a partir do enigma sobre a sexualidade feminina; uma identificação com o objeto na dimensão de ágalma (Lacan, 1962-63). Se dissermos que aí temos um *acting-out* e que este é um

curto-circuito entre o momento de concluir e o instante de ver é pelas seguintes razões: o instante de ver se caracteriza pela fixação de um ponto enigmático extraído do real e transformado em simbólico; no caso do *acting-out*, nós temos uma extração simbólica que não se situa não no simbólico, mas no real. Deste modo, este exibir-se é um *acting-out*, pois A Jovem Homossexual irá buscar resolver este enigma no registro do real. É um modo de aproximar-se e, ao mesmo tempo, manter-se a uma distância do objeto da angústia. É um curto-circuito no instante de ver uma que abre o tempo de compreender no real. Daí Lacan definir o *acting-out* como uma transferência selvagem.

Por outro lado, ao se ver sendo vista pelo olhar do pai, precipita-se para resolver definitivamente a questão. Aí temos uma resposta real que não se dá após um tempo de compreender e uma queda do objeto que atormenta o sujeito que seria o próprio do ato analítico; nós temos uma identificação do sujeito como objeto resto e, assim, a precipitação é um modo do sujeito operar uma separação do mesmo. Ora, uma separação é uma operação simbólica; no caso aqui, esta operação é uma intrusão do real no simbólico – fazendo com que ele se esgarce. É uma maneira de precipitar o momento de concluir no desenvolvimento mesmo do tempo de compreender.

Se considerarmos ainda o caráter de resposta do sujeito frente à angústia a partir de uma proximidade insustentável como o objeto *a*, dando a esta resposta o caráter de tentativa de separação e de apaziguamento, podemos estender nossas formulações sobre os atos aos fenômenos que Massimo Recalcati nomeia como transclínicos: anorexia, bulimia e toxicomanias. Tais apresentações do sujeito, por serem transclínicas, podem ocorrer em qualquer estrutura subjetiva e acenam para uma falha na articulação metafórica do sintoma, trazendo o gozo do outro não mediado pelo ordenamento fálico (Recalcati, 2005). O sujeito dedica-se então a atos repetitivos, num movimento de gozo autoerótico desarticulado da dimensão do Outro sexo. Daí advém, por exemplo, a aproximação proposta por Alfredo Zenoni entre passagem ao ato e atos repetitivos, embora os segundos se situem temporalmente de forma contínua, diferente do momento de ruptura que comporta o primeiro (Zenoni, 2009).

Acreditamos que, de posse destes conceitos, podemos nos valer deles para pensar o dispositivo de urgência subjetiva.

A urgência subjetiva

Entendemos por urgência subjetiva um dispositivo de acolhimento aos sujeitos em crise, que são levados a instituições a partir de demandas variadas (familiares, vizinhos, bombeiros, policiais, guardas municipais, etc.) com o pedido de acolhimento emergencial do sofrimento psíquico (Calazans e Bastos, 2008). O dispositivo consiste, inicialmente, em acolher a criança, adolescente ou adulto e extrair, através de uma escuta diferenciada, aquilo que permaneceu em estado de intenso embaraço ou esmagamento do sujeito ou, em alguns casos, o que foi transformado em puro ato com a subtração da palavra. Essa quebra do discurso revela o que é insuportável e sem mediação para o sujeito, levando-o algumas vezes à passagem ao ato, o que coloca em risco sua existência e a dos outros. Esse dispositivo sustenta a aposta no compromisso do sujeito com o seu padecimento, isto é, a aposta de que a palavra do paciente produza enigmas que suscitem demanda para a continuidade do tratamento.

Por que vinculamos as urgências aos atos? Devido a um fator importante na clínica da urgência: ela é muito mais da ordem do encaminhamento do que da ordem de uma demanda. É algo que se torna traumático não somente para o sujeito, mas também para o Outro social devido ao que Miller (1997b) chama de perturbação da ordem pública. O trabalho do dispositivo é de restituir o lugar de sujeito que possa demandar um tratamento (Miller, 1997a).

Ao situarmos os atos aqui, introduzimos uma dupla questão em que a temporalidade do dispositivo é importante: tratando-se de um *acting-out*, o trabalho é o que Lacan chamaria de domesticar a transferência selvagem; há transferência, mas é necessário modalizar para que o sujeito faça sua demanda ao analista como suposto saber. Deste modo, não se trata de introduzir um tempo de compreender, mas de localizá-lo no registro simbólico.

Inês Sotelo descreve que o tratamento na urgência é delimitado em três tempos – urgência generalizada; urgência subjetiva; instalação da transferência (Sotelo, 2006). Valer-nos-emos desta distinção para apontar como podemos utilizá-la para pensar os atos dos sujeitos do seguinte modo:

- O primeiro tempo é o da urgência generalizada. Na dimensão dos atos, podemos depreender esta generalização da urgência. No caso dos *acting-outs* a generalidade da urgência fica patente quando Lacan (1962-63) o define como transferência selvagem, sem endereçamento a um analista. É uma transferência sem análise, diz Lacan. Já na passagem ao ato, devido ao seu caráter resolutivo, a generalidade está presente pela demissão do Outro que ela acarreta, destituindo assim qualquer lugar de endereçamento.
- O segundo tempo seria da transformação da urgência generalizada em urgência subjetiva. No caso do *acting-out* corresponderia ao que Lacan chamou de domesticação da transferência, em que o endereçamento deixa de ser genérico e passa a ser encaminhado a um analista; na passagem ao ato, trata-se de isolar um significante para fazer uma barreira à presença do objeto da angústia. É aqui a aposta da psicanálise se torna patente: a de que estes atos são respostas do sujeito e, como tais, devemos possibilitar ao sujeito um trabalho sobre elas. Para Inés Sotelo (2006), seria uma demonstração de uma psicanálise aplicada à terapêutica.
- O terceiro tempo, por sua vez seria o da instalação da transferência: no caso do *acting-out*, fazer com que o sujeito faça seu endereçamento pela via de elaboração de um saber; no caso da passagem ao ato, favoreça a articulação significante que permita ao sujeito interrogar-se sobre o seu ato e produzir, também, uma elaboração pela via do saber. Em ambas as modalidades de atos se tratam na urgência subjetiva de um trabalho preliminar para criar condições de operar psicanaliticamente.

Deste modo, o que podemos concluir? Em primeiro lugar: o dispositivo de urgência visa à introdução de um tempo de pausa (Seldes, 2006). Ora, não é pelas pausas, escansões nas modalidades do tempo que, de acordo com Lacan, estamos habilitados a passar de uma estrutura temporal a outra? No que diz respeito aos atos, podemos dizer que estamos aí às voltas com uma questão com a constituição subjetiva: uma alienação que não conduziu a uma separação devido ao curto-circuito temporal.

Em segundo lugar: nas urgências que se definem como uma precipitação aguda, temos a dimensão dos atos em primeiro lugar; logo, na urgência modalizar o tempo é próprio do tratamento.

E em terceiro lugar: este tempo a ser introduzido é o contrário do que encontramos na direção do tratamento da psicanálise quando lida com o sintoma. Geralmente o sujeito já vem à análise preocupado com um enigma, sendo a questão primordial fazer com que deste enigma produza-se um saber. No caso do *acting-out* temos algo semelhante. No entanto, por ser uma resposta simbólica no real, o trabalho aqui é produzir uma escansão temporal entre o tempo de compreender e o momento de concluir. Somente assim podemos passar de uma reposta no real - transferência selvagem, como diz Lacan - para uma resposta no simbólico: transferência mediada pelo dispositivo analítico.

Já no caso da passagem ao ato, é outra estratégia: visamos aqui à fixação de um significante, ou seja, de deixar marcado para o sujeito o que, do outro, fez algo semelhante a uma marca para ele. Deste modo, é uma modalidade de tratamento que visa, acima de tudo, dar condições para que o trabalho analítico possa se efetuar posteriormente. Trabalho que só pode ser feito a contento por considerar que o sujeito nos atos não obtém uma certeza, uma vez que ora pretende desenvolver o tempo de compreender no real, ora a conclusão a qual chega o leva ao que Lacan chama de falso ser. Vejamos isso a partir de um fragmento de um caso clínico.

Caso clínico

Acreditamos que a apresentação de um fragmento de caso clínico possa favorecer a compreensão da abordagem dos atos do sujeito num hospital geral a partir da clínica da urgência subjetiva. Ernesto - 45 anos, separado, pai de três filhos - havia chegado em casa naquela madrugada próxima às festas de fim de ano após mais uma noite de "bagunça". Apesar de adormecer rapidamente foi acordado por uma dor lancinante, mas não desconhecida. Com dificuldade, conseguiu chamar pela irmã com quem morava, sendo conduzido ao pronto atendimento onde sua permanência foi breve, dada a urgência com que necessitava de tratamento cardiológico especializado. Os primeiros exames de sangue indicavam indícios de morte de tecido cardíaco a partir da ausência de circulação sanguínea coronariana. Ernesto passava por seu terceiro infarto.

Ao chegar ao hospital onde já havia sido tratado, Ernesto foi conduzido

imediatamente ao serviço de hemodinâmica para realização de cateterismo cardíaco² seguido de angioplastia³. Durante o tempo em que era atendido pelos médicos, como psicanalista de plantão no setor de cardiologia daquele hospital, fui chamada para acolher seus familiares. Além da incerteza quanto ao sucesso do tratamento e da possibilidade de morte de Ernesto, neste momento a angústia dos familiares relacionava-se, sobretudo, à repetição que a internação evidenciava: "Ele já passou por isso, mas prefere beber cachaça 'do que' tomar os remédios." Apesar de que, para estes familiares, os atos de Ernesto sejam consequência de uma escolha racional, entendemos que esta escuta tenha possibilitado à família demandar uma intervenção para além daquela efetuada pela medicina que, em outro momento, não foi suficiente para que o paciente se implicasse no seu processo de tratamento.

Após este tratamento inicial, Ernesto foi internado na Unidade Intensiva por três dias, tempo prescrito pela medicina em casos de infarto, para observação e atendimento imediato de possíveis intercorrências. Seu retorno para novo tratamento e permanência no setor não se deu sem algum mal estar por parte da equipe multiprofissional. Comentários acerca da "rebeldia" do paciente em não dar continuidade ao tratamento médico proposto após os dois primeiros infartos encerravam-se em expressões como "esse daí não tem jeito", supondo um destino quase natural para aquele sujeito, em função de suas "escolhas". Neste contexto, coube uma intervenção junto à equipe para que esta pudesse questionar esse saber construído a partir do real imposto pelo sujeito na urgência. A aposta de que pudesse haver um sujeito em sofrimento permitiria que a equipe também demandasse ao analista enquanto suposto saber, direcionando-lhe também uma demanda de atendimento de Ernesto.

Após o momento inicial, em que uma urgência generalizada foi manejada e situada num contexto transferencial que permitiu sua articulação a uma demanda, foi feito o primeiro contato da analista com Ernesto, já acomodado num leito da Unidade Intensiva. Seu posicionamento neste momento indica a não coincidência entre a urgência do Outro e a do sujeito: estirado no leito, Ernesto tomava seu adoecimento por uma fatalidade, "mais um infarto", restando a ele lamentar resignadamente o fato de ter de ficar "de castigo" no hospital. Diante do retorno do significativo *castigo* este foi tomado como norteador de uma intervenção

que possibilitasse a Ernesto implicar-se minimamente em seu sofrimento, contexto no qual surge o mal-estar com a *prisão* de um filho como principal causador de seu sofrimento: “preocupação demais dá infarto também, né?”.

Durante a continuidade da internação, agora na enfermaria, Ernesto dedicava-se a pequenos atos contrários às recomendações médicas, tais como caminhar entre um andar e outro durante o período de repouso. A abordagem destes atos também como resposta à angústia trouxe à cena o circuito de atos cotidianos nos quais se destacava o de “beber até cair”, como saída e apaziguamento frente à proximidade de um objeto causa de angústia. Proximidade também percebida em sua dificuldade de sustentar o enlaçamento com o Outro: Ernesto não mais trabalhava, mantinha pouco ou nenhum contato com os filhos, enfrentava dificuldades de conviver com irmãos e demais familiares, inclusive com irmã e sobrinha com quem morava há alguns anos, após separar-se da segunda esposa.

Sabemos da importância diagnóstica das entrevistas preliminares no contexto de certa configuração clínica na qual o sujeito procura pelo analista. Nessas situações, o analista pode, como nos diz Miller, em caso de impasse quanto ao diagnóstico prolongar o tempo de entrevista ou até mesmo recusar a demanda no caso de um paciente pré-psicótico (Miller, 1997). Na clínica da urgência a avaliação diagnóstica adquire características próprias em função principalmente da temporalidade específica do trabalho do analista neste contexto e dos diversos atravessamentos institucionais que se fazem presentes. Ainda que a resposta de Ernesto à angústia num primeiro momento pudesse ser localizada na ordem de um impedimento em que o não-poder acenava para sua captura numa armadilha narcísica, suas associações posteriores indicavam uma variação diante do encontro com o objeto: do endereçamento dos “passeios” pelo hospital ao deixar-se cair através da bebida. Na clínica da urgência lidamos, sobretudo, com os modos de apresentação do sujeito através do ato.

O acompanhamento analítico durante os dias de sua permanência no hospital permitiu a Ernesto um movimento de subjetivação que suscitou o questionamento sobre o porquê de estar ali novamente, um primeiro passo para que ele percebesse sua cumplicidade enigmática (Viganó, 1999) nos acontecimentos que até então eram tomados como alheios a qualquer posicionamento seu. Relatava à equipe sua intenção de melhor

dedicar-se ao tratamento, através da continuidade do acompanhamento analítico e cardiológico após a alta hospitalar. Este movimento era tomado pela equipe e familiares de forma cautelosa, quase incrédula, especialmente a partir da notícia de alta hospitalar nos dias que se seguiram, ocasião em que Ernesto solicita sua permanência no hospital até a passagem das festas de fim de ano. Expõe que sua família geralmente se reúne nestas festas “sempre com muita bebida”, situação da qual ele desejava se privar naquele momento.

O impasse da equipe diante do pedido e das “resoluções” de Ernesto revelava aspectos do enlaçamento da equipe num contexto transferencial que, no contexto hospitalar, é muitas vezes escamoteado. Naquele momento, mais do que colocar um ponto de escansão entre a urgência e o impulso interpretativo da equipe que previa um destino ao paciente, fazia-se necessária uma intervenção analítica que favorecesse à própria equipe implicar-se num movimento de causa, uma vez que a alta hospitalar envolvia a todos os profissionais. O manejo transferencial poderia possibilitar mudanças de posicionamento discursivo necessários com a proximidade da alta hospitalar de Ernesto: que a equipe considerasse um saber diverso ao da mestria, a ser construído a partir da abordagem do paciente em ato considerando sua singularidade, para além de qualquer previsão apriorística. E que Ernesto pudesse abrir mão das garantias provenientes do saber do Outro em função da sustentação de seu desejo. Foi então que, a partir de uma decisão em equipe, que a médica que conduzia o tratamento cardiológico de Ernesto autoriza, em ato, sua permanência no hospital, considerando uma temporalidade específica, não prevista nos protocolos médico, mas portadora de uma escansão necessária, um tempo para a transferência.

No tempo em que a internação se prolongou, Ernesto se depara novamente com a angústia, mas neste momento já consegue direcioná-la a mim pela via da fala. Entendemos que neste momento a transferência começa a ceder em seu “aspecto selvagem”.

Ernesto expõe medo de não conseguir continuar o tratamento a partir do que vivenciou no hospital: “Nas outras vezes em que fui internado não tive psicólogo nem esse cuidado que a médica tem comigo”. Não foi sem o risco inerente a todo ato que se deu a intervenção analítica posterior, que ao mesmo tempo pudesse manter uma regulação do gozo e a implicação de Ernesto na continuidade do tratamento. Buscando questionar a

associação necessária entre hospitalização e tratamento, questiono a Ernesto: não seria possível se internar em casa?

Concluindo, entendemos que a busca de Ernesto pela continuidade do acompanhamento analítico na primeira semana do novo ano e sua continuidade até o presente momento indica a construção de um espaço de retificação subjetiva na ocasião de sua terceira internação, através da aposta da possibilidade de uma clínica psicanalítica na urgência. Esta viabilizou um abalo da falsa certeza obtida através de atos repetitivos localizado no curto-circuito temporal no qual Ernesto situava-se numa condição de objeto, podendo direcionar sua demanda em direção à construção de um saber de onde outra certeza poderá emergir.

Notas

1. $S = \overline{P}$ = Sou onde não penso; $\overline{S \cap P}$ = não sou e não penso; $P = \overline{S}$ = penso onde não sou.
2. Exame para diagnóstico de doenças cardiovasculares. Acessa o interior do coração através de um tubo fino e flexível, o catéter, introduzido no corpo do paciente através de uma punção arterial, feita geralmente no braço ou virilha, com anestesia local. Através do realce possibilitado pelo uso de contraste aplicado via catéter e uso do ultrassom durante o exame, o médico avalia a presença e extensão de placas de gorduras nas artérias coronárias, que podem obstruir o fluxo sanguíneo.
3. A partir do resultado do cateterismo, a angioplastia pode ser indicada para desobstruir uma artéria do paciente. Utiliza um minúsculo balão na ponta do catéter que é insuflado dentro da artéria obstruída com placas de gordura, inserindo uma mini tela de aço chamada *stent* que, aberta, facilita o fluxo sanguíneo.

Referências Bibliográficas

- ÁLVAREZ, J.; SAUVAGNAT, F. e ESTÉBAN, R. (2004). **Fundamentos de Psicopatologia Psicoanalítica**. Madrid: Editorial Sintesis, 2004.
- BRIOLE, M-H. (1993) Agir l'angoisse, in **La Cause Freudienne**. Paris: Publication de l'école de la cause freudienne. N. 23, 1993. p. 62-64.
- BRODSKI, G (2004). **Short story**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.
- CALAZANS, R.; BASTOS, A. (2008). Urgência Subjetiva e Clínica Psicanalítica, in **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, Ed.Escuta, n. 04, v. 11, p. 640-652, 2008.
- LACAN, J. (1946) O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.197-213.
- LACAN, J. (1955) Variante da cura-tipo, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 325-364.
- LACAN, J. (1958) A subversão do sujeito e a dialética do desejo, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 807-842.
- LACAN, J. (1962-63) **O seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. (1964). **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais a psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. (1966-67) **O seminário, livro 14: A lógica do fantasma**. Inédito.
- LACAN, J. (1967-68) **O seminário, livro 15: O ato analítico**. Inédito.
- LACAN, J. (1969) A lógica da fantasia, in **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 323-328.
- MILLER, J-A. (1997a) Discurso do método psicanalítico, in MILLER, J.-A. **Lacan Elucidado – Palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 221-229.
- MILLER, J-A (1997b). Patologia da ética, in MILLER, J.-A., Op. Cit., p. 329-388.
- RECALCATI, M (2005). **La clínica del vacío**. Madrid: Editoria Sintesis.
- SELDES, R. La urgencia subjetiva, un nuevo tiempo, in Belaga, G. (org). **La urgência generalizada**. Buenos Aires: Grama, 2006, p. 31-43.
- SOLER, C. O sujeito e o Outro II, in Feldstein, R. (org). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 58-67.

SOTELO, I. (2006) La guardia, la admisión, la primera consulta: una coyuntura de emergencia, in Belaga, G. (org). **La urgencia generalizada**. Buenos Aires: Grama, 2006, p. 97-115.

VIGANÓ, C. (1999). A construção do caso clínico em Saúde Mental, in **Revista Curinga**, Belo Horizonte: EBP – MG, n.13, set.1999, p.39-48.

ZENONI, A. Clinique du passage a l'acte, in ZENONI, A. **L'autre pratique clinique**. Toulouse: Ères, 2009, p. 277-297.

Resumos

The acts of subject and certainty: some considerations on the psychoanalytic clinic in the urgency

The article intends to correlate the issue of certainty with the clinic of subjective urgency. We have used the diagrams of alienation and separation developed by Lacan in his seminar about the Psychoanalytic Act. This course guide us to the importance of the object *a* as an organizer of the clinic, it is due to the presence of that the subject answers through the acts, revealing a false assurance by means of alienation. Through the psychoanalytic act we have the possibility of extracting a certainty by means of transference work, to be handled in according to the temporality or each act. The consideration of such appearances will favor the development of strategies to approach that takes into account both the subjective structure and presentation of the subject since the acts, as can be seen in the exhibition of a fragment of a clinical case.

Keywords: psychoanalysis, certainty; clinic of subjective urgency; psychoanalytic act.

Les actes du sujet et la certitude: quelques réflexions sur la clinique psychanalytique dans l'urgence

Cet article vise à corréliser la certitude avec la clinique de la urgence subjective. Nous avons utilisé les formes d'aliénation et de séparation développées par Lacan dans son séminaire sur l'Acte Analytique. Ce

parcours nous conduit sur l'importance de l'objet en tant qu'organisateur de la clinique, car il est dans la présence de cet objet que le sujet répondre par les actes, ce qui révèle la obtention d'une assurance fausse au moyen de l'aliénation. À travers l'acte analytique est ce qui a la possibilité d'extraire une certitude par des moyens de travail de transfert qui doivent être gérées conformément à la temporalité inhérente à tout acte. La prise en compte de ces facteurs favorisent le développement de stratégies à l'approche qui tienne compte à la fois la structure subjective et la présentation de l'objet à partir des actes, comme on peut le voir dans l'exposition d'un fragment d'un cas clinique.

Mots-clés: psychanalyse, certitude, clinique de la urgence subjective, acte psychanalytique.

Citação/Citation: CALAZANS, R.; MARÇAL, J. Os atos do sujeito e a certeza: algumas considerações sobre a clínica psicanalítica na urgência. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.isepol.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 12/01/2011 / 01/12/2011.

Aceito/Accepted: 14/03/2011 / 03/14/2011.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

A droga a serviço da pulsão de morte.

Alexandra de Gouvêa Vianna

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio (Rio de Janeiro, Brasil)
Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio (Rio de Janeiro, Brasil)
Membro do Projeto Despertar¹ e do Projeto Acolher²
Participante da Escola Letra Freudiana (Rio de Janeiro, Brasil)
e-mail: agvianna@gmail.com

Resumo

O artigo delinea um estudo sobre as toxicomanias pelo viés psicanalítico, onde o foco é a investigação da função que a droga ocupa para o sujeito. O objeto de estudo em questão é o sujeito que apresenta uma compulsão pela droga. Logo, não trataremos dos efeitos orgânicos produzidos pela substância, mas dos efeitos produzidos no sujeito da psicanálise. Para tanto, lançaremos um olhar sobre o uso da droga através dos conceitos de pulsão de morte, supereu, gozo e função paterna. Partindo da hipótese de que a fragilidade ou inoperância da função paterna propicia a compulsão ao objeto droga como um modo de dar conta da angústia provocada pelos efeitos da castração, o artigo apresenta como proposta de direção do tratamento a convocação da função paterna como um viés clínico para a produção de um corte nesse circuito.

Palavras-chave: psicanálise, drogas, pulsão de morte, gozo, supereu, função paterna.

O tema do artigo surgiu a partir da escuta de sujeitos que estão às voltas com o diagnóstico de dependência química. Mas não proponho aqui pensarmos na questão das drogas pelo viés de um diagnóstico médico-psiquiátrico. Ao contrário, escrevo a partir da minha experiência clínica com toxicômanos, na qual escuto o sujeito para além de qualquer diagnóstico endereçado a ele ou mesmo sustentado pelo próprio. Entretanto, é sabido que cada significante direcionado a um analista diz respeito a uma verdade que o sujeito carrega sobre si próprio. Por esse

motivo proponho a escuta desse diagnóstico pela via do significante, para que o sujeito esteja implicado no que ele porta como discurso.

Uma das fórmulas repetidas entre companheiros de salas de mútua ajuda define a dependência química como *uma doença progressiva, incurável e de determinação fatal, que mata desmoralizando*. Essa frase carrega um peso muito forte e vai ao encontro do discurso popular de que a dependência química designa não apenas uma doença incurável, mas ainda de caráter moral. Diferentemente dos usuários esporádicos e sociais, os toxicômanos abusam do consumo da substância a ponto de causar constrangimento a si próprio e aos outros. É por essa razão que eles não circulam impunemente pelo social. Ao contrário, são vistos como moralmente desprezíveis e rotulados como delinquentes.

Mas não são apenas os efeitos orgânicos que estão em jogo nas toxicomanias. Essa nomeação, assim como qualquer outra, lhe confere um lugar. Em seu discurso, uma vez toxicômano, para sempre toxicômano. Logo, ele deve dedicar a vida ao cuidado de sua doença, pois se coloca em estado de recuperação permanente. Para tanto, não há espaço para ocupar outros lugares. Se não é possível conciliar estudo, trabalho e relacionamentos amorosos com o tratamento, então ele poderá abrir mão de tudo isso. Ao fazer essa escolha, o sujeito opta pela droga como uma forma de existência. Assim, para ele não há uma identidade possível a não ser a de toxicômano.

Assim, é importante levar em consideração o valor de identidade que as toxicomanias conferem, pois o reforço do diagnóstico de dependência química enquanto identidade cristaliza ainda mais o indivíduo nessa posição. Faz-se necessário, em contrapartida, apontar como direção para o tratamento outros modos de inserção no social. Visto que a droga cumpre a função de encobrir o embaraço do sujeito com o seu desejo inconsciente, será a partir da escuta da relação - sempre singular - construída com a droga que torna possível pensar a direção do tratamento.

Por conseguinte, o intuito deste estudo é focar no sujeito e não na droga considerada isoladamente, uma vez que a droga em si não diz nada sobre o sujeito. Como escreve o psicanalista francês Marcos Zafiropoulos, "o toxicômano não existe" (Zafiropoulos, 1994, p. 18). O que existem são sujeitos que fazem uso de diversos tipos de droga de formas sempre singulares.

Em sua abordagem sobre o que define como um “amortecedor de preocupações” (Freud, 1930[1929], p. 85), Freud ressalta a droga como um dos principais recursos para lidar com o mal-estar da cultura:

“Contudo, os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado.

O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis” (Freud, 1930[1929], p. 85-86).

A descoberta da droga é marcada por uma promessa de liberdade: seus efeitos produzem uma sensação de prazer imediato, além de proporcionar um alívio frente às exigências da realidade. Esse é o grande atrativo da droga. No entanto, ao comprar essa promessa de liberdade o sujeito se depara com a prisão da droga.

Imerso no mal-estar da civilização, o toxicômano é aquele que foge de qualquer tentativa de elaboração psíquica, e de consumidor passa a ser consumido pela droga. Dessa forma, podemos dizer que a queixa inicial do toxicômano não é da ordem do sintoma que emerge do desejo inconsciente, mas de escravidão a um objeto. A droga se apresenta em seu discurso como um artifício que mascara o sintoma, impedindo que o mesmo seja transformado em enigma.

Ao recusar as técnicas sublimatórias da civilização e se lançar nas toxicomanias, o sujeito assinala para uma tentativa de tratamento médico do seu mal-estar, abdicando de seu lugar enquanto sujeito desejante. Logo, o artifício da droga detém a função de prótese reparadora do embaraço do sujeito em relação com o seu desejo inconsciente.

Embora a ingestão da substância propicie um efeito imediato de prazer, a compulsão que deriva do seu uso contínuo produz sofrimento, pois aprisiona o sujeito a um modo de satisfação libidinal exclusivamente através da droga. Esse aprisionamento remete a outra modalidade de obtenção de prazer regulada pelo regime do gozo. Neste circuito, só o recurso solitário da droga satisfaz.

Com isso, o sujeito passa a não reconhecer outras formas de busca de prazer. Aqui nos deparamos com o paradoxo das promessas da droga: embora o consumo da substância garanta de imediato o alívio da dor, quando a pulsão destrutiva fala mais alto a compulsão pela droga se instaura. De alívio da dor, a função do uso da droga sob o regime do gozo se reverte para uma busca de satisfação no sofrimento.

A compulsão à droga não decorre, portanto, apenas do encontro com a substância. É o sujeito que faz dela o seu objeto privilegiado de um mecanismo que é próprio da pulsão: a compulsão à repetição, cuja principal característica é a irresistível atração pelo sofrimento, como assinala Rudge (1998). E a compulsão à droga não foge a essa regra.

Quando escutamos as recaídas (termo utilizado pelos pacientes para se referirem à compulsão à droga) a partir do contexto da história do sujeito, notamos que elas seguem um padrão que não diz respeito exclusivamente ao que é da ordem da dependência orgânica. De modo recorrente, o uso da droga está relacionado a um momento em que o sujeito se vê sem recursos para lidar com as exigências e frustrações da cultura, buscando nela um artifício de suspensão diante da angústia. Logo, as recaídas cumprem a função de regulação da angústia provocada pela relação do sujeito com o desejo. Nesse sentido, a recaída promove uma suspensão que o liberta de seu mal-estar, ainda que momentaneamente. E a compulsão que resulta da busca constante deste artifício faz com que o sujeito se oculte na droga e deixe de se apropriar de outros recursos para lidar com a angústia.

Inem (2004) enfatiza que o toxicômano realiza um fazer em detrimento do dizer em sua tentativa de tamponar a falta engendrada pela castração, operando uma *narcose do desejo*. Para a autora, nas toxicomanias o sintoma se apresenta em sua vertente de gozo, "cuja insistência pulsional obriga o sujeito a repetir o impossível de ser articulado na cadeia significante" (Inem, 2004, p. 91). No entanto, a angústia sempre retorna para ele, evocando a castração:

“Assim, o dito de um sujeito, ‘tive uma recaída’, ao se referir ao ato de voltar a usar drogas, pode ser relacionado ao retorno, à ‘re-caída’ na angústia, à evocação da castração, o que faz com que recorra e/ou re-caia na mesma estratégia para evitar se confrontar com o ‘rochedo da castração’” (Inem, 2004, p. 92).

A compulsão à droga opera um curto-circuito na relação com o desejo e destitui o sujeito de sua posição desejante. Como escreve Braunstein (2007), o objeto da toxicomania é diferente do objeto da pulsão ou do fantasma, pois mascara o desejo inconsciente por se tratar de um objeto da necessidade. Por não deter o valor de objeto fálico, a droga não constitui um objeto sexual substitutivo: “é, pelo contrário, um substituto da sexualidade mesma, um modo de afastar-se das coações relacionais impostas pelo falo” (Braunstein, 2007, p. 281). Nesse sentido, a droga se assemelha ao auto-erotismo, no qual o acesso ao gozo não passa pelo corpo do outro.

Segundo o autor, a drogadicção consiste em um método de subtração do sujeito do intercâmbio simbólico e produz uma separação – ainda que precária e alternativa - no que diz respeito aos efeitos da operação de alienação significativa: “na intoxicação não há um morto, mas um ‘dar-se por morto’” (Braunstein, 2007, p. 280). O toxicômano degrada o seu corpo e o reduz à miséria de sua servidão orgânica.

A suspensão frente à angústia e ao desejo através do uso da droga se aproxima da concepção de uma força que conduz o ser vivo para o estado inorgânico, metáfora utilizada por Freud (1920) ao se referir à pulsão de morte. A destituição de si mesmo enquanto sujeito desejante que deriva do ato de se drogar é o que aponta para as toxicomanias como um artifício a serviço da pulsão de morte.

Este recurso se apresenta como resposta às exigências que advém do ideal do eu. Essa instância é a responsável por apontar os caminhos que conduzem o sujeito em sua eterna busca de aproximar-se de seu eu ideal, que promoveria a satisfação narcísica. Assim, quando a angústia provocada pelas exigências do ideal do eu torna-se insustentável, o sujeito recorre às drogas para anestesiar-se. Até um certo limiar, a angústia coloca o sujeito em movimento. Contudo, quando esse limiar é ultrapassado o sujeito esbarra em um ponto de impedimento onde se aprisiona à droga.

É sob este aspecto que proponho um olhar sobre as toxicomanias a partir do conceito de pulsão de morte em seu caráter conservador de resistência à mudança e repetição do mesmo, uma vez que a pulsão de morte e a compulsão à repetição vêm dar conta na teoria dessa força que produz sofrimento. A droga resguarda apenas momentaneamente o sujeito da dor, pois passado o seu efeito a angústia retorna. Nesse circuito vicioso, a compulsão à droga conduz a um aprisionamento na dor.

O aparelho psíquico é regulado pelo princípio de prazer, que busca evitar o desprazer ou produzir um sentimento de prazer (Freud, 1920). No entanto, a tese na qual o prazer está relacionado à diminuição da tensão e o desprazer ao seu aumento mostra-se insuficiente para dar conta das complexidades dos processos mentais. Com isso, Freud (1920) alega que seria incorreto atestar que há uma predominância do princípio de prazer no aparelho psíquico, embora possamos dizer que haja uma tendência nesse sentido que é frequentemente contrariada por certas forças pulsionais. Freud ilustra esse fenômeno através da repetição dos sonhos na neurose traumática que reencenam o trauma, contrariando o princípio de prazer e a função de preservação do sono que Freud também atribui aos sonhos, pois ao produzirem desprazer despertam o sujeito. *Os sonhos traumáticos persistem e contrariam o princípio de prazer porque a pulsão insiste.*

Freud (1920) atribui a compulsão à repetição ao recalçado, o que explica a sua contradição: embora provoque desprazer para o sistema consciente, a compulsão à repetição satisfaz o sistema inconsciente. Por servir como um veículo para a pulsão de morte, as manifestações da compulsão à repetição revelam uma atração pelo sofrimento, que pode ser referida ao sentimento de culpa.

Segundo Garcia-Roza (2003), a repetição nada mais é do que a atualização do material recalçado através da atuação. Essa atualização não é reproduzida como lembrança, mas como ação. A repetição não é percebida pelo sujeito enquanto tal em função do seu mecanismo defensivo inconsciente, pois caso fosse reconhecida perderia a sua eficácia.

Embora a repetição no processo analítico represente um sinal de conflito psíquico e aponte para uma forma de resistência, é ao mesmo tempo um grande instrumento terapêutico, pois consiste em um equivalente simbólico do desejo inconsciente.

No artigo de 1920, o conceito de pulsão sofre uma torção na obra freudiana que desencadeará em um novo dualismo pulsional: a pulsão de vida e a pulsão de morte, que correspondem a dois aspectos complementares da pulsão. A pulsão de vida refere-se à construção no nível da atividade pulsional, buscando combinar indivíduos, famílias, povos, em uma unidade (Rudge, 1998). Já a metáfora em questão na pulsão de morte sugere uma tendência à dissolução do eu, visando o retorno do funcionamento do aparelho psíquico sob o regime do processo primário. A pulsão de morte veio dar um lugar teórico ao poder de uma pulsão destrutiva ou agressiva na vida psíquica (Rudge, 1998). Assim é estabelecido o campo da destrutividade do homem como um verdadeiro tema de interesse clínico, que foi impulsionado pelos casos de neuroses traumáticas, manifestações masoquistas, reação terapêutica negativa e auto-ataques analisados por Freud. O sadismo presente na pulsão sexual é atribuído, a partir desse novo dualismo, à pulsão de morte.

Rudge (1998) ressalta o supereu como uma ferramenta teórica fundamental para entender como age a força pulsional que conduz ao sofrimento, pois essa instância opera como um mediador indispensável dessa força. É, então, a partir do enlace da pulsão de morte com o supereu que daremos prosseguimento ao trabalho.

Freud descreve em 1926 a reação terapêutica negativa e o masoquismo como manifestações da tirania de um supereu sádico sobre o eu. Dentre os cinco tipos de resistência distinguidos nesse mesmo artigo, o que deriva do supereu se apresenta como o mais radical. A resistência que emerge do supereu está relacionada ao sentimento de culpa e à necessidade de autopunição, opondo-se a qualquer movimento para o sucesso, inclusive no que diz respeito à direção do tratamento psicanalítico. Vale notar que na vocação para o fracasso está implícita a concepção do masoquismo como originário (Freud, 1924).

Em "Análise terminável e interminável", Freud (1937) assinala, como representantes da pulsão de morte, o sentimento de culpa e a busca por punição, ambos inconscientes, que apenas tornam-se reconhecíveis quando a pulsão de morte está ligada ao supereu. Ou seja, a pulsão de morte se faz ouvir quando ligada ao supereu. Logo, essa última instância torna-se a responsável pela eficácia das manifestações que advêm da pulsão de morte e da compulsão à repetição.

O supereu constitui-se a partir das primeiras palavras ouvidas pela criança de suas figuras parentais, perpetuando-se como uma marca no sujeito da identificação com os pais. Como escreve Rudge (2006):

“A identificação com o adulto que dá origem ao supereu é basicamente identificação com seu desejo em relação à criança, embora saibamos que o ódio recalçado do próprio sujeito virá a colorir em tons mais fortes a hostilidade do supereu, que, portanto, não será forçosamente proporcional ao ódio de fato apreendido nos cuidadores. Os mandatos superegóicos resultam de identificações com o que, nos pais, é desejo inconsciente, e subjagam o sujeito com especial eficácia porque operam, em sua quase-totalidade, de forma inconsciente” (Rudge, 2006, p. 85).

O caso clínico de um jovem de 19 anos atendido por mim ilustra bem os efeitos da ligação da pulsão de morte com o supereu. Certa vez, ele relatou que apenas quando a sua mãe visse uma fotografia dele morto na capa de um jornal ela passaria a olhar para ele. E os esforços desse jovem para que algo próximo a isso ocorra não são poucos.

Nas toxicomanias, a ligação da pulsão de morte com o supereu provoca o aprisionamento do sujeito à droga, no qual ele se anula enquanto sujeito e de consumidor passa a ser consumido pela droga. Esse fenômeno pode ser compreendido como uma forma de autopunição movida pelo sentimento de culpa, embora apenas na singularidade de cada caso seja possível apreender a função que a droga ocupa para o sujeito.

Não obstante, na compulsão à droga o sujeito se encontra impedido de alcançar uma elaboração psíquica. *Impossibilitado de passar à palavra, ele passa ao ato.* Desse modo, é a partir de uma aposta na escuta psicanalítica que o sujeito ocultado na droga poderá emergir.

Segundo Aulagnier (1985), a satisfação proveniente da pulsão de morte não depende de um objeto, mas de um ato. Ou seja, é a única pulsão efetivamente autônoma, ao contrário da pulsão de vida que necessita investir em objetos para alcançar satisfação. A ausência de objetos que poderiam ser investidos por Eros a fim de satisfazer um certo número de ideais é o fator que deixa uma via livre para a pulsão de morte, cuja meta corresponde ao desejo do não-desejo ou à recusa de desejar. A pulsão de morte se manifesta como resposta ao excesso de sofrimento engendrado

pelo excesso de trabalho psíquico vivido pelo sujeito.

“Na neurose, a pulsão de morte só pode triunfar porque o eu recusa o sofrimento causado pela ausência de um prazer ao qual ele não quer renunciar, embora a eventual realização de um tal prazer implique a culpabilidade de se ter transgredido a interdição do incesto” (Aulagnier, 1985, p. 162).

Com isso, a contrapartida para que haja um equilíbrio na economia libidinal do sujeito está em Eros, cuja meta é a preservação da vida através do investimento em objetos que proporcionem a satisfação narcísica. Esses investimentos são referidos pela autora como *implicação pulsional*. A ausência desses objetos impede que Eros cumpra os seus objetivos.

Já no registro da psicose, a implicação pulsional corre mais riscos de não encontrar o suporte necessário para a sua preservação, pois o próprio corpo e o Eu do sujeito psicótico encontram-se fragmentados. O conflito decorrente desses riscos impossibilita que o eu experimente a satisfação narcísica, pois o próprio eu, sempre aberto para o sofrimento, corre o risco de se tornar incapaz de se disponibilizar a Eros como fonte de prazer e como objeto de investimento. Logo, tal conflito diz respeito à relação do eu com seus investimentos narcísicos e identificatórios.

Sobre o toxicômano, Aulagnier (1985) escreve que ele goza das representações e pensamentos que atribui às drogas. Ou seja, o seu gozo não diz respeito diretamente ao desejo sexual em função do superinvestimento na droga, que exclui do espaço psíquico outros pensamentos com finalidade sexual. Assim, a demanda de um prazer sexual dirigida ao eu do outro é silenciada, em proveito de um prazer que depende somente do próprio sujeito, o que aponta para uma clivagem entre o sexual e o narcísico.

O prazer se torna uma fonte de conflito quando o eu se vê obrigado a abrir mão do prazer imediato produzido pela satisfação das necessidades do corpo, ou da satisfação que deriva de sua atividade de pensar. Para o toxicômano, toda a espera de prazer, seja narcísico ou sexual, é insuportável, pois a espera é vivida com a convicção de que o prazer lhe será recusado. A relação desses sujeitos com o prazer exige uma exclusividade que está presente na relação do eu com a sua própria atividade de pensar e na sua relação com o corpo:

“ou se goza do pensamento, e as demandas do corpo são vividas como se fossem um adversário que deveria ser reduzido ao silêncio, ou então goza-se do corpo e neste caso é a atividade de pensar que deverá ser silenciada” (Aulagnier, 1985, p. 164).

A problemática do toxicômano localiza-se na aliança que realiza entre as exigências do corpo e as do pensamento, que somente é alcançada quando “se consegue fazer do prazer de um desses dois registros o que responde a uma *necessidade* para o segundo” (Idem, grifo da autora). Dessa forma, a droga se torna ao mesmo tempo objeto de prazer para atividade de pensar, e objeto de necessidade e de sofrimento para o corpo. Um processo semelhante ocorre no apaixonamento, no qual o gozo sexual exige a atividade de pensar no objeto amado de maneira exclusiva e obsessiva no registro de uma necessidade, e a ausência desse objeto vem acompanhada de grande sofrimento.

Nesse regime, Eros e Tanatos entram em conflito, pois buscam se apropriar simultaneamente de ambos os territórios: satisfazer as exigências do corpo e as do pensamento. Esse conflito se tornaria insustentável se não existissem momentos de trégua, que permitem o encontro com um objeto, com uma meta ou com uma atividade.

Tendo em vista que o supereu está por trás da compulsão à droga através da sua ligação com a pulsão de morte, tomaremos como um percurso teórico-clínico uma análise dessa instância e da função paterna, a fim de trabalharmos a direção do tratamento nas toxicomanias.

De acordo com Freud (1909[1908]), aos poucos a criança liberta-se da submissão à autoridade dos pais para dar lugar a uma atitude crítica, imprescindível para a internalização das normas da cultura e subsequente separação da figura parental, a fim de constituir-se como um sujeito distinto. Contudo, como escreve o autor, há “uma classe de neuróticos cuja condição é determinada visivelmente por terem falhado nessa tarefa” (Freud, 1909[1908], p. 219), o que é notório nos toxicômanos que não se intimidam em levar até o fim o desejo de todo neurótico de apreender o bem soberano que conduziria à plenitude. Ao fazer um uso compulsivo da droga, objeto interdito, o sujeito transgride as normas da cultura e perturba o seu laço com o social. Por se ver impossibilitado de ficar sem a droga e com isso ser impelido ao uso a despeito de qualquer julgamento – ou, ao contrário, pela satisfação de ser um fora-da-lei – o verdadeiro

toxicômano marca o seu laço com o social através da delinquência. Ele se agarra à sua onipotência para lançar-se em jogos cada vez mais arriscados. O envolvimento com o tráfico, roubos e meios que não economizam criatividade para garantir o acesso à droga usualmente fazem parte de seu repertório. Ao se comportar como um transgressor, o sujeito clama para que lhe sejam impostos limites; caso contrário, não seria necessário atrair tanto a atenção de sua família e da sociedade. Logo, o toxicômano expressa um apelo no ato delinquente para que, de fora, seja contido.

O toxicômano desperta o fascínio naqueles que temem a lei, o que faz dele um herói, nas palavras de Melman (1992). O fascínio é suscitado pelo caráter transgressor, que revela uma pretensa falta de temor à castração, pois é precisamente em busca da lei que o toxicômano dirige os seus atos. Com isso, não é o valor material do objeto que importa, mas a sua condição de ser raptado ou violado, o que configura a delinquência como uma reivindicação do objeto do qual foi privado, seja como um meio de resgatá-lo de forma subversiva, seja como vingança por algo tão essencial ter-lhe sido negado.

Ao apreender um objeto que mascara a falta, o sujeito revela que conserva a ilusão de completude narcísica. Dessa forma, as toxicomanias assinalam para uma tentativa de manter-se apartado da rivalidade sexual, evitando o encontro com a falta.

Notamos, portanto, a construção de relações de dependência marcadas pela ilusão de completude – a qual não reconhece a falta como o que dirige o desejo-, o que possui relação com a insuficiência de um pai simbólico que introduza o sujeito na lógica da castração.

O que faz da droga um objeto capaz de escamotear a falta e oferecer a ilusão de completude é a sua não interdição pela lei paterna, que falha na tarefa de impedir o acesso imediato ao objeto. Caberia à função paterna remeter o sujeito à castração através da interdição do objeto, permitindo que a falta seja reconhecida como o que dirige o desejo. A falta é estruturante na medida em que assinala os meios para a inscrição no social. Entretanto, diante da insuficiência do registro de um pai simbólico, o toxicômano recorre à transgressão para reivindicar um vestígio do pai através do que Melman (1992) nomeia de *transmissão de uma insígnia*. Com isso, o sujeito lança mão do ato transgressor – que opera segundo o registro do real – para que o seu apelo à interdição seja atendido, o que

lhe designaria um lugar no qual pudesse se apropriar do desejo do Outro. Através da lei, o pai concede a possibilidade de o sujeito constituir-se como um ser imperfeito, porém dotado da linguagem como um recurso à subjetivação. Enquanto não é escutado pelo pai, o toxicômano procura ser atendido por outras instâncias, seja através da escola, do Estado ou do analista.

Lebrun (2010) chama a atenção para o fato de que o declínio do patriarcado não tem equivalência com o declínio da função paterna.

“É, então, essencial discernir a função do pai no social – dita função patriarcal –, que vai de par com uma lógica do ponto fixo exógeno, com a função paterna, entendida não como o *papel* do pai, mas como o *lugar* que um qualquer – frequentemente, o genitor, mas sem que isto seja indispensável – ocupe para a mãe e para a criança, que estruturalmente permita que se instale no aparelho psíquico a capacidade de substituição significativa, dito de outro modo, a competência metafórica” (Lebrun, 2010, p. 18).

Segundo o autor, o declínio da função paterna está relacionado à impossibilidade de o pai impor um limite no filho por temer a perda do seu amor, uma vez que o social acredita ter-se emancipado desse lugar de pai como detentor do limite. Como consequência, vê-se dificultada a inscrição do limite no aparelho psíquico da criança, permitindo que ela permaneça no lugar de criança-rei.

Não obstante, para que o desejo seja instaurado, é imprescindível a renúncia do gozo imediato e absoluto. Esse é o interdito do incesto que introduz o sujeito na ordem simbólica. Quem ordena essa renúncia é o pai, enquanto representante da Lei da linguagem.

“O objeto inteiramente satisfatório, *das Ding*, a Coisa, como Freud a denomina, é representado pela Mãe, que ocupa o lugar daquilo a que o sujeito, para existir como tal, deverá renunciar. Está fora de questão para um homem ou para uma mulher encontrar uma vida relativamente satisfatória se eles não deixarem a cama da mãe” (Lebrun, 2010, p. 31).

O autor atenta, com isso, que estamos de saída marcados pela insatisfação e condenados a um eterno trabalho de luto. Ao mesmo tempo, esse processo é o que instaura o desejo, sempre condicionado ao

que a linguagem porta de não-coincidência, de mal-entendido, que derivam do interdito do incesto: “Com efeito, ficamos sempre determinados por aquilo a que foi preciso renunciar, e é apenas a partir daí que podemos sustentar o que se chama de desejo” (Idem.). Estando submetido à lei do significante, o sujeito renuncia ao regime de imediatismo na busca pelo objeto que possa produzir satisfação.

É através do mito de Édipo que Freud sinaliza a perda da *Coisa* metaforizada pela Mãe, ao designar o pai como quem demarca que a mãe e a criança não são tudo um para o outro. Logo, o pai se apresenta como o representante da linguagem. Notamos aqui a passagem inaugurada por Lacan na teoria psicanalítica. Enquanto na concepção freudiana é o pai quem impede o acesso à Mãe, à *Coisa*, para Lacan é o fato de sermos falantes que introduz a lógica do interdito. A partir da leitura do mito de Édipo, Lacan introduz os conceitos de Nome-do-Pai e metáfora paterna. Todavia, a figura do pai não perde o seu lugar de destaque, na medida em que é frequentemente por meio da sua fala que ocorre a inscrição no campo da linguagem.

A inscrição do significante fálico, segundo Lebrun (2010), atesta que o sujeito pagou a sua dívida com a linguagem, pois barra o gozo pulsional que regeu, até a inscrição da Lei, o todo de sua existência. Nesse sentido, as toxicomanias consistiriam em um paradigma de emancipação contra a subordinação ao Patriarcado. Para o autor, a modernidade nos dá o *ultimatum* de encontrarmos outros pontos de apoio não apenas na figura do pai. A problemática se coloca na medida em que o social de hoje não significa mais do mesmo modo o “Não!” primordial que funda a “terceiridade”³.

“Esse ‘Não!’ se encontra como que deslocado: ele não é mais, como na sociedade organizada em torno da religião, tornado presente ao sujeito pela consistência do significante fálico que o Pai tinha a responsabilidade de representar; esse ‘Não!’, em contrapartida, encontra-se sempre aí, mas doravante, unicamente no processo da significação fálica, somente é presentificado ao sujeito a par do procedimento que instala a significação fálica” (Lebrun, 2010, p. 56-57).

A crise da representação fálica lança a seguinte questão: como é possível transmitir a terceiridade, que constitui um traço específico do ser humano? Talvez a resposta encontrada pela sociedade contemporânea esteja na crença dos poderes da ciência que prometem livrar o sujeito de qualquer dor ou frustração gerada pelos efeitos da castração.

O verdadeiro não-dito do ato toxicomaniaco, de acordo com Santiago (2001), abriga uma contestação à Lei paterna, expressa na ruína de seu próprio corpo: "No fundo, esse artefato atua segundo o registro preciso de um símbolo em que se operou a completa expulsão de qualquer conteúdo representativo, de qualquer valor de sentido" (Santiago, 2001, p. 175). As toxicomanias podem ser referidas, portanto, a uma forma de expressar um apelo ao pai, com o intuito de amenizar a angústia que decorre da ameaça de castração.

Em seu trabalho sobre a função da psicanálise na criminologia, Lacan (1950) atribui o ato criminoso às tensões também criminosas no romance familiar como resposta ao complexo de Édipo. Impossibilitado de dar um sentido à castração pelo uso da fantasia, a transgressão atualiza os conflitos edípicos, enquanto remete ao Outro uma pretensa completude forjada através do uso de drogas. No entanto, o que ele porta de fato é o horror da castração e a impossibilidade conferir um contorno à falta. A busca pela adaptação ao real é prerrogativa de todo neurótico, que encontra e constrói meios singulares de lidar com a frustração, como através do sintoma. Entretanto, diante da falta de acesso ao objeto simbólico – interpretada como uma dívida que foi contraída com ele – a saída é se fazer notado pela transgressão como um meio de produzir um furo no campo do Outro, que lhe assegure um lugar para constituir-se como um sujeito desejante. Enquanto incorpora o objeto não interdito, o sujeito confia ao Outro o deciframento de sua ação como uma possibilidade de restituir o registro simbólico.

Ainda que aparentemente de forma contraditória, o toxicômano busca ser escutado através de seu ato transgressor. Contudo, assim como a Lei paterna, a droga também fracassa e o apelo proferido no ato transgressor pode não ser reconhecido. Nesse sentido, é preciso caminhar aquém da urgência imposta pelo sujeito, para que seja possível levantar a questão sobre o que o sustenta no seu lugar de toxicômano, uma vez que esse lugar o conduz inevitavelmente à frustração, pois o circuito da droga o

lança novamente à angústia sempre que a abstinência se impõe para preservar a sua vida.

Embora não seja possível fazer uma descrição precisa sobre as toxicomanias – pois se assim o fizéssemos perderíamos de vista o sujeito em questão – na maioria dos casos de compulsão à droga é possível notar que o toxicômano visa se esquivar da questão que norteia o seu desejo e do mal-estar que advém do encontro com o social. Por esse motivo, rompe com o laço social através do ato transgressor. Não obstante, a transgressão exprime um apelo à função paterna para que opere um corte na relação destrutiva com a substância. Nessa medida, as toxicomanias designam um meio de atrair a atenção para o sofrimento em que o sujeito se encontra: *o toxicômano grita com a droga*. Impossibilitado de operar outro modo de resposta – como o sintoma – que viabilize a elaboração do que é da ordem do intolerável, a droga se apresenta como um recurso de suspensão diante do sofrimento, ao mesmo tempo em que exprime um apelo ao pai.

Notas

1. O Projeto Despertar faz parte do Núcleo de Assistência em Saúde Mental Casa Verde, situado à Rua jornalista Orlando Dantas, 5. Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil, CEP: 22231-010 - www.hospitaldiacasaverde.com.br
2. O Projeto Acolher é composto por psicanalistas oriundos das mais diferentes formações e experiências clínicas, o Projeto Acolher é uma iniciativa que pretende constituir um lugar de exercício, interlocução e produção de saber, tendo a Psicanálise como esteio e possibilidade de articulação com outros saberes, práticas e discursos. Os encaminhamentos se dão através de uma parceria que o Projeto mantém com organizações não governamentais, associações de moradores, entidades ou pessoas jurídicas, além do contato com profissionais da rede pública e/ou privada que desejam encaminhar seus pacientes para um atendimento psicanalítico. Tais atendimentos são realizados nos consultórios particulares dos analistas participantes do Projeto disponibilizados em diferentes pontos da cidade. Contatos: 0**21 8184-4161. E-mail: oprojetoacolher@gmail.com
3. Lebrun (2010) usa esse conceito para referir-se ao lugar do terceiro.

Referências bibliográficas

AULAGNIER, P. (1985) **Os destinos do prazer. Alienação, amor, paixão**. Rio de Janeiro: Imago.

BRAUNSTEIN, N. (2007) **Gozo**. São Paulo: Escuta.

BITTENCOURT, L. (1994) A paixão triste ou a narcose do desejo. Algumas relações entre toxicomania e depressão, in BITTENCOURT, L. (org.). **A vocação do êxtase: uma antologia sobre o homem e suas drogas**. Rio de Janeiro: Imago, p. 49-65.

FREUD, S. (1909[1908]) Romances familiares, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. IX, p. 219-224.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII, p. 11-78.

FREUD, S. (1924) O problema econômico do masoquismo, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX, p. 173-188.

FREUD, S. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XX, p. 79-172.

FREUD, S. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXI, p. 65-148.

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII, p. 223-270.

GARCIA-ROZA, L.A. (2003) **Acaso e repetição em psicanálise. Uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

INEM, C. L. (2004) Corpo em evidência, corpo de gozo, in ALBERTI, S.; RIBEIRO, M.A.C. (orgs.). **Retorno do exílio. O corpo entre a psicanálise e a ciência**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 89-94.

LACAN, J. (1950) Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.127-151.

LEBRUN, J.-P. (2010) **O mal-estar na subjetivação**. Porto Alegre: CMC.

MELMAN, C. (1992). **Alcoolismo, delinquência e toxicomania: uma outra forma de gozar**. São Paulo: Escuta, 2000.

RUDGE, A.M. (1998) **Pulsão e Linguagem. Esboço de uma concepção psicanalítica do ato**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

RUDGE, A.M. (2006) Pulsão de morte como efeito do supereu, in **Revista Ágora** [online]. Rio de Janeiro: Contracapa. IP/UFRJ, vol.IX, no.1, janeiro a junho de 2006, p. 79-89. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100006&lng=en&nrm=iso

SANTIAGO, J. (2001) **A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

ZAFIROPOULOS, M. (1994). O toxicômano não existe. Fenomenologia da Experiência Toxicomaniaca e Referências Psicanalíticas, in BITTENCOURT, L. (org.). **A vocação do êxtase: uma antologia sobre o homem e suas drogas**. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 17-32.

Resumos

The drug at the service of the death drive

This paper outlines a psychoanalytical study on drug addiction mainly through investigating the function that the drug has for the subject. The object of this research is the subject's compulsion for the drug. The paper will address the effects produced on the subject from the psychoanalytical point of view and not the physiological effects produced by drugs. For this purpose, drug addiction will be viewed through the concepts of death drive, superego, *jouissance* and paternal function. Assuming that a weakness or ineffectiveness of the paternal function promotes a compulsion towards drugs to help cope with the distress caused by the effects of castration, this paper suggests that evoking the paternal function can produce an end to this circle.

Keywords: psychoanalysis, drugs, death drive, superego, *jouissance*, paternal function.

La drogue au service de la pulsion de mort

L'article présente une étude psychanalytique de la toxicomanie, où l'accent de l'enquête est sur la fonction qui prend la drogue sur le sujet. L'objet d'étude en question est le sujet qui a une compulsion pour la drogue. Nous ne traiterons pas de les effets produits par la substance organique, mais de ses relations avec le sujet de la psychanalyse. À cette fin, nous allons lancer un coup d'oeil à la drogue à travers les concepts de pulsion de mort, surmoi, *jouissance* et fonction paternelle. En supposant que la faiblesse ou l'inefficacité de la fonction paternelle

fournit la compulsion pour la drogue, l'article presente comme proposition pour la direction du traitement la convocation de la fonction paternelle comme un biais clinique pour produire une coupe dans ce circuit.

Mots-clés: psychanalyse, drogues, pulsion de mort, jouissance, surmoi, fonction paternelle.

Citação/Citation: VIANNA, A.G. A droga a serviço da pulsão de morte. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.isepol.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 18/03/2011 / 03/18/2011.

Aceito/Accepted: 14/05/2011 / 05/14/2011.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

O uso do crack e as toxicomanias como um anti-amor

Patrícia Matos Rodrigues

Psicanalista

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro Adjunto do ISEPOL - Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de
Orientação Lacaniana (Rio de Janeiro, Brasil)

Coordenadora da ONG Associação CasaViva (Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil)

E-mail: patmattos@hotmail.com

Resumo

Existem novos sintomas e patologias? Para responder a essa indagação, que nos ocorre mediante os impasses na clínica psicanalítica hoje, escolhemos abordar a toxicomania. A partir de uma experiência na instituição de psicanálise aplicada, a toxicomania foi abordada como uma patologia própria aos sujeitos da época em que se prescinde dos ideais e se fixa na relação com o objeto *a*. O gozo toxicômano é tratado nesse artigo como o sinal do autismo contemporâneo do gozo. Jacques Alain-Miller qualificou o gozo da toxicomania como um anti-amor. Desenvolvemos, nesse artigo, que a relação com a droga é a busca de um casamento rigorosamente feliz com um parceiro silencioso. Ainda com este autor, foi possível distinguir as drogas e os efeitos destas em relação aos significantes do Outro. Assim, analisando, especialmente, o *crack* como a droga que causa um movimento de separação do Outro, podemos, com Lacan, nomear de gozo toxicômano patológico.

Palavras-chave: psicanálise, toxicomania, gozo, sintoma, amor.

Existem novos sintomas e patologias? Para responder a essa indagação, que nos ocorre mediante os impasses na clínica psicanalítica atual, escolhemos abordar a toxicomania. De Freud a Lacan, houve uma ampliação da psicopatologia de molde a incluir novos sintomas em conformidade com as mudanças nos laços sociais da contemporaneidade.

Em Freud, “a função da droga é abordada [...] apenas como um operador ético, nos limites precisos da economia libidinal do sujeito, seja ele neurótico, perverso ou psicótico” (Santiago, 2001, p. 114). Já em Lacan, encontramos outra concepção:

“[...] a toxicomania como uma nova forma de sintoma. Ou seja, o que emerge como novo no envoltório formal do sintoma justifica-se pela própria compreensão de que a toxicomania é um efeito do discurso da ciência, o que, por sua vez, não é suficiente para lançar as bases de uma estrutura clínica particular” (Santiago, 2001, p. 153).

Partimos, então, dessa localização teórica precisa e também da nossa experiência na instituição de psicanálise aplicada que se propõe a escutar usuários de substâncias psicoativas. Nesta instituição, cujo valor do significante é voltado para a vida – Associação CasaViva –, o diagnóstico estrutural de sintomas, que nos remetem a modos de gozo muito próximos da pulsão de morte, mostra-se tarefa árdua.

Assim, nos deparamos com os sintomas que podemos nomear de sintomas da moda, nos quais a fixação do gozo em um determinado objeto revela um modo-de-gozar sem o Outro. De tal forma, o modo de gozo não passa pelo Outro social e se situa necessariamente no mais-de-gozar. Pensamos então em um circuito de modo de gozo precário, desorganizado e encarnando uma faceta autística e solitária. Nesse cenário localizamos a toxicomania.

No *Seminário, livro 20: mais, ainda*, Lacan afirmou que o parceiro do sujeito não é o Outro, mas sim o que vem em substituição e que se constitui como causa do desejo (Lacan, 1972-73, p. 171). Na clínica da toxicomania, nos deparamos com sujeitos que não vestem o mais-de-gozar com outra pessoa e sim jogam sua partida essencialmente com as drogas e de forma narcísica. Nesse sentido, o parceiro não está sob a roupagem da sexualidade.

“Se esboço uma teoria do parceiro é porque o sujeito lacaniano, aquele a quem nos remetemos, está essencialmente engajado em uma partida. Ele tem de maneira essencial, não contingente, mas sim necessária, de estrutura, um parceiro. O sujeito lacaniano é impensável sem um parceiro” (Miller, 1996-97, p. 164).

A partir da constatação lacaniana, seguimos, então, com a releitura de Jacques-Alain Miller, que nos apresenta a toxicomania como um anti-amor, na medida em que nela se prescinde do parceiro sexual e há uma fixação na substância psicoativa como um parceiro a-sexuado do mais-de-gozar (Miller, 1996-97, p. 170). Na contemporaneidade, para ele, localizamos a toxicomania em uma época na qual prevalece o objeto *a* e se prejudica o ideal. Assim, ele resume sua proposição com o matema $I < a$.

Nos atendimentos da instituição CasaViva, um de nossos pacientes conclui: “eu comecei a beber na adolescência, e fui bebendo, bebendo, até a hora que me dei conta que passei a gostar mais de bebida do que de mulher”. Outro paciente diz, se referindo à dependência de *crack*: “eu nem queria saber de namorar, o beijo mais gostoso que eu dava era aquele beijo apaixonado na latinha”. É ainda recorrente na fala destes sujeitos a constatação de que, especialmente, o *crack* elimina a fome, o sono e o amor.

Durante a confecção deste artigo, questionamos o porquê do interesse atual pela toxicomania, uma vez que ela sempre existiu. Encontramos, então, em Miller a resposta:

“Se nos interessamos hoje pela toxicomania, que existe desde sempre, é porque ela traduz maravilhosamente a solidão de cada um com seu parceiro mais-de-gozar. A toxicomania pertence ao liberalismo, à época em que nos lixamos para os ideais, em que não nos ocupamos de construir o Outro, em que os valores ideais do Outro empalidecem, desagregam-se frente à globalização de que ninguém está a cargo, enfim, uma globalização que prescinde do Ideal” (Miller, 1996-97, p. 170).

Ainda para este autor, “o gozo toxicômano tornou-se emblemático do autismo contemporâneo do gozo” (Miller, 1996-97, p. 172), na medida em que o sujeito dispensa o Outro e goza a sós. Assim, encontramos, na clínica da CasaViva, homens abobalhados e desvirilizados que, ao se afastarem do uso da droga, não sabem como usar o próprio dinheiro, sequer imaginam como abordar uma mulher e, muitas vezes, precisam ser secretariados – ainda que não sejam psicóticos – para uma reconstrução da posição viril.

Por outro lado, as mulheres que chegam ao serviço para atendimento analítico encontram-se devastadas e são levadas ao extremo da posição de dejetivo, na maioria das vezes acompanhando seus parceiros também drogadictos. Recuperar algo da posição feminina na parceria com seu homem e convocar a recusa do gozo excessivo se torna, então, um desafio na clínica contemporânea frente à toxicomania.

Miller ainda nos propõe pensar uma distinção das drogas, separando-as quanto aos efeitos que elas provocam na relação entre o sujeito e o Outro. Assim, ele aponta que a maconha é uma droga cujo uso não se encaixa indispensavelmente na dinâmica do excesso, na medida em que não rompe com o social e que pode auxiliar as relações sociais e sexuais.

Para justificar tal proposição, ele retoma a concepção lacaniana de que o gozo toxicômano pode ser considerado verdadeiramente patológico quando ele é preferido à relação sexual (Miller, 1996-97, p. 175-176). De acordo com Lacan (1975), o sucesso da droga se resume no fato de que ela pode ser uma ferramenta que permite ao sujeito romper o casamento com o seu “pequeno-pipi” (*petit-pipi*, em francês). Assim, este gozo tem valor supremo para os sujeitos que não medem esforços para atingi-lo, ainda que seja através da prática de crimes e outros tipos de transgressões.

“Lacan foi obrigado a recorrer às ficções kantianas para explicar o gozo perverso. Kant considerava líquido e certo o seguinte: se disserem a você que o cadafalso o aguarda ao término de uma noite de amor com uma mulher, você renuncia à mulher. Lacan, por sua vez, diz que não se recua forçosamente, sobretudo se aí estiver em causa um gozo que vai além do amor à vida. É o critério propriamente lacaniano do gozo toxicômano como patologia” (Miller, 1996-97, p.175-176).

Assim, o resultado do uso do *crack* se encaixaria perfeitamente dentro do critério lacaniano de toxicomania patológica. Dessa forma, localizamos o uso do *crack* como um fator que viabiliza o movimento de separação do sujeito com o social e o Outro. Geralmente, os sujeitos, nomeados *crackeiros*, chegam facilmente à situação de dejetos. Em geral, eles rejeitam e se afastam do Outro e das relações sociais, tornando-se cada vez mais desenraizados.

Tal gozo rompe com a possibilidade de relação sexual e carrega o sujeito para uma posição de resto que sustenta este gozo inscrito na dinâmica do excesso. Na eleição do *crack* pelo sujeito, propomos que há uma busca da dimensão autoerótica do gozo, que, por sua vez, passa a alimentar os sujeitos, os separam radicalmente do Outro, da função de mediação da linguagem e do amor.

Seguindo ainda a particularização das drogas, o uso da cocaína, para Miller (1996-97), pode ser traduzido como um sintoma da alienação do sujeito, sendo uma droga que facilita a inscrição no campo do Outro. Localizamos nessa vertente alienatória também a eleição do álcool realizada por alguns sujeitos. Miller trata ainda da heroína, porém sabemos que o uso dessa droga não é significativo na realidade de nosso país. Apesar disso, entendemos que os efeitos relatados por ele podem ser deslocados para o uso do *crack*, conforme apontamos acima.

A partir dessas proposições, o presente artigo pretende ainda retomar uma proposição freudiana a respeito da relação entre a satisfação tóxica e a satisfação sexual. Desde Freud, nos deparamos com a teorização de que há na satisfação tóxica um prazer que pode prescindir do Outro sexo. Este autor, em seu artigo "A tendência à depreciação do amor" (1912), exemplifica que os grandes alcoólatras mantêm uma relação de amor com a bebida a mais próxima possível da fidelidade e da harmonia, constituindo, assim, um modelo de casamento feliz. Podemos aferir ainda que quanto mais se entrega à satisfação tóxica, mais o sujeito se distancia da satisfação sexual.

Sendo assim, a partir da lógica da clínica da sexuação, propomos ainda que a toxicomania funda a busca pelo casamento rigorosamente feliz com um parceiro silencioso, pois se põe de lado a mulher que fala demais ou o homem que fala de menos, queixas que demarcam classicamente as posições sexuadas.

Para finalizar, propomos ainda que a direção do tratamento nos casos de toxicomania deva estar orientada em aplacar a dimensão autística do sintoma que esvazia a dimensão do desejo e insere os sujeitos em uma relação cínica com o gozo.

“O que isso quer dizer? Que há uma parte do gozo do Um, o gozo autístico, que está agarrado no Outro e é capturado pela língua e pela cultura, tornando-se, em razão disso, manipulável. [...] Do lado do Outro, há como mandíbulas que captam uma parte do gozo autístico; é a significação da castração. A verdade da castração é que precisamos passar pelo Outro para gozar e deixar de gozar com o Outro” (Miller, 1996-97, p. 181).

Vinhetas clínicas

CASO H.

H. é um rapaz de 31 anos que começou a usar drogas aos 12 anos de idade, sendo que nos últimos cinco anos fez o uso do *crack*. Passou dois anos preso em função do tráfico e roubo. Chega à instituição no momento em que decide parar de usar drogas. Relata em sua história que seu pai foi traficante e havia passado pela prisão também. Conta que começou a fumar maconha com o seu pai, apesar de achar isso “esquisito”. Hoje, o pai parou de usar drogas e passou a cobrar essa mesma posição do filho. Segundo H., “o pai arrumou uma mulher e sossegou”. Ao chegar à instituição, H. já estava frequentando uma igreja evangélica e passou a coordenar um grupo de jovens. Diante da doença do avô, ele tem uma recaída, mas consegue simbolizar que sente medo de perder o avô paterno, figura de grande importância em sua vida. Depois desse momento, não acontecem mais recaídas, mas H. precisa ser amparado em momentos em que se sente em dificuldades. Uma dessas dificuldades surge quando ele vai receber a primeira parcela do seguro desemprego e tem medo de usar o dinheiro para comprar drogas. Diante disso, surge a pergunta da analista: “o que você acha que um homem faz com seu dinheiro?”. Essa pergunta o situa e ele compra roupas novas, pois havia vendido as suas para comprar drogas e convida uma garota para sair. Quando fala do futuro profissional, localiza na família vários tios policiais, uma mãe trabalhadora e uma irmã honesta. Começa a pensar em fazer curso para trabalhar como segurança, como a irmã. No entanto, os

conflitos entre os valores da igreja e a possibilidade de ter uma mulher o assombram e a analista necessita constantemente orientar H. quanto às questões viris e mediar a relação com a religião. Na igreja, passa a desenvolver um projeto para ajudar adolescentes que querem parar de usar drogas. Em conjunto com um colega, desenvolve uma camiseta com os seguintes dizeres: “*crack*, tire essa pedra do seu caminho”. Junto com a camiseta, ele busca uma parceria com uma clínica de recuperação para dependentes químicos para realizar trabalhos de aconselhamento. Começa a falar de outro projeto: fazer um teatro sobre sua vida. Porém, na condução do caso paira a pergunta: será que H. conseguirá realizar outro projeto – o projeto do pai (*père-version*): “arrumar uma mulher e sossegar”?

CASO C.

C. é uma mulher com 41 anos, que surtou aos 29 anos. As mortes de dois irmãos e o nascimento da filha fizeram eclodir vozes e alucinações. No momento do nascimento da filha, descobre que é soropositiva. Ela trabalhava como técnica de enfermagem em um hospital psiquiátrico da cidade e é aposentada por invalidez devido ao transtorno psiquiátrico. C. passa a se drogar com cocaína e álcool. Além disso, ela frequentemente diz não tomar os antiretrovirais e ingere cartelas de remédios psiquiátricos na tentativa de “fazer besteiras”. O pai de C. foi também um paciente psiquiátrico que passou por várias internações e faleceu dentro de um hospital para doentes mentais. Segundo ela, ele foi um pai muito bom e sua mãe – sua “coroa” – gostava muito dele, mas o casamento não deu certo devido às crises dele. Hoje, C. apresenta um discurso delirante no qual justifica suas ausências aos atendimentos com o fato de ter sido internada. Liga para a analista com frequência para dizer que está saindo de uma internação porque tomou remédios ou porque “quebrou tudo em casa”. No entanto, esses fatos não correspondem à realidade. Diz que não usa mais cocaína e que toma umas cervejinhas nos finais de semana. Comparece a alguns atendimentos com o odor de álcool, mas sempre nega ter ingerido a substância. Em um de seus momentos de “crise”, ela chega à instituição visivelmente embriagada e frente à pergunta do que havia acontecido com ela, responde: “eu tomei um sossega leão – Haldol com Fernergan”. Apesar de sua tentativa de “enganar”, ficamos com o

significante “sossega leão” e a equipe passa a se perguntar se o álcool tem o lugar de invenção para seus momentos de angústia.

CASO A.

A. é um homem de 45 anos que usa drogas desde a adolescência. Iniciou o consumo como forma de lidar com uma timidez excessiva e se inserir com um grupo de meninos na escola. De lá em diante, utilizou vários tipos de drogas e passou por incontáveis internações em clínicas especializadas. Há cerca de cinco anos, passou a fumar o *crack*. Para ele, o amor a essa droga vai além do amor à vida, pois apresenta um quadro clínico complicado, devido à conjunção do enfisema pulmonar e da hepatite C. Não consegue realizar os tratamentos médicos em função do uso de drogas. É casado e tem dois filhos homens. Passa poucos dias sem o *crack* e consome a droga sozinho na garagem ou na sala de casa. Em uma de suas internações, procura pela analista e relata que reiniciou o uso depois de uma conversa “pesada” com a mãe. Revela que ela, pela primeira vez, falou abertamente com ele sobre a desconfiança de que seu pai mantém relacionamentos homossexuais. A. diz que sempre teve essa mesma desconfiança e passa a relatar o “casamento de fachada” dos pais e o fato de que “o pai sempre está acompanhado com um amigo”. A analista aponta que ele faz como o pai e que seu amigo tem nome: o *crack*. Ele se surpreende e reconhece sua dificuldade em se apresentar de forma viril e assumir compromissos com sua esposa e seus filhos. Nesse momento, segue, então, interessado nessa elaboração de sua parceria nessa partida inconsciente.

Referências bibliográficas

FREUD, S. (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor, in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, vol. 11, p. 159-173.

LACAN, J. (1972-73) **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, J. (1975) **Journées de l’Ecole Freudienne de Paris des 12 et 13 avril 1975**. Disponível em:

<http://www.causefreudienne.net/uploads/document/68fe1630d6300182104367a76cd2d7b4.pdf>. Acesso em: 01/04/2012.

MILLER, J.-A. (1996-97) A teoria do parceiro, in Escola Brasileira de Psicanálise (org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, p. 152-207.

SANTIAGO, J. (2001) **A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

Resumos

Use off crack and the addictions as an anti-love.

Are there new symptoms and pathologies? To answer this question that occurs to us through the impasses in psychoanalytic practice today, we chose to approach the addiction. From the experience in the institution of applied psychoanalysis, the addiction was approached as a pathology of the subject of the present age in which it dispenses with the ideals and fixes in the relation to the object *a*. The addict enjoyment is treated in this article as a sign of autism contemporary enjoyment. Jacques-Alain Miller described the addiction enjoyment as an anti-love. We developed in this paper, that the relationship with the drug is to search for a strictly happy marriage with a silent partner. Even with this author, it was possible to distinguish the effects of these drugs and their effects in relation to the significant of the Other. Thus, analyzing especially the crack as the drug that causes a movement of separation from the Other, that we can, with Lacan, name the pathological addict enjoyment.

Keywords: psychoanalysis, addiction, enjoyment, symptom, love.

Le “crack” et les toxicomanies comme un “anti-amour”.

Y a-t-il des nouveaux symptômes et pathologies? Pour répondre à cette question qui se présente à nous à travers les impasses dans la pratique psychanalytique d'aujourd'hui, on a choisi d'aborder la toxicomanie. De l'expérience dans l'établissement de la psychanalyse appliquée, la toxicomanie a été traitée comme une pathologie propre au sujet de l'époque qui dispense les idéaux et se fixe dans le rapport à l'objet *a*. La jouissance toxicomane est traitée dans cet article comme un signe de l'autisme contemporain de la jouissance. Jacques Alain-Miller a décrit la jouissance de la toxicomanie comme un anti-amour. Nous avons développé dans le présent article, que la relation avec la drogue est la recherche pour un mariage heureux avec un partenaire silencieux. Avec ce même auteur, il était possible de distinguer les drogues et ses impacts en relation avec les signifiants de l'Autre. Ainsi, analysant en particulier le *crack* comme une drogue qui

provoque le mouvement de séparation de l'Autre, nous pouvons, avec Lacan, le nommer comme la jouissance toxicomane pathologique.

Mots-clés: psychanalyse, toxicomanie, jouissance, symptôme, amour.

Citação/Citation: RODRIGUES, P.M. O uso do crack e as toxicomanias como um anti-amor. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.isepol.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 22/03/2011 / 03/22/2011.

Aceito/Accepted: 05/07/2011 / 07/05/2011.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

“Está no sangue”: transmissão e psicanálise.

Fernanda Furieri Paes

Psicóloga

Historiadora

Estudante de especialização em psicologia clínica com crianças pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: fernandafpaes@yahoo.com.br

Ana Maria Rudge

Membro Psicanalista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (Rio de Janeiro, Brasil)

Professora Associada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio (Rio de Janeiro, Brasil)

Pesquisadora do CNPq

Membro Fundador e Pesquisadora da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

E-mail: ana.rudge@uol.com.br

Resumo

A partir de um caso clínico e também do romance de Gabriel Garcia Márquez, *Cem Anos de Solidão*, o artigo aborda o conceito de transmissão em psicanálise, e a repetição do trauma entre diferentes gerações de uma família, entendendo a genealogia do sujeito como ser de linguagem, como inserido no campo do Outro. O trabalho busca compreender em que condições o trabalho analítico possibilita a emergência do sujeito em sua singularidade já que a condição de alienação está implícita em sua constituição e ele se encontra submetido aos mandatos categóricos do supereu, que comandam a repetição mortífera.

Palavras-chave: psicanálise, transmissão, trauma, fantasia.

I. “Está no Sangue”

“Macondo já era um pavoroso rodamoinho de poeira e escombros, centrifugado pela cólera do furacão bíblico, quando Aureliano pulou onze páginas para não perder tempo com fatos conhecidos demais e começou a decifrar o instante que estava vivendo, decifrando-o à medida que o vivia, profetizando-se a si mesmo no ato de decifrar a última página dos

pergaminhos, como se estivesse vendo a si mesmo num espelho falado. [...] antes de chegar ao verso final já tinha compreendido que não sairia nunca daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilônia acabasse de decifrar os pergaminhos e que tudo o que estava escrito neles era irrepetível desde sempre e por todo o sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra” (Márquez, 1967, p. 218-219).

O sujeito se constitui, desde sempre, a partir do Outro. Um Outro que aliena e humaniza; que permite, portanto, ser – ser a partir do Outro, mas diferente dele, pois a própria palavra sugere alteridade. Esse Outro, como podemos ler em Lacan, está no campo da linguagem, portanto, no campo do social, estando presente em sua constituição a lei, a cultura, a linguagem e também a família no seio da qual o sujeito se constitui: seus parentes vivos ou mortos que deixaram seus traços a serem perpetuados.

O trecho que citamos acima do livro de Gabriel Garcia Márquez fala de predestinação. Aureliano encontra no pergaminho do cigano Melquíades, grande amigo de seu avô, a profecia sobre sua morte e o fim de sua linhagem. Fim anunciado desde sempre pela grande matriarca da família, Úrsula, que iniciou a estirpe a partir de um ato incestuoso: casou-se com o primo e, por isso, sempre esperou que da família surgisse algo da ordem do horror.

O romance trata de diferentes gerações da família Buendía. As gerações se sucedem, os nomes são sempre os mesmos, a ponto de o leitor não saber mais de quem o autor está falando: seria do pai ou do filho? Assim como se repetem os atos, nunca simbolizados, nunca elaborados, em guerras infundas em que o leitor nunca identifica uma razão, repete-se também o grande temor de Úrsula: o nascimento de um rebento com rabo de porco, denunciando seu ato incestuoso.

A transmissão do trauma entre gerações da mesma família, tema do belo romance de Garcia Márquez, interessa a vários campos de saber. Nossa questão, entretanto, nasceu da clínica, e de uma clínica específica: de adolescentes. Momento de encontro com o real do sexo, onde caem

identificações e se constroem outras. Momento também onde o jovem se questiona – “quem sou eu?” – na partilha dos sexos (Alberti, 2009).

Nessa clínica, diferente do que ocorre com o atendimento de adultos, temos contato direto com os pais (ou quem quer que assuma essa função) do sujeito que nos chega para análise. Chama nossa atenção como algumas mães chegam até nós não apenas com temores sobre o futuro do filho, mas com a certeza sobre seu destino, sempre pautadas em uma repetição de história familiar. Em alguns casos, para o pior: ele será como o pai, alcoólatra, violento, abusador.

A repetição não se restringe a uma fantasia materna, já que em geral o pai desses adolescentes repetiu o sintoma de seus próprios pais, levando algumas dessas mães a elaborarem a explicação genética: “está no sangue”.

O que o sujeito irá tecer a partir dessa profecia materna é singular, mas podemos observar que os significantes que traz para a análise estão quase sempre permeados por essa determinação. Como ilustração, apresentaremos o caso de um adolescente que chamaremos aqui de Marcos, que, assim como o Aureliano, de Garcia Márquez, parece querer fugir de um destino já traçado pela história de sua família e, sobretudo, pela fala de sua mãe.

Qual a possibilidade de um destino diferente – essa é nossa questão – quando a palavra materna profetiza um futuro destruidor? Como e em que medida é possível, a partir da prática psicanalítica, conduzir o sujeito em tratamento para que desconstrua essa “maldição materna” e tenha acesso a novas possibilidades de construção de sua história?

II. Trauma e transmissão psíquica

“[Ursula e José Arcádio] [...] estavam ligados até a morte por um vínculo mais sólido que o amor: uma dor comum de consciência. Eram primos entre si. Tinham crescido juntos [...] quando expressaram a vontade de se casar os próprios parentes tentaram impedir. Tinham medo de que aqueles saudáveis fins de duas raças secularmente entrecruzadas passassem pela vergonha de engendrar iguanas. [...] José Arcadio Buendía, com a leviandade dos seus dezenove anos, resolveu o problema com uma só frase: ‘Não me importa ter

leitõezinhos, desde que possam falar” (Márquez, 1967 p. 15. Grifo nosso).

Nos dias atuais, ao trazermos o significante *transmissão* como tema de pesquisa, não nos surpreendemos em encontrar rápidas respostas relacionadas à herança genética, transmissão de doenças, de síndromes, de características biológicas. Transmissão, nesse sentido, se enquadra na ordem do que transcende o indivíduo e o coloca como pertencente a uma família com um perfil biológico determinado. As intervenções da biotecnologia, hoje, pretendem “limpar” essa matriz biológica das futuras gerações promovendo intervenções antes mesmo da fecundação: selecionando óvulos, espermatozoides livres de determinados fatores de risco (Rifkin, 1999).

Essas intervenções da ciência, que têm caráter claramente eugênico, avançam cada vez mais, prometendo agir sobre o comportamento do futuro indivíduo, pois se apoiam em um saber que defende a explicação da origem genética da ação humana. A transmissão aí é entendida como transmissão genética e a subjetividade não é levada em conta.

Freud, ao criar a psicanálise há mais de 100 anos, propunha algo muito diferente. Embora nunca tivesse descartado a influência de fatores hereditários, o que lhe interessava é que a genealogia do sujeito se dá no social, a partir da relação com o outro, no campo da linguagem. Mesmo quando utiliza conceitos como ‘herança arcaica’ e ‘filogenia’, tão presentes no discurso biológico evolucionista, ele o faz para falar da universalidade da capacidade humana de simbolização, o que é próprio aos seres divididos que somos: seres de linguagem. Tal como o Aureliano, de Garcia Márquez, formulou: leitõezinhos que podem falar são aceitáveis como filhos da comunidade humana.

A segunda possibilidade em que se desdobra o significante *transmissão* está relacionada ao ensino, ou seja, ensinamos os sujeitos em desenvolvimento a viverem de acordo com determinadas regras e registros culturais. A transmissão é, nessa aplicação do termo, pedagógica, e seu lugar de excelência em nossa cultura é a escola. Essa segunda visão tem a validade de inserir o indivíduo no campo do social e deixa de lado o determinismo biológico. No entanto, não é à transmissão consciente de conteúdos aquilo a que Freud se refere, pois essa

formulação não levaria em consideração o conceito fundamental, aquele que inaugura o campo discursivo freudiano: o inconsciente.

Podemos considerar que há dois pilares míticos na genealogia do sujeito freudiano: o assassinato do pai primevo, tal como Freud (1912) formula em seu “Totem e tabu” e o Complexo de Édipo, que ele começara a formular em 1905 com “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Esses dois pilares são construções freudianas que procuram dar conta da ambivalência afetiva dos filhos em relação aos pais. Essa ambivalência pode ser tomada como protótipo de um conteúdo transmissível entre gerações: no caso do complexo de Édipo, referido ao drama familiar do sujeito e ao mecanismo das identificações e, no caso de “Totem e tabu”, aquilo que diz respeito à “herança arcaica” no campo da humanidade.

Com a construção do “mito científico” de “Totem e tabu”, Freud se apropria das ideias evolucionistas de Darwin, Atkinson e Robertson Smith para construir a hipótese de que nossos ancestrais viviam inicialmente em pequenas hordas, sendo governados por um pai déspota que era dono de todas as mulheres e punia e afastava os filhos gerados, até que um dia esses filhos se uniram, assassinaram o pai tirano e juntos o devoraram. No entanto, tomados de culpa pelo parricídio, esses homens criaram um clã que reverenciava a figura totêmica do pai; este, uma vez morto (e podemos dizer que exatamente por estar morto), se torna representante da lei, criando o interdito do incesto.

É, portanto, a partir da suposição da ambivalência dos filhos em relação ao pai tirânico que Freud pôde teorizar sobre os meios pelos quais os estados mentais são transmitidos de uma geração para a outra, além da diferenciação entre a comunicação consciente e inconsciente no processo de transmissão (Kupferberg, 2004).

Ocorrendo ao mesmo tempo em que se dava a produção de “Totem e tabu”, o caso clínico do “Homem dos lobos” (Freud, 1917) oferece mais um elemento conceitual para traçarmos a concepção freudiana da transmissão: a ideia de fantasia primeva. Essa seria uma construção que procuraria dar conta de um conteúdo recalcado por ser ofensivo ao sujeito, constituindo-se uma “inversão imaginária e desejável em lugar da verdade histórica” (Freud, 1917, p. 57). No caso do homem dos lobos, a cena que estaria na etiologia de sua neurose seria o coito dos pais. No entanto, a realidade objetiva dessa cena não parece ser essencial na

elaboração teórica de Freud quando ele afirma que “[...] no mundo das neuroses a realidade psíquica seria decisiva” (Freud, 1917, p. 27). A fantasia primeva não seria algo restrito ao sujeito, mas parte de uma herança da espécie.

Assim, a partir de Freud, podemos entender que estamos sempre sujeitados à cadeia genealógica que nos precede, tanto como membros da “família humana” – como seres de linguagem que somos – quanto pertencentes a uma organização familiar específica que reveste o mistério de nossas origens e que acaba por dar contorno às construções fantasmáticas de nossas teorias sexuais infantis.

No que diz respeito à história familiar, é entre falas, olhares e silêncios que nos tornamos sujeitos, logo, o que foi transmitido, consciente ou inconscientemente pelas gerações que nos precederam, irá constituir o eu através do processo de identificação.

Nas obras “A guisa de introdução ao narcisismo” (Freud, 1914) e “O eu e o id” (Freud, 1923), o processo de identificação é ressaltado por Freud como constitutivo do eu e como mecanismo pelo qual se dá o processo de transmissão. O conceito de identificação traduz o peso da cultura e da herança familiar na constituição do eu e do supereu, o que leva Freud a falar mesmo de um “supereu cultural” em “Mal estar na civilização” (Freud, 1930), que se daria em continuidade ao “supereu edípico”¹.

Segundo Kupferberg (2004), a questão da relação do eu com o objeto é colocada em vários momentos da obra freudiana, mas, a partir de determinado ponto da construção teórica, a identificação deixa de ser apenas mais um dos mecanismos inconscientes para se tornar o mecanismo fundamental na construção do eu.

Desde 1905, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud usa o termo ‘narcisismo’ na sua teoria libido, mas foi apenas em 1914, em “A guisa de introdução ao narcisismo”, que distinguiu duas formas diferentes e reversíveis de investimento libidinal: investimento no eu (narcísico) e nos objetos externos (objetal). Nesse sentido, o eu passa a ser um dos objetos da libido, o que só é possível se pensarmos que o eu surge a partir da identificação com o adulto que investe narcisicamente o infante.

Há uma identificação com o pai da pré-história pessoal, anterior a qualquer investimento libidinal, portanto algo “primordial”. Esse primeiro

momento de identificação à figura parental constitui um ideal. No entanto, essa imagem idealizada precisa desaparecer – tal como o pai da horda primitiva – para que o trabalho de luto permita a inscrição da perda como função simbólica. A incidência da lei simbólica é que vai permitir um limite à satisfação pulsional, ou seja, é ela que inscreve a falta e a necessidade de investimento em objetos e a posterior identificação com eles, que assim passam a fazer parte do próprio eu.

Segundo Kupferberg, o segundo tipo de identificação a que se refere Freud seria formado por marcas deixadas no eu pela perda dos objetos amados que se tenta constantemente reconstituir. Seria, portanto, essa dupla orientação do processo identificatório que permitiria “o deslocamento do registro mítico (“Totem e tabu”) para o registro histórico da constituição de um sujeito singular” (Kupferberg, 2004, p. 136).

Se, no mito construído em “Totem e Tabu”, Freud fala da necessidade do assassinato do pai para o advento da cultura, na constituição do eu é necessário o assassinato das figuras onipotentes para a emergência do sujeito e sua inscrição no campo simbólico.

Retomando o caminho que fizemos até aqui, consideramos que a relação entre o sujeito e a história que o precede pode ser traçada na obra de Freud desde a hipótese filogenética presente em “Totem e Tabu” (Freud, 1912), passando pela introdução do conceito de narcisismo em 1914 e a elaboração da segunda tópica, em 1923, na qual considera a identificação como constitutiva do eu e do supereu. Essa elaboração culmina em 1939, com “Moisés e o monoteísmo”, onde Freud fala especificamente da transmissão do trauma entre gerações e como essa transmissão pode ser entendida a partir da metapsicologia. É nessa obra que ele articula os conceitos de trauma e transmissão.

Nos dois primeiros capítulos, Freud traz argumentos para defender a sua hipótese da origem egípcia de Moisés e, na terceira parte, desenvolve sua hipótese de que a religião monoteísta judaica remete a um evento traumático: o assassinato de Moisés pelos hebreus.

Para Freud, Moisés era um príncipe que foi criador e fundador da religião mosaica (derivada da religião monoteísta do faraó Amenhotep, que abandonou o nome de seu pai, nomeando-se Akhenaton, que significa “agradável a Aton”, seu único Deus). Liderando os judeus no retorno para Canaã, ele teria sido assassinado pelos hebreus que, em seguida,

seguiram para uma região chamada Cades, onde cultuavam o Deus vulcânico Javé, além de outras deidades. Para Freud, a religião mosaica foi recalçada pelo povo hebreu por longos séculos, até que mudanças históricas de luta de poder tornaram a ideia de um Deus único possível novamente e o modelo resgatado foi o Deus mosaico.

A força da tradição e da transmissão é aqui ressaltada por Freud como capaz de reinstalar a religião mosaica, há muito esquecida pelo povo hebreu. Assim, é a partir da transmissão de uma geração a outra de um trauma coletivo – o assassinato de Moisés – que a religião mosaica pôde se constituir e se perpetuar.

Trauma e recalque estariam na origem da tradição judaica. Mais uma vez, Freud utiliza conceitos que recorrem a uma analogia entre o sujeito e o desenvolvimento cultural de um grupo. Há ainda dois conceitos importantes, estreitamente articulados em psicanálise, que são importantes nesse texto: trauma e latência. Tal como na análise do “homem dos lobos”, Freud fala de um acontecimento traumático que no momento de ocorrência não surtiu efeitos, mas que *a posteriori* tem efeitos permanentes na história, seja ela individual ou do grupo.

A concepção da temporalidade proposta por Freud é muito diferente da que estamos acostumados a tratar, que supõe a direção linear do passado para o presente. A concepção psicanalítica vai indicar que o passado é continuamente associado ao presente, que o evoca e o ressignifica.

Essa concepção da temporalidade é fundamental para entendermos a noção de trauma proposta pela psicanálise, pois coloca o inconsciente como atemporal, ou melhor, não submetido à temporalidade cronológica e linear que estamos acostumados a considerar verdadeira. Novamente, Freud enfatiza que a realidade psíquica é aquela que importa, já que o acontecimento traumático não é um fato, mas uma construção psíquica.

Como construção psíquica, podemos afirmar que o trauma é contingente, mas, segundo Freud, há razões estruturais pelas quais as experiências traumáticas são inevitáveis na vida de qualquer pessoa, já que as condições de subjetivação se dão através do trauma. Se o complexo de Édipo é estruturante para o sujeito e nele a castração está implícita, podemos dizer com Freud que “[...] a criança, sob o impacto do complexo de castração, sofre o mais poderoso trauma de sua existência” (Rudge, 2009, p. 34). “Assim, não se pode prescindir de um solo constituído no

passado como condição de possibilidade para se entender o efeito traumático de algum evento” (Rudge, 2009, p. 42). Como se pode entender na leitura de “Moisés e o monoteísmo” esse solo remete não só ao romance edípico, mas também à história genealógica

Podemos encontrar na obra freudiana a construção de três mitos: complexo de Édipo, horda primeva e a fundação do monoteísmo hebreu por Moisés. Esses mitos procuram tratar do tema da castração, melhor dizendo, da função paterna. Se, para Freud, o pai é o operador da castração, pois é ele que provoca o interdito, para Lacan a castração é a consequência da estrutura de linguagem, que sempre falha em oferecer um saber sobre a diferença sexual. Assim, o mito seria uma forma de recobrir a falta de um sentido prévio por meio de um saber suposto. O pai, nessa visão, não é a causa da diferença sexual e sim um mito concebido para ocultar a ignorância das origens do sexo e também da morte.

Há uma equivalência entre romance histórico e romance familiar. Segundo Fernandes, “A família, para a psicanálise, seria [...] o palco onde se desenrola o percurso que vai do mito à estrutura” (Fernandes, 2004, p. 319). Para Lacan, será no contexto da crise edípica que a criança percebe que à mãe falta algo que o pai tem: o pênis, o órgão masculino que representa o significante fálico. Espera então que o pai sustente a crença de que ele é aquele que é potente, aquele sobre o qual a castração não incide (Lacan, 1969), e que ele pode transmitir o que se passa na relação sexual. Porém, a relação entre um homem e uma mulher não se escreve, e nenhum pai se mostra à altura desta tarefa, já que ele nada mais é do que um sujeito também marcado pela castração.

O mito, ao oferecer uma explicação sobre a origem, recobre – ao menos em parte – essa falta. Presente tanto na formação dos povos e culturas quanto na organização familiar, o mito é uma forma de discurso com que o sujeito se identifica e que oferece uma explicação sobre sua origem e delimita as possibilidades de um destino.

Zornig (2008) chama atenção para a importância do conceito de originário na obra de Freud, mostrando que, a partir do momento em que desiste de buscar a origem das neuroses, a questão será localizada por ele no terreno da fantasia. As cenas de sedução, assim como as cenas de observação do coito dos pais e de ameaça de castração, narradas em

análise, passam a ser parte de uma herança filogenética reeditada na história singular de cada um.

No caso clínico de que traremos a seguir, veremos a construção de uma fantasia originária que envolve o tema da castração e que é formulada pelo adolescente como forma de explicar um sintoma que atravessa as gerações de sua família.

II. 1) *Alcoolismo, violência e morte: o caso do adolescente Marcos*

No caso clínico de Marcos, a repetição de um sintoma na história familiar provoca a busca pela origem do problema por parte do adolescente. Segundo as mulheres de sua família (mãe, avós, tias), o alcoolismo “está no sangue” dos homens da família e seria o agente provocador da violência e das repetidas mortes.

Marcos traz dois grandes medos: de ele se tornar alcoólatra “quando crescer”, e o de que seu pai, que é alcoólatra, morra graças a seu comportamento violento e “valentão”. O adolescente fala de dois fatores como originários do sintoma paterno: o assassinato de seu avô e o fato de seu bisavô ter sido “macumbeiro”.

Na narrativa de Marcos, o bisavô aparece como um mago que fez um “trabalho” para “fechar o corpo” de todos os homens de sua família. Ele queria que nada os atingisse: “nem bala, nem faca, nem nada, para que eles não morressem”.

Para o rapaz esse pacto só pôde ter sido realizado com forças malignas, já que teve como resultado a desgraça de todos os homens da família: o avô se tornou alcoólatra e ficava muito violento quando bebia, acabando por ser assassinado. Dos filhos do avô, o pai de Marcos é o único vivo, os outros dois morreram devido ao alcoolismo: quando bebiam se sentiam onipotentes, e assim criaram situações que os levaram a morte. O pai de Marcos repete o sintoma: bebe e apresenta comportamento violento: “ele quer bater em todo mundo no bar e até pega faca para traficante”.

Os homens da família de Marcos “sangram”, morrem de forma violenta. Isso, diz ele, porque o alcoolismo “está no sangue” dos homens da família. Vemos que, na história que nos conta Marcos, o que está em jogo é uma forma sintomática de lidar com a castração. Tal como colocamos acima, na travessia edípica, o pai é colocado pela criança como aquele não castrado, e cabe a ele sustentar esse semblante, ainda que saiba que

isso é só um “faz de conta”, pois na realidade é um sujeito dividido como qualquer outro.

A morte – um dos nomes da castração – é exatamente o que o bisavô mítico de Marcos tenta negar aos homens de sua família em seu ato de magia. A virilidade se liga a uma negação da castração; no entanto, esses homens sabem que isso não é possível, que estão submetidos à lei fálica como todos os homens, exceto quando bebem e experimentam a sensação de onipotência. Tal como coloca o adolescente: “eles acham que podem tudo”. Os homens dessa família sangram ao tentar sustentar a metáfora paterna, tentando provar que o bisavô de Marcos era “potente”, ou seja, tinha o poder de livrá-los da castração.

Essa hipótese ganha força quando o adolescente fala sobre a única saída que vê para seu pai, que seria ir para a Igreja, já que “Jesus sangrou para nos salvar”. Na economia psíquica de Marcos, talvez o sangue de Jesus possa equivaler ao sangue de seu pai e ele possa se livrar do destino de ter que dar seu sangue para provar a potência de seu bisavô.

Ao recorrer ao discurso religioso, Marcos se identifica com as mulheres de sua família, todas muito religiosas. Ir para a igreja e sofrer passivamente com o alcoolismo masculino ou assumir um lugar na genealogia dos homens da família sendo também um alcoólatra? Paralisado entre as duas possibilidades Marcos prefere ser chamado de criança e não de adolescente, evitando assim ser colocado em um lugar identificado na partilha dos sexos.

Nesse caso, a transmissão tem valor de origem e de destino para Marcos. Não devemos entender, no entanto, que o sujeito está completamente sujeitado a essa transmissão e nem que ela se dá completamente à revelia deste. Há um gozo implícito na repetição. Veremos a seguir o conceito de compulsão à repetição em Freud, em suas relações com a pulsão de morte e com o supereu.

III. Repetição, pulsão de morte e supereu.

Quando Marcos chega pela primeira vez para uma entrevista individual, diz que deseja conversar para entender por que ele faz “essas coisas”, maneira de se referir a certas atitudes antissociais. “Essas coisas” têm deixado sua mãe e avó muito tristes, diz chorando. Ele se questiona se

seu comportamento está relacionado a “essas coisas” que o pai anda fazendo: uso excessivo de álcool e drogas que resultam em um comportamento violento em casa. O pai, por sua vez, no discurso do menino, tem esse comportamento porque o avô fazia “essas coisas”: bebia e ficava violento, acabando por ser assassinado ainda jovem, na idade que o pai tem hoje.

Tentaremos entender como os conceitos freudianos de compulsão à repetição e pulsão de morte podem nos auxiliar na análise da transmissão e da repetição dentro da história familiar. Analisaremos também a importância da elaboração de Freud sobre o superego na articulação desses conceitos.

Embora tenha se referido ao termo anteriormente em sua obra, Freud elabora o conceito de compulsão à repetição no texto “Além do princípio do prazer”, de 1920, chamando atenção para uma compulsão “demoníaca” que seria responsável por conduzir o sujeito a repetir os caminhos que o levam para o sofrimento e para a dor.

Essa compulsão pode ser observada em certos sonhos, nos sintomas da neurose traumática, na reação terapêutica negativa e na compulsão de destino. Estando na base do fenômeno da transferência, pode ser pensada como o maior impasse ao tratamento psicanalítico e, ao mesmo tempo, sua condição de possibilidade, constituindo “a área própria para a intervenção psicanalítica” (Rudge, 2006, p. 79).

Explicar a compulsão à repetição é um desafio para Freud, já que considera que há algo nesse fenômeno que escapa à determinação pelo princípio de prazer, funcionando não em oposição, mas de maneira independente dele. Ela estaria relacionada, portanto, a algo muito mais primitivo nos seres humanos: à pulsão de morte.

A pulsão de morte é explicada por Freud recorrendo ao paradigma evolucionista. Ele utiliza a embriologia e até mesmo a etologia para desenvolver a ideia de que haveria um tipo de pulsão com tendências conservadoras² que impele os seres vivos ao retorno ao seu estado inorgânico, já que o “inanimado já existia antes do vivo” (Freud, 1920, p. 161). Ele inaugura, assim, um novo dualismo pulsional, colocando de um lado a pulsão de morte, que tem o objetivo desagregador de alcançar mais rápido possível o fim da vida, e, do outro, Eros, que trabalha pela continuidade da vida.

O conceito de pulsão de morte surgiu, entre outros fatores, para responder ao desafio que apresenta, para a clínica psicanalítica, a existência de quadros como “as neuroses traumáticas e manifestações masoquistas, como a reação terapêutica negativa e os auto ataques” (Rudge, 2006, p. 81). Nesse sentido, Freud aproxima mais uma vez a filogenia da ontogenia, defendendo que as pulsões destrutivas existentes no sujeito seriam derivadas da pulsão de morte originária de todos os seres vivos.

Segundo Rudge (2006), Freud não oferece uma elaboração capaz de dar conta desses fenômenos clínicos apenas com essa perspectiva biológica da pulsão de morte, e por esta razão se dedica então à elaboração do supereu. Para ela, “o supereu [...] constitui uma ferramenta teórica fundamental sem a qual o entendimento da operação da pulsão de morte na experiência psicanalítica, assim como seu manejo, não se torna possível” (Rudge, 2006, p. 3). É com a elaboração freudiana de uma instância psíquica controladora e julgadora que é possível entender a pulsão de morte como relacionada à história de cada sujeito. Essa instância se forma no processo de identificação através das primeiras relações do infante com o campo social.

Será a partir do que se convencionou chamar de segunda tópica do aparelho psíquico, com a construção conceitual das três instâncias psíquicas – isso, eu e supereu (1923) – que poderemos relacionar a compulsão à repetição com as identificações próprias da constituição do sujeito e, por esse caminho, buscar elaborar uma hipótese sobre o porquê a palavra profetizadora da mãe de Marcos, assim como a de Úrsula, matriarca da família Buendía, tem efeito de destino para seus descendentes.

O supereu, tal como nos apresenta Freud em seu texto “O eu e o isso”, de 1923, é constituído em dois tempos. No princípio da vida, em meio à fase oral, é formado pela “primeira e mais importante identificação de um indivíduo” (Freud, 1923, p. 44), que é a identificação com os pais de sua pré-história. Essa identificação seria direta e imediata, ocorrendo antes de existir a possibilidade de qualquer investimento libidinal em um objeto. Nesse momento, portanto, é marcada uma referência fundamental para o infante, um “deveria ser como”, que mais tarde Lacan chamará de ideal do eu.

O segundo tempo de formação do supereu seria ao final do período edípico marcado pela interdição do incesto. Nesse sentido, constitui-se a partir de uma proibição, que abre espaço para alteridade, tal como coloca Freud: “‘Você não pode ser assim’ (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele” (Freud, 1923, p. 47).

Nesse sentido, sendo a consciência moral resultante da superação e da dessexualização do complexo de Édipo, o supereu é considerado por Freud, em 1923, como herdeiro do complexo de Édipo. No entanto, em 1924, no texto “O problema econômico do masoquismo”, ele afirmará que essa consciência moral pode sofrer uma sexualização regressiva e, assim, a sua crueldade permitirá uma satisfação masoquista do eu.

Façamos um pequeno parêntese para falar da mudança do conceito de masoquismo na obra freudiana a partir deste texto de 1924, o que se torna fundamental para entendermos a sua relação com o supereu e, logo, com a pulsão de morte.

Desde 1905, com os “Três ensaios sobre a sexualidade”, Freud relaciona o masoquismo com a teoria das pulsões considerando-o uma pulsão parcial, que chama de pulsão sadomasoquista. Já em “Pulsões e seus destinos” (Freud, 1915), o par sadismo e masoquismo corresponde a dois destinos da pulsão: a transformação de ativo para passivo e o retorno contra o próprio sujeito, sendo o masoquismo sempre derivado de um sadismo originário. Nesse sentido, o masoquismo seria resultado de uma erotização da dor, logo, ligado às pulsões sexuais³.

Em 1924, a partir de suas elaborações de um mais além do princípio de prazer, ou seja, compreendendo que há elementos da vida psíquica que fogem a esse princípio, a posição inicial de que o masoquismo corresponde à erotização da dor é revista. A partir de seu novo dualismo pulsional, Freud considera que “a libido enfrenta a pulsão de morte” (Freud, 1924, p. 181), desviando para os objetos do mundo externo seu caráter destruidor, ou seja, transformando-a em agressividade. O sadismo seria a parte dessa pulsão que é “colocada diretamente a serviço da função sexual” (idem), e o masoquismo é o resto da pulsão de morte que não foi desviada para fora pela libido. Esse é o masoquismo que Freud chama de originário, ou primário. Ligado ao supereu esse masoquismo se expressa.

Com a elaboração da existência de um masoquismo primário, o supereu arcaico⁴ já não é uma instância articulada à lei, mas sim aliada aos objetivos da pulsão de morte, já que se alia “ao gozo e à satisfação pulsional masoquista, tornando-se esse supereu cruel que ordena: goza!” (Rudge, 1998, p. 60).

Freud afirma que a pulsão de morte é, por natureza, muda (Freud, 1923, p. 67), no entanto, ela se faz ouvir na experiência clínica quando ligada ao supereu. Ele já havia anunciado essa ideia em 1923, em sua análise do papel dessa instância psíquica nos quadros de melancolia, observando que, nesses casos, o supereu encontra um ponto de apoio na consciência e transforma o sentimento de culpa que é inconsciente em consciente. Assim, pode dirigir todo o sadismo disponível na pessoa para seu eu, se tornando “cultura pura da pulsão de morte” (Freud, 1923, p. 67).

Em 1924, no entanto, ele aprofunda sua análise entendendo que, uma vez que está envolvido na satisfação pulsional masoquista, o supereu passa a representar uma via de ligação do processo primário, permitindo certa elaboração psíquica da pulsão. Ou seja, é a partir do supereu que a pulsão masoquista – que corresponde a um resto da pulsão de morte – pode se expressar. Tal como coloca Rudge, “o supereu como introjeção de coisas ouvidas é o resquício de um Outro primordial” (Rudge, 1998, p. 60).

É nesse sentido que podemos entender a afirmação de Lacan de que é como experiência de discurso que a pulsão de morte se expressa na clínica psicanalítica (Lacan, 1969-70 *apud* Rudge, 1998).

A pulsão de morte e, logo, a repetição são associadas à ordem simbólica, podemos encontrar a explicação para isso na constituição do supereu. Tal como chamamos atenção anteriormente, o supereu, segundo nos apresenta Freud após 1924, é formado a partir das primeiríssimas identificações, aquelas que ocorrem em meio ao desamparo fundamental, quando a dependência ao outro é da ordem da preservação da vida.

É através da linguagem que o infante tem contato com o que, no Outro, aparece como desejo e se identifica com esse desejo; por isso, continua Rudge, “os mandatos superegóicos resultam de identificações com o que, nos pais, é desejo inconsciente, e subjagam o sujeito com especial eficácia porque operam, em sua quase totalidade, de forma inconsciente” (Rudge, 1998, p. 85).

No fragmento da análise de Marcos, podemos perceber que o jovem busca a resposta do porquê de suas ações em um “mais além”. Ele não reconhece essas ações como suas, como fruto de seu desejo, mas sim como pertencentes a uma cadeia destrutiva de atos dos homens de sua família.

Em “O Seminário sobre ‘A carta roubada’”, de 1956, Lacan chama atenção para o fundamento simbólico da repetição, denominando esse automatismo como “insistência da cadeia significante”. Assim, o simbólico não deve ser entendido como constituído pelo homem, mas como constituinte deste. A ordem simbólica está associada na obra lacaniana ao que transcende o homem, ao que é da ordem, portanto, da pulsão de morte, tal como destaca Coutinho Jorge: “[...] a ordem simbólica apresenta uma relação de exterioridade em relação ao sujeito [...]” (Coutinho Jorge, 2000, p. 65-66) e a repetição seria a manifestação dessa ordem.

Será em 1964, no entanto, com o seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que Lacan irá propor que há dois aspectos diversos da repetição: um, associado à ordem simbólica, que chama de “autômaton”, e outro, associado ao real, que nomeia de “tiquê”. O primeiro se relaciona à repetição em seu aspecto de insistência da cadeia significante, é o retorno dos signos relacionados ao domínio do princípio de prazer. A tiquê, no entanto, se relaciona no mais além desse princípio, implica no encontro sempre faltoso com o real (Coutinho Jorge, 2000). Nesse sentido, para Lacan, a repetição revela a relação indissociável entre simbólico e real, entre inconsciente e pulsão.

É na mitologia familiar que Marcos irá buscar respostas possíveis sobre seus atos e meios de fugir de um destino que teme e deseja, e que já se realizou no discurso de sua mãe. Em todos os nossos encontros ele repete que não quer ser como o pai: “eu nunca vou beber” me diz ele, reclamando que qualquer ato seu que a mãe desaprova é acompanhado da ameaça que tenta fechar seu destino quando diz: “está vendo, você vai crescer para ser como seu pai, você tem sangue ruim”. Por outro lado, o pai desfruta do prestígio de ser aquele que possui a mãe, e a demanda de não ser como ele, aponta para o desejo inconsciente de ser como ele, de ter os direitos que ele tem. A repetição pela mãe de seu vaticínio também fala, além de seu medo, de seu desejo inconsciente. O adolescente não se

deixa enganar, pois sabe que há algo para além dessa explicação imediata do “sangue ruim”, tanto que, sempre que pode, introduz pontos de interrogação nas sentenças maternas “será que é por causa da história do meu pai que faço `essas coisas`?”.

A importância do ponto de interrogação que Marcos pode pôr no discurso do Outro é grande, pois remete à possibilidade de uma separação que está sendo efetuada aos poucos, durante o trabalho analítico. A grande dificuldade do jovem em desmontar a determinação materna está no fato de ela se colocar como parte de sua construção fantasmática. Buscaremos a seguir analisar o conceito de fantasia, e sua importância quando falamos de transmissão.

IV: Do ser ao sentido e do sentido ao ser.

Aureliano e José Arcádio são os filhos dos fundadores da província de Macondo: Úrsula e Aureliano Buendía. No decorrer do livro esses nomes se repetem, misturam-se e confundem o leitor. Também se repete a relação incestuosa - que foi responsável pela própria fundação da cidade⁵ - geração após geração dessa família, ou seja, os casais formados são quase sempre endógenos ao círculo familiar.

Após 100 anos de muitas guerras e terríveis assassinatos, o único casal vivo é Amaranta Úrsula e Aureliano, que são tia e sobrinho que acabaram por se apaixonar devido a encontros e desencontros familiares. O nascimento do filho desse casal, último homem da família Buendía, é narrado assim por Gabriel Garcia Márquez:

“Num domingo, às seis da tarde, Amaranta Úrsula sentiu a premência do parto. A sorridente parteira [...] fez com que ela subisse na mesa da sala de jantar, montou a cavalo no seu ventre e a maltratou com galopes selvagens até que seus gritos foram silenciados pelo choro de um varão formidável. Através das lágrimas, Amaranta Úrsula viu que era um Buendía dos grandes, socado e voluntarioso como os Josés Arcádios, com os olhos abertos e clarividentes dos Aurelianos e predisposto a começar a estirpe outra vez do princípio e purificá-la dos seus vícios perniciosos e da sua vocação solitária, porque era o único em um século que tinha sido engendrado com amor.

— É um antropófago perfeito — disse. — Vai se chamar Rodrigo.

— Não — contradisse o marido. — Vai se chamar Aureliano e ganhar trinta e duas guerras” (Márquez, 1967, p. 216)

No entanto, o pequeno Aureliano não resiste, morre levando consigo toda a história de sua família. Leva essa história em seu corpo, pois nasceu com o rabo de porco que sua tataravó tanto temia ver, denunciando a relação incestuosa que fundou a estirpe. Morre também sua mãe, minutos depois do parto, em meio a “um manancial inesgotável” de sangue. O pai termina de realizar o desejo de Úrsula, grande matriarca da família, morrendo em um “furacão bíblico” que destrói Macondo sem deixar vestígios.

Em seu seminário *A relação de objeto*, nos diz Lacan: “desde a origem a criança se alimenta tanto de palavras quanto de pão, e perece por palavras” (Lacan, 1956-57, p. 192). No encontro com o Outro a criança é inserida na ordem simbólica, ordem de troca de significantes. Pela criança essa troca é realizada primeiramente através do grito, que se torna significante a partir do momento em que o outro o acolhe como mensagem, como demanda de satisfação (Lacan, 1956-57).

Nas palavras de Garcia Márquez, o pequeno Aureliano não demanda nada, não chora ou grita em momento algum de sua curta vida, ou, se grita, não há ninguém que possa escutá-lo. O que em primeiro momento parece ser a suposição de um sujeito por parte do pai, quando esse o nomeia, se revela como desejo de morte. Após a morte da mãe da criança, não há nada que possa salvá-la desse desejo. O autor narra a forma como Aureliano vê o filho momentos antes deste morrer: “E então viu a criança. Era uma pelasca inchada e ressecada que todas as formigas do mundo iam arrastando trabalhosamente para os seus canais pelo caminho de pedras do jardim” (Garcia Márquez, 1967, p. 217).

O que chama atenção nessa passagem do livro de Garcia Márquez é a condição de alienação em que se encontra o bebê ao nascer, ou seja, sem alguém que invista afeto, que o aliene em seu desejo, o pequeno Aureliano não pode sobreviver, se torna “uma pelasca inchada e ressecada”.

IV. 1) *Alienação, separação e fantasia.*

Podemos ler em Freud a defesa de uma capacidade inata de simbolização nos seres humanos, desde “Os estudos sobre histeria” (Freud, 1893-95) até “Moisés e o monoteísmo” (Freud, 1939).⁶ No entanto, se a capacidade de simbolização é considerada por Freud como ‘inata’, o símbolo não o é. No processo de emergência do sujeito, é necessário outro sujeito que o mergulhe na linguagem, que responda à sua demanda. Ou seja, é necessário um Outro para introduzir o indivíduo na ordem simbólica.

É do não-sentido, portanto, que se chega à significação, sendo essa relação intermediada por um terceiro. Esse terceiro é um Outro, não aquele que se distingue do eu na relação imaginária do estágio do espelho, mas o grande Outro, denominado por Lacan pela letra “A”.

O processo de alienação se dá a partir do encontro do indivíduo com a linguagem, com a lei que preexiste a sua formação, lei com a qual ele tem que se conformar para receber o reconhecimento do Outro falante, que o ensinará a utilizar a linguagem e fornecerá os significantes necessários para isso.

Tal como colocamos anteriormente, a primeira intervenção da criança em termos de troca simbólica se dá em forma de grito (Lacan, 1978). Esse grito se torna significante a partir do momento em que o Outro o toma como mensagem. Nesse sentido, é o significante produzido com a resposta do Outro – na linguagem lacaniana chamada de S_2 – que transforma o grito em significante – S_1 . Podemos dizer que S_2 transforma o grito em significante *a posteriori*, oferecendo-lhe um sentido. Assim, a dimensão do sentido está na articulação entre S_1 - S_2 e pode-se considerar que o que produz sentido, produz também a alienação.

Mesmo o significante que Lacan chama de significante mestre (S_1), aquele que o sujeito usa para se representar junto a outros significantes (que sempre serão S_2) é tomado do Outro. Assim, considera-se que o sujeito é criado a partir da nomeação do vazio, da materialização da ausência (Nascimento, 2010). Por isso, Lacan identifica o campo do ser com o campo do discurso.

“Do ser ao sentido há o *ve/* da alienação; do sentido ao ser o da separação”, nos afirma Sonia Alberti (2009, p. 111). Ora, se Lacan afirma que o campo do ser é o campo do discurso, do significante oferecido pelo

Outro, podemos afirmar que o campo oposto, o do sujeito, está condenado ao silêncio. S_1 , ao mesmo tempo em que cria o sujeito, o apaga, pois o aliena. A única forma do sujeito não se apagar é não escolher a via da alienação, mas aí ele estará condenado ao não-sentido. Aí está, portanto a condição de sujeito dividido: “não pode se manifestar se não no intervalo entre S_1 - S_2 , antes do sentido se constituir, mas depois de um significante ter sido capturado” (Alberti, 2009, p. 4). Assim, a operação de separação implica um corte entre S_1 e S_2 .

Na alienação há, portanto, a imersão do sujeito no campo do Outro, respeitando suas leis e desejando seu reconhecimento, desejando completá-lo. No entanto, não há completude no Outro, algo sempre falta. Para falar do processo de separação, traremos um conceito que Lacan considera a sua contribuição original em psicanálise (Miller, 2011), o objeto “*a*”, objeto causa do desejo.

Freud, em “Pulsões e seus destinos”, de 1915, afirma que um dos quatro elementos que compõem a pulsão é o objeto⁷, e que esse é indiferente, ou seja, que qualquer objeto pode ocupar o lugar de objeto da pulsão, logo, podemos dizer que nenhum objeto a satisfaz totalmente. Retomando essa passagem da obra freudiana, Lacan chamará essa falta de um objeto que satisfaça completamente a pulsão de *objeto a*, colocando que esse objeto é “[...] a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só reconhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo” (Lacan, 1964, p. 170).

O objeto *a* é, portanto, um objeto faltoso, ou melhor, objeto perdido desde sempre, que o sujeito procura reencontrar. Esse objeto tem diversas aparências imaginárias, construídas por cada sujeito a partir dos significantes que o Outro lhe oferece. No entanto, embora participe simultaneamente dos três registros – real, simbólico e imaginário – a dimensão mais importante do objeto *a* é o seu estatuto real, que designa que esse objeto está fora do registro do simbólico, esse objeto ex-siste, ou seja, está fora da cadeia significante.

O nome que Lacan encontra na obra freudiana, especificamente no “Projeto” que designaria essa dimensão real do objeto *a* é *das Ding* (a Coisa), elemento que ocupa para o sujeito lugar de primeiro exterior, estranho, pois nada no campo das percepções pode corresponder a ele. *Das Ding* é condição de possibilidade para que o objeto *a* seja

apresentado ao sujeito pela via da falta, ou seja: “a Coisa prepara o terreno para que [...] possamos perseguir um conceito de objeto que desta falta faça substância” (Darriba, 2005, p.70).

É o encontro do sujeito com a falta, com o objeto *a*, que lhe permite realizar a operação de separação, ou seja, o corte entre S_1 - S_2 e fazer de S_1 o significante de sua diferença, de sua verdade mais particular. Assim, o objeto *a* está ligado ao mais íntimo desejo inconsciente do sujeito, aquele que surge por trás de S_1 .

A operação de separação revela, portanto, uma demanda desconectada do Outro, revelando a oposição profunda entre o que Lacan chama de sujeito do inconsciente (*je*) e o *eu* (*moi*) que se relaciona à cadeia articulada, ligada ao Outro. Esse movimento de desenraizamento do Outro na operação da separação coincide com a travessia da fantasia.

A fantasia é o que dissimula o encontro com o real e o torna suportável para o sujeito. Ela surge a partir da operação da castração, que produz o recalque originário, agenciada pelo significante o Nome-do-Pai, fazendo com que aquilo que antes era empuxo-ao-gozo (pulsão de morte) seja contido e passe para uma região onde possa ser sexualizado. Ali, a fantasia pode dominar pelo menos uma parte dessa pulsão de morte (Coutinho Jorge, 2010). Há, nesse sentido, uma perda que a operação da castração produz e a fantasia fundamental se coloca como aspiração à reconquista do que foi perdido.

No primeiro momento de encontro com a castração, a fantasia constitui-se como representação imaginária do objeto perdido, ou seja, o objeto da fantasia é o objeto *a*, tal como afirma Coutinho Jorge: “O desejo não possui objeto, mas a fantasia é o suporte do desejo na medida em que ela o fixa numa certa relação estável com determinado objeto” (Coutinho Jorge, 2010, p. 78). No entanto, a fantasia não é só a matriz do objeto perdido, mas também é organizadora da realidade, é atravessada pelo desejo, pois “enquadra e emoldura a realidade” (Nascimento, 1997, p. 8), logo, além da função imaginária, ela também opera no simbólico.

A fantasia é uma espécie de roupagem, de “véu” da pulsão, pois, se ordena a relação do sujeito com a realidade, é apenas na condição de ordenar também a relação do sujeito com o gozo. Nesse sentido, podemos entender a fantasia como resultado da articulação entre pura vontade de gozo (pulsional) e a demanda de amor (em relação ao Outro).

“Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” nos diz Lacan (1963-64, p. 197) em seu *Seminário 10: a angústia*. Amor e gozo são representantes dos dois pólos da fantasia, o pólo inconsciente e o pólo pulsional, seguindo o matema $\$ \diamond a$. A diferença entre amor e gozo é exatamente na produção de sentido inerente ao amor que se opõe à falta de sentido inerente ao gozo. Assim, “pode-se postular que a fantasia é, em essência, uma fantasia de desejo de completude, construída em torno de dois pólos diversos: o amor e o gozo” (Coutinho Jorge, 2010, p. 82).

O eu (*moi*) se encontra, assim, no meio de uma luta entre a satisfação pulsional e as exigências do Outro, recusando à pulsão um meio de se satisfazer por medo da perda de amor, pois crê no argumento falacioso de que, para obter satisfação, é necessário de início se recusar a ela. Nesse sentido, o eu (*moi*) não deseja nada, já que sua demanda de amor não é o verdadeiro desejo, pois tem raiz na pulsão e sua exigência de gozo, melhor dizendo, é por querer garantir a satisfação pulsional que o eu se torna escravo das leis do Outro.

O percurso teórico que fizemos até aqui insere a problemática da emergência do sujeito no campo do social, ou seja, no campo do Outro. As três operações de que tratamos especificamente nesse capítulo – alienação, separação e constituição fantasmática – deixam claro que o humano se constitui a partir das trocas simbólicas que permitem a tessitura de sua vida psíquica. Essa tessitura, ao mesmo tempo em que permite compreender o mundo, aprisiona o ser.

No caso do adolescente Marcos, assim como dos homens da família Buendía no livro de Garcia Márquez, a palavra materna é o grande veículo do discurso que fecha o destino dos sujeitos, os prende em um gozo que, como todo gozo, leva à repetição impossível de dialetizar. Mas, por que a mãe? Talvez a resposta a essa questão nos aproxime de uma conclusão possível sobre o problema da transmissão.

Desde o princípio deste texto, propusemos que na construção mitológica freudiana a continuidade psíquica entre as gerações é marcada por um conteúdo fundamental: a interdição do incesto. É nesse sentido que no texto “Os complexos familiares”, em 1938, Lacan afirma que a família é, entre os grupos humanos, a grande responsável pela transmissão cultural, pois cabe a essa instituição refrear o gozo.

Esse refreamento é dado pela função paterna, responsável por transformar o desejo da mãe em algo diferente, em outras palavras: o desejo da mãe é substituído pelo Nome-do-Pai. A metáfora paterna produz uma significação que não existia antes e a partir disso leva a uma moderação de gozo, que em Lacan, recebe o nome de castração.

Se, por um lado, Lacan afirma que é necessário que o desejo da mãe seja substituído pelo Nome-do-Pai, por outro, ele coloca que é exatamente o desejo da mãe que torna possível a inscrição do Nome-do-Pai. Isso porque o gozo mítico é sustentado no mito da mãe fálica, ou seja, na crença de que é possível encontrar um objeto que corresponda ao desejo do Outro materno: o pai seria o significante do desejo da mãe, estando à altura de responder pela falta desta.

Um bom exemplo dessa articulação é a forma como Gabriel Garcia Márquez narra a forma como Aureliano Buendía nota pela primeira vez seus filhos:

“— Em vez de andar por aí com essas novidades malucas, você devia era se ocupar dos seus filhos — replicou. — Olhe como estão, abandonados ao deus-dará, como os burros.

José Arcadio Buendía tomou ao pé da letra as palavras da mulher. Olhou pela janela e viu os dois meninos descalços na horta ensolarada, e teve a impressão de que *só naquele instante tinham começado a existir*, concebidos pelos rogos de Úrsula” (Márquez, 1967, p. 12, grifo nosso).

Ora, se foram “concebidos pelo rogo de Úrsula”, é apenas no momento em que são vistos pelo pai (que responde a esse rogo) que os filhos começam a existir. Até aí, como afirma Úrsula: são como burros, nem mesmo humanos.

Qual seria, assim, a função do pai? Segundo Lacan, em sua leitura do Édipo freudiano, ao pai caberia transmitir a lei do desejo que permite que seus filhos façam laço social na sua própria geração: ele outorga o direito à sexualidade a partir da interdição do incesto. Ele opera no desejo da mãe, pois mostra que seu desejo se dirige a uma mulher, logo, ele transmite a virilidade, que é uma das formas de colocar que ele transmite “o falo” a seu filho. No entanto, como dissemos, o Nome-do-Pai é exterior, causado pelo desejo da mãe.

A função simbólica do pai é estruturante, castradora, barra o acesso do filho ao gozo da mãe. Nesse sentido, o Nome-do-Pai é estruturalmente necessário, ou seja, o sujeito precisa recorrer a ele durante toda a vida. No entanto em algum momento, - que Freud localiza na puberdade - a imagem idealizada do pai é, aos poucos, deixada de lado. De um lado, isso lhe permite uma capacidade crítica e a busca de novas identificações, mas de outro, ele passa a buscar a representação do Nome-do-Pai de outras formas.

Esse é o momento no qual Marcos se encontra, na entrada da adolescência. É interessante notarmos como ele busca a identificação com o pai a partir de um traço deste, que podemos reconhecer a partir de um significante: coca.

Em uma sessão Marcos conta como havia descoberto que todos os homens da família de seu pai tinham sido alcoólatras, colocando que só poderia fugir desse destino recorrendo ao “lado” de sua mãe, ou seja, à família de sua mãe na qual existiram homens que venceram o alcoolismo, como seu avô materno que foi alcoólatra e conseguiu parar de beber após desenvolver uma doença. Afirma que nunca irá beber, que quer um destino diferente dos homens da família de seu pai. Assim, quando seus primos lhe oferecem cachaça, ele sempre responde: “Não, eu só quero coca”. O significante “Coca” é ressaltado pela analista: se todos os homens da família do pai de Marcos foram viciados em álcool, o vício em cocaína é uma particularidade de seu pai na história familiar.

Para responder ao desejo da mãe que lê nas entrelinhas da ameaça “você será como o seu pai”, Marcos traz o significante que diferencia seu pai dos outros homens da família. Teria de haver um, já que o pai ainda está vivo, diferente do avô e dos tios. Estando em análise, esse significante aparece como um desejo, que pode ser escutado em uma relação transferencial.

O campo da transferência é onde opera a psicanálise, a cena do sujeito “na qual ele próprio reconstrói sua história e desvela seu desejo, o que equivale dizer que a psicanálise não comporta significações preestabelecidas” (Alberti, 2009, p. 201).

Sabemos que hoje o adolescente não pode mais recorrer a um campo de significações claramente mapeado, que existiu em outras épocas e conferia sentido a transformações próprias à passagem da infância para a

vida adulta. Os ritos, a religião, pilares do estabelecimento de regras, tal como nos coloca Foucault (1976) foram desestabilizados nos últimos duzentos anos, sobretudo pelo discurso tecnológico-científico. Isso faz com que o adolescente tenha que se responsabilizar por uma solução para as suas questões, o que é extremamente difícil, principalmente por que há, no imaginário coletivo contemporâneo, pouco lugar para a singularidade do desejo.

Talvez aí encontremos a possibilidade, a “boa nova” que a psicanálise pode nos trazer em relação ao tema da transmissão e repetição: embora sejamos constituídos no campo do Outro, e recorramos a ele para buscar sentido para nossa existência, há algo de singular que podemos buscar para que o gozo possa ser transformado em desejo.

Tal como ressalta Nascimento:

“A cura psicanalítica não visa restituir ao sujeito o poder total de seu destino e de seu desejo, mas apenas dar-lhe a possibilidade de trabalhar, de agir sobre um terreno de contingência, sobre uma pequena brecha que se abre no real pulsional. A cura psicanalítica não visa, assim, nada senão dar ao sujeito a chance de fazer sua a sua própria verdade, fazer seu o seu próprio estilo. Um estilo que vem sobretudo do objeto pequeno *a*, e não um estilo importado do Outro” (Nascimento, 2010, p. 13).

Para a família Buendía isso não foi possível, o resultado da profecia destruidora que marcou a família foi o furacão descrito por Garcia Márquez como “bíblico”, ou seja: puro gozo mortífero do grande Outro. Marcos, no entanto, consegue aos poucos se apropriar de seu desejo e tenta construir um destino próprio, que vá além da maldição dos homens de sua família e da ameaça das mulheres.

Assim, trazemos novamente a bela frase de Lacan: “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962-63, p. 197). É o amor de transferência que permite que a repetição se efetue na análise, podendo ser dialetizada, falada, significada. Apostamos que o trabalho analítico abra a possibilidade de que a história familiar seja não uma prisão para o sujeito fechando suas possibilidades em um destino traçado, mas uma referência, um lugar que situa, mas não determina.

Notas

1. Lacan posteriormente considera que o supereu cultural não está em continuidade, mas em ruptura ao supereu edípico, pois enquanto o segundo produz um ideal do eu, o primeiro não promete nenhum ideal, “apenas ideais de nada” (Rassial, 2004).
2. A partir dessa obra, Freud considera as duas características de toda pulsão exatamente seu caráter conservador (restitutivo de um estado anterior) e o seu aspecto repetitivo (Freud, 1920).
3. Devemos sublinhar que, em 1915, Freud ainda não havia elaborado a distinção entre pulsões de vida e pulsões de morte, seu dualismo pulsional ainda pertencia ao par pulsões sexuais e pulsões de auto-conservação.
4. A expressão “supereu arcaico” é encontrada na obra de Klein e retomada por Lacan. No entanto, como colocamos aqui, Freud já em 1923 considerava o supereu como sendo formado em dois momentos, sendo o primeiro relativo ao momento de identificação anterior ao Édipo.
5. Aureliano e Úrsula fundam Macondo após fugirem de sua cidade natal, fuga narrada pelo autor como forma de esquecerem dos fantasmas gerados por sua relação incestuosa.
6. Em “Moisés e o monoteísmo”, Freud defende que há “um simbolismo ‘inato’ que deriva do período do desenvolvimento da linguagem, familiar a todas as crianças sem que elas sejam instruídas, e que é o mesmo entre todos os povos, apesar de suas diferentes línguas” (Freud, 1923, p. 112).
7. Os outros elementos são: pressão, meta e fonte (Freud, 1915).

Referências bibliográficas

- ABEL, M. C. Verdade e fantasia em Freud, in **Ágora**, Rio de Janeiro: Contracapa, n. 1, vol. 14, 2011. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03/05/2012.
- ABRAHAM, K. (1912) Contribution psychanalytique à l'étude de sa personnalité et du culte monothéiste d'Athon, in ABRAHAM, K. **Oeuvres complètes**. Paris: Éditions Payot, vol. 1, 1965, p.232-256.
- ALBERTI, S. (2009) **Esse sujeito adolescente**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.
- COUTINHO JORGE, M.A. (2008) **Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, vol. 1.

- COUTINHO JORGE, M.A. (2010) **Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan a clinica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. vol. 2.
- DARRIBA, Vinicius. (2005) A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto *a*, in **Ágora**. Rio de Janeiro: Contracapa, n. 1, v. 8, jan. 2005, p. 63-76.
- FERNANDES, A.H. (2004) Trauma e estrutura familiar, in Revista **Mal-Estar Subjetivo**. Fortaleza: Pepsic, n. 2, v. 4, set- 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 06/10/2011.
- FOULCAULT, M. (1993) **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal.
- FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a sexualidade, in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 7, p.117-217.
- FREUD, S. (1913 [1912-1913]) Totem e Tabu, in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 13, p. 11-164.
- FREUD, S. (1914) A guisa de introdução ao narcisismo, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. 1, p.97-131.
- FREUD, S. (1915) Pulsão e os destinos da pulsão, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. 1, p. 145-174.
- FREUD, S. (1918 [1914]) História de uma neurose infantil, in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. 17, p.13-127.
- FREUD, S. (1919) O estranho. in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. 17, p. 233-269.
- FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer. in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006, vol. 2, p. 11-75.
- FREUD, S. (1921) Psicologia de grupo e análise do eu, in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. 18, p. 77-153.
- FREUD, S. (1923) O Eu e o id, in **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004, vol. 2, p. 27-92.

- FREUD, S. (1924) O Problema econômico do masoquismo, in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. 19, p. 173-187.
- FREUD, S. (1930 [1929]) Mal estar na civilização, in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006. Volume XXI ,p: 65-148.
- FREUD, S. (1939 [1934-38]) Moisés e o monoteísmo, in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006. Volume XXIII, p. 13- 149.
- KUPFERBERG, M.; RUDGE, A.M.deT.P. (2004) **Filhos da guerra: um estudo psicanalítico sobre o trauma e a transmissão**. Tese de doutorado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. RJ.
- LACAN, J. (1938) **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- LACAN, J. (1953) Função do campo da fala e da linguagem, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.
- LACAN, J. (1956-57) **O seminário livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- LACAN, J. (1960-61) **O seminário livro 7: a ética em psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- LACAN, J. (1962-63) **O seminário livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, J. (1963-64) **O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, J. (1969-70) **O seminário livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- MÁRQUEZ, G.G. (1967). **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MILLER, J-A. (1981) Jacques Lacan: 1901-1981, in **Ornicar?**. 1981, n. 24, p. 35-46.
- MILLER, J.-A. (2011) **Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan: Entre desejo e gozo**. Rio de Janeiro: Zahar.
- NASCIMENTO, M.B. (2010) Alienação, separação e travessia da fantasia, in Revista **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 1, 2010, p. 1-15.
- RASSIAL, J. (2004) Questões pós-modernas e psicanálises autistas e crianças maltratadas, in **Revista Percurso**. São Paulo: Santuário, n. 31-32, 2004. Disponível em:
<http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs3132/3132Entrevista.htm>.
Acesso em: 20/10/2011.

- RIFKIN, J. (1999) **O século da biotecnologia**. São Paulo: Makron books.
- RUDGE, A. (1998) **Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- RUDGE, A. (2006) Pulsão de morte como efeito de supereu, in **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 9, jun. 2006, p. 79 - 89.
- RUDGE, A. (2009) **Trauma**. Rio de Janeiro: Zahar.
- ZORNIG, S.A-J. (2008) **A criança e o infantil em psicanálise**. Rio de Janeiro: Escuta.

Resumos

“It’s in the blood”: transmission and psychoanalysis.

Motivated by a clinical case and also by the novel by Gabriel Garcia Márquez, *One Hundred Years of Solitude*, the article approaches the concept of transmission in psychoanalysis and the repetition of trauma among the different generations of a family, considering the genealogy of the subject a being of language, as inserted in the field of the Other. The question is in what conditions the analytic work makes possible the subject’s emergence, once he is inserted in the condition of alienation, implicit in his constitution, and subjected to the categorical imperatives of the superego - that command the mortal repetition.

Keywords: psychoanalysis, transmission, trauma, fantasy.

“C’est dans le sang”: transmission et psychanalyse.

Motivé pour un cas clinique et aussi pour le roman de Gabriel Garcia Márquez, *Cent Années de Solitude*, l'article approche le concept de transmission dans la psychanalyse, et la répétition du trauma parmi différentes générations d'une famille, comprenant la généalogie du sujet, être de langage, comme inséré dans le champ de l'Autre. La question du travail est de comprendre comme le travail analytique fait possible l'émergence du sujet dans sa singularité, une fois que la condition de l'aliénation est implicite dans sa constitution et que il est soumis aux impératives catégoriques du surmoi qui commande la répétition mortelle.

Mots-clés: psychanalyse, transmission, trauma, fantasme.

Citação/Citation: PAES, F.F. RUDGE, A.M.; “Está no sangue”: transmissão e psicanálise. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.isepol.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 15/05/2011 / 05/15/2011.

Aceito/Accepted: 30/05/2011 / 05/30/2011.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

Do inconsciente freudiano à hegemonia do significante em Lacan: uma articulação entre sintoma, desejo e estrutura

Flávia Lana Garcia de Oliveira

Psicóloga / UFRJ

Mestre em Teoria Psicanalítica / UFRJ

Especializanda em Psicologia Clínico-Institucional / HUPE-UERJ

Participante adjunta do ISEPOL - Instituto Sephora de Pesquisa de Orientação Lacaniana

e-mail: flavialanago@gmail.com

Resumo

Minha pesquisa foi perpassada pelo propósito fundamental de delimitar a especificidade da concepção psicanalítica do sintoma, bem como suas repercussões para o campo da clínica. Embora esta noção tenha sido incorporada da medicina, para a psicanálise, o sofrimento sintomático não é índice de uma anomalia anatômica, mas sim de uma forma de organização subjetiva. Este estudo abrangeu as elaborações freudianas sobre o tema, assim como o retorno a Freud efetuado por Lacan no seu primeiro ensino, que é caracterizado pela valorização da lógica simbólica e dos significantes primordiais da constituição psíquica. Desse modo, trabalhamos a metáfora paterna e a significação fálica, que são os operadores estruturais essenciais para a produção do sujeito do inconsciente. Para afinar a discussão acerca de uma prática sustentada na hegemonia da clínica do significante, nos dedicamos à investigação das estruturas clínicas clássicas da psicanálise, desdobrando seus principais elementos a partir dos casos paradigmáticos da literatura freudiana.

Palavras-chave: psicanálise, sintoma, inconsciente, desejo, falo, estrutura.

Introdução

Minha pesquisa¹ foi perpassada pelo propósito fundamental de delimitar a especificidade da concepção psicanalítica do sintoma, assim como suas repercussões para o campo da clínica. A descoberta freudiana do

inconsciente é, sobretudo, a descoberta da causalidade sexual do sintoma e de sua implicação com o modo paterno de tratar o real da inexistência de uma correspondência unívoca entre significante e significado. Acredito que, apesar de já termos passado do centenário do surgimento da psicanálise, esta é uma hipótese que precisa ser ininterruptamente demonstrada, dado o embate que se estabelece com os discursos predominantes na atualidade, momento em que nos defrontamos com o acirramento da rejeição do inconsciente promovida pelo discurso da ciência, agravada pelo avanço da lógica capitalista e do imperativo do consumo.

Embora a noção de sintoma tenha sido incorporada da medicina, para a psicanálise o sofrimento sintomático não é índice de uma anomalia anatômica, nem se reduz a um mal intrusivo que deve ser erradicado para recompor o bem-estar do indivíduo. Isso porque a experiência analítica não investiga o sintoma como uma entidade isolada, mas sim a partir da estrutura psíquica que organiza a relação de cada sujeito com o mundo. Freud teve o mérito de mostrar que são nos sintomas que os neuróticos encontram satisfação, apesar de todo prejuízo funcional que acarretam. Por isso, a relação do neurótico com seu sintoma é sempre a de uma tensão paradoxal, ou, como sublinha Lacan, comporta uma "satisfação às avessas" (Lacan, 1957-58).

Portanto, a forma psicanalítica de conceber o sintoma não o remete a uma patologia anatomicamente localizável, inferível estatisticamente pela racionalidade médica, mas, a uma organização que enlaça os registros do simbólico, do real e do imaginário. Analisá-lo é convidar o sujeito a percorrer o encadeamento significativo que constitui seu desejo, explorando-o em todo seu potencial de tecido linguajeiro.

Em vista destas constatações preliminares, o enfoque teórico-conceitual realizado neste estudo abrangeu as elaborações freudianas sobre o tema, assim como o retorno a Freud efetuado por Lacan ao longo da década de 1950, ou seja, o período de seu ensino caracterizado pela valorização da lógica simbólica e dos significantes primordiais da constituição psíquica. Recorreremos às produções orais e escritas desta fase e, ocasionalmente, à comentários do campo freudiano. Nossa abordagem privilegiou o papel crucial conferido pelos autores aos complexos de Édipo e de castração na formação do aparelho psíquico, quando a função paterna intervém de modo decisivo.

Desse modo, trabalhamos a metáfora paterna e a significação fálica, que são os operadores estruturais essenciais para a produção do sujeito do inconsciente, enfatizando a questão da sexuação pela via do falo e da ação fundadora da alteridade sobre a constituição do ser falante. Para afinar a discussão, a etapa final de meu estudo foi dedicada à tentativa, que considero passível de avanço permanente, de verificar as incidências de uma abordagem baseada na hegemonia da clínica do significante. Com este objetivo, nos debruçamos sobre as entidades clínicas clássicas da psicanálise – histeria, neurose obsessiva, fobia e a psicose paranoica – que são respostas a questão do desejo, cuja mensagem é o sintoma. Exploramos estas situações clínicas a partir dos casos paradigmáticos da literatura freudiana, a saber, Dora, Homem dos Ratos, pequeno Hans e Schreber. Assim, desdobramos os principais elementos de cada situação clínica com o intuito de discriminar seus elementos estruturais no bojo da clínica do significante e, por conseguinte, extrair as contribuições de Lacan à leitura de Freud.

As elaborações freudianas sobre o sintoma

Ainda nos primórdios da psicanálise, Freud (1893; 1894) já parece ressaltar o lugar do sujeito em relação ao seu sintoma quando propõe sua etiologia traumática. Daí sua célebre afirmação, ainda na parceria com Breuer, de que “os histéricos sofrem de reminiscências” (Breuer et Freud, 1893, p. 43). A resposta histérica é inicialmente atribuída à vivência de um evento com valor de trauma psíquico ou, mais precisamente, às recordações de tal trauma. Dessa forma, a meu ver, ainda numa etapa embrionária da teoria psicanalítica, Freud já nos ensina dois aspectos essenciais para a psicanálise: 1º) Que, no psiquismo, vale mais o modo como uma experiência é representada na mente do que o evento em si; 2º) Que, frente à impossibilidade de elaborar a situação traumática relativa ao sexo, o neurótico se divide como uma medida defensiva do ego que imprime a divisão psíquica.

Como sabemos, a princípio, Freud insiste na veracidade factual da circunstância traumática. No entanto, a espetacular frequência de narrativas de sedução precoce protagonizadas pelo pai o leva a considerar o caráter fantasmático do enredo. Assim, ele deixa de acentuar a dimensão realística e passa a enfatizar a sexuação em si mesma como constituinte das marcas psíquicas originárias do aparelho psíquico, sem,

contudo, abrir mão do papel sempre traumático desempenhado pela castração na constituição subjetiva. Além disso, a fala histórica revela para Freud a importância do papel da função paterna como aquele que introduz a sexualidade, experimentado fantasmaticamente na histeria como sedução do outro. O neurótico mente sobre o encontro traumático com o sexual porque, no nível do inconsciente, esta é a única forma de dizer a verdade acerca dessa casuística, já que a realidade da castração implica uma falta em si mesma irrepresentável. Desde então, a doutrina freudiana passa a se pautar na tese de que o psiquismo se estrutura a partir do mito edipiano, que funda o desejo como um desejo infantil inconsciente. O complexo edipiano, e não a realidade factual, indica o conflito psíquico que dá origem aos sintomas.

Enquanto a tradição científica suspeitava da confiabilidade dos sonhos devido à aparência enganosa de seu relato, em "A interpretação dos sonhos", Freud (1900) inaugura a psicanálise sustentando a inteligibilidade de todas as formações do inconsciente como expressões do desejo. Portanto, sintomas, sonhos, atos falhos e chistes são entendidos como satisfações distorcidas da sexualidade recalcada, resto do autoerotismo não inteiramente suprimido pela intervenção paterna, realizando de alguma forma o desejo inconsciente. O fato de não serem reconhecíveis como tal dever-se-ia ao processo de recalçamento. Nesse afrouxamento das fronteiras entre o normal e o patológico, Freud observa que o neurótico, assim como o sonhador, se defende de seu desejo o tempo todo, mas as derivações do inconsciente mostram que tais defesas necessariamente fracassam e o recalcado retorna por circuitos indiretos através de deslizamentos semânticos de condensação e deslocamento (Freud, 1900, 1915b).

Ao definir que a matriz do inconsciente e de suas formações é o complexo de Édipo, Freud localiza a importância dos laços libidinais com o mundo externo para a constituição do ser desejante. Assim, o estatuto freudiano do desejo refere-se a uma busca ininterrupta do objeto perdido. Freud (1895[1950], 1900) assinala que a falta de um objeto que proporcione a plena satisfação só pode ser subjetivada num circuito que situe o papel fundante desempenhado pela alteridade na estruturação do psiquismo. O movimento desejante define-se justamente como uma tentativa de reencontro do objeto perdido (Freud, 1905). Assim, as formações do inconsciente são tentativas do mundo erótico da representação de

apreender o inefável que funda o desejo. A satisfação advém desse puro movimento de aproximação possível no campo do sentido.

A obtenção da satisfação por meio da ação de outrem faz com que o aparelho psíquico se constitua como uma organização capaz de atingir certa satisfação a partir do universo dos objetos parciais e dos sentidos oferecidos pela cultura. No lastro da experiência mítica de satisfação, a figura materna dá realidade ao desejo ao significar o grito da criança desamparada como um apelo. Assim, os trilhamentos pulsionais se inscrevem no psiquismo pela mediação de um outro que veicula o jogo das representações compartilhadas na realidade social. A subjetivação do objeto perdido se estabelece justamente pela elaboração fantasmática no drama edipiano pela interdição do objeto incestuoso. A resposta neurótica frente à instauração da proibição das satisfações parciais caracteriza-se pela regressão da libido e sua fixação nos estádios anteriores de escolha objetual, na forma de fantasias sexuais infantis recalçadas (Freud, 1917). A fantasia, como diz Freud (1911), é a “moeda neurótica”, um destino dado aos investimentos com a finalidade de se esquivar da ferida narcísica imposta pela socialização.

Tal processo permite construir novos destinos à força pulsional, em conformidade com a moral sexual civilizada (Freud, 1908). Em “Totem e tabu”, observamos que Freud (1913[1912]) efetua uma conexão lógica entre a origem da moralidade e o complexo de Édipo. Daí, percebe-se que a ficção em torno do assassinato do pai tirânico da horda primitiva consiste em uma invenção que indica a função simbólica assumida pelo pai pela via da interdição dos dois crimes edipianos e do sentimento de culpa, articulando a falta de objeto, a diferença geracional e a lei que confisca o excesso, ao mesmo tempo em que direciona para o que é permitido na atmosfera da civilização.

Se até os anos de 1920 o caráter universalizante do complexo de Édipo centrava-se na constituição do desejo fundamentalmente por seu caráter incestuoso e interdito, em 1923, no artigo “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade”, ao introduzir a fase fálica, Freud passa a problematizar a temática edipiana a partir da teoria da castração. Neste texto, o inventor da psicanálise ressalta que a descoberta da castração materna retorna fantasmaticamente para o menino como temor narcísico de ter seu órgão genital castrado e que para a menina, diferentemente, a constatação da questão feminina sob a

rubrica da castração é fonte de desapontamento e da transferência do investimento libidinal para a figura paterna como objeto de amor.

Para os dois sexos, o pai edipiano encarna aquele que supostamente possui o falo, por isso serve como o modelo identificatório que submete o excesso pulsional à norma fálica, sobretudo para o menino, para o qual ele encarna o agente imaginário da ameaça de castração. Portanto, pelas vias da hierarquia geracional e da diferença sexual, a lei da interdição do incesto e o complexo de castração inscrevem a ausência de um objeto que arremate o circuito desejante.

Assim, a ordem fálica rege a sexualidade infantil, veiculando uma falta que localiza o mal-estar no sexo. A partir da puberdade, com o afrouxamento das relações familiares e a consolidação da barreira contra o incesto, novos objetos amorosos se candidatam a preencher o vazio deixado pelo objeto perdido com a renúncia da sexualidade infantil (Freud, 1924). Para a psicanálise, a saída do Édipo encaminha a criança para uma série de possibilidades estruturantes, tornando-a capaz de se posicionar no mundo como sujeito sexuado, com a aquisição dos ideais sociais, mais separada do núcleo familiar.

Também na década de 1920, a experiência clínica, sobretudo com a neurose obsessiva e a melancolia, impõe a Freud a convicção de que há algo no sofrimento sintomático que extrapola as fronteiras do princípio do prazer e diz respeito aos efeitos da pulsão de morte, a pulsão por excelência (Freud, 1920). O texto "O ego e o id" (Freud, 1923a) resulta justamente de uma elaboração teórica sobre o fenômeno clínico da necessidade de punição, ressaltando que o caráter compulsivo e culpabilizatório da relação do sujeito obsessivo com seu sintoma revela um potencial mortífero excessivo na forma de um ruidoso superego, que transborda qualquer regulação homeostática no jogo das representações. Freud postula a necessidade de punição como indicativa da dimensão pulsional do sintoma, para além de seu sentido interpretável e do trabalho psíquico que a sexualidade exerce sobre a pulsão. A identificação paterna encaminha o sujeito para o desejo genital marcado pela castração e comandado pelas leis da escolha sexual no pacto social. Ao dar sentido à diferença sexual, a ordem fálica engendrada pela função paterna permite a vitória da sexualidade sobre a morte. As neuroses atestam precisamente o fracasso dessa regulação em razão de impasses com a instância paterna no nível da decepção edipiana.

Com efeito, Freud acentua em diversos momentos de sua obra o caráter sobredeterminado dos sintomas. No entanto, também ressalta que sua interpretação esbarra no limite do irrepresentável. O mito do Édipo explica essa falta de sentido para o neurótico pela interdição paterna do objeto incestuoso. Os restos dessa operação se manifestam sob a forma da aniquilação repetitiva. Para a psicanálise freudiana, o sintoma neurótico é sempre sintoma sexual, porque é tecido na trama da lógica fálica, no contexto dos entraves enfrentados para a assunção da castração – o que leva Freud (1937) a eleger a ameaça de castração para os homens e a inveja do pênis para as mulheres como o maior obstáculo para o final de uma análise. Portanto, o sintoma corresponde a uma satisfação substitutiva da pulsão sexual, índice do recalado, ao mesmo tempo em que revela uma fixação pulsional mortífera como resíduo da operação edipiana.

Na tentativa de recobrir a dimensão da perda do trono de “sua majestade o bebê”, o sujeito recorre a uma antiga posição libidinal a qual, em tese, já deveria ter renunciado (Freud, 1914). Portanto, nas neuroses, o funcionamento autoerótico é retido no psiquismo, a despeito de sua inadaptação essencial aos interesses coletivos e à sobrevivência do ego. A doutrina freudiana mostra que é preciso partir do sintoma para reconstituir o conflito sexual fantasmático que o engendra nos entraves do complexo de Édipo. Apenas o rebaixamento do recalque e a extração de sua matriz fantasmática conduzem o sujeito a outro rumo menos aprisionado pelo sofrimento sintomático, pois somente desse modo o ego passa a ter à disposição a libido anteriormente fixada nos sintomas (Freud, 1917). No entanto, como as exposições freudianas realizadas a partir de 1920 nos ensinam, não se pode desconsiderar a existência de um núcleo insondável e insolúvel pela interpretação que caracteriza a repetição pulsional no inconsciente que é responsável pela inércia e insistência dos sintomas.

Retornando a Freud com Lacan: a lógica do significante

Tendo como base a teoria freudiana do complexo edipiano, Lacan propõe uma articulação de fonte estruturalista, respaldada no primado do simbólico e nos efeitos da linguagem sobre o vivo. Ele passa do modelo filogenético ao linguístico e repensa o inconsciente freudiano como um lugar mediado pelo significante no registro da língua. Para Lacan (1957-

58), os complexos de Édipo e de castração consistem precisamente na conquista simbólica que promove a assunção do próprio sexo pelo sujeito no campo da linguagem, permitindo que o homem assuma o tipo viril e a mulher a função feminina. Nesta pesquisa, circunscrevi os dois operadores estruturais que constituem, para Lacan, o sujeito do inconsciente na ordem simbólica – Nome-do-Pai e significante falo. A função paterna é elevada à categoria do significante responsável pela metaforização do desejo da mãe e da localização do gozo. Daí depreendemos que, na leitura lacaniana, o pai é o nome freudiano para esta ordem simbólica que vem permitir um acesso, jamais inteiro, ao real, fornecendo um tratamento ao gozo pela via do inconsciente. Assim, garante uma explicação inconsciente para a falta de sentido inerente aos campos da fala e da linguagem, ou, nas palavras de Lacan, ao fato de que “na medida em que o homem é apanhado na dialética significante, há alguma coisa que não funciona” (Lacan, 1956-57, p. 393). Por isso, salientar a prevalência do simbólico neste período do ensino de Lacan não pode ser outra coisa senão destacar a primazia do Nome-do-Pai.

A intervenção paterna é uma metáfora, na medida em que nomeia o lugar vazio marcado na simbolização primordial, que é introduzida pela alternância entre a presença e a ausência materna na lógica fálica (Lacan, 1957-58). Assim, o Nome-do-Pai inscreve a falta de gozo ao articular a proibição da mãe como objeto sexual. Sua função é resumida pela homofonia na língua francesa entre “não do pai” e “nome do pai” – no francês, *nom-du-père* (Lacan, 1957-58). Ou seja, no momento em que metaforiza a falta materna como falta do falo, introduz uma separação na relação entre mãe e criança. A instância interditora é representada pelo pai como aquele que tem o falo convoca a criança a desistir da pretensão eminentemente imaginária de ser objeto fálico que preenche a falta materna, agindo como uma barra que instaura o regime das significações sociais no lugar do capricho materno (Lacan, 1957-58). Desse modo, o sujeito pode assumir uma posição sexuada no interior da dialética entre ter e não ter o falo e, com isso, avançar rumo a novas escolhas de objeto.

Pela via da significação fálica, que resulta da operação da metáfora paterna, cria-se um novo sentido que conduz o sujeito a um lugar inédito na trama desejanste. Isso porque a economia do desejo se funda na simbolização da ausência de um objeto que o satisfaça. No entanto, embora não seja articulável em si mesmo, o desejo é articulado, devido à

sua ligação intrínseca à presença do significante no homem (Lacan, 1957-58). É a gramática fálica que fala por ele: o desejo é percebido como falo. O falo é uma máscara, que, ao que nos parece, forja uma significação sexual ao impossível de ser simbolizado. Assim, por meio da transmissão da castração simbólica, o sujeito é ejetado desse circuito imaginário com o desejo materno do falo.

O significante falo é o representante de uma falta própria à articulação significante. É, por definição, o significante do desejo, uma fabricação de sentido para o sem sentido, estabilizando, assim, as relações entre significante e significado (Lacan, 1958). Tal estatuto do falo como significante fundamental implica o sacrifício de algo de real, uma "libra de carne" da vida é metaforizada, esta parte de si mesmo que o domina imaginariamente e da qual o sujeito precisa ser privado para que possa ascender à função de significante (Lacan, 1960). Ao metaforizar a relação de gozo mãe-criança, a função paterna permite o deslocamento do império do amor e das reivindicações fantasmáticas para o universo das trocas simbólicas e dos ideais geridos pelo programa civilizatório. A simbolização do falo como significante opera esta exteriorização, que negativiza todo autoerotismo das relações intrafamiliares.

O grafo do desejo foi apresentado entre 1957 e 1958, no *Seminário 5: as formações do inconsciente* – é, portanto, o ápice da formalização lacaniana acerca da lógica do significante. De fato, o grafo contempla os quatro elementos que estruturam o Édipo: o desejo da mãe, o Nome-do-Pai, como o significante que, via função fálica, barra o gozo da relação imaginária, assim como seu produto, o sujeito barrado, além dos resíduos de sua satisfação autoerótica como objeto da mãe, que, não tendo sido metaforizados, retornam fantasmaticamente nos sintomas. Assim, dessa espécie de máquina simbólica, é possível extrair os pontos cardeais da estrutura que constitui o sujeito na linguagem. Através de uma rede de matemas que explicam como A incide sobre S, engendrando um circuito do qual todos saem barrados pelo significante e, portanto, esvaziados quanto ao gozo, mostrando que a subjetivação da castração depende de algumas circunstâncias específicas.

A possibilidade de construir um esquema da estruturação do sujeito no simbólico decorre, para Lacan (1957-58), do fato de que a necessidade da criança só pode se exprimir pelo significante, através da demanda, o que implica em uma primeira nomeação ou atribuição de sentido. A mãe deixa

de ser apenas aquela que lhe oferece o seio, sendo reconhecida pela criança também como um sujeito falante, marcado pelo mal-entendido inerente à linguagem. Por isso, a resposta da mãe (como Outro originário) inaugura a articulação significante, produzindo as primeiras significações que constituirão o sujeito como insígnias *a posteriori*. A demanda torna-se recíproca, de modo que localiza-se aí a identificação primária correlativa ao que Lacan chama de primeiro tempo do Édipo, quando a criança é convocada a ser o falo imaginário que tenta suprimir a falta materna.

Enquanto a demanda pede a satisfação com o objeto, o desejo, como vimos, busca o objeto perdido. A não-resposta à demanda deve-se à sua rebeldia a qualquer redução à necessidade devido à impossibilidade inerente à estrutura da linguagem de tudo significar, o que é simbolizado pela proibição paterna, no que Lacan chama de segundo tempo do Édipo. Com isso, o território desejante se estabelece como algo arrancado pela fala do plano das necessidades míticas. No entanto, o poder constituinte do desejo do Outro sobre o sujeito é enigmático, opaco e ininteligível para este, de modo que o sujeito é levado a interrogar o Outro sobre o que este espera dele (*Che Vuoi?*). Ao contrário de uma resposta oracular que preencheria o vazio do desejo, a mensagem recebida é a significação fálica, como o significante da falta do Outro, $S(\mathbb{A})$, como a transmissão significante da castração que se opera no terceiro tempo do Édipo.

No entanto, a lacuna significante imposta pelo Outro é vertiginosa para o sujeito. A fantasia se impõe como sua principal resposta ao desejo: ao mesmo tempo em que tampona a falta e mantém o regime da demanda no inconsciente, é uma organização que estrutura as relações do sujeito com a realidade (Lacan, 1957-58). Trata-se de uma organização do gozo submetido à soberania do significante (Miller, 2000), na medida em que o sujeito se esvaece na posição de objeto diante da carência de significante que lhe responda sobre seu lugar ao nível do Outro (Lacan, 1958-59).

Alguns desdobramentos clínicos

Verificamos que o primeiro ensino de Lacan se norteia pela hipótese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. A partir desta premissa, Lacan valoriza a descoberta freudiana da homogeneidade estrutural entre sintomas neuróticos, sonhos, atos falhos e chistes, como o passo que propiciou a extração dos princípios simbólicos que regem o

que é decifrável no inconsciente. Justamente por isso, a psicanálise contrasta com qualquer psicologia das profundezas, uma vez que, para esta corrente, os processos inconscientes não se fundam em nenhuma assunção de arquétipos de natureza pictórica: seu material funciona segundo certos preceitos intralinguísticos.

Em Lacan, o inconsciente freudiano é repensado prioritariamente como um lugar mediado pelo significante no registro da língua. Em "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", ele afirma que o sintoma "se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada" (1953b, p. 270). Onde há fala, há linguagem, isto é, uma ordem constituída por leis. Na experiência analítica, o sintoma, por ser tecido como linguagem, é uma fala endereçada ao Outro, como uma espécie de mensagem simbólica que aguarda significação.

No grafo do desejo, Lacan (1957-58) situa a significação sintomática em $s(A)$, como uma mensagem invertida que o sujeito recebe do Outro. Graças a esse enlaçamento com a alteridade, sua significação pode ser estabelecida. No cenário analítico, o analista é convidado a ocupar o lugar desse Outro suposto saber do desejo inconsciente daquele que o procura demandando o sentido de seu sintoma. Assim, por compartilhar as leis da linguagem, o sintoma funciona muito mais a partir dos significantes que dos significados. Ele não se esgota em um sentido, mas remete a outra cadeia associativa recalcada. Sua interpretação desvela, acima de tudo, sua relação com os significantes originários da constelação familiar, que constituíram seu desejo nas vias do desejo do Outro.

Sabemos que a maneira como a língua foi ouvida e falada é decisiva para a estruturação da realidade subjetiva de qualquer indivíduo. Para a clínica lacaniana, o sintoma é um significante que remonta às significações recalcadas da história do sujeito (Lacan, 1955-56). Percebemos, assim, o reconhecimento de Lacan de que o sintoma comporta um sentido aprisionado no circuito estabelecido em seu código familiar, pelos ditos do Outro e que sua ancestralidade simbólica se atualiza nos significantes da demanda recalcados na cadeia significante inconsciente. Sua interpretação desvela, acima de tudo, sua relação com os significantes originários da constelação familiar que constituíram seu desejo a partir do discurso do Outro.

Lacan (1957-58) acentua o fato de que todas as formações do inconsciente dependem do metabolismo do significante na fantasia e de suas incidências na metáfora e na metonímia – figuras de estilo que redefinem para Lacan os conceitos de condensação e o deslocamento lançados por Freud em 1900. O sintoma, assim como os demais fenômenos do inconsciente, mascara o desejo que em si mesmo é impossível de ser representado, fazendo as vezes de função fálica ao estabilizar as significações para o sujeito. Através do sofrimento sintomático, o sujeito mascara sua divisão, a qual remete ao insuportável do encontro com a castração. Pode ser designado como uma fixação significante do desejo, como uma relíquia que diz respeito à alienação do sujeito aos significantes do Outro.

As modalidades estruturais se classificam pelo critério de presença/ausência da inscrição do Nome-do-Pai. Todas enlaçam os registros do real, simbólico e imaginário, como alternativas à falha da regulação fálica do gozo – no caso das neuroses de modo localizado na montagem edipiana, nas psicoses, por sua rejeição radical. Freud (1940[1938]) distinguiu os mecanismos defensivos contra a realidade da castração nas neuroses, nas psicoses e nas perversões denominando-os, respectivamente, como recalque (*Verdrängung*), rejeição (*Verwerfung*) e desmentido (*Verleugnung*). Estas grandes categorias designam, para Lacan, três formas gerais de resposta à questão do desejo consolidadas a partir dos efeitos constituintes da falta de significante sobre o sujeito.

Os sintomas são indicadores desses embaraços estruturais, formam uma aparelhagem compensatória que regula as relações do sujeito com o gozo. Sua importância para o campo psicanalítico deve-se menos ao seu aspecto fenomenológico e muito mais à sua inserção na dinâmica que sustenta a realidade para cada indivíduo. Em minha pesquisa, examino com mais precisão as estruturas neurótica e psicótica, em razão de seu enfoque eminentemente clínico. De qualquer modo, cabe ressaltar que as estruturas clínicas não designam meros quadros descritivos baseados na fenomenologia sintomática, mas delimitam algumas modalidades frequentes de soluções fantasmáticas face à questão do desejo. Portanto, não escorregam na armadilha das generalizações universais, destacando, como Freud (1912) bem ressaltou, a originalidade do particular de cada caso e sua irredutibilidade a qualquer modelo previamente estabelecido.

Para Lacan (1955-56), a estrutura psicótica é exemplar no que diz respeito às consequências da falta essencial do Nome-do-Pai e de toda sua operação lógica, revelando o funcionamento significativo no sujeito sem este ponto de ancoragem. Na resposta psicótica, ocorre uma tentativa de rejeição radical da falta desejante devido ao que Lacan chama de forclusão do Nome-do-Pai. No âmbito da jurisprudência, este termo é aplicado para indicar que um processo, não tendo ocorrido nos prazos estabelecidos pela lei, perde seu lugar no registro simbólico, assim como a possibilidade de recurso. De fato, transpondo semelhante lógica para o tema da psicose, pode-se considerar que, neste caso, a possibilidade da subjetivação da castração escapou de forma irreversível. Desse modo, o que é abolido da inscrição simbólica retorna diretamente do real com poderes devastadores. A metáfora delirante surge como uma saída bordada em um uso neológico do sentido que articula o imaginário na tentativa de forjar alguma integração simbólica – daí a afirmação freudiana de que o delírio é uma tentativa de cura (Freud, 1914).

Reportando-se à paranoia de Schreber, Lacan ([1958]1998) ressalta que o evento decisivo para a precipitação desta psicose foi sua nomeação para o cargo de juiz-presidente do Tribunal de Apelação. Neste momento, Schreber é convocado a tomar posse de um lugar ao qual é conferido considerável autoridade simbólica. Assim, o gatilho desta crise psicótica é a evocação de um terceiro chamado a responder em uma estrutura dual na qual a função simbólica, terceira, se encontra ausente. Enquanto o gozo para o neurótico fica, como vimos, localizado em torno do significante falo a partir da fantasia, na psicose, o gozo invade o corpo. Sem o significante Nome-do-Pai para nomeá-lo, o paranoico se vê como objeto perseguido pelo Outro gozador. Lacan (1955-56) indica que, nesses casos, o analista deve operar como o “secretário do alienado”. Ou seja, ao invés de escavar os sentidos inconscientes, a direção de tratamento deve preconizar o fornecimento de um ponto de apoio que favoreça a sustentação dos significantes aos quais o psicótico recorre para contornar o real e alcançar alguma estabilização.

O delírio tem efeito moderador de gozo, já que o inconsciente não funciona, encontra-se a céu aberto (Lacan, 1955-56). A experiência da autonomia do significante tem efeitos de fragmentação corporal, frente à qual a compensação delirante tenta garantir ao sujeito alguma identidade. No caso de Schreber, a mobilização do gozo que o invade ganha uma

primeira significação em torno da ideia de como seria belo ser uma mulher no momento da cópula. Se, primeiramente, o lugar do Outro gozador é ocupado por seu médico (Dr. Fleschsig), progressivamente uma estabilização é alcançada por seu deslocamento para a figura divina. A crença megalomaniaca de que seria o motivo futuro de uma redenção do universo fornece a significação que o estabiliza definitivamente.

Já as neuroses situam-se plenamente no nível da estruturação significativa do complexo de Édipo. Portanto, surgem do circuito criado pela metáfora paterna. Segundo Lacan (1957-58), o neurótico chegou à crise edipiana, mas, ao mesmo tempo, não pôde superá-la. Isso equivale a dizer que o pai operou como detentor da potência fálica, privando a mãe do objeto de desejo, para depois lançá-lo em sua dimensão significativa. Este mecanismo permite que a criança abdique da posição de objeto do gozo. Contudo, a saída neurótica prova que a presença da inscrição do significante Nome-do-Pai não garante inteiramente a metaforização da vida autoerótica.

Como vimos, a neurose diz respeito a uma certa estrutura subjetiva em que os percalços intrínsecos à maneira como a criança passou pelo Édipo respingam nas fantasias e nas produções sintomáticas ao longo da vida adulta. Nestes casos, o complexo de castração não é inteiramente articulado pelos neuróticos (Lacan, 1957-58). Dito de outro modo, os fragmentos e os detritos incompletamente recalçados no Édipo ressurgem nos sintomas neuróticos devido ao fracasso do Nome-do-Pai em instalar a absoluta hegemonia da ordem simbólica sobre o circuito imaginário. A experiência analítica tenta promover a desidentificação com este último circuito.

Como consequência, o que caracteriza a estrutura neurótica é a negação (*Verneinung*) das vicissitudes traumatizantes da sexualidade humana através da manutenção do regime da demanda, das fixações incestuosas que visam suturar o desejo materno. Por isso, o neurótico não está no ponto onde ele deseja, mas sim, em alguma parte de sua fantasia: sua nomeação só pode ser indicada desse modo. Tal formulação é expressa por Lacan (1958-59) em sua observação de que a fórmula $\$ \langle \rangle a$ remonta à notação $-\varphi \langle \rangle i(a)$. Ou seja: o $(-\varphi)$ se insinua de forma oculta e reversível sob o $\$$ da fantasia, enquanto que sob a , localiza-se o eu ideal, relativo ao esforço fantasístico de restauração da imagem narcísica de si

mesmo, como uma forma de situar-se o lugar em relação à falta constituinte do desejo.

No que tange à fobia, esta é definida por Freud (1909a) como a neurose da infância *par excellence*. Para Freud, Hans é, indiscutivelmente, um pequeno Édipo: tanto seu discurso quanto seus hábitos revelam a vivacidade da ambivalência emocional em relação à figura paterna, bem como o vínculo incestuoso com a mãe. A fobia é concebida justamente como a saída sintomática que protege o sujeito contra a angústia de castração, localizando-a no medo de um objeto específico.

Em seu comentário sobre o caso do pequeno Hans, Lacan (1956-57) destaca que o objeto fóbico não é tanto uma defesa contra a ameaça de castração paterna, como disse Freud, e mais uma suplência à ausência do pai castrador. O medo fóbico é compreendido por Lacan um anteparo face à devoração pelo universo das demandas maternas não aplacado pelo corte paterno. Neste sentido, a fobia infantil nos remete especificamente ao primeiro tempo do Édipo, quando, ao frustrar a criança com suas ausências, a mãe evidencia seu *Penisneid*. Por isso, Lacan designa a estrutura fóbica como uma plataforma giratória, cujo destino na vertente neurótica ainda está indefinido. É bastante pertinente a observação de Miller (1993), ao localizar a fobia como uma espécie de testemunho do encontro da criança com o desejo da mãe antes da intervenção do significante paterno. Ou seja, seu contexto permite reconhecer a realidade subjetiva que antecede a falicização do objeto do desejo pela metáfora paterna. Sem este anteparo, a potência materna é encarada como pura devoração.

Já o impasse histórico encontra-se, para Freud (1933[1932]), situado no processo psíquico que caracteriza a constituição feminina pela passagem do objeto paterno à escolha genital definitiva, quando outro homem atualiza a potência fálica originalmente identificada à figura paterna. Dessa forma, os relatos de sedução paterna descobertos por Freud nos primórdios da psicanálise atestam que as incidências fantasmáticas desse vínculo incestuoso não são tão facilmente desfeitas no sujeito feminino como no masculino devido ao fato de que, para aquele, a ameaça de castração não possui o mesmo efeito separador. Pelo contrário, no caso da menina, é precisamente o reconhecimento da castração que a leva a refugiar-se na trama edipiana (Freud, 1933[1932]).

Em sua leitura do caso de Dora, Freud (1905b[1901]) assinala que toda propensão à vingança e à ambivalência na relação com o pai deve-se à falha deste em manter este lugar fantasmático ao ignorar sua denúncia a respeito das investidas do Sr. K. Posteriormente, como sabemos, Freud leva em consideração a fascinação demonstrada pela jovem à Sra. K como uma inclinação homossexual ocultada. Lacan (1955-56), por sua vez, localiza a questão histórica no enigma da feminilidade. Ele interpreta de modo análogo sua longa contemplação diante da imagem de Madonna: ambas encarnam para ela a função feminina (Lacan, 1951). Seus sintomas conversivos expõem o despedaçamento corporal como consequência da não realização de seu próprio corpo feminino. Ao que me parece, Freud não passa completamente ao largo desta questão, à medida que, embora não identifique os embaraços com a feminilidade na atração da jovem pela Sra. K, sublinha as dificuldades da jovem elaborar sua sexualidade no destino da atitude feminina na trama edípica (Freud, 1905b[1901]).

A problemática histórica evidencia o desafio pelo qual passa toda mulher para assumir a posição de objeto de desejo do homem. Como vimos, a menina precisa abandonar a posição de objeto que aspira satisfazer a mãe, endereçar sua demanda ao pai para, então, reeditá-la na relação com outro homem. Na partilha dos sexos, retorna a essa posição de objeto, não como aquela que preenche o desejo do parceiro, mas o causa. Contudo, como Freud (1933[1932]) destaca, por não ter o pênis, a menina não possui a mesma competência que o menino para ser o objeto que aspira satisfazer a mãe. Isso marca uma fixação pré-edípica não facilmente superável. É nesse sentido que compreendo a observação assinalada por Lacan em "A psicanálise e seu ensino" (1957), de que a histórica não teria satisfeito a identificação narcísica que teria dado-lhe condições para atingir a satisfação na posição de objeto. Deduzo, assim, que, para a menina, a inaptidão inicial em identificar-se com a imagem do objeto fálico se atualiza nos impasses posteriores ao assumir um certo lugar de objeto na parceria sexual.

Dora encontra-se na tentativa de simbolizar o órgão feminino por intermédio da identificação com o pai². Como para todo neurótico, a lógica do desejo histórico inaugura-se no investimento psíquico da atribuição fálica no personagem paterno. No entanto, o pai da histórica comparece fantasmaticamente em sua insuficiência como detentor da potência fálica,

como um pai questionável quanto à sua potência fálica, “a carência fálica do pai atravessa todo o caso como uma nota fundamental, constitutiva de posição” (Lacan, 1956-57, p. 142).

Em conformidade com esta hipótese, observamos que o pai de Dora, tendo sido um homem imponente e bem-sucedido como industrial, é acometido por uma sequência de doenças ao longo da juventude da moça. Além disso, do último episódio de sua enfermidade, ele herda como seqüela a perda definitiva de sua potência sexual. Assim, Dora começa a vislumbrar as fraquezas do pai e, em resposta, desencadeia uma série de sintomas histéricos no início da puberdade. Na situação clínica da moça, a impotência física parece ter se estendido, de alguma forma, para uma impotência simbólica no tocante ao seu dom viril.

No plano da neurose obsessiva, sua especificidade reside na relevância da ambivalência suscitada pela dimensão rivalitária do complexo paterno. O obsessivo fixa o pai como o agente perturbador de seu gozo sexual, que é experimentado mais ativamente, tal como apontado por Freud desde os primórdios da psicanálise (Freud, 1983b). Como medida de defesa contra o ódio pelo pai, a hostilidade sentida pelo indivíduo é recalcada e retorna na forma de um superego ruidoso.

Verificamos que é nesse sentido que se encaminha a interpretação freudiana do caso de Ernst, o homem dos ratos. Para Freud (1909b), o episódio do reembolso se conecta ao impasse edipiano por intermédio da figura do capitão, o qual evoca de modo superegoico o complexo paterno ao contar-lhe a história da tortura de prisioneiros com ratos, dando origem à resposta sintomática que resolve a tensão gerada pelo gozo anal-sádico despertado pelo juramento obsessivo de saldar a dívida, garantindo a total adesão ao imperativo paterno de interdição do gozo. Suas ambivalências se estendem à dama e esta também passa a ser questionada quanto ao seu valor: para o obsessivo, a mulher amada é destituída como mulher desejada.

A sobredeterminação das ideias obsessivas em torno da história dos ratos se assenta no fato de que o animal rato é, para o obsessivo em questão, uma metáfora viva dele mesmo quando criança, dado ele próprio ter sido uma criança-rato, repugnante, suja pelo gozo sádico obtido pelo ato de morder devido ao qual certa vez fora severamente punido pelo pai interditor em sua infância³.

O obsessivo é acometido pela ameaça de castração em um plano demasiado agudo e distante de desempenhar sua função simbólica reguladora do gozo. Assim, a significação do falo como significante do desejo não está resolvida e permanece enigmática para esse sujeito (Lacan, 1957-58). Seu próprio desejo se esvai e está massivamente marcado pela proibição, só pode ser conservado à distância, sempre de modo adiado. A busca de seu objeto esbarra nesta armadilha, já que só consegue tolerá-lo ao preço da eliminação da condição desejante do Outro. Isso extingue a possibilidade de sustentar-se como sujeito. Contudo, para não execrar efetivamente o Outro e manter-se como sujeito, o obsessivo procura preservá-lo de forma exacerbada na forma da idolatria e do enaltecimento. Lacan (1957-58) considera o obsessivo como solidamente instalado no significante: desse modo, se esquia do confronto com a falta do Outro, contornando $S(\mathbb{A})$. As manifestações sintomáticas vinculadas a esta estrutura – cerimoniais, rituais, precauções etc. – são manobras que fortalecem a consistência do Outro pelo paradoxal triunfo do significante sobre a falta.

Com isso, queremos demonstrar que, na relação fantasística do neurótico obsessivo com a autoridade paterna, predomina da relação rivalitária e competitiva vigente no segundo tempo do Édipo. O pai comparece como detentor da posse do pênis, por isso estamos no território das neuroses. No entanto, prevalece sua face privadora do gozo incestuoso, interditora da tríade imaginária mãe-criança-falo. O pai do obsessivo é a encarnação do pai morto, onipotente, não permissivo. Todo peso da lei recai sobre esta estrutura, na qual a versão doador do pai do terceiro tempo do Édipo ainda não se fez presente. A lógica obsessiva de eclipsar o desejo pretende reiterar a vontade paterna.

A partir da discussão acerca de um artigo publicado por Bouvet sobre o atendimento de um caso de neurose obsessiva feminina, Lacan (1957-58) também indica que, na dinâmica obsessiva, o atributo fálico parece estar de alguma forma ligado à mãe: por este motivo, no plano da demanda inconsciente, o obsessivo quer ser o que a mãe deseja. Na neurose obsessiva, a ênfase na lei paterna recai sobre a coerção e não sobre a metaforização da falta do Outro. Embora a assunção da castração não prescindia dessa primeira incidência como ameaça imaginária, o aprisionamento neste momento edípico consome o obsessivo numa encruzilhada: tendo percebido corretamente a dependência desejante da

mãe em relação ao pai, precisa sacrificar-se à autoridade da lei paterna. No entanto, ainda retém a mensagem da insatisfação materna sobre aquilo que ela é suposta esperar dele. Por isso, esse sujeito é parasitado pela tentativa de preencher o desejo de falo materno. A relação do obsessivo com o pai se fixa nessa ambiguidade típica da dinâmica edipiana, já que este supostamente detém o que ele almeja, isto é, o desejo da mãe.

Em "O mito individual do neurótico", Lacan observa que o complexo de Édipo geralmente tem valor "de jeito nenhum normativizante, mas frequentemente patogênico" (Lacan, 1953a, p. 40). Isso se justificaria na medida em que, na época moderna, há um inevitável hiato entre o pai percebido pelo sujeito real e a função simbólica que deveria ocupar. A plenitude do valor simbólico atribuído à sua função, que implicaria em si mesma um completo recobrimento do simbólico pelo real, é estruturalmente impossível. Almejo destacar, com isso, que essa forma de subjetivação, edipianizada, presidida pela identificação paterna, emerge no contexto das práticas discursivas que organizam a modernidade, uma vez que a descoberta do inconsciente só foi capaz de acontecer num contexto caracterizado pela expulsão de Deus do mundo (Coelho dos Santos, 2001).

A época moderna recusa a autoridade religiosa e o sentido fundado na fé, instituindo a família nuclear de base patriarcal, a qual, por sua vez, é fundada na tradição e na hierarquia geracional. Ao mesmo tempo, como ressalta Coelho dos Santos (2001), da fé divina medieval, o homem moderno herda a internalização da crença inconsciente no pai. A função paterna deslocada para o pai de família já sofre os efeitos da estrutura que inaugura a modernidade como desinvestimento da força agregadora da religião e pela descrença na verdade como revelação oracular divina. Chegamos, assim, a um dado estrutural de suma importância: o pai de família nunca encarnará plenamente o poder simbólico do Nome-do-Pai. A condição neurótica anuncia justamente esta defasagem, evidenciando que a metáfora paterna, relativa à função simbólica do pai morto, não pode se inscrever completamente.

Lembremos que a psicanálise opera, por excelência, sobre a modalidade específica de constituição do homem moderno, isto é, do sujeito da ciência que idealiza despir-se dos sentidos tradicionais e míticos ancorados na fé divina. Por desconfiar do que é particular e contingente,

esse novo sujeito aspira despojar-se de todas as qualidades subjetivas por meio do recalque da dívida significante com a tradição e a autoridade. A atitude denegatória em relação aos aspectos qualitativos da subjetividade leva à supressão do aspecto pulsional e da fantasia pelo saber científico. Assim, a emergência do sujeito da ciência conduz inevitavelmente a um paradoxo, pois seu surgimento é concomitante à sua própria sutura pelo discurso científico.

Lacan equipara o sujeito do inconsciente freudiano ao sujeito da matemática do significante. De fato, a primazia concedida à máquina simbólica no ensino de Lacan coloca em primeiro plano o automatismo da repetição próprio ao encadeamento significante no inconsciente. A articulação entre os significantes prescinde de qualquer significação, configurando-se como uma pura injunção formal a despeito do sujeito que surge daí na condição de efeito. No entanto, esse elo capital entre o advento da ciência moderna e a psicanálise é fundamentalmente marcado por um movimento de subversão desta última, na medida em que a descoberta freudiana do inconsciente como a verdadeira realidade psíquica testemunha o fracasso do sujeito da ciência em comparecer completamente destituído de qualidades.

Nas palavras de Coelho dos Santos, “a modernidade é um paradoxo: cortou a cabeça do Rei, banuiu as antigas hierarquias feudais, mas manteve viva a família” (Coelho dos Santos, 2001, p. 262). O advento do Estado moderno restringe o domínio exercido pela crença no poder de Deus, do Rei e do Papa, instaurando um mundo laico, inspirado pela razão e pela defesa dos direitos do indivíduo. Destacamos assim que, nos tempos modernos permanece um resto do funcionamento antigo resgatado pela psicanálise: a ciência não conseguiu sepultar completamente a ilusão, mas apenas a recalcou.

Problematizações finais

Finalizamos este texto com algumas problematizações. Considerando que Freud delinea a modalidade de constituição subjetiva do homem moderno baseada na internalização da autoridade paterna como suporte dos valores e ideais, o sintoma pode ser entendido como um derivado indicativo do fracasso desta operação simbólica. No entanto, como situar as novas manifestações sintomáticas cada vez mais predominantes na

contemporaneidade – tais como a obesidade, a toxicomania, a depressão, a anorexia e a bulimia? Estes são quadros clínicos não parecem tão referidos a um Outro consistente como metáfora simbólica. As categorias estruturais clássicas não dão conta destas patologias, na medida em que o excesso de gozo não-regulado pelo Nome-do-Pai é prevalente. Torna-se necessário avançar na vertente de gozo do sintoma, para além de sua vertente de mensagem, o que só encontramos na continuidade do ensino de Lacan, a partir das formulações acerca do objeto *a*.

No simbólico, a pulsão é representada no inconsciente pelo conjunto de *representantes da representação* da pulsão, ou seja, por significantes. Lembremos que Freud (1915a) concebeu este componente da pulsão como isento de seu aspecto quantitativo. Na lógica do significante, o afeto representa justamente uma irrupção do real no tecido simbólico, quando, como diz Lacan, “as cavilhas não entram nos buraquinhos” (Lacan, 1958-59, p. 157). Portanto, concluímos que neste primeiro ensino a angústia é entendida como inerente ao fato de que significante e significado não guardam uma relação fixa de sentido. No “Seminário 10: *A angústia*”, Lacan afirma que:

Por natureza, o sintoma não é como o *acting out*, que pede a interpretação, pois – esquecemos isso em demasia – o que a análise descobre sobre o sintoma é que ele não é um apelo ao Outro, não é aquilo que mostra ao Outro. O sintoma, por natureza, é gozo, [...] gozo encoberto [...], ele se basta. (Lacan, 1962-63, p. 140).

Quero destacar aqui, ainda que num nível especulativo, uma mudança de ênfase. É preciso que a transferência analítica se estabeleça para que o “gozo autístico” encerrado no sintoma se abra aos intercâmbios da fala, o que não é dado de saída. A formalização do objeto *a* como um resto pulsional inapreensível pela articulação significante na constituição do sujeito no campo do Outro acentua o fato de que, embora a articulação significante faça aparecer no real a criação simbólica, não o encobre por completo: falta a possibilidade de que a máquina simbólica inclua todo o vivo. Esse resto se traduz pela experiência da angústia e está imbricado no sintoma. A introdução do objeto *a*, o qual ulteriormente será considerado objeto mais-de-gozar, já prenuncia a crescente valorização do conceito de gozo na sequência da produção lacaniana (Coelho dos Santos, 2005).

Logo, o fato de que o sintoma possua uma estrutura idêntica à da linguagem não implica que ele possa ser reabsorvido por completo na ordem significante (Miller, 1998). Definir o sintoma como uma mensagem, como significado do Outro a ser remetido à articulação significante, não abarca toda sua dimensão. É fundamental pôr em relevo de forma específica sua vertente de gozo. A experiência da angústia denuncia que o inconsciente não é pura articulação de significantes, também é pulsional. A ênfase na sequência da obra de Lacan se desloca para a relação do significante com o que está fora da simbolização. No nível de *das Ding*, o alcance do gozo é posto no campo do impossível e transgressivo. Já a teoria do pequeno objeto *a* surge como alternativa ao referir-se a um gozo fragmentado pelos pequenos objetos *a*, nos contornos da pulsão.

Portanto, as formalizações lacanianas que se seguem principalmente a partir dos anos de 1970 e que valorizam uma clínica da ordem da invenção, de um novo modo de uso do gozo mais contingente e menos rigorosamente restrito à hegemonia do Nome-do-Pai, parecem ser uma importante chave de leitura como dispositivo teórico-conceitual para pensar as formas de mal-estar da atualidade (Coelho dos Santos, 2005), por priorizarem uma perspectiva do sintoma como forma de tratamento do real incurável pela via das suplências ao fracasso radical da mediação simbólica e não tanto como enigmas passíveis de decifração.

Notas

1. Este texto integra minha dissertação de mestrado, cujo título é "O sintoma e seu estatuto na psicanálise: considerações sobre a clínica do significante", defendida em 2012 no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos e com o financiamento do CNPq.
2. Lacan (1955-56) atenta para o fato de que o impasse histórico é uma resposta à problemática estrutural concernente ao fato de que não há equivalente para o falo para a realização simbólica do sexo feminino. Isso porque o plano simbólico carece de material que o represente especificamente: o órgão genital feminino é designado imaginariamente como simples ausência do pênis. O sexo da mulher comparece como um ponto inassimilável, um vazio, um buraco irreduzível na ordem do significante.

3. Já adulto, sua mãe recorda-lhe um episódio de sua vida infantil que ele mesmo não conseguia rememorar: após ter mordido alguém, possivelmente uma babá, foi seriamente punido pelo pai. Enquanto ainda apanhava, é tomado por uma forte raiva e não conhecendo impropérios, xinga-o com os termos mais inusitados: "Sua lâmpada! Sua toalha! Seu prato!". Ao que o pai interrompe definitivamente a punição e exclama: "o menino ou vai ser um grande homem, ou um grande criminoso" (Freud, 1909b, p. 170).

Referências bibliográficas

COELHO DOS SANTOS, T. (2001). **Quem precisa de análise hoje?: o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

COELHO DOS SANTOS, T. (2005). **A prática lacaniana na civilização sem bússola**, in COELHO DOS SANTOS (org.), Efeitos terapêuticos da psicanálise aplicada. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005, p. 61-92.

BREUER, J. et FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar, in **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. II, 1996, p. 39-53.

FREUD, S. (1950 [1895]) Projeto para uma Psicologia Científica, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. I, 1996, p. 333-444.

FREUD, S. (1893) Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. III, 1996, p. 37-52.

FREUD, S. (1894) As neuropsicoses de defesa, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. III, 1996, p. 53-66.

FREUD, S. (1900) A interpretação dos sonhos, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. V-VI, 1996.

FREUD, S. (1905a) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. VII, 1996, p. 117-232.

FREUD, S. (1905b[1901]) Fragmento da análise de um caso de histeria, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. VII, 1996, p. 13-232.

FREUD, S. (1908). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. IX, 1996, p. 169-190.

FREUD, S. (1909a). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. X, 1996, p. 11-134.

FREUD, S. (1909b). Notas sobre um caso de neurose obsessiva, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. X, 1996, p. 135-274.

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XII, 1996, p. 231-244.

FREUD, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XII, 1996, p. 121-134.

FREUD, S. (1913[1912]). Totem e tabu, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIII, 1996.

FREUD S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução, in **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV, 1996, p. 75-110.

FREUD S. (1915a) A repressão, in **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV, 1996, p. 145-162.

FREUD S. (1915b) O inconsciente, in **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV, 1996, p. 171-209.

FREUD S. (1917) Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas, in **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVI, 1996, p. 171-209.

FREUD, S. (1920) Além do Princípio do Prazer, in **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVIII, 1996, p. 11-76.

FREUD, S. (1923a) O Ego e o Id, in **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX, 1996, p. 13-80.

FREUD, S. (1923b) A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade, in **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX, 1996, p. 157-161.

FREUD, S. (1924) A dissolução do complexo de Édipo, in **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX, 1996, p. 193-199.

FREUD, S. (1933[1932]) Conferência XXXIII: Feminilidade, in **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXII, 1996, p. 113-134.

FREUD, S. (1937) Análise terminável e interminável, in **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXIII, 1996, p. 223-270.

FREUD, S. (1940[1938]) Esboço de psicanálise, in **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXIII, 1996, p. 157-221.

LACAN, J. (1951). Intervenções sobre transferência, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 214-225.

LACAN, J. (1953a). **O mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1953b). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

LACAN, J. (1955-56). **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1956-57). **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. (1957-58). **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. (1958) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 537-590.

LACAN, J. (1958-59). **O Seminário 6: o desejo e sua interpretação**. Inédito.

LACAN, J. (1962-63). **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MILLER, J.-A. (1993). **A lógica da direção da cura – Elaboraões sobre o seminário IV de Jacques Lacan, A Relação de Objeto**. Belo Horizonte: EBP-MG.

MILLER, J.-A. (1998). Goce, saber y verdad, in **Los Signos del Goce – Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller**. Buenos Aires: Paidós, p. 301-313.

MILLER, J.-A. (2000). Os seis paradigmas do gozo, in **Opção Lacaniana: 2000**, 87-105.

Resumos

From the freudian unconscious to the hegemony of the significant in Lacan: an articulation between symptom, desire and structure

My research was permeated by the fundamental purpose of defining the specificity of the psychoanalytic concept of the symptom, as well as its implications for the clinical area. Although this notion has been incorporated into

the medicine, for psychoanalysis, the discomfort symptoms does not indicate an anatomical anomaly, but signals a form of subjective organization. This study covered the Freudian elaborations on the theme, as well as the return to Freud made by Lacan in his first teaching, which is characterized by the appreciation of symbolic logic and of the significant primordial psychic constitution. Then, we investigated the paternal metaphor and phallic signification, which are essential structural operators for the production of the subject of the unconscious. In order to enhance the discussion of a practice based on clinical hegemony of the signifier, we are dedicated to the investigation of clinical structures of classical psychoanalysis, deploying its main elements from the paradigmatic cases of freudian literature.

Keywords: psychoanalysis, symptom, unconscious, desire, phallus, structure.

De l'inconscient freudien à l'hégémonie du signifiant chez Lacan: une articulation entre symptôme, désir et structure

Ma recherche a été traversée par l'objectif fondamental de délimiter la spécificité de la conception psychanalytique du symptôme, ainsi que son impact sur le champ de la clinique. Bien que cette notion a été intégrée de la médecine, pour la psychanalyse, la souffrance symptomatique n'indique pas une anomalie anatomique, mais elle est plutôt une structure subjective. Cette étude a porté sur les élaborations freudiennes sur ce thème ainsi que le retour à Freud de Lacan dans son premier enseignement qui est caractérisé par l'appréciation de la logique symbolique et des signifiants primordiaux de la constitution psychique. Ainsi, nous travaillons la métaphore paternelle et la signification phallique, celles qui sont les opérateurs structurels essentiels pour la production du sujet de l'inconscient. Afin de renforcer le débat sur une pratique soutenue dans l'hégémonie clinique du signifiant nous nous dédions à l'étude des structures cliniques classiques de la psychanalyse, en déployant ses principaux éléments à partir des cas paradigmatiques de la littérature freudienne.

Mots-clés: psychanalyse, symptôme, inconscient, désir, phallus, structure.

Citação/Citation: OLIVEIRA, F.L.G. Do inconsciente freudiano à hegemonia do significante em Lacan: uma articulação entre sintoma, desejo e estrutura. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.isepol.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 12/11/2011 / 11/12/2011.

Aceito/Accepted: 14/01/2012 / 01/14/2012.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

Homens e mulheres falam a mesma língua?

Kátia Kac Nigri

Psicanalista

Doutora em Psicologia da Personalidade e Social/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Associação Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo (Rio de Janeiro, Brasil)

Associada do ISEPOL (Inst. Sephora de ensino e pesquisa de orientação lacaniana

– www.isepol.com - Rio de Janeiro, Brasil)

e-mail: kkac@winco.com.br

Resumo

A partir de uma piada que circula pela internet, a autora utiliza autores como Freud e Lacan para discutir o aspecto de lixo e luxo do objeto causa de desejo e a necessidade de um discurso enganador no convívio com o semelhante em nossa contemporaneidade. Aborda a distinção entre homens e mulheres e por que seus discursos são diferentes. Conclui que os aspectos de lixo e luxo do objeto causa de desejo são universais que aparecem de forma distinta nas tribos dos homens e das mulheres. Na relação com seus semelhantes mostra, a partir desta piada, como os homens se agrupam e as mulheres não.

Palavras-chave: psicanálise, objeto, desejo, sexualização.

Duas mulheres se encontram na rua, uma delas saindo do cabeleireiro.

Mulher 1: Olá, querida!!!! Você cortou o cabelo??

Mulher 2: Cortei, Amor!! Você nem imagina com quem. Com o Edson, aquele mago da tesoura.

Mulher 1: Maaaaaaraaaavilhoosooo! Ficou 10 anos mais moça. Essas mechas, que bárbaro!! Vou mandar fazer igualzinho. São luzes???

Mulher 2: Não menina, é uma técnica nova de clareamento que ele trouxe da Itália. Imagina que... blábláblá (meia hora depois...).

Mulher 1: Então tá bom, querida. Corre pra casa que teu namorado vai morrer de orgulho da mulher que tem.

Mulher 2: Ai amiga, te adoro!! Beijinhos!!

MULHER 1 SAI PENSANDO: Como essa perua ficou ridícula!! Será que ela não se enxerga? Não sei como aquele gato do namorado dela continua com ela. Se der mole eu agarro ele.

MULHER 2 SAI PENSANDO: Essa galinha deve estar morrendo de inveja do meu visual. Ainda quer fazer igual vê se pode!!! Com aquele cabelo que parece arame. Nem com implante!

Dois homens se encontram na rua, um deles saindo do barbeiro:

Homem 1: Opa!! E aí, seu filho da puta? Tava cortando o cabelo, né?

Homem 2: Não cuzão, tirei pra lavar!!!

Homem 1: Que merda de corte, hein ? Tu tá parecendo um viado. O cabeleireiro entendeu PRA BICHA ao invés de CAPRICHA, é?

Homem 2: É...mas tua mãe gostou...

Homem 1: Falou, então!... Ah, manda um beijo pra aquela gostosa da tua irmã, viu?!

Homem 2: Vai se fuder, seu corno!! Até mais!!

HOMEM 1 SAI PENSANDO: Esse cara... Gente finíssima!!!!

HOMEM 2 SAI PENSANDO: Adoro esse cara.... Muito gente boa...

Introdução

Por que se ri desta piada? O que há de cômico e inusitado?

O presente artigo pretende, a partir de piadas sobre homens e mulheres, enviadas pela internet, indagar sobre o que aparece na contemporaneidade como algo fora de sentido, motivo de riso e de revelação. A partir desta piada que nos provoca, abordaremos o que nos faz pensar sobre as relações de objeto para os homens e para as mulheres. Assim, somos convidados a investigar o que há de irônico em nossa constituição e o que haveria de inusitado neste objeto.

Esta piada não trata da típica relação entre os sexos, mas deixa implícita a total diferença entre homens e mulheres. Onde se situa o inusitado neste chiste? Não é pelo jogo de palavras e significantes, mas pelo *non-sense* demonstrado na distância entre o que se pensa e o que se fala. Na ironia que se apresenta entre o que se diz e o que se pensa, fala-se uma coisa e se pensa no oposto. A mulher pensa uma coisa e fala outra, o homem fala uma coisa e pensa outra. A mulher elogia e o homem xinga. A mulher mostra o luxo, mas pensa no lixo e o homem fala do lixo, mas pensa no luxo. Formas de se abordar o objeto, entre o lixo e o luxo. Estas são as duas vertentes de uma mesma moeda de muito valor: o objeto

causa de desejo. Entre o luxo e o lixo, onde se situa o objeto causa de desejo?

O sentido cômico está em parecer que a verdade da piada é outra. Porém, a dúvida que fica é se realmente é outra, o que nos leva a pensar na necessidade de um discurso enganador para que homens e mulheres se relacionem e se comuniquem. A inserção no mundo presume uma certa mentira, um jogo de enganos.

Assim, propomos duas questões importantes: a primeira diz respeito ao objeto causa de desejo com sua faceta de luxo e de lixo, e a segunda diz respeito aos enganos necessários para que haja a relação de mulheres com mulheres e dos homens com os homens. Por que os discursos são tão diferentes?

No tocante ao objeto do desejo, pretendemos desenvolver o tema para chegarmos ao entendimento do significado do luxo e do lixo do objeto causa de desejo e diferenciá-lo para homens e mulheres. No tocante ao jogo discursivo de engano, pretendemos demonstrar o que está em jogo na necessidade de produção deste engano.

O objeto: entre o luxo e o lixo

A piada apresentada pode nos confundir, pois não se trata da escolha amorosa de um homem ou de uma mulher, mas de como as mulheres se agrupam e como os homens se agrupam. Se é que se agrupam! De qualquer forma, estamos lidando com objetos, no sentido da relação de um sujeito mulher com um objeto mulher e de um sujeito homem com um objeto homem. Estamos lidando com a relação especular, entre semelhantes.

Sobre o tema da amizade entre semelhantes, podemos inferir que haja traços recalcados de desejos sexuais infantis. Ao pensarmos nesta linha, o que está recalcado nesta piada e nos faz rir? Qual seria o aspecto do desejo sexual recalcado? O relacionamento amoroso com o parceiro de mesmo sexo? Será que é isso? Vamos deixar esta questão aberta por enquanto para pensarmos na questão do objeto.

A primeira relação de objeto seria especular. O sujeito se relaciona com aquilo que ele vê, ele ama o que vê. O texto de Freud (1914) sobre o narcisismo pode ser considerado como o texto que trata do nascimento do

amor. No início havia o autoerotismo anterior à nova ação psíquica chamada narcisismo, que se caracterizava pela satisfação das pulsões de forma desordenada. A mãe, uma das figuras que ocupam o lugar do Outro do discurso, ajudava aquele corpo fragmentado a encontrar satisfação em suas pulsões, através da fase oral, do prazer no orifício oral, a partir da amamentação e oferecendo o uso da chupeta, à qual muitos transferem ao dedo. Quando ocorre a ação psíquica do narcisismo, as pulsões passam a se orientar a partir de um objeto. A libido passa a se endereçar a um objeto como um todo. O sujeito é levado a identificar-se com esta imagem totalizada de objeto para agradar as pulsões. Haveria, assim, um esboço de um eu que não deve se confundir com o sujeito. Este objeto total é amado pelo amor de si mesmo. Lacan (1949), no texto do estádio do espelho, apresenta a pulsão escópica no prazer do encontro com a imagem de si mesmo. A libido passa a ser orientada em torno desta imagem de si mesmo que seria o eu ideal. O eu ideal é diferente do eu real fragmentado e anterior ao momento que foi promovida esta ação psíquica chamada narcisismo. O amor de si mesmo daria certa consistência a este eu que ordenaria as pulsões em sua busca pela satisfação. Esta ação psíquica seria o narcisismo primário, nele ocorre o nascimento do objeto total que ordena as pulsões e produz uma identificação a uma imagem de eu, isto é, de eu ideal.

Esta ação psíquica parece acontecer magicamente, como uma evolução natural da espécie humana, em que de repente o bebê se percebe como um corpo unificado. No entanto, sabemos que há uma pessoa, representada por uma voz que diz para aquele sujeito que aquela é a sua imagem. Esta voz, que se repete muitas vezes, autentica a imagem que dá consistência ao eu do sujeito. Esta voz não apenas produz a unificação de um corpo que organiza as pulsões, ela também impõe algumas leis, criando assim, o ideal do eu. O sujeito quer ser amado pelo seu ideal do eu, agir em conformidade com ele, ter os valores que lhe são atribuídos. O eu do sujeito nasce em uma posição de objeto que é autenticada pela voz do Outro.

No *Seminário 5*, Lacan (1957-58) questiona a constituição da realidade pela criança a partir da relação dual com o objeto materno. Se a criança só tivesse esta experiência a partir da satisfação que obtém da mãe, esta relação ficaria não dedutível. Segundo o autor, a primeira simbolização já comporta em si uma espessura de irrealidade, posto que a satisfação da

necessidade deve incluir o desejo do Outro materno que a criança tem diante de si. Neste sentido, já existe uma relação triangular. A relação não é simplesmente o objeto que a satisfaz ou não a satisfaz.

A estrutura apresentada pelo estágio do espelho seria uma forma do sujeito apreender a realidade, a partir da imagem. Sendo assim, toda realidade seria virtual. Em 1957, Lacan afirma que “[...] A imagem tem a propriedade de ser um sinal cativante que se isola da realidade, que atrai e captura uma certa libido do sujeito” (Lacan, 1957, p. 233), um certo número de referenciais, que permite ao vivo ir organizando mais ou menos suas condutas.

O sujeito só se entrega, só passa a demandar, porque tem de satisfazer o desejo do Outro, pretendendo iludir este desejo. O júbilo da imagem no espelho está neste jogo. A criança conquista uma imagem do corpo em algo que, ao mesmo tempo, existe e não existe, em seus movimentos e nos movimentos do que o acompanha diante do espelho. A realidade é virtual, irrealizada, a ser conquistada.

O falo imaginário, ao qual a criança poderá se identificar para satisfazer o desejo da mãe, ainda não está situado em seu lugar. Mesmo assim, o estágio do espelho seria primordial para a abertura às possibilidades imaginárias. Como consequência do estágio do espelho, temos dois movimentos de abertura para a criança, diria de inserção no mundo: primeiro, a constituição da imagem do corpo como ilusória, porém referência que o sujeito terá da realidade e, o segundo, a possibilidade de realizar suas primeiras identificações do eu. A questão é que o sujeito encontra uma imagem que não está pronta, ele terá que defini-la, identificá-la, conquistá-la e subjetivar esta imagem como parte de si. Assim, a criança poderá identificar-se com vários elementos multiplicados de significantes da realidade. Estes seriam hieróglifos, representações que pontuam a sua realidade com certos referenciais. Ele ficaria recheado de significantes se não houvesse o limite com a formação do ideal do eu.

O ideal do eu surge como um organizador, ditando uma lei de inserção do sujeito no mundo da linguagem. Este passaria da assunção da imagem à demanda, com tudo que isto comporta. “O sujeito se identifica com o ideal do eu, ao ir em direção ao simbólico” (Lacan, 1957, p. 235).

A identificação ao ideal do eu já presume que haja a entrada do pai enquanto lei, o Nome-do-Pai, apresentado por Lacan. “Se a identificação

do ideal do eu se faz no nível paterno, é precisamente porque, nesse nível, o desapego é maior no que concerne à relação imaginária do que no nível da relação com a mãe” (Lacan, 1957, p.235)

O pai, que intervém como proibidor, faz com que o objeto do desejo da mãe deixe de ser somente imaginário e passe à categoria simbólica. A identificação da criança com o objeto de desejo da mãe será virtual, possível e ao mesmo tempo ameaçadora. Esta ameaça é levada à destruição pela intervenção simbólica do Nome-do-Pai. A presença dele não se faz progressivamente, mas de maneira abrupta e decisiva. O pai intervém com sua pessoa, sendo assim um núcleo significante capaz de constituir o núcleo da identificação máxima: o ideal do eu.

O sujeito pode se reconhecer em um lugar de eu, como um elemento significante, e não mais o elemento imaginário em relação com a mãe. Assim, a criança passa a se compor com identificações de objetos que estão além do objeto imediato, mãe, remetendo para o que está para além dela: o pai. Neste ponto, haveria o encontro do imaginário com o simbólico, da imagem do corpo com o significante que o representa. Seria um ponto de balança. Da imagem nasce a palavra.

Em “Psicologia de grupo e análise do eu”, Freud (1921) relaciona o lugar do objeto de investimento do sujeito com o ideal do eu. O objeto, ao ocupar o lugar do ideal do eu do sujeito, faria com este se identificasse com ele. O eu se enriquece com as propriedades introjetadas do objeto enquanto ideal do eu. Uma outra forma de relacionar o objeto ao ideal do eu é a de considerar que o objeto teria o que falta ao sujeito para poder ser o ideal do eu.

Neste ponto, faz-se necessário uma distinção. Ao identificar-se com um objeto o que ocorre é uma modificação no eu para assemelhar-se com o objeto e um afastamento deste objeto enquanto objeto de investimento amoroso. Ao se identificar com o objeto, este perde seu interesse sexual. No enamoramento o que ocorre seria uma fascinação e uma entrega do sujeito ao objeto que traria como consequência um empobrecimento do eu. Sendo assim, ou ele se identifica com o objeto ou investe nele. Neste ponto, gostaríamos de levantar uma questão complicada, pois aparentemente parece haver apenas dois tipos de relação com o objeto: identificar-se com ele ou investir nele. Ao identificar-se, o eu do sujeito se enriqueceria com as qualidades introjetadas do objeto em si; ao investir no objeto haveria um empobrecimento do eu, como se o eu se esvaziasse,

se perdesse, para investir no objeto. Isto levaria a uma questão no tocante à posição do amor. Ao amar, investir no objeto, o eu se empobreceria? Sem querer escrevi *embobreceria*, acho que *embobecer* seria *empobrecer*?! Talvez só *embobecer*... Se houver apenas duas possibilidades de relação com o objeto: uma, que há um ganho na identificação e outra, uma perda, no investimento, então, nos investimentos amorosos só haveria perda? Assim, o que de fato se perde e o que se ganha? Uma imagem de eu?

Freud (1921) chama-nos a atenção para o fato da permanência dos laços libidinais entre as pessoas se dever às pulsões libidinais inibidas em seus objetivos, havendo componentes puramente afetuosos. Inibidos não querem dizer recalcados. Isto nos indica que as pulsões podem ser freadas, inibidas. As pulsões inibidas em sua finalidade são as que permitiriam os laços sociais, ou seja, os laços amorosos duradouros sem finalidade sexual. Freud buscou entender como poderia haver relações duradouras após a satisfação sexual, pois algo mais deveria existir para manter as relações.

Ainda neste texto, Freud (1921) aborda a questão do hipnotizador. Por que as pessoas se submetem a ele? O autor designa a palavra 'mana' para dizer deste quê que atrai os sujeitos, uma espécie de magnetismo que poderia ser encarado como uma espécie de tabu. Algo que hipnotiza, fascina e é perigoso.

O lugar do hipnotizador é comparado ao da transferência no dispositivo da experiência analítica. A tarefa seria a do hipnotizador se colocar no lugar dos pais do sujeito, despertando uma parte da herança arcaica que o tornaria submisso aos genitores. Uma reprodução da relação com o pai, personalidade perigosa e predominante, a quem possuía uma atitude passivo-masquista (Freud, 1921, p. 161). O 'mana' teria semelhança com o lugar do pai arcaico, o pai da horda primitiva apresentado no texto "Totem e tabu" (Freud, 1913). A submissão ao pai da horda, que insere o sujeito na civilização, se daria por um suposto amor que eles gostariam de receber deste pai primevo. Podemos entender esta estória criada por Freud como uma forma lógica para tentar compreender o momento inaugural da inserção do homem na cultura. Anotações relativas aos seminários do ISEPOL, ministrados por Tania Coelho dos Santos entre 2010 e 2011, permitem afirmar que, com Lacan, será a linguagem que irá inaugurar esta entrada. Podemos dizer que é a voz que introduz a ação

psíquica do narcisismo primário. É a voz e a língua que organizam, ordenam e dão consistência ao eu, legitimam um certo lugar de eu.

O mundo da língua confere o poder às palavras para dissolver as angústias e mortificar os prazeres. Elas tentam traduzir os momentos, porém são falhas e incapazes de imprimir à vida todas as suas cores. Uma vez aderindo ao mundo das letras o sujeito se submete a isso. É este o pai da horda. O pai da horda é a linguagem, o que marca o mundo humano de trocas, enganos, atos falhos e revelações.

Este 'mana' pode ser entendido como uma voz que fascina e é perigosa, pois remete ao momento de submissão à linguagem, ao mundo humano, com todas as suas letras. 'Mana' é uma voz, um eco, qualquer coisa, até mesmo esvaziada, sem precisar ser nada muito específico, cheio de qualidades ou atribuições. Não é um ideal do eu cheio de atributos idealizados, mas qualquer coisa, absolutamente contingente que aparece na hora que se está pronto para ouvir.

Neste sentido, podemos entender o objeto com seu luxo e seu lixo. Ele se mascara com os atributos maravilhosos de um ideal cheio de idealizações, porém são apenas máscaras, semblantes de qualquer coisa esvaziada e contingente que está ali na hora que se está pronto para captar. É lixo porque é esvaziado de sentido. Ele atrai porque se está olhando para ele.

Assim, retornemos à piada apresentada que mostra a forma como as mulheres se dirigem a outras e homens a outros. Podemos destacar os aspectos de luxo e lixo de um mesmo objeto. A beleza que é falsificada e o babaca que é maneiro. Facetas do mesmo objeto se despindo de suas máscaras. Neste aspecto, podemos dizer que as duas facetas do objeto são universais.

No *Seminário 5*, Lacan (1957-58) aborda o aspecto duplo do significante que representaria o sujeito a partir de sua fantasia fundamental. Este significante conteria os dois valores: agalmático e profano.

"Precisa-se de nada menos do que isso para compreender por que o significante, a partir do momento em que é introduzido, tem, fundamentalmente um valor duplo. De que modo se sente o sujeito, afetado como desejo pelo significante, na medida em que é ele que é abolido, e não o outro que detém o chicote imaginário e, é claro, significante? Como desejo, ele se sente escorado naquilo que como tal o consagra e o valoriza, ao

mesmo tempo que o profana. Há sempre, na fantasia masoquista uma faceta degradante e profanadora que indica ao mesmo tempo a dimensão do reconhecimento e o modo de relação proibido do sujeito com o sujeito paterno. É isso que constitui o fundo da parte desconhecida da fantasia” (Lacan, 1957-58, p. 255).

Assim como Freud (1913) cria a estória da horda primitiva para entender o que leva os sujeitos a se inserirem na cultura, Lacan (1957-58) cria na lógica do fantasma, ou da fantasia fundamental, a fórmula do que haveria de mais arcaico nos sujeitos ao terem de se submeter à língua: a busca do encontro com a célula inaugural da união de sua imagem totalizada com o significante, sendo o sujeito em sua divisão relacionado com o objeto que é ele mesmo nesta representação.

A questão que fica é se o sujeito, ao demandar, fala no lugar de sujeito ou no de objeto? O objeto seria um significante e, como tal, se apresentaria com sua duplicidade de mensagem e significação.

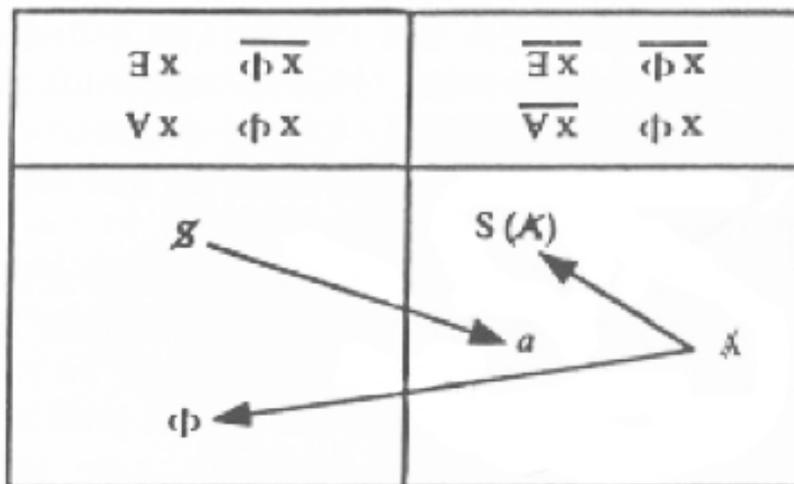
O sujeito se divide por conta deste objeto que o funda e contém esta duplicidade. O objeto que o funda já é um significante que conteria o duplo valor: agalmático e profano, o luxo e o lixo.

Assim, no jogo das relações entre pessoas, ao deparar com o objeto que serviu de mana, que o atraiu, seja pela via identificatória ou pela via de investimento, o objeto pode aparecer com seu valor agalmático e esconder o seu lado profano. Ele pode ser mostrado pelo seu lado profano, mas ter seu valor agalmático. O objeto conteria estes dois aspectos de lixo e luxo, características que o torna universal para ambos os sexos. Estes aspectos não se distinguem para homens e mulheres, porém a forma como eles os veem e os apresentam seriam diferentes.

O objeto para os homens e para as mulheres

Como pensar na posição do objeto para o homem e para a mulher? Lacan (1972) nos apresenta as fórmulas quânticas da sexuação. Em nossa civilização, a proliferação de discursos que buscavam igualar os sexos fez com que novas falas surgissem para reafirmar e recolocar cada um em seu lugar. Lacan, no *Seminário 20: mais ainda*, capítulo VII, intitulado “Letra de uma carta de amor”, cria um quadro para os seres que habitam a linguagem. Nele haveria as únicas definições possíveis da parte dita

homem e da parte dita mulher. Estas definições seriam os modos lógicos como homens e mulheres operam no mundo da linguagem. Reportemos ao quadro, apresentado na página 105 deste seminário, para pensar na questão do objeto.



Segundo Nigri (2001), o objeto causa de desejo fica inscrito do lado direito, ou seja, do lado da mulher. Isto se dá porque o objeto a não é identificável, ele escapa à fálica. A mulher fica situada como semblante do objeto a para quem está do lado do homem. O homem acha que a mulher faz semblante de objeto a , pois o objeto se situa do lado da mulher. Assim, para o homem, o objeto falta sempre, pois ele está do lado da mulher. Para a mulher o objeto não falta, porém falta-lhe ser inteira. Assim, surge a questão a respeito deste lugar de objeto para a mulher: ela pode fazer-se de objeto para um homem, mas não seria esta a posição em que ela goza. Ela goza em relação ao falo e ao $S(\kappa)$, duas posições distintas e diferentes da posição em que elas se colocam em relação aos homens. Ou são eles que as colocam neste lugar?

Magno (1979) aborda o homem como aquele que está no campo da fala, ele "falou e disse"; já a mulher está não-toda na fala, a fala dela transborda no "falar pelos cotovelos". Desta forma: qual a relação de homens e mulheres com a fala e a língua? Existe o gozo de *lalíngua*, mas este seria distinto para homens e mulheres posto que a fala é afirmativa nos homens, mas nas mulheres é tagarelice, é blábláblá.

Se a fala da mulher transborda e é tagarelice, isto significa que a sua fala é vazia? O que ela pode obter com a fala? Através da fala ela busca o

objeto que lhe dará suplência para sentir-se inteira. E o homem, com o “falou e disse”? Ao falar ele se endereça a um objeto impossível, posto que está do lado feminino; assim, ele só conseguirá semblantes meio desarrumados. Magno (1979) diz que do lado masculino encontramos a impossibilidade e do feminino a insatisfação. Estes são modos lógicos de homens e mulheres operarem com seus objetos. O objeto para o homem estaria ocupando a posição feminina, portanto seria inexistente e faltoso. O objeto para a mulher deverá comparecer através de palavras de amor para fazerem suplência ao significante que lhe falta para que ela se sinta inteira. Neste caso, ficaria insatisfeita porque, para sentir-se inteira, ela ocupa um lugar aberto, nunca fechado.

Considerando a mulher como aquela que não existe, como podemos pensá-la enquanto sujeito da enunciação em sua fala? Devemos pensar na fala como aquilo que fala em mim. O sujeito não sabe o que fala. Ao enunciarmos, estamos ocupando uma posição de objeto, ou seja, é enquanto objeto que se fala – trata-se do outro que habita em mim, ou melhor, o inconsciente.

A questão da mulher deveria ser pensada como “cada mulher”, uma a uma. Não há como pensar em uma definição para a mulher, ela não é representável, não existe. Entretanto, cada mulher existe uma a uma como sujeito da enunciação. Ela também é sujeito, mas uma a uma. A tagarelice seria este gozo da fala. Não é uma fala vazia em que não há quem enuncia, há uma mulher que fala.

Sobre a piada, podemos ver o sentido do blábláblá da tagarelice feminina? O encontro com a outra faz com que ambas exercitem o falar por falar. É o puro prazer da falação. Toda fala é demanda e toda demanda é demanda de amor. Neste sentido, ao falar, ocupando a posição do objeto que fala nela, ela demanda ser amada, fazendo suplência ao seu ser que comporta o belo e o feio, a verdade e a mentira, o vazio e o cheio.

E o homem? O homem falou e disse. O que representa essa xingação para o homem? Pensei na contemporaneidade e no carioca malandro para quem xingar é ser maneiro, estar antenado, ser macho. O palavrão é um significante do macho, do homem, uma fala que os agrupa, considerando-os um conjunto total. É a língua do macho. Sem ofender, são apenas palavras, significantes que os une em um grupo, fazendo deles Um. Penso nos meninos quando estão chegando à puberdade. Para eles, o palavrão é uma forma de identificação, formam o grupo dos que falam palavrão,

dos que são machos. Pedem para uma menina falar palavrão para rirem dela, incluindo-as fora do grupo. É feio, não é coisa de menina.

Concluindo...

O que é uma piada? É um retrato do contemporâneo. Só se ri porque o riso revela algo que diz respeito a um real que está dentro e está fora de nosso alcance. Ele só tem graça no tempo em que foi produzido. Como nos diz Lipps:

“Um chiste diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas demais, isto é, em palavras que são insuficientes do ponto de vista da estrita lógica ou dos modos usuais de pensamento e expressão. Pode-se mesmo dizer tudo o que se tem a dizer nada dizendo” [...] [os chistes] “devem apresentar alguma coisa ocultada ou escondida” (Lipps, *apud* Freud, 1905, p. 26).

Podemos relacionar o lugar de objeto do qual falamos, este outro que fala em mim quando enunciamos, com o objeto causa de desejo? Trata-se de dois lugares distintos? Fala-se enquanto objeto porque nossa fala supõe a tribo do Outro, ela já inclui o Outro e seu desejo. Para esta fala ter sentido, ela precisa ser autenticada pelo Outro, sendo assim, quem enuncia já deve supor o que seja necessário para que a fala seja autenticada. É como a ideia de quem veio ao mundo primeiro: o ovo ou a galinha? É uma estrutura, sem antes e sem depois. Será o Outro que dará significação ao que está sendo demandado, apesar de nunca conseguir satisfazer a necessidade que está por trás da demanda. E o objeto causa de desejo? Ele está em jogo. O filho ou a filha ocupam o lugar de falo para a mãe, isto já confere ao lugar de filho o de objeto causa de desejo.

A coisa vai se complicando... Podemos dizer que o que se recalca é o lugar de falo da mãe, ou é o que organiza? O narcisismo enquanto operação seria uma espécie de colagem do objeto causa com o objeto da imagem fálica? Quando se enuncia o que fala em nós seria deste lugar de objeto causa de desejo do Outro, o qual não se consegue capturar, alcançar, dar sentido? Então o lugar de objeto e objeto causa de desejo seriam os mesmos?

Quem enuncia é um sujeito na posição de objeto. Ele enuncia para quem? Ele leva em consideração para quem enuncia? A quem ele se endereça?

Faz diferença se é para um homem ou para uma mulher? Provavelmente sim. Há um entendimento de como a tribo dos homens fala e a das mulheres também. Mas elas fazem tribo? Existe a tribo das mães que falam de seus falos, filhos, maridos e empregadas, casa, etc. Discursam sobre seus objetos. Isto confere às mulheres um lugar de identificação. Por que, então, dizer que não se agrupam? A mulher, ao elogiar, se identifica sem se identificar. Ela fala de dentro para colocar-se de fora. Já o homem, faz grupo, enuncia.

Assim, podemos dizer que o que estaria em jogo nas diferentes formas de enunciar seria a posição deste homem e desta mulher e a relação de cada um com a posição de objeto que ocupam em seu fantasma. Ao lidar com o mesmo, o que eles veem seria a própria imagem especular, ao passarem ao dito, estariam falando ao outro algo de si mesmos. Talvez seja este o recalcado da piada: quem é a bela? Quem é a horrorosa? Quem é o que é bicha? E o maneiro?

Referências bibliográficas

FREUD, S. (1905) Os chistes e sua relação com o inconsciente, in **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 1998, vol. VIII.

FREUD, S. (1913) Totem e tabu, in **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIII, 1998, p. 17-192.

FREUD, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução, in **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV, 1998, p. 85-119.

FREUD, S. (1921) Psicologia de grupo e análise do eu, in **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1998, p.91-184.

LACAN, J. (1949) El estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela em la experiencia psicoanalítica, in **Escritos 1**. Madri, Espanha: Siglo Veinteuno Editores, 1994, p.86-93.

LACAN, J. (1957-58) **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, J. (1972-73) **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

MAGNO, M.D. (1979) **O Pato Lógico**. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986.

NIGRI, K.K. (2001) **O desencontro amoroso na contemporaneidade: uma visão psicanalítica**. Tese de doutorado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio do Janeiro, RJ.

Resumos:

Men and women speak the same language?

From a joke circulating on the Internet, the author uses authors as Freud and Lacan to discuss the aspect of waste and luxury of the object cause of desire and the necessity of a discourse misleading in conviviality with the similar in the contemporaneity. Discusses the distinction between men and women and because his discourses are different. Concludes that the waste and luxury aspects of the object cause of desire are universal and appear differently in the tribes of men and women. The relationship with their similars shows, from this joke, how men do a group and women do not.

Keywords: psychoanalysis, object, desire, sexuation.

Les hommes et les femmes parlent-ils la même langue?

De une blague qui circule sur l'internet, l'auteur utilise auteurs comme Freud et Lacan pour discuter de l'aspect de déchet et luxe de l'objet cause du désir et la nécessité d'un discours trompeur dans le contact avec le semblable dans la contemporanéité. Elle discute de la distinction entre les hommes et les femmes et parce que ses discours sont différents. Conclut que les aspects de déchet et de luxe de l'objet cause du désir sont universels et se présentent différemment dans les tribus des hommes et des femmes. La relation avec ses semblables montre, à partir de cette blague, comme les hommes sont groupés et les femmes ne le font pas.

Mots-clés: psychanalyse, objet, désir, sexuation.

Citação/Citation: NIGRI, K.K. Homens e mulheres falam a mesma língua?. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.isepol.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 12/11/2010 / 01/02/2011.

Aceito/Accepted: 10/02/2011 / 02/10/2011.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

Sujeito e laço social na contemporaneidade: Um em rede

Aline Accioly Siero

Psicóloga e Psicanalista
Mestranda em Psicologia da Intersubjetividade na Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia, MG, Brasil)
E-mail: alinesieiro@gmail.com

João Luiz Leitão Paravidini

Doutor em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP, Brasil)
Professor Associado do Instituto de Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia, MG, Brasil)
E-mail: paravidini@ufu.br

Anamaria Silva Neves

Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (São Paulo, SP, Brasil)
Professor Adjunto 3 do Instituto de Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia, MG, Brasil)
E-mail: anamaria@umuarama.ufu.br

Resumo

Atualmente, o sujeito vive sob a lógica de funcionamento da internet com suas redes sociais, em que a comunicação é imediata e permite uma conexão de pessoas por todo mundo. Grande parte dos indivíduos de todo mundo está on-line. Esta nova forma de comunicação amplia a discussão sobre a construção do laço social na contemporaneidade. Assim, nos perguntamos: em um campo repleto de representações (Outro, tesouro dos significantes), como o sujeito se articula e faz laço social na atualidade? Neste artigo, circunscrevemos o campo em que estamos inseridos e o sujeito ao qual nos referimos em psicanálise, com a hipótese de que "estar em rede" seria uma nova bússola, uma nova orientação, uma nova tentativa de articulação com o objeto *a* (semblante). Tomamos o Twitter (uma ferramenta social) como exemplo para tentar discutir essa possibilidade.

Palavras-chave: Psicanálise, sujeito, internet, Twitter, laço social.

Introdução

Escrever sobre a queda do Outro e os efeitos devastadores desse esvaziamento nos sujeitos tem sido o foco de muitos autores das diversas Psicologias e especialmente da psicanálise. No entanto, toda essa produção de saber sobre o sujeito nos impulsiona à produção de novos questionamentos. A ideia para esse artigo surgiu de algumas questões produzidas a partir do olhar psicanalítico sobre o sujeito contemporâneo e sua forma de estabelecer laço - a internet: como um novo campo, criado para o sujeito, produz apenas sujeitos alienados? Há algo de potencializador no encontro desse sujeito com o novo campo? Falamos de um eterno assujeitamento ou falamos de novos sujeitos?

Para começar a pensar essas questões, retomamos o que aprendemos com Lacan acerca da constituição subjetiva, que acontece a partir do encontro com o Outro, na entrada do sujeito em uma lógica que o antecede. Mas há algo de particular em cada sujeito que, dentro desse campo, persiste e faz sintoma como uma forma de estabelecer laço. Pressupomos que há algo fundante nesse sujeito que, ao entrar no campo da linguagem, não é simbolizável seja qual for a lógica que o rege. Mas as mudanças no campo em que esse sujeito está inserido afetam diretamente a forma como eles se arranjam, desejam e fazem sintoma, ou seja, como lidam com as tensões nesse campo de relações e de encontro. Nessa tensão está o mal estar apontado por Freud.

Uma significativa implicação do texto freudiano intitulado "O mal estar na civilização" (1930) vincula-se à proposição de que os psicanalistas venham a se ocupar do mal estar do homem no mundo civilizado e a se interessarem pela subjetividade contemporânea. Em seu processo de investigação, a psicanálise referencia-se ao que o fenômeno porta enquanto causa de insatisfação e de angústia do sujeito com o mundo dos objetos. Essa insatisfação já havia sido notada anteriormente por Freud, pois sua experiência clínica o levou a pensar a tensão nas relações entre sujeito e sociedade e nas formações sociais construídas como respostas ao conflito, que acabava por acarretar mais sofrimento do que seu enfrentamento. Ele afirmava que o laço social era a principal fonte de sofrimento para os homens e nos levava a suspeitar que havia algo de inconquistável no laço social, e que dizia respeito à nossa própria constituição psíquica (Freud, 1930).

Para discutir sujeito e laço social na contemporaneidade, vamos circunscrever o campo em que estamos inseridos e o sujeito ao qual nos referimos em psicanálise. Entendemos que a constituição subjetiva se dá a partir de articulações com o Outro (cultura, social). Com as mudanças ocorridas nesse campo, observamos o aparecimento de diversas e inéditas manifestações subjetivas. Alguns autores como Rinaldi (2011), Birman (2005) e Bauman (1998) apontam, por exemplo, a instabilidade das relações, o empobrecimento de laços afetivos e a ausência de significantes mestres a partir da falência da função paterna. Para eles, o sujeito contemporâneo está sozinho, sem regras nem modelos a seguir. Vive em uma sociedade no qual o imperativo é a única palavra de ordem, e está marcado pelo esvaziamento da figura paterna, resultando na construção de uma lógica de onipotência e de não referência ao outro. "O sujeito se basta" (Rinaldi, 2011).

Por outro lado, autores de outras abordagens teóricas, como Nicolaci da Costa (2005), apontam para um sujeito completo, seguro e disposto a experimentar o novo, sem medo. Um sujeito flexível, que é capaz de se representar de diversas maneiras e que consegue se identificar e ser referência de si mesmo, produzindo novas configurações psíquicas e laços sociais.

Partimos da perspectiva que a condição do sujeito se faz afetada por diversas mudanças no campo em que está inserido e tentando estabelecer laços. Além disso, considerando a internet como o campo de articulações do sujeito em questão, nos perguntamos: em um campo repleto de representações (Outro, tesouro dos significantes), como o sujeito se articula e faz laço social na atualidade?

Assim, falamos de um sujeito com sua singularidade, ou seja, aquilo que lhe é mais particular, radical e fundante; e falamos também de um campo que oferece tudo ao qual esse sujeito pode se identificar. Pensamos que a forma como o sujeito se vale disso nos dará pistas de como ele estabelece laço social na atualidade.

1. O Sujeito em Psicanálise

Cabas (2009, p.13) nos lembra que na obra de Freud a noção de sujeito sempre foi importante, ainda que de forma implícita. Foi Lacan quem posicionou esse sujeito em primeiro plano. O sujeito, na teoria

psicanalítica, não é o indivíduo nem o eu. Também não é o sujeito racional cartesiano. Lacan efetivou a subversão desse sujeito cartesiano para nos contar de um sujeito que é efeito de linguagem. Então, a que sujeito nos referimos em psicanálise? Referimo-nos aqui a um conceito de sujeito que é esvaziado de qualidades, um "sujeito que não se confunde com a realidade empírica de uma pessoa ou indivíduo, mas que é efeito da linguagem. Em outras palavras, a concepção de sujeito também deve estar submetida ao universo infinito da alíngua" (Pinto, 2001, p.80). Assim, Lacan concebe o sujeito enquanto efeito, como uma consequência do encontro (arbitrário) com o Outro. Mas o sujeito também é um efeito da alíngua, ou seja, do que não é possível de simbolizar a partir da entrada na linguagem. Ele é uma função, uma estrutura, "um lugar entre dois [...], um ponto entre dois" (Cabas, 2009, p.218).

Aprofundando a noção do sujeito como efeito da linguagem, Cabas (2009) afirma que o sujeito só aparece a partir dos significantes porque existe um campo signifiante para que ele exista e se represente. O sujeito não é o signifiante que o representa, mas se utiliza deles para advir.

Quando Pinto (2001) e Cabas (2009) falam de um sujeito que está submetido ao universo da alíngua, é porque o campo de significantes que representa o sujeito não consegue dizer tudo sobre ele. Há algo de irrepresentável desse sujeito, a alíngua, que é o impossível de escrever. Desta forma, o sujeito é efeito da linguagem, mas também está além dela.

Para melhor compreender essa problemática, em certo momento de sua construção teórica, Lacan faz uso da topologia de Moebius. Rivera (2008), a respeito desse momento da teoria lacaniana, explica a fita moebiana como uma superfície unilateral, sem distinção entre dentro e fora e, portanto, sem projeção. Ao utilizar essa figura, Lacan tenta mostrar (ou realizar) o sujeito como não mais que o trajeto que desliza pela banda, movimento que passa dentro e fora, subvertendo sua distinção — afinal, como formula Lacan, o mais íntimo é êxtimo.

Se o sujeito advém do encontro com o Outro, ou seja, de uma estrutura que se coloca desde antes de seu nascimento (linguagem), ao entrar nesse campo, ele perde algo de originário, algo que o marca como dividido, não-todo. O que ele perdeu Lacan nomeia como objeto *a* e a esse processo de encontro com Outro Lacan (1964) nomeia como alienação.

Para Lacan (1964), a alienação acontece nessa divisão do sujeito. O Outro é o lugar de sua causa significante, razão pela qual nenhum sujeito pode ser causa de si mesmo. Quando bebês, somos totalmente dependentes de um outro para sobreviver. Chamamos isso de desamparo original. E é neste momento em que acontece o encontro com o Outro, encontro que produzirá as primeiras experiências de satisfação. É nesse momento também que o bebê deve se alienar a esse Outro para que possa se constituir. Mas, ao viver essa alienação, perde algo de si para sempre. Mas, se não vive a alienação, também perde a possibilidade de entrar no campo da linguagem.

Já a separação, outro articulador fundamental neste processo, implica o fato de que todo esse processo de alienação deixa um resto, uma vez que o sujeito busca no Outro aquilo que lhe falta, aquilo que ele abdicou e perdeu para se tornar sujeito ao desejo do Outro. É como se o Outro pudesse sempre complementar aquilo que falta ao sujeito. No entanto, isso não só não se efetiva, como o Outro está sempre às voltas com algo a mais. A separação incide a partir da posição em que o sujeito percebe que o Outro também é faltante como ele. O surgimento da falta no Outro remete o sujeito à própria falta, ou seja, à constatação da sua impossibilidade de completar o Outro. A operação de separação é marcada pelo confronto com a falta no Outro, e, posteriormente, quando o sujeito tenta construir, no fantasma, uma resposta à falta do Outro: O que o Outro quer de mim? (Lacan, 1964).

Mas é nessa busca do que lhe falta que se encontra a movimentação desejante. E a fita de Moebius trata dessa relação entre sujeito e objeto *a*, uma trajetória que se produz a partir desse (des)encontro, em que é o desejo do Outro que dá lugar ao sujeito como seu objeto, e portanto ela não é interna nem externa. Ela inscreve o objeto causa do desejo do sujeito e, no entanto, tem como ponto de fixação o sujeito no lugar de objeto (do Outro). Na fantasia, o sujeito não é mais senhor de seu próprio objeto (Rivera, 2008).

Destacando o lugar da falta do sujeito, Lacan (1956) conta sobre um objeto que é apreendido pela via da busca do objeto perdido. Uma busca frustrada, mas que efetiva o movimento pela procura. O objeto *a* se configura como produto da entrada na linguagem, da divisão que permite com que o sujeito advenha. Como vimos acima, o sujeito advém da entrada na cadeia significantes. Ao criar essa representação de si, aparece

o resto, ou seja, aquilo que não é representável, simbolizável. No lugar desse resto, o falo entraria em cena, representando um lugar, um lugar de falta. E do outro lado, no campo do irrepresentável (real) estaria o objeto *a*, nesse lugar de resto, como “aquilo que sobrevive da operação de divisão do campo do Outro pela presença do sujeito” (Lacan, 1962, p. 243).

O objeto *a* faz referência à falta. A falta, segundo Lacan, só seria apreensível através do simbólico (linguagem). E é também através do simbólico e do imaginário que há a tentativa de preenchê-la. Lacan enfatiza, ainda, a irredutibilidade dessa falta que é radical na própria constituição do sujeito. É a partir desse posicionamento que o objeto *a* assume sua função de causa de desejo. Na medida em que ele é sobra, Lacan o reconhece estruturalmente como objeto perdido. O objeto *a* “é o que lidamos no desejo e por outro lado na angústia” (Lacan, 1956, p. 179).

O sujeito posiciona o objeto *a* do lado do Outro. Assim, coloca no Outro o que lhe é precioso, o que o causa. O neurótico deposita no Outro a esperança de que o Outro diga o que lhe falta. Portanto, segundo Lacan, desejar o objeto *a* é desejar o Outro, e desejar o Outro é desejar objeto *a*. Porém, nessa relação desejante, nos deparamos sempre com o resto e aí encontramos o sujeito.

Traçamos brevemente o caminho da constituição subjetiva, teorizando sobre a importância que o Outro (linguagem) tem nesse processo. Se é no movimento e na tensão entre sujeito e Outro que algo dessa constituição acontece, afirmamos, com Cabas (2009, p.236) que o sujeito contemporâneo é o mesmo sujeito da psicanálise, não há novo sujeito. O sujeito é ainda o mesmo que se constitui a partir da linguagem, ou seja, cindido, como acabamos de descrever. O que muda é o campo em que está inserido e sua forma de estabelecer laço. E o que podemos observar sobre as mudanças no campo? Tomaremos a internet como base para essa discussão.

2. Internet: novo campo, novas tensões

Atualmente, o sujeito vive sob a lógica de funcionamento da internet com suas redes sociais, em que a comunicação é imediata e permite uma conexão de pessoas por todo mundo. Grande parte dos indivíduos de todo

mundo está on-line. As novas mídias multiplicam as possibilidades de contato, a constituição de redes de amigos, as oportunidades de encontros diversos inclusive no campo amoroso. Esta nova forma de comunicação possibilita a circulação livre da informação, aproximando o distante. Por outro lado, promove encontros que se fazem apenas na virtualidade.

Para fazer referência em relação à tecnologia e sua inserção no tempo social da atualidade, Santos (1986) conta que o pós-moderno nasce com a computação e oferece à sociedade muitas facilidades trazidas pelas tecnologias. Na modernidade se buscava a essência do ser e no pós-moderno as pessoas recebem tudo pronto com o advento da tecnologia. O autor defende que com a tecnologia as pessoas ficaram mais presas em suas individualidades. No plano econômico, o modelo é chamado capitalismo flexível, no qual o homem se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo. Santos(1986) ainda afirma que entre os indivíduos e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, que não informam sobre o mundo e sim o refazem à sua maneira.

Freud (1930) também fala da modernidade segundo a tecnologia, que caminha junto com a sociedade no sentido de frustrar e distanciar cada vez mais os sujeitos do prazer verdadeiro que eles buscam, pois proporciona benefícios que os satisfazem de forma barata, ou seja, dão uma sensação de falsa satisfação. E como a angústia é cada vez maior entre sujeito e sociedade, a tecnologia funciona como uma forma de tamponamento do sofrimento, mas nunca o soluciona por definitivo.

Se o sujeito vive um período social que nasceu junto com a inserção tecnológica, Kaplan (1993) defende que o homem moderno se integrou à tecnologia a tal ponto que uma visão crítica e distanciada é quase uma utopia. Hoje as tecnologias fazem parte da sociedade como uma coisa só, homem e tecnologia estariam integrados completamente.

Segundo Nicolaci da Costa (1998, p. 57), quando a internet chegou no Brasil, as pessoas rapidamente aprenderam a pesquisar e bater papo através da rede. A partir dessa entrada, a autora aponta o início do que seriam os novos tipos de relacionamentos, afetos, sentimentos e conflitos. Apenas em 1990 alguns psicólogos começaram a se interessar pelos estudos relacionados à rede, e a própria autora, em 1996 iniciou seus estudos sobre os impactos da internet na subjetividade das pessoas.

O que podemos afirmar é que a internet, como campo de relações, trouxe e vem trazendo profundos impactos subjetivos em todos os indivíduos, usuários ou não da rede. Com foco no sujeito (e não no indivíduo, como discutido anteriormente), nos cabe agora tentar circunscrever e produzir novos sentidos para esse novo campo e para os efeitos que tem nos sujeitos. Frente ao mal estar que ressurge na emergência de um novo campo e na inserção do sujeito nesse campo, houve como efeito, a principio, a produção de uma dicotomia na produção do saber: o bem e o mal - os estudos apontando os lados negativos e positivos da inserção do sujeito na internet.

Nicolaci da Costa (2000), por exemplo, escrevia e publicava artigos que tentavam falar da relação entre a adolescência e a escrita na internet, como uma tentativa de interação e simbolização. Costa (2001) apresentou trabalhos sobre uma pesquisa em chats, apontando a importância das tribos online e da forma como as amizades se consolidavam, com estabilidade e com intensidade de sentimentos tão fortes quanto as relação presenciais. Zaremba (2000) relatou em sua pesquisa sobre a forma como a escrita na internet é uma escrita prazerosa e que produz comunicação. Já Bauman (1997) toma a tecnologia nas categorias de consumo, apontando que a relação entre usuário e tecnologia se estabelece da mesma maneira em que funciona o sistema capitalista. Nessa perspectiva, a sensação de ruptura que a internet traz à sociedade é o que fica em evidência.

Nicolaci da Costa nos lembra que Birman (1997) foi um dos primeiros a escrever sobre a relação de gozo entre a internet e o sujeito, iniciando um tipo de pesquisa que apontaria as preocupações e os impasses desse encontro. Naquele momento, já se falava em relações virtuais e o esvaziamento do sujeito, bem como o automatismo das relações. (1998, p.64) Outra autora, Cláudia Lanzari (2000) escreveu um artigo em que usava o conceito de fantasia para analisar a relação virtual em caráter ficcional, relação essa que já estavam fadadas ao fracasso e a decepções. Calligaris, em 1998, começou a publicar textos sobre a problemática do sujeito e da internet enfatizando os aspectos relacionados à solidão online.

O que podemos observar nesses primeiros trabalhos evidencia-se na ênfase nos impasses, bem como no caráter saudosista de um passado ideal e na resistência à mudança. Preocupados em defender os efeitos

positivos ou negativos da internet, grande parte desses primeiros artigos ficaram presos na dicotomia entre o bem e o mal. Entramos em contato com produções que tinham como alicerce o campo (internet). Sem olhar para o sujeito e a forma como ele estava se ajeitando com essas situações e sentimentos tão diversos, nos deixamos levar pela ilusão de passividade do sujeito, como se o campo pudesse ser completamente responsável por qualquer ato do sujeito.

Em pesquisas mais recentes, observamos a tentativa de mudança para o olhar no sujeito. Rinaldi (2011), por exemplo, nos coloca a pensar sobre a questão da proximidade e da distância, quando discute uma ilusão de proximidade produzida pela internet, nos encontros realizados nas redes sociais como Facebook e Twitter. Segundo a autora, as conexões se fazem entre semelhantes, que compartilham imagens e significantes. A primazia do imaginário deixa na sombra a dimensão simbólica e principalmente a dimensão real do outro, evidenciada no enigma que envolve a presença. Fala-se hoje de presença virtual, possibilitada pelas novas tecnologias que associam imagem e voz em tempo real. A instantaneidade da comunicação elimina a distância no tempo e simula a proximidade. Entretanto, para a autora, presença não se resume ao significante nem a imagem, mas implica um corpo que goza e é isso que impõe uma distância íntima, de ordem ética, condição para o desejo.

Nesse aspecto, podemos retomar a teorização sobre a falha da função paterna e a queda do Outro percebida na ausência de leis que possam reger o sujeito. Forbes (2005) nos conta de um presente em que os sujeitos são desbussolados, ou seja, não possuem mais um significante mestre ao qual se apoiar e nortear. As relações sociais até a modernidade eram organizadas por um eixo vertical de identificações. As crianças, por exemplo, se identificavam com o pai e os adultos com os chefes no trabalho. As referências se contrapõem, são múltiplas, e acabam se invalidando. Podemos equivaler esse momento a uma desorientação da pulsão. Assim, o homem ficou desbussolado, como nomeia Forbes. Preso a uma cadeia de significantes que parece não ter começo nem fim, assistimos às tentativas de criação de novas bússolas, não sem sofrimento.

O homem ficou desbussolado, sem o norte da mão do pai que, por ter o saber, lhe assegurava o caminho a seguir. Para Forbes, foi Lacan quem apontou para uma psicanálise capaz de acolher um homem cujo problema

é não saber o que fazer, nem mesmo escolher entre os vários futuros que lhe são possíveis. Hoje o problema do sujeito não está mais nas amarras de seu passado, mas na escolha entre várias possibilidades de futuro (Forbes, 2005).

Assumindo a falha da função do Outro como referência absoluta, Forbes (2005) também aponta para a necessidade de um novo pacto social, de um novo amor que substitua o amor que prevaleceu até hoje e que foi fundado em nome do pai. Se no modelo contemporâneo caminhamos de uma posição de impotência em direção ao impossível, para apreender esse novo amor o autor enfatiza a necessidade de se pensar em uma terceira dimensão, além do imaginário e do simbólico. A terceira dimensão, além da realidade simbólica ou da virtualidade imaginária, é o real incapturável e incompreensível, o real impossível, um limite que pode ser descoberto quando o sujeito para de se orientar pela realidade. Quem perde a referência vertical descobre outra orientação. Em um plano social percebe-se que, sem o constrangimento da ordem paterna, a liberdade não fica ilimitada. Nesse sentido, a liberdade é o limite da própria liberdade.

Entendemos com Forbes que o sujeito denuncia a falha do Outro como única fonte de constituição subjetiva, mas ao mesmo tempo aponta para novas tentativas de busca de orientação a partir do Real, daquilo que é ainda impossível de simbolizar. É nessa tentativa de mudança de posição subjetiva em relação ao Outro, enfrentando o que há de incompreensível e não simbolizável nesse encontro, que o sujeito se movimenta, tentando sair da fixidez de um lugar constitutivo. Nessa perspectiva, nossa hipótese é que “estar em Rede” seria uma nova bússola, uma nova orientação, uma nova tentativa de articulação com o objeto *a* (semblante). Vamos tomar o Twitter, uma ferramenta social, como exemplo para tentar discutir essa possibilidade.

3. Twitter: o Sujeito assumindo diferentes posições?

O Twitter foi fundado em março de 2006 com um conceito muito simples: para participar, os usuários deveriam responder apenas a uma pergunta: “*O que você está fazendo?*” - em espaço de, no máximo, 140 caracteres. Twitter em inglês tem dois significados: “uma pequena explosão de informações inconsequentes” e “pios de pássaros”. Essas ideias que dão nome ao projeto sustentavam os objetivos centrais da ferramenta¹.

Além disso, os usuários podem escolher seus nomes, ou melhor, arrobas (exemplo: @aline @psicanalise) e podem também seguir pessoas para ter acesso ao que eles escrevem. De maneira simples, o número de usuários no Twitter cresceu a cada dia que passava, em todo mundo.

Posteriormente, com a criação das *hashtags*², a influência mundial do Twitter se tornou mais perceptível. O uso das *hashtags* aumentou e ganhou força entre os usuários da Rede, e começou a ser importante em relação aos grandes movimentos sociais mundiais. Antes mesmo desses movimentos se tornarem notícias nos jornais televisivos, já estavam nas primeiras páginas dos usuários do Twitter. Foi assim com *hashtags* famosas como: #iranelection, #obama, #swineflu, #forasarney e #calabocagalvao³.

Quanto aos usuários, são pessoas de diversas idades que se utilizam da rede para escrever sobre as mais variadas questões, desde o que estão fazendo naquele momento, até discussões políticas, reclamações e questionamentos sociais ou ainda a descrição de seus sentimentos, afetos e problemas. Quando escrevem, não necessariamente escrevem para um destinatário conhecido. Podem escrever para elas mesmas, podem escrever para alguém e podem escrever para ninguém. De vez em quando recebem respostas de seus seguidores, outras vezes são *retuitadas*⁴ e outras vezes não há resposta alguma.

Mas o que pretendemos nos aprofundar aqui para discutir a questão do sujeito em Rede versa sobre as *hashtags*. Escolhemos essa faceta do Twitter para discutir tais questões porque é a partir dela que acompanhamos grandes movimentos sociais e políticos e as diversas maneiras em que os sujeitos se posicionam.

3.1 - Twitter no Egito: #egypt

Assistimos à Revolução no Egito no começo deste ano, que ficou também conhecida como “*Dias de Fúria*”. Esse evento, que já entrou para a história mundial, pretendia inspirar os moradores do Egito a lutar contra o desemprego, a inflação e a corrupção, bem como a falta de liberdade de expressão da população⁵.

Com uma série de manifestações e protestos pelas ruas, a movimentação teve grande participação de moradores locais e de usuários da internet por todo mundo. Após milhares de pessoas saírem as ruas para protestar contra o governo, a internet foi bloqueada, especialmente o Twitter. Em

apenas um dia, a hashtag *#egypt* havia sido utilizada mais de 51 mil vezes na Rede. O bloqueio aconteceu principalmente porque o Twitter havia se tornado um dos principais canais de troca de informação entre os egípcios com o restante do mundo. Antes mesmo de fatos se tornarem notícia dos grandes jornais, usuários do Twitter pelo mundo conseguiam saber notícias instantâneas transmitidas por egípcios que utilizavam o Twitter. Além disso, os egípcios se comunicavam, via Rede para marcar encontros e manifestações⁶.

Mesmo após o bloqueio, as pessoas procuraram maneiras de continuar enviando mensagens com notícias sobre os protestos, e outros usuários em outros lugares do mundo procuravam maneiras de ajudar nessa comunicação. No calor do momento, o Twitter rapidamente criou uma ferramenta que permitia o envio de mensagens de voz que podiam ser ouvidas em qualquer lugar do mundo. Assim os egípcios podiam telefonar e enviar *tweets* de voz⁷.

3.2 - Twitter na Wall Street: *#wallstreet*

No dia 17 de setembro de 2011, teve início o movimento intitulado "Occupy Wall Street"- Ocupe Wall Street, que pretende protestar contra a influência empresarial da sociedade e do governo dos Estados Unidos, contra a impunidade dos beneficiários da crise financeira mundial. Inspirados pela Revolução Egípcia descrita, alguns protestos chegaram a mobilizar de cinco a dez mil pessoas⁸.

O movimento, que ainda está acontecendo enquanto escrevemos esse artigo, se mantém com a participação de muitos americanos que se organizam em protestos e ocupação constante na Wall Street. Outras pessoas se organizam em assembleias, reuniões estratégicas e discussões em que todos podem falar, dar ideias e as decisões são tomadas coletivamente. O movimento se espalhou por todo mundo, e protestos semelhantes estão acontecendo inclusive aqui no Brasil, em cidades como São Paulo e Salvador.

Assim como aconteceu na Revolução do Egito, o movimento de ocupação em Wall Street já era muito anunciado e divulgado nas redes sociais e no Twitter antes mesmo de ganhar as páginas e chamadas nos grandes jornais mundiais. Com *hashtags* como *#occupywallstreet* e *#ocupasampa*, manifestantes se organizam, marcam reuniões e protestos e informam ao

mundo os acontecimentos de forma quase que instantânea. Com ajuda não apenas de *tweets* escritos, mas também com fotos e vídeos, tentam denunciar inclusive a tentativa do governo de diminuir a repercussão do evento pelo mundo. O movimento, que ainda está acontecendo, conseguiu reunir mais de trezentos mil dólares doados por usuários da internet de todo mundo para que possam prosseguir em protesto, ocupando as ruas e anunciando suas mensagens.

3.3 - Twitter na doação de Sangue: #Vaidoa

No dia 13 de agosto de 2011, Carol Rocha, mais conhecida na internet e no twitter como @tchulimtchulim, atravessou a rua correndo, passando por entre os carros, e foi atropelada por um ônibus que circulava na faixa especial. Após passar por muitas cirurgias e perder muito sangue, ainda na UTI do hospital, reapareceu na internet para compartilhar suas dificuldades pessoais. Foi assim que, sem grandes intenções, organizou o movimento que ficou conhecido como *Vai, Doa #vaidoa*. No movimento, que começou apenas como um pedido de reposição de bolsas de sangue, ela pedia para que usuários da internet, conhecidos ou apenas seguidores do Twitter, a doação de sangue nos bancos de hospitais do todo o Brasil. Diversos usuários, em todo o país, começaram as doações, e tiravam uma foto para marcar o momento. Essas fotos e mais os tweets dos doadores deram força ao que se tornou um movimento com site próprio⁹ e virou notícia pelo Ministério da Saúde, pelo número significativo de pessoas que se dispuseram a doar movidas pelo pedido de ajuda da Carol¹⁰.

Considerações finais: restos, rastros, fragmentos... sujeitos assumindo novas posições

Após esse sobrevoo sobre o lugar do sujeito na contemporaneidade, tomamos a internet (via Twitter) como articulador importante para pensar a sociedade atual. A Rede introduziu e permitiu novas formas de se relacionar, de sentir e de sofrer. E é também a partir desse campo que o sujeito tenta se constituir e encontrar novas bússolas. Muitas vezes, nesta travessia, reencontra vazios os suportes de sua sustentação. Ao invés de adquirir consistência, na busca de si, se confronta de tempos em tempos com uma angústia perturbadora ou com uma inquietante estranheza. Mas

isso tudo não o fixa, necessariamente, em um lugar subjetivo na relação com o Outro, pelo contrário, pode ser movimento de enlaçamento.

Na busca de informações sobre o sujeito em rede, nos deparamos com o que chamamos de ausência de memória da Twitter. A ferramenta não “guarda” tweets antigos (no máximo de três meses), portanto só conseguimos encontrar os restos e rastros do que haviam sido os movimentos descritos nos itens anteriores. Ferramenta criada para desaparecer, cujos restos podem nos indicar os caminhos do sujeito. Conforme apontamos no começo desse artigo, nos rastros e fragmentos, encontramos os restos do sujeito no encontro com o Outro. Isso que aparece como irrepresentável, que faz efeito de semblante do objeto a nos indica que a implicação subjetiva pode acontecer no campo em questão. As revoluções eram “reais”, ainda que acontecendo em um campo que chamamos de “virtual”. Esse campo que chamamos de Rede pôde ser apenas o cenário para os sujeitos, que causam e são causados pelos laços que estabelecem e se permitem a criação de atos simbólicos que são significativos, genuínos, que rompem com os papéis e lugares pré-estabelecidos. É como se a rede fosse nada mais do que um espaço para possíveis atos de implicação subjetiva, atos de enlaçamento dos quais só sabemos dos restos. Os efeitos foram significativos nos sujeitos, cada um em sua singularidade.

Descrevemos esses movimentos para discutir a existência de uma nova forma de laço social, que está sendo construída na atualidade. Quando Nicolaci da Costa (2005), a respeito de uma nova constituição psíquica na contemporaneidade, descreve um sujeito moderno, ela nos apresenta um sujeito que:

“Está disposto a experimentar novas formas de ser; [...] um sujeito que, por meio de sua escrita e não de seu corpo, habita vários espaços [...] e ganha acesso a diferentes realidades; [...] um sujeito que pode construir diferentes narrativas [...] a respeito de si mesmo; [...] um sujeito que se submete a um constante processo de definição e redefinição das fronteiras entre as esferas do público e do privado; [...] um sujeito que está tendo dificuldades para encontrar novas fórmulas com que se proteger dos excessos gerados por sua constante mobilidade e exposição à diversidade; [...] um sujeito cada vez mais singular” (Nicolaci da Costa, 2005, p. 81,82).

Apesar da descrição acima não se tratar diretamente do sujeito em psicanálise, podemos encontra-lo nessas descrições. Como afirmamos ao longo do trabalho, com Cabas (2009), o sujeito não é novo. Sua forma de se constituir ainda é a partir da linguagem e também da alíngua. Mas, com a mudança no campo em que está inserido, a tensão dessa relação produz novas formas de laço social, novos sintomas que contam de um sujeito que tenta sair da fixidez de um lugar para a mobilidade de posições em relação ao Outro. O que não acontece sem mal estar, já que algo não simbolizável sempre existirá nessa relação.

É um sujeito que denuncia a falha do Outro como referência absoluta a partir de movimentos que são articulados com a participação de vários Um, enlaçados. Sujeito que tenta, cada vez mais, sustentar algo de sua singularidade, ainda que não saiba muito bem de que forma possa realizar esse desejo. Do mesmo modo, é um sujeito que ainda sofre e se angustia com o engodo da completude, e que por vezes se torna refém de uma Rede e de laços que prometem um gozo absoluto. Mas, como na fita de Moebius, em que essas situações se colocam em tensão constante na relação entre sujeito e Outro, sujeito e objeto a, quando o sujeito se depara com o fracasso dos semblantes de objeto, acontece uma movimentação que é constitutiva e que permite ao sujeito o encontro com outros lugares, outras posições subjetivas e outras formas de estabelecer laço.

Na relação entre o mundo virtual e o real, parece que o sentimento de pertencer torna-se mais forte que o sentimento de ser. E podemos entender que o ser se apoia no pertencer. Notamos que são os grupos e os pares que proporcionam um suporte subjetivo, um contorno que circunscreve a experiência pulsional do sujeito, tendo em vista a ausência de estabilidade que os meios tradicionais asseguravam. Movimento interessante de ser notado em tempos de narcisismo acentuado, parece que a fragilidade da própria condição do individual se acentua dando lugar ao estar em grupo, em que o sujeito busca ser ao mesmo tempo em que busca pertencer em uma rede de conexões com lugares em construção constante.

A falta de um referencial simbólico constitutivo do sujeito enquanto suporte de sua divisão fundante, o faz buscar maneiras diversas para se fazer representar dentro de uma cadeia de sentidos. Se a Rede pode proporcionar uma sustentação, um campo, são as relações a os atos

simbólicos de enlaçamento que apontam para uma nova forma de orientação, uma possível bússola do sujeito. Posto que ali encontramos vários Um que, em movimento constante, assumem o lugar de referência, de leis e da falta que emerge do semblante desse lugar. Essas maneiras de tentar se articular, criam tamponamentos e semblante dentro uma mesma lógica: buscar recobrir o real que (re)surge e avassala.

Não podemos perder de vista, no entanto, o que Cabas (2009) alertou ao dizer que todas essas novas ferramentas contemporâneas vendem o ideal e a promessa de suprir o fantasma, ou seja, oferecem-se como a possibilidade de encontro com o objeto a. E essa relação de encontro com algo da ordem do real, Cabas (2009, p.234) descreve como um movimento que “é capaz de submergir o sujeito na pura dimensão do gozo e a supressão do laço social com a correlata substituição na presença do Outro por uma imagem virtual”.

Se por um lado temos essa oferta insistente da satisfação fantasmática, no seu avesso (re)aparece o real, a impossibilidade desse encontro com o objeto e o abismo que aponta para um desejo do impossível. A partir dos dados apresentados com o Twitter, com as *hashtags*, consideramos que o Twitter pode servir de semblante para o sujeito, colocando-o em movimento de encontro com seu desejo. Mas pudemos também (re)afirmar o efeito de semblante, a questão do sujeito cindido e dos problemas que ele sempre encontrará no encontro com o Outro: afinal, “nada feito quanto à hipótese de um novo sujeito” (Cabas, 2009, p. 237), porque ele continua sendo o sujeito cindido, cisão essa que é fundante de sua estrutura que se articula em uma lógica de desejo e gozo. Portanto se trata de um sujeito que estará sempre as voltas com o Real de sua existência e nas formas de estabelecer laço.

Se pensarmos, com Lacan, que o sintoma é a expressão de uma realização de desejo e a realização de um fantasma inconsciente, então o sintoma é aquilo que as pessoas têm de mais real. A questão se coloca quando a angustia daquilo que não é sempre recoberto retorna, o resto que sempre retorna, que sempre será irrepresentável. Porém, não ficamos desbussolados por muito tempo. O que podemos aprender com o Twitter e com os movimentos sociais é que logo nos arranjamos com outra ordem, outra orientação. Que tanto quanto a anterior, não é absoluta, é sempre parcial. Mas é importante o movimento do sujeito, não fixo,

posicionando em função de seu desejo e não como refém de aparelhamento do mais-de-gozar.

Notas

1. <http://www.tecmundo.com.br/3667-a-historia-do-twitter.htm>
2. *Hashtags* são palavras ou conjunto de palavras que dão referência a um assunto específico. Assim, quando um número maior de usuários decide conversar sobre um mesmo assunto, para que todos saibam do que se trata, ao final de um *tweet*, utiliza, a mesma *hashtag*.
3. <http://www.pitacosmodernos.com.br/2011/03/as-hastags-mais-populares-da-historia.html>
4. Retuitar: O *retweet* é uma função do Twitter que consiste em replicar uma determinada mensagem de um usuário para a lista de seguidores, dando crédito a seu autor origina
5. http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Egípcia_de_2011
6. <http://www.metagov.com.br/blog/item/444-twitter-é-bloqueado-no-egito-após-manifestações>
7. <http://wp.clicrbs.com.br/admiravelmundovirtual/2011/02/12/protestos-no-egito-renuncia-de-mubarak-e-o-papel-da-internet-e-das-redes-sociais/>
8. http://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street
9. <http://vaidoa.tumblr.com>
10. <http://www.blogdasaude.com.br/saude-social/2011/08/24/vaidoa/>

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Z. (1997). **O mal estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- BIRMAN, J. (1997). **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34.
- BIRMAN, J. (2005). **Mal estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- CABAS, A.C. (2009). **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- COSTA, A.C.A. (2001). **IRC: uma nova alternativa para as relações entre as pessoas**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. RJ.

- FREUD, S. (1930). **O mal estar na civilização**, In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FORBES, J. (2005). A psicanálise do homem desbussolado: as reações ao futuro e ao seu tratamento, in **Opção Lacaniana**, São Paulo: Eólia, n. 42, p. 30 – 33.
- KAPLAN, E. (1993). **O mal-estar no pós-modernismo: Teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1956). **O Seminário, livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, J. (1962). **O Seminário, livro 10: A Angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, J. (1964). **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (1998). **Na malha da Rede: Os impactos íntimos da Internet**. Editora Campus: Rio de Janeiro.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (2000). A tecnologia da Intimidade, in Sociedade Brasileira de Computação (Org.), **Anais do III Workshop sobre Fatores Humanos em Sistemas de Computação**. Porto Alegre, RS: SBC.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (2005) Primeiros contornos de uma nova configuração psíquica, in **Cadernos Cedes**, Campinas, Vol. 25, N. 65, p.71-85.
- PINTO, J.M. (2001) Resistência do texto: o método psicanalítico entre a literalização e a contingência, in **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro: UFRJ, V.9, N.1, p.77-84.
- RINALDI, D. (2011) Invenções contemporâneas: proximidade, ética e gozo, in **Anais do CONLAPSA**. Rio de Janeiro, UERJ.
- RIVERA, T. (2008) Ensaio sobre o espaço e o sujeito. Lygia Clark e a psicanálise, in **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro: UFRJ, Vol.11, N.2, p.219-233.
- SANTOS, J.F. (1986) **O que é o pós-moderno**. Rio: Brasiliense.
- ZAREMBA, R., ABREU, R.S. & NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (2000). A escrita digital: uma pedra no sapato da escola, in Sociedade Brasileira de Computação (Org.), **Anais do III Workshop sobre Fatores Humanos em Sistemas de Computação**. Porto Alegre, RS: SBC, p. 196-202.

Resumos

Subject and social bond within the contemporary world: One in web

Nowadays the subject lives under the internet functioning logic with its social networks – social online communities – in which communication is immediate and allows people all over the world to get connected. Most of people from all over the world are online. This new way of communicating brings a broad discussion about the construction of social bond in the contemporary world. Having this reality in mind, we pose the question: within a field full of representations (Another, treasure of the significant), how does the subject articulate and construct his or her social bond in the present time? In this paper we describe the field we are inserted in and the subject we refer to in psychoanalysis, considering the hypotheses that “being connected” would be a new compass, a new orientation, a new tentative of articulation with object *a* (semblant). Having the Twitter (a social network) as our example we try to discuss this new possibility.

Keywords: Psychoanalysis, subject, internet, Twitter, social bond.

Sujet et lien social dans la contemporanéité: Un en réseau

Actuellement, le sujet vit sous la logique de fonctionnement de l'Internet avec leurs réseaux sociaux, où la communication est immédiate et permet une connexion de personnes dans le monde entier. La plupart des gens du monde entier est en ligne. Cette nouvelle forme de communication prolonge la discussion sur la construction du lien social dans la contemporanéité. Donc, nous demandons: dans un champ plein de représentations (Autre, trésor des signifiants) que le sujet articule et fait lien social au présent? Dans cet article, nous avons circonscrit le champ dans lequel nous sommes insérés et à qui sujet nous nous référons dans la psychanalyse, avec l'hypothèse de que "d'être en réseau" serait une nouvelle boussole, une nouvelle direction, une nouvelle tentative pour établir un lien avec l'objet *a*(semblant). Nous prenons le Twitter (un outil social) comme un exemple pour essayer de discuter de cette possibilité.

Mots-clés: Psychanalyse, sujet, internet, Twitter, lien social.

Citação/Citation: SIERO, A.A.; PARAVIDINI, J.L.L.; NEVES, A.S. Sujeito e laço social na contemporaneidade: Um em rede. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, mai. a out. 2011. Disponível em www.isepol.com/asephallus

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 21/01/2011 / 01/21/2011.

Aceito/Accepted: 24/03/2011 / 03/24/2011.

Copyright: © 2011 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

De perto ninguém é normal? O real e a realidade na clínica e na experiência analítica

Is anyone normal from up close? The real and the reality in the clinic and in the analytic

Y a-t-il quelqu'un de normal à proximité? Le réel et la réalité dans la clinique et dans l'expérience analytique

Tania Coelho dos Santos (PPGTP/UFRJ)

taniacs@openlink.com.br

Neste II SIMPÓSIO DO ISEPOL, vamos encarar a difícil questão: que emprego fazemos da distinção entre o normal e o patológico na nossa clínica de todos os dias? Como reconduzir um sujeito a arranjar sua fala num discurso cujo Real seja tratado como impossível? Como ensinar que o gozo do ser falante reconduza cada um ao significante Um que o determina no campo do gozo?

Como é do conhecimento de muitos de vocês, o sujeito sobre o qual a psicanálise opera só pode ser o sujeito da ciência. Parece um paradoxo? Talvez não. Se não fosse a distinção introduzida pela ciência entre o normal e o patológico, será que alguém chegaria aos nossos consultórios se queixando de que não vai bem? Dizendo que tem sintomas, que Freud explica, que são efeitos do inconsciente,? Distinguimos neuróticos, psicóticos com base na relação de cada um ao inconsciente. Neuróticos recalcam o desejo. Este, se refugia na fantasia inconsciente. Esta, por sua vez, é o fundamento da realidade psíquica. O desejo recalçado retorna para o sujeito como um sintoma enigmático. O desejo rejeitado pelos psicóticos, por sua vez, retorna sob a forma de delírios e alucinações, como se seus desejos lhe viesse de fora, como se não habitassem sua realidade psíquica, como se fossem da ordem do real.

Real e realidade, na psicanálise, são dimensões relativas à diferença entre a neurose e a psicose, ou à diferença entre uma formação do inconsciente – isto é, um sintoma normal - e delírio patológico. Quando perguntaram à Freud, qual a diferença entre o homem normal e alguém que concluiu uma análise, ele respondeu: nenhuma. O sintoma neurótico, na abordagem freudiana faz parte da psicopatologia da vida cotidiana. Faz companhia aos sonhos, lapsos e atos falhos. São os sinais de que os desejos infantis jamais se encontrarão completamente à vontade na civilização, na realidade social, na ordem simbólica. Esta última orienta-se pela racionalidade coletiva, enquanto que a primeira veicula o desejo infantil. Para Freud, portanto, o embate que se trava na neurose se dá entre o desamparo infantil e a ciência. E a psicanálise oferece a oportunidade de uma pós-educação, para que o infantil ineducável encontre uma solução de compromisso com as exigências da civilização, que seja melhor que o sintoma. Ou seja, que o indivíduo tenha a oportunidade de fazer uma sintoma normal.

A psicanálise participa de duas concepções do real, cuja fundamento, entretanto é único: o real é impossível. Uma parte de nossa atividade, a clínica psicanalítica, pode ser formalizada. Haverá, entretanto, em cada experiência, o encontro com uma singularidade irreduzível, pois os efeitos de língua sobre a diversidade dos corpos não podem ser completamente reduzidos às classificações que já conhecemos. Por esta razão, mais do que nunca, o analista no século XXI, precisa estar disposto a surpreender-se e se expor ao acaso de novos encontros.

Gente pobre

Poor people

Gens pauvres

Valeria Wanda da Silva Fonseca

Psicóloga clínica

Psicanalista

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica / UFRJ

Membro da Associação Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo

E-mail: valeriawanda@uol.com.br

Resenha do livro:

DOSTOIÉVSKI, Fiódor (1846). **Gente pobre**, tradução, posfácio e notas de Fátima Bianch. São Paulo: Ed. 34, 2009, 192 p.

"Gente pobre", escrito em 1846, é considerado o primeiro romance de Fiódor Dostoievski. É a coletânea de cartas escritas durante seis meses que retratam a vida amorosa entre um homem e uma mulher pobres. Segundo, sua tradutora, Fátima Bianch, com este livro Dostoievski reinaugura um gênero literário - a narrativa epistolar -, característico do século XVIII, que declinava na época. Interessou-se, também, em divulgar uma modalidade literária muito criticada naquele período: expor o sofrimento dos pobres, numa sociedade estratificada na Rússia do século XIX, onde a mobilidade social era, praticamente, vedada aos menos favorecidos.

As cartas retratam um suposto romance entre um homem e uma mulher pobres. E, nos permite, como um quebra-cabeça, construir a história de cada um. Makar Diévuchkin, pela descrição, deveria ter em torno de 45 anos, era funcionário público menor da cidade de Petersburgo e tinha como função transcrever os despachos e documentos em geral. A sua vizinha Varvara Alieksiêievna era uma jovem órfã, que trabalhava fazendo costuras e bordados. Ela, muito pobre, reclamava da sua pouca sorte, da dificuldade de ser bela e poder mudar seu destino. Ele, por sua vez, dizia

estar velho e não ter dinheiro suficiente para pagar as joias e as roupas para merecida dama. Só poderia agradá-la com pequenos “mimos” ou enviar-lhe alguns rubros para que comprasse balas, vasos de flores e etc. Entre o casal há uma ambiguidade de sentimentos e de interesses típicos de relações amorosas orientadas por ideais rígidos e exigências morais e econômicas da sociedade. Nos cabeçalhos, o tratamento é formal: “prezado Senhor” ou “prezada Senhora”. No decorrer das cartas, eles usam expressões íntimas, tais como: “minha pombinha”, “minha filha”, “minha querida”, “sua Varvara” ou “amabilíssimo Makar”, entre outros. Makar e Varvara moram em pensões próximas, o que permite a ambos observar os movimentos um do outro. A luz do quarto ou a posição das cortinas identificam o horário em que dormem e acordam; o tempo de leitura e escrita, as roupas que usam e as visitas que recebem.

As cartas registram uma intimidade. Ela pede que ele lhe escreva sempre contando tudo sobre o seu dia a dia com o máximo de detalhes e fica lisonjeada com os presentes. Entretanto, repete: “Mais uma vez lhe imploro, que não gaste tanto dinheiro comigo. Sei que gosta de mim, mas o senhor mesmo não é rico...” (p. 18). E reclama da sua infelicidade: “Ah, o que vai ser de mim, qual será a minha sina? É duro viver nessa incerteza, sem ter um futuro, sem poder sequer prever o que há de acontecer comigo” (p. 18).

No romance, as cartas são escritas no período de abril a setembro. Observamos que não há uma regularidade no número de correspondências. Em alguns momentos são diárias, em outros, semanais. No mês de maio, Makar escreve apenas uma carta a Varvara. Supomos que ele a visitou e levou alimentos para ajuda-la a recuperar a saúde.

O leitor só conhecerá mais da vida da Varvara, na carta de 1º de junho. Lá, por saudosismo, ela relata a sua infância para Makar. “O paizinho era administrador de uma fazenda”, ele “estava sempre ocupado com o seu trabalho, a mãezinha se dedicava à lida da casa; não me ensinavam nada, e eu estava contente com isso” (p.33). Até os 12 anos, ela brincava livremente pelos campos e lagos sem preocupações, só conheceu a infelicidade quando a família foi obrigada a se mudar para Petersburgo. O pai foi demitido e foram morar num lugar feio, com poucos recursos e cheio de lama. Ele tornou-se carrancudo e nervoso; ela e a mãe ficavam quietas. Três meses depois, Varvara foi para o internato. Tinha de estudar! Tudo era difícil, não concordava em ter perdido o paraíso da infância. O despreparo da família levou os pais ao adoecimento e à morte. A partir de então, a filha ficou entregue à sorte, vivia de favores, paralisada e abnegada a espera de um milagre. “Ah, o que vai ser de mim, qual será a minha sina? É duro viver nessa incerteza, sem ter um futuro, sem poder sequer prever o que há de acontecer comigo” (p. 18).

Logo em seguida, através do personagem Makar, temos retratada a percepção dos homens entre si. Considerava que até os colegas eram impiedosos no julgamento a seu respeito. Tinha vergonha da sua

condição, pois um homem pobre não gosta de despir-se diante do mundo. Ele mesmo dizia que não servia para nada, mas queria agradar e ser útil a Varvara. Traduziu seu sofrimento na comparação com o pudor da mulher. "Um homem pobre, nesse sentido, sente o mesmo pudor que você, para dar um exemplo, um pudor vaginal" (p.105). Makar se envergonhava de não ter dinheiro e ao mesmo tempo se endividava cada dia mais. Resolveu pedir dinheiro emprestado a um agiota, que o questionou: "Para que o senhor tem necessidade de dinheiro"? (p.121) Esta pergunta foi o golpe fatal. Sua situação precária o impediu até de obter empréstimo. Caiu na bebedeira, e vivenciou um tempo de desespero. As cartas de Makar transbordam descrição sobre os efeitos da pobreza para um homem.

Varvara retruca dizendo que "pobreza não é defeito. Então, por que se desespera: isso tudo é passageiro!" (p. 125) E denuncia que a sua vergonha é falsa. A precariedade financeira da mulher tem nuances diferenciadas das do homem. A mulher se embeleza para si, para as outras mulheres e para os homens. E também, quer ter casa e filhos. Trabalhar, para Varvara, era algo "estranho", queixa-se da pouca escolaridade e do despreparo para vida, ela só consegue desempenhar tarefas simples como bordar e fazer acabamentos para outras costureiras.

Makar, por muitas vezes, confessa ser um 'bronco', solitário e que só o amor por ela o faz sentir-se um homem. Para ele, o sofrimento de um homem por não ter dinheiro é torturante. Ser honesto e escrever bem não garantem prestígio e dinheiro. E declara que um homem sem dinheiro não tem direito de ter e amar uma mulher. Por isso, deve viver sozinho.

Um incidente no trabalho levou Makar a mudar a avaliação sobre si. A repartição estava agitada. Ele tinha cometido erro grave depois de longo período de trabalho para seu superior, o qual não conhecia. Ao copiar um documento importante, Makar tinha pulado uma linha e foi repreendido. Porém, seu superior conhecia seu trabalho e abrandou as recriminações ao ver o botão do paletó de Makar cair. Este sentiu vergonha de sua pobreza, e o superior, num gesto generoso, num aperto de mão, entregou-lhe uma boa quantia em dinheiro para que melhorasse sua condição de vida. Considerava que seus funcionários só poderiam ser responsáveis no trabalho se estivessem bem em sua vida particular. O comportamento do superior provocou em Makar uma alegria. Ele até questionou sua percepção de que era desprezado por outros homens; havia alguns gentis. Ele estava mais confiante e menos queixoso.

Simultaneamente, Varvara resolveu dar um jeito em sua vida: aceitou o pedido de casamento de um comerciante, pois ele tinha o suficiente para tranquilizá-la. Makar não se sentiu no direito de interferir. Assim, as correspondências terminam. Ela decidiu que entre os dois só poderia haver uma amizade "discreta".

Enquanto autora desta resenha e como protagonista de uma pesquisa de doutorado¹ que investiga os efeitos subjetivos da pobreza, rastreei no texto agudeza psicológica de Dostoievski para descrever a essência da condição humana – os amores, os dramas e as alegrias possíveis entre os pobres.

A trama psicológica dos dois personagens principais, Makar e Varvara, permite levantar os diferentes efeitos subjetivos desencadeados pela pobreza num homem e numa mulher. Ao dissertar sobre esse tema, Dostoiévski exemplificou extensamente o conceito psicanalítico de castração e mostrou a importância da diferença sexual na constituição da sociedade.

Nota

A pesquisa vem sendo realizada no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ com o financiamento da CAPES. Orientadora: Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Normas para Publicação de Trabalhos

I. Objetivo

A Revista eletrônica **aSEPHallus** é uma publicação semestral do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana, cuja missão de contribuir para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa em psicanálise de orientação lacaniana. Devota-se, por conseguinte à divulgação artigos originais, nacionais ou estrangeiros, tais como: relatos de pesquisa em psicanálise pura e aplicada, ensaios sobre a formação do psicanalista e do pesquisador em nossa área de atuação, relatos de casos clínicos aprovados pelo comitê de ética da instituição de origem do pesquisador, resenhas e textos relativos à atualidade da teoria, clínica e política de orientação lacaniana.

Todos os manuscritos enviados para publicação devem seguir as normas e critérios de publicação descritos abaixo.

II. Critérios para publicação de contribuições

Os artigos teóricos ou clínicos, bem como ensaios ou resenhas e textos sobre a atualidade deverão ser inéditos e serão apreciados pelo Conselho Editorial, segundo o rigor epistemológico, a pertinência clínica e a relevância política para o ensino da psicanálise na universidade e a formação de psicanalistas. O Conselho poderá fazer uso de consultores *ad hoc* a seu critério. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa de seus artigos em um prazo médio de três meses.

Caso sejam recomendadas modificações no texto, o autor será notificado e encarregado de providenciá-las, devolvendo o trabalho reformulado no prazo máximo de quarenta e cinco dias.

III. Ineditismo do material e direitos autorais

A inclusão de um manuscrito na revista **aSEPHallus** implica a cessão imediata e sem ônus dos direitos de publicação nesta revista, a qual terá exclusividade de publicá-las em primeira mão. O autor continuará, no entanto, a deter os direitos autorais para publicá-lo posteriormente na íntegra ou reproduzi-lo parcialmente.

IV. Envio do material

O autor deverá enviar o trabalho preferencialmente pela Internet para o editor – Tania Coelho dos Santos - pelo seguinte endereço eletrônico:

taniacs@openlink.com.br ou revista.asephallus@gmail.com

Ou, ainda, pelo correio convencional, também aos cuidados do editor:

**Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de psicologia, UFRJ.
Avenida Pasteur, 250 - Fundos, Urca, Rio de Janeiro-RJ.
CEP: 22.290-902.**

No caso de envio pelo correio convencional, deverá vir acompanhado de uma cópia impressa e a mesma versão gravada em CD.

Todos os artigos deverão ser acompanhados de uma carta de encaminhamento, assinada por um dos autores, atestando que o artigo é inédito e que não fere as normas éticas da profissão. Os autores são inteiramente responsáveis pelo conteúdo dos seus artigos publicados.

Os autores serão imediatamente notificados, preferencialmente por e-mail, sobre o recebimento do manuscrito pelo Conselho Editorial.

Orientação para a organização do material:

Folha de rosto identificada – Título em português e também em inglês e francês, compatível com o título em português. Nome do(s) autor(es), seguido de créditos acadêmicos e profissionais. Endereços postal e eletrônico do(s) autor (es), números de telefone/fax.

Folha de rosto sem identificação – Título em português e título em inglês, compatível com o título em português.

Folha de resumo – Todos os originais devem conter uma página com três resumos de mesmo teor, em português, francês e inglês. Caso o manuscrito seja originário de outro idioma que não esses, deverá conter também o resumo na língua de origem. O resumo deve apresentar o trabalho com clareza, esclarecer o leitoss sobre o objetivo, metodologia/material e método, resultado/considerações finais, quando for um manuscrito que atenda a essa categoria. Deve conter entre 120 e 150 palavras, em letra tipo Verdana, tamanho 10, espaçamento simples. As palavras-chave, expressões que representam o assunto/conceito tratado no trabalho, devem ser de três a cinco, separadas por vírgula, nos idiomas dos resumos.

Texto – O texto deverá começar em nova página e o título do trabalho estar centrado no topo da mesma. As páginas deverão estar numeradas seqüencialmente. Cada subtítulo deverá ser separado do período anterior por um parágrafo apenas. O texto integral poderá ter o tamanho entre 10

e 30 laudas, espaçamento entre linhas simples, em letra do tipo Verdana, tamanho 11.

Quando o artigo for um relato de pesquisa, além das páginas de Rosto e Resumos, o texto deverá apresentar ainda Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão e Referências. Outros subtítulos poderão ser acrescentados, se necessário. Do mesmo modo, em alguns casos, resultados da pesquisa e a discussão sobre eles poderão ser apresentados juntos, embora não recomendemos esta estratégia como regra geral.

Informe, no texto, a inserção de figuras e tabelas que deverão ser apresentadas em anexo.

Resenhas – Esta seção abrigará resenhas, revisões bibliográficas, resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de outros relatos.

As resenhas não deverão ultrapassar o tamanho de 6 laudas, com espaçamento entre linhas simples, em letra do tipo Verdana, tamanho 11. Não necessitam vir acompanhadas de resumo e palavras-chave. No entanto, seu título deverá ser traduzido para as línguas inglesa e francesa. É importante mencionar o título, o autor e todas as referências do livro resenhado, inclusive o número de páginas. No caso de utilização de citações e referências bibliográficas, as normas serão as mesmas usadas para os artigos.

As revisões bibliográficas, os resumos de dissertações de mestrado e de teses de doutorado e os outros tipos de relatos deverão seguir o padrão estabelecido acima para os textos.

Padrão das notas – As notas poderão ser utilizadas em número mínimo, quando forem indispensáveis. Elas serão indicadas por algarismo arábicos no corpo do texto utilizando o modo “sobrescrito” do Word e listadas ao final do texto, antes das Referências Bibliográficas, sob o título “Notas”.

Anexos – Figuras, grafos, desenhos, ilustrações, fórmulas, etc., poderão ser anexadas ao texto. Eles devem ser preparados de forma clara e precisa para a editoração, contendo todos os traços, sinais e barras devidamente dispostos.

V. Citações e referências no corpo do texto

Observe as normas de citação abaixo, dando crédito aos autores e às datas de publicação dos estudos referidos.

Citações

- Literais até 3 linhas: devem ser inseridas no parágrafo entre aspas duplas, sem alterações do tipo de letra, e acompanhadas do nome do autor, ano e página do trabalho de onde foi copiada.

Ex.:

Em 1892, Freud afirma que “transforma-se em trauma psíquico toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldades em abolir por meio do pensar associativo ou da reação motora” (Freud, 1892, p. 216).

- Com mais de três linhas: devem ser colocadas em parágrafo diferenciado, alinhadas à direita, com recuo de três centímetros à esquerda, entre aspas duplas, em Verdana, tamanho 11. Também deverão ser acompanhadas do nome do autor, ano e página do trabalho de onde foi copiada.

Ex.:

“O desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal” (Freud, 1914, p. 117).

- Artigo de mais de um autor:

Artigo com dois autores: cite os dois nomes sempre que o artigo for referido;

Ex: (Miller et Laurent, 1997)

Artigo com três a cinco autores: cite todos na primeira vez em que mencioná-lo; daí em diante use o sobrenome do primeiro autor seguido de *et al.* e da data. No entanto, na seção Referências bibliográficas, todos os nomes dos autores deverão ser relacionados.

Ex.: (Sarter, Bernston e Cacioppo, 1996) e (Sarter et al, 1996).

Artigo com seis ou mais autores: cite apenas o sobrenome do primeiro autor, seguido de *et alli* e data. Porém, na seção Referências Bibliográficas, todos os nomes dos autores deverão ser relacionados.

- Referência a autor sem citação: deverá ser feita no corpo do texto, mencionando somente o sobrenome do autor, acrescido do ano da obra e da página, se houver citação literal do autor.

Ex.: (Freud, 1985), (Freud, 1920, p. 56).

- No caso de textos ou obras cuja edição seja importante de ser assinalada para diferenciar de outras edições utilizadas pelo próprio autor, colocar o ano do texto ou da obra seguido do ano da edição utilizada, acrescentando a página, se houver citação literal do autor.

Ex.: (Freud, 1914/2004), (Freud, 1914/2004, p. 117).

- No caso de haver coincidência de datas de um texto ou obra, distinguir com letra (Freud, S., 1895a, 1895b...), respeitando a ordem de entrada no artigo.
- No caso de compilação de textos de um mesmo autor em uma obra, colocar o ano do texto seguido do ano da edição da obra utilizada, bem como da página, se houver citação literal do autor.

Ex.: (Lacan, [1965] 1996, p. 864).

- Citação secundária: trata-se da citação de um artigo mencionado em outra obra consultada, sem que o original tenha sido utilizado no texto.

Ex.: "Freud (1914, *apud* Eiguer, 1998)...". No entanto, na seção de Referências Bibliográficas, citar apenas a obra consultada (no caso, todas as informações sobre Eiguer, 1998).

VI. Referências Bibliográficas utilizadas

Devem ser colocadas ao final do texto e vir em ordem alfabética, começando pelo último nome do autor em maiúscula, seguido apenas das iniciais do nome ou do nome escrito somente com a primeira letra em maiúscula.

Ex.: FOULCAULT, M.

FREUD, Sigmund.

Referência a Livros – sobrenome do autor em caixa alta, iniciais do primeiro nome seguidas de ponto, ano em que foi escrito ou ano da edição entre parênteses, título em negrito. Cidade: editora, ano da edição (se não foi citado no início).

Ex.: LACAN, Jacques. (1969-70) **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

CANGUILHEM, G. (1977). **Ideologia e racionalidade nas ciências da vida**. Lisboa: Edições 70.

Artigo de livro – sobrenome em caixa alta, iniciais do autor, ano da edição entre parênteses, título sem aspas, seguido de vírgula e da palavra In: (sem itálico) e o título do livro em negrito, nome do coordenador/organizador entre parênteses, cidade, editora, ano da edição.

Ex.: COTTET, S. Efeitos terapêuticos na clínica psicanalítica hoje, in COELHO DOS SANTOS, T. (Org.) **Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada**, Rio de Janeiro: Contracapa, 2005, p. 11-40.

Apenas no caso de um artigo cuja edição seja importante, colocar o ano do texto ou da obra seguido do ano da edição utilizada.

Ex.: FREUD, S. (1914/2004). A guisa de introdução ao narcisismo, in **Obras completas de Sigmund Freud**. Escritos sobre a psicologia do inconsciente – 1911-1915. Rio de Janeiro: Imago, vol. 1, p. 97-131.

Artigo de revistas – sobrenome do autor em caixa alta, iniciais do autor, ano da edição entre parênteses, título sem aspas, nome da revista em negrito, cidade: editora, número, volume (se tiver), ano, páginas (usar "p." para o singular e o plural).

Ex.: LACAN, J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 – primeira versão, in **Opção Lacaniana**, São Paulo: Eólia, n. 16, 1996, p. 5-12.

Se a revista for paginada por fascículo, incluir o número do fascículo, entre parênteses, sem sublinhar, após o número do volume.

Artigo de revista no prelo – sobrenome do autor em caixa alta, iniciais do autor. No lugar do ano, indicar que o artigo está no prelo. Incluir o nome do periódico em negrito, após o título do artigo. Não mencionar data e número do volume, fascículo ou páginas até que o artigo seja publicado.

Capítulo ou parte de livro – sobrenome em caixa alta, iniciais do nome do autor, ano do capítulo ou da parte do livro entre parênteses, título da parte sem aspas, in autor ou organizador do livro em maiúscula, título do livro em negrito, cidade: editora, ano da publicação do livro, intervalo de páginas no qual o capítulo está publicado.

Ex.: LOPES, R.G. (2007) Adotar ou tornar a parentalidade responsável?, in COELHO DOS SANTOS, T. **A cabeça do brasileiro no divã**. Rio de Janeiro: Sephora, 2008, p. 97-112.

Trabalho apresentado em congresso, mas não publicado:

Ex.: FERES-CARNEIRO, T. (1998, dezembro). **A transformação das relações familiares no mundo contemporâneo**. Trabalho apresentado no II Encontro sobre Direito de Família em Discussão, Rio de Janeiro, RJ.

Trabalho apresentado em congresso com resumo publicado em anais:

Ex.: RUDGE, A.M. (2000) Pressupostos da “nova” crítica à psicanálise, in Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), **Psicologia no Brasil: diversidade e desafios, XXX Reunião de Psicologia**. Brasília: Universidade de Brasília, p. 27).

Teses ou dissertações não publicadas:

Ex.: ANTUNES, M.C.C. (2002). **O discurso do analista e o campo da pulsão: da falta de gozo ao gozo com a falta**. Tese de doutorado. Curso de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ.

Obras retiradas de meios eletrônicos (CD-ROM, disquetes, etc.) – sobrenome em caixa alta, iniciais do nome do autor, ano da edição entre parênteses, título da obra em negrito, acrescidos das informações relativas à descrição física do meio eletrônico.

Ex.: KOOGAN, A.; HOUAISS, A. (Ed.) **Enciclopédia e dicionário digital 98**. Direção geral de André Koogan Breikmam. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. 5 CD-ROM.

Obras consultadas on line – sobrenome em caixa alta, iniciais do nome do autor, ano da edição entre parênteses (se houver); título da obra em negrito, acrescidos das informações relativas ao endereço eletrônico apresentado entre os sinais <>, precedido da expressão Disponível em: e a data de acesso ao documento precedida da expressão Acesso em:

Ex.: ALVES, Castro. (2000) **Navio negreiro** [S.I]: Virtual Books. Disponível em <http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navi onegreiro.htm>. Acesso em: 10/01/2002.

Comunicação pessoal - cite apenas no texto, dando o sobrenome e as iniciais do emissor e data. Não inclua nas referências.

Outros casos – deverão ser citados em conformidade com as normas da ABNT contidas na NBR 10520 e NBR 6023, de 29/09/2002.

VII. Procedimento referente à recepção de um manuscrito

A apreciação inicial estará a cargo do Conselho Editorial. Se estiver de acordo com as normas e for considerado como publicável pela revista **αSEPHallus**, será encaminhado para Consultores *ad hoc*. Estes recomendarão sua aceitação para publicação (eventualmente condicionada a modificações que visam melhorar a clareza e objetividade do texto) ou sua rejeição. Cabe ao Conselho Editorial a decisão final sobre a publicação de um artigo. Esta decisão será comunicada ao autor, bem como a data em que será publicado.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de fazer pequenas modificações não substanciais no texto dos autores sempre que isso contribuir para agilizar o processo de submissão ou de publicação dos manuscritos. Os textos poderão sofrer correções gramaticais, adequações estilísticas e editoriais ou, ainda, inserção de notas - Notas de Redação (N.R.) ou Notas do tradutor (N.T.), no caso de textos traduzidos.

Os originais e o disquete e/ou CD enviados pelos autores não serão devolvidos.

VIII. Reformulação do manuscrito e processo para submissão final

Quando os manuscritos forem recomendados para aceitação com modificações, seus autores deverão enviá-lo reformulado para o editor, pela Internet, para o seguinte endereço eletrônico: taniacs@openlink.com.br ou revista.asephallus@gmail.com, acompanhado de um informe sobre as alterações realizadas.

Caso o autor não queira realizar as modificações sugeridas, deve justificar sua decisão. Esta mensagem e o manuscrito reformulado serão encaminhados a um dos Conselheiros Editoriais, juntamente com os pareceres dos consultores *ad hoc* e a versão original do manuscrito para uma avaliação final.

IX. Roteiro para a emissão de parecer Ad Hoc

Título do trabalho

O título é pertinente?

sim não o item não é adequado

Sugestões:

O resumo é adequado?

sim não o item não é adequado

Sugestões:

As palavras chave são adequadas?

sim não o item não é adequado

Sugestões:

A linguagem é clara e sem ambigüidades e jargões?

sim não o item não é adequado

Sugestões:

As articulações teórico-clínicas são precisas?

sim não o item não é adequado

Sugestões:

A revisão da literatura é suficiente e as referências corretas?

sim não o item não é adequado

Sugestões:

A metodologia de investigação é adequada ao objeto?

sim não o item não é adequado

Sugestões:

As conclusões são pertinentes e bem fundamentadas?

sim não o item não é adequado

Sugestões:

O trabalho está de acordo com as normas da nossa publicação?

sim não

Sugestões:

O trabalho é original ou relevante?

sim não

Justificativa do parecer

O trabalho deve ser:

aceito aceito com reformulações recusado

Justificativa do parecer
